

MARIA LUCILEIDE MOTA LIMA

TECENDO A ECO-CON-VIVÊNCIA

DIÁLOGO E VALORES HUMANOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR

 **Atena**
Editora
Ano 2025

MARIA LUCILEIDE MOTA LIMA

TECENDO A ECO-CON-VIVÊNCIA

DIÁLOGO E VALORES HUMANOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR

 **Atena**
Editora
Ano 2025

2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena Editora

Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena Editora

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira Scheffer

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora mantém um compromisso firme com a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, assegurando que os padrões éticos e acadêmicos sejam rigorosamente cumpridos. Adota políticas para prevenir e combater práticas como plágio, manipulação ou falsificação de dados e resultados, bem como quaisquer interferências indevidas de interesses financeiros ou institucionais.

Qualquer suspeita de má conduta científica é tratada com máxima seriedade e será investigada de acordo com os mais elevados padrões de rigor acadêmico, transparência e ética.

O conteúdo da obra e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade, são de responsabilidade exclusiva do autor, não representando necessariamente a posição oficial da Atena Editora. O download, compartilhamento, adaptação e reutilização desta obra são permitidos para quaisquer fins, desde que seja atribuída a devida autoria e referência à editora, conforme os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Os trabalhos nacionais foram submetidos à avaliação cega por pares, realizada pelos membros do Conselho Editorial da editora, enquanto os internacionais passaram por avaliação de pareceristas externos. Todos foram aprovados para publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

TECENDO A ECO-CON-VIVÊNCIA - DIÁLOGO E VALORES HUMANOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR

| Autores:

Maria Lucileide Mota Lima

| Revisão:

Nome

| Diagramação:

Nataly Gayde

| Capa:

Yago Raphael Massuqueto Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732 Lima, Maria Lucileide Mota
Tecendo a eco-con-vivência - Diálogo e valores humanos
na formação do educador / Maria Lucileide Mota
Lima. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-3584-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.846250909>

1. Formação de professores. I. Lima, Maria Lucileide
Mota. II. Título.

CDD 370.71

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

☎ +55 (42) 3323-5493

☎ +55 (42) 99955-2866

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

A

Cada ser humano, principalmente a cada futuro educador, que se disponha a aprender a dialogar, a nortear suas escolhas e ações com base nos valores humanos primordiais.

A todos que escolham se comprometer com a Eco-con-vivência.

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

A existência divina pela oportunidade desse aprendizado.

As minhas inquietações e dúvidas por possibilitarem o desejo de pesquisar, de conhecer.

A minha família, em especial, a minha mãe e ao meu companheiro pelo apoio, pela compreensão e pelo exercício da Eco-con-vivência.

A Dinéia Maria Sobral Muniz, minha orientadora, pelo acolhimento, confiança, pelos diálogos...

A Miguel Almir, meu co-orientador, pelas orientações e diálogos...

Aos autores citados ao não, com os quais dialoguei e que contribuíram com esse trabalho.

Aos estudantes do Curso de Pedagogia da FACED-UFBA que participaram dessa pesquisa, pelas preciosas contribuições e a Raquel Nery por possibilitar esse contato.

A Marlene pelas revisões e orientações sobre as normas da ABNT.

Aos meus alunos pelas trocas dialógicas.

Aos meus amigos e amigas, aos colegas de trabalho e a todos os seres com os quais estive e estou em relação pelos diálogos e aprendizados a cada encontro.

Aos educadores e educadoras que compõem a minha banca de defesa, pela disposição e pelas contribuições.

humando

fruição do sendo

rumo do tornar-se

obra prima do inacabado

na nascente do húmus

abertura pro risco

do vôo dos existires

fluxo de metamorfoses

ciclos de renovação

eternidade de recomeços

aspirante do novo

nos agoras renascentes

rendeiro da utopia

poeta de seus enigmas

centelha de coração

parteiro do fazendo-se

nas veredas do humando

Miguel Almir Lima Araujo

PREFÁCIO

PREFÁCIO

A coexistência entre pessoas, em suas mais diversas formas, sempre exigiu a construção de valores e a busca pelo diálogo. No contexto atual, em que desafios sociais, ambientais e educacionais se entrelaçam de maneira inescapável, torna-se ainda mais urgente repensar nossas interações e responsabilidades compartilhadas. A pesquisa apresentada na obra “Tecendo a eco-con-vivência: diálogo e valores humanos na formação do educador”, de autoria de Maria Lucileide Mota Lima, se insere nesse cenário, abordando a eco-con-vivência humana como um caminho essencial para a sustentabilidade e a harmonia social.

A ideia de eco-con-vivência transcende a simples coexistência entre indivíduos; ela propõe uma relação equilibrada e respeitosa entre os seres humanos e o meio ambiente, sustentada por valores como, entre outros, justiça, amizade, prudência, dignidade, coragem, respeito, cooperação, solidariedade, empatia e altruísmo. Esses elementos são a base para a construção de comunidades mais justas, capazes de enfrentar desafios globais por meio de soluções coletivas e participativas.

O diálogo, por sua vez, surge como condição indispensável para a transformação social. Através dele, diferentes perspectivas podem ser compreendidas, conflitos podem ser resolvidos e novas ideias podem florescer. O ato de escutar e de se expressar com respeito e abertura é o alicerce de uma sociedade que valoriza o bem comum e que reconhece a interdependência entre todos os seus membros.

Neste estudo, foram explorados valores e diálogo como condições fundamentais para a eco-con-vivência humana. O trabalho buscou evidenciar que, ao adotar esses princípios, na educação humana, principalmente, na do futuro educador, não apenas podemos aprimorar nossas relações interpessoais, mas também promover um futuro mais equitativo e sustentável para as próximas gerações.

“Será que estamos conscientes do compromisso que a educação para a eco-con-vivência exige de nós?”- pergunta a autora. Proponho a leitura desta obra, acreditando que ela pode contribuir para ampliar as reflexões sobre a importância da convivência pautada no respeito, no diálogo e na consciência ecológica, inspirando iniciativas e mudanças concretas em nossa educação e em nossa sociedade.

Dinéa Maria Sobral Muniz

SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
VALORES HUMANOS PRIMORDIAIS	8
2.1 Noções preliminares sobre valores	12
2.2 Valores: classificações	17
2.3 Virtudes clássicas e valores primordiais	23
2.4 Conversas sobre a perspectiva nietzschiana da degradação dos valores	30
2.5 Valores da modernidade.....	34
2.6 Tecendo as teias dos valores primordiais	38
2.7 A consciência ética e valoração	43
2.8 Laços entre valor e emoção	48
2.9 Emoções na compreensão de Espinosa.....	50
AÇÃO TRANSDISCIPLINAR DO DIÁLOGO NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR	55
3.1 Linguagem e o desenvolvimento humano: breves considerações	57
3.2 Diálogo: a arte do encontro	61
3.3 Dialogar, entrelaçando palavras.....	70
3.4 Texto e diálogo	74
3.5 Sentido dialógico do texto	77
3.6 Leitura e educação	80
3.7 Leitura, diálogo e educação: Inter-relação possível	83
3.8 Disposições a serem consideradas na arte de dialogar	85
3.9 Tecendo conversações, construindo a arte das relações dialógicas	91

SUMÁRIO

SUMÁRIO

ESCUTANDO E DIALOGANDO COM EDUCADORES EM FORMAÇÃO	99
4.1 Ecos das reflexões dialógicas dos estudantes do curso de Pedagogia..	99
4.1.1 Ouvindo o primeiro grupo de futuros educadores	100
4.1.2 Vozes do segundo grupo de futuros educadores.....	103
4.2 Dialogando com os futuros educadores sobre os valores humanos na formação do educador	107
4.3 Entrelaçando saberes sobre o diálogo na formação do educador	113
TECENDO OS FIOS ESTRUTURANTES PARA A ECO-CON- VIVÊNCIA	120
5.1 Teias da condição humana.....	121
5.2 Educação para os valores humanos primordiais	130
5.3 Diálogo na formação do educador	138
ENTRELAÇANDO PONTOS DE SEGUIMENTO	146
REFERÊNCIAS.....	152



C A P Í T U L O 1

INTRODUÇÃO

Eu estou aprendendo a ser educadora, aprendo com os alunos, com as pessoas com as quais convivo e dialogo, e sei que vou aprender com as que virão. Assim, não tenho a receita e creio que ninguém tem.

Dinéa Maria Sobral Muniz, 1999

As reflexões apresentadas nesse livro partiram do longo período pesquisas, estudos, meditações, vivências, diálogos internos e coletivos realizados ao longo da minha vida e sistematizados na minha tese de doutoramento. Minhas inquietudes com relação a condição humana marcaram buscas, estudos, silêncios, diálogos, conflitos, dores e sabores que direcionaram minhas escolhas até culminar na tese que agora público no formato de livro.

Pensar na formação do educador nos remete a refletir sobre a complexidade e a diversidade humana, o que pressupõe uma investigação transdisciplinar. As práticas instituídas de formação do educador, apesar de, teoricamente, estarem fundamentadas em concepções integrais do ser humano continuam, na sua maioria, lastreadas por modelos que privilegiam as dimensões materialistas, utilitaristas, vinculados à lógica formal-linear. Essas práticas estão relacionadas a um padrão de racionalidade analítico, funcional e técnico que ensina o indivíduo a perceber a si mesmo e ao mundo de forma fragmentada e instrumental. Os processos educativos guiados por esse modelo de educação esquecem as dimensões éticas, afetivas, intuitivas, espirituais, entre outras, que constituem a complexidade da condição humana, bem como desconsideram ou não compreendem a inter-relação e a interdependência existentes entre as esferas do humano.

Esses processos educativos¹, que praticam a comunicação monológica, informativa e vinculada apenas aos padrões da racionalidade moderna, quase não desenvolvem nos educandos as habilidades necessárias para realizar diálogos entre saberes, valores,

¹ Quero ressaltar que louváveis esforços estão sendo realizados por instituições e por muitos educadores comprometidos com a educação transdisciplinar e com a formação holística dos seres humanos.

crenças, afetos e desejos. Ao primar pelo individualismo, tais processos fazem com que cada pessoa acredite que a sua opinião, o seu conhecimento e a sua forma de pensar, sentir e agir são os mais corretos e os mais válidos. A educação que segue esse padrão minimiza a compreensão da condição humana; dificulta as relações dos indivíduos com eles mesmos, com o outro e com o mundo; cria distâncias entre semelhantes; faz das diferenças motivos de desavenças e de exclusão; discute ao invés de dialogar e cultiva mais os valores mercadológicos do que os valores humanos primordiais.

Esta pesquisa se orienta pela necessidade de se repensar a forma monológica e segmentada que a educação instituída e a grande maioria das ciências abordam o ser humano e o conhecimento. Tudo parece indicar que a segmentação produz mentes inábeis, ou melhor, não preparadas para pensar de forma complexa. Forma, ainda, pessoas individualistas, especialistas, intolerantes que não percebem a condição de interdependência dos seres humanos, os seus saberes e entre os humanos e a natureza.

Considero que esse trabalho tem uma abordagem transdisciplinar, visto que a transdisciplinaridade propõe a religação dos saberes e o diálogo é uma das pontes para realizar essa ação. A interação interdependente de conhecimentos pressupõe a compreensão da complexidade da condição humana. A vivência do processo de autoconhecimento se constitui em uma das formas de conseguirmos tal compreensão.

A abordagem transdisciplinar propõe uma reforma radical nos processos educativos e, consequentemente, na mente humana para que se possa construir uma ponte de passagem para a eco-con-vivência. Acredito que tal transformação necessita estar alicerçada nos valores humanos primordiais, que funcionam como princípios éticos e norteadores para as escolhas e as ações humanas. Esse conjunto de saberes orientando o processo de formação do ser humano poderá possibilitar a compreensão das dualidades, dos antagonismos e dos conflitos próprios da condição e das relações humanas. Uma educação com esse tipo de compromisso com o ser humano significaria a possibilidade de formar cidadãos aptos para a construção da eco-con-vivência ou de uma convivência ética, dialógica e afetiva entre os seres humanos em seu *habitat* comum.

Realizei estudos teóricos e hermenêuticos de algumas abordagens filosóficas, antropológicas e educacionais sobre o diálogo; sobre algumas das peculiaridades da condição humana, principalmente no que diz respeito à coparticipação, à corresponsabilidade e à interdependência entre os seres humanos e entre estes e a natureza da qual somos parte e sobre os valores humanos primordiais com a intenção de fundamentar epistemologicamente a abordagem dessa tese.

Para investigar a validade de minhas pressuposições iniciais, fiz com alguns alunos do curso de Pedagogia da UFBA uma pesquisa sobre a questão da falta de diálogo entre os indivíduos em quase todas as instâncias de suas vidas; sobre a incompreensão ou desconhecimento da complexidade e diversidade da condição humana; sobre os valores e os contra valores da nossa sociedade; sobre a falta de ética nas relações humanas tanto intrapessoais, pessoais e interpessoais quanto sociais e profissionais. Refleti ainda sobre as implicações dessas questões para os seres humanos, para a sociedade e para a formação do educador.

Como estou tratando de o diálogo assumir quase sempre uma postura dialógica, pesquisando de forma coparticipativa, instigando reflexões e ouvindo as falas dos futuros educadores, esta postura está sustentada na compreensão da condição de inter-relação, integração e interdependência do ser humano e pode ser possibilitada, entre outros meios, através da vivência do processo de autoconhecimento.

Acredito que o ser humano em formação para tornar-se um educador capacitado para a prática do diálogo investigativo e reflexivo poderá ser capaz de semear e cultivar os valores humanos primordiais (solidariedade, respeito, coragem, justiça, benevolência, amor, prudência, dignidade, entre outros); de contribuir para a formação do(a) cidadão(ã) que tenha a possibilidade de eco-con-viver, ou seja, de coexistir e de tecer relações com ele mesmo, com o outro e com a própria vida de forma dialógica e ética. Quanto aos valores: dignidade, prudência/sensatez, temperança, moderação são, a rigor, coletivos de valores, e não necessariamente, valores individuais.

A pesquisa parte de algumas das minhas inquietações ontológicas sobre a degradação das relações humanas. E sobre a nossa dificuldade de perceber, de dialogar e de lidar com as nossas próprias peculiaridades, limites, polaridades, medos, conflitos, desejos e mudanças. Dificuldades que se agravam quando se trata de compreender ou mesmo de respeitar as diferenças pessoais, socioculturais, ideológicas e religiosas do outro.

A angústia referente às dificuldades nas relações humanas, pela qual fui tomada desde o início da minha vida profissional fora da área de educação, aumentou quando resolvi seguir a minha vocação de educadora. Ao assumir a função de educar, verifiquei que a degradação das relações permeava outros contextos e não apenas os relacionados ao trabalho em organizações financeiras e produtivas. Percebi, então, que essa questão é complexa e que não pode ser tratada de forma reducionista com treinamentos informativos e diretivos ou com fórmulas e modelos prontos. Conscientizei-me que a falta de diálogo e de cuidado com o outro nas relações requer uma rigorosa investigação, entre outras ações, alicerçada em estudos e reflexões teóricas, filosóficas, em observações e em experimentações.

Fui assolada por outra inquietação angustiante ao perceber no contato com os alunos o quanto estamos atendendo de forma aleatória e inconsciente a exigência da sociedade para o cumprimento de seus padrões consumistas. A partir dos diálogos com os discentes, principalmente do curso de Pedagogia, certifiquei-me do quanto a nossa sociedade está acometida por uma grave inversão dos valores humanos primordiais. Resolvi, então, instigar e questionar sobre quais valores estão sendo ensinados e transmitidos pelas instituições sociais para garantir o cumprimento desse padrão. Refleti, também, sobre onde estão valores como: respeito, justiça, solidariedade citados por alguns educandos em nossos diálogos, que, como afirmado por eles mesmos, sumiram da sociedade.

Os relatos de histórias de vida dos estudantes de idades e condição socioeconômica diferentes quase sempre destacam os conflitos valorativos e as dúvidas sobre o que é realmente ético. Os dramas causados pela falta de limites, pela ilusão de deificação do indivíduo e pela percepção da maneira muitas vezes dolorosa de que somos humanos e temos sim limites, conflitos, angústias, despertou em mim o desejo de pesquisar sobre a importância da reflexão sobre valores na formação dos seres humanos.

As vozes das minhas inquietações me perguntavam e continuam perguntando: Por que as relações entre as pessoas estão tão desumanizadas e degradadas? Por que muitas vezes não conseguimos conversar de forma dialógica, ou seja, não ouvimos e não procuramos compreender ou mesmo respeitar a alteridade do outro? Por que esquecemos os valores humanos primordiais e vivemos na ditadura do ter e do consumir?

Estou tentando compreender também: Quais as implicações mais relevantes para os seres humanos e para a sociedade da ausência da prática do diálogo e da degradação dos valores humanos primordiais? E nos processos educativos, quais as implicações dessas ausências? Qual a importância e a inter-relação entre o aprendizado do diálogo, a vivência do autoconhecimento e dos valores primordiais para a formação do educador? Será que essa práxis ora idealizada e fundamentada na vivência fenomenológica do diálogo poderá ser implantada de forma radical e fecunda no cotidiano das práticas educativas dos cursos de Pedagogia? E como fazê-lo?

Ao longo da pesquisa, tentei responder algumas dessas questões. As falas dos futuros educadores do curso de Pedagogia da FACED-UFBA, que participaram dessa pesquisa, endossam algumas das minhas inquietações e pressuposições sobre a importância de formar os futuros professores para o diálogo e para os valores humanos primordiais. Esses futuros educadores demonstraram ter consciência da responsabilidade da sua função futura e estão sedentos pela oportunidade de estudar e, assim, melhor compreender a condição humana e a importância do

diálogo e dos valores humanos primordiais para o desenvolvimento do cidadão. Eles sentem a necessidade também de orientação e da práxis pedagógica que lhes possibilitem preparação para a vivência do diálogo e dos valores primordiais. Esses estudantes consideram essa formação imprescindível para que num futuro breve crianças e jovens sejam capazes de tecer relações éticas e dialógicas com os seres humanos e com a natureza.

Como educadora, sinto-me implicada nessa pesquisa. E acredito que a melhor forma de tentar responder ou, pelo menos, investigar, questionar as respostas prontas e acabadas é ousar pesquisar, inicialmente, em nós mesmos as questões que nos inquietam, em outros indivíduos e no mundo. É viver o ‘ser-sendo-com’ e desafiar, deixar-se afetar pela complexidade da condição humana. É trilhar os caminhos para ‘Ser aprendiz de si mesmo’; buscar se autodesenvolver e contribuir para o desenvolvimento humano.

O termo desenvolvimento tem sido utilizado pela modernidade para marcar avanços nas áreas econômica e tecnológica, o que gera certo desconforto ao usá-lo na perspectiva da educação. Utilizo este termo desde a construção do meu livro, intitulado: Ser aprendiz de si mesmo: O autoconhecimento para o desenvolvimento humano nas organizações (2007). Nessa obra, faço uma abordagem detalhada sobre o sentido atribuído a esse termo. Por não encontrar outra terminologia que o substitua a contento, continuo a usá-lo.

A construção etimológica desse termo é vasta, dada às várias possibilidades de derivações. Mas, encontrei em dicionários da Língua Portuguesa (1986, 2002), sentidos que traduzem, de certa forma, a minha intenção ao utilizar esse termo: tirar o que envolve ou cobre; desembulhar; fazer crescer ou crescer, tornar (-se) maior, mais forte; fazer aumentar ou aumentar a capacidade ou possibilidade de; conduzir ou caminhar para um estágio mais avançado ou eficaz; fazer progredir; expandir (-se) no(s) plano(s) intelectual, moral, psicológico e espiritual; aprimorar.

A herança ancestral do desenvolvimento humano nos torna herdeiros de um mesmo ciclo evolutivo que deixa marcas sócio-histórico-cultural e psicológicas que tecem a nossa interdependência. A noção ou os princípios dos valores primordiais permeiam esse movimento evolutivo do ser humano. Os ancestrais de cada povo construíram a sua tábua de valores expressas das mais diversas formas. Entre essas formas, estão regras morais, dogmas religiosos que têm o objetivo de possibilitar o convívio entre as pessoas e a manutenção do coletivo.

A noção de justiça, respeito, solidariedade, entre outros valores primordiais, sempre foi vivificada, encarnada em cada comunidade pelas ações de seus heróis mitológicos, históricos ou anônimos de acordo com a cultura, a religião e as crenças locais. Hoje a situação está diferente, não se tem muitas figuras heróicas,

lutando pelo bem comum da sociedade. A juventude assume como exemplos pessoas que conseguem fama e dinheiro de preferência de forma rápida, pois são essas representações que a mídia divulga como “pessoas de sucesso”. Entretanto, encontramos fora do assédio das mídias pessoas comuns que vivem os valores humanos primordiais no seu dia a dia, articulando ações pelo bem-estar da sua comunidade.

Estou comprometida com o aprendizado da eco-con-vivência. Aprendizado esse que, na minha perspectiva, necessita de vivências pessoais, interpessoais e reflexões teóricas sobre os valores humanos, o diálogo e a compreensão da condição humana. Por isso, as tessituras entrelaçam esses fios. Será que esse aprendizado poderá tornar-se parte das práticas humanas, já que a estrutura ontológica do ser humano é de ser com outro (s) ser (es)? Ou melhor, será que poderá ser parte do vir a ser humano na dinâmica existencial do indivíduo, construindo-se com, em cada encontro, em cada movimento dialético e dialógico do existir?

Desejo que os educadores envolvidos com essas buscas possam semear, a princípio, no contexto de sala de aula as sementes dos valores humanos primordiais. Talvez eles possam tecer relações dialógicas capazes de promover a construção de saberes coletivos sem desrespeitar as individualidades. E, assim, formar cidadãos (ãs) reflexivos, críticos, integrais, capazes de construir uma coletividade humana mais equânime, ética, dialógica e capazes de lançar as sementes da eco-con-vivência.

No segundo capítulo, apresento uma visão panorâmica sobre os valores e uma reflexão sobre a institucionalização dos valores mercadológicos da sociedade desde a era moderna como regentes da vida da grande maioria dos indivíduos. Faço, ainda, uma reflexão sobre as virtudes clássicas, dialogando com Sócrates (1987), Platão (1979, 2004) e Aristóteles (1996). Busco apresentar algumas perspectivas a respeito dos valores primordiais, destacando que esses valores se apresentam com matizes diversas a depender do contexto histórico, sociocultural, econômico e político. Sendo que, os valores humanos primordiais guardam os princípios ou os fundamentos para a humanização e o desenvolvimento humano integral e fecundo dos seres humanos.

Com essa abordagem sobre os valores humanos, pretendo fomentar questionamentos e reflexões tanto sobre os valores em nossa sociedade e em nossa vida quanto sobre a necessidade de uma revisão desses valores em função de suas consequências. Espero que essa reflexão possa despertar em alguns indivíduos o compromisso com essa questão. Tratar de valores requer compreensão das estruturas humanas. Por isso, reflito, também, sobre a consciência ética e sobre os laços entre emoção, escolha e valor.

No terceiro capítulo. Desenvolvo um estudo sobre o diálogo, que, como diz Freire (1970), é indispensável à existência humana e, conseqüentemente, à formação do educador. Compreendo o diálogo como um acontecimento, um momento

de encontro entre seres humanos e entre estes e as leituras, textos, natureza, concepções de mundo e etc. A complexidade do ato de encontrar, inclui os conflitos, as contradições, as polaridades, as interpolaridades, as dúvidas e os questionamentos próprios de qualquer interação.

O quarto capítulo está dedicado às falas de alguns dos professores em formação do curso de Pedagogia da FAGED-UFBA, que voluntariamente participaram da pesquisa. Nos dois primeiros momentos desse capítulo, sistematizei em bloco tipográfico os diálogos realizados por esses estudantes a respeito dos dois temas principais dessa tese: o diálogo e os valores humanos primordiais em texto escrito. Nos últimos momentos, dialogo com eles sobre as nossas inquietações sobre os temas.

No capítulo quinto, faço considerações a partir de diálogos e de meditações sobre os estudos filosóficos, antropológicos, linguísticos, entre outros e sobre as falas e os diálogos com os futuros educadores. Nesse momento, senti a necessidade de apresentar algumas considerações sobre a condição humana que acredito serem fundamentais para a formação do ser humano e, conseqüentemente, básicas para a formação do profissional mais diretamente envolvido na formação humana, o educador, principalmente da educação básica.

Essa formação pressupõe a compreensão da nossa condição de sermos seres constituídos por pares de opostos, por peculiaridades antagônicas e complementares; de que somos fruto de fios com tons e formas singulares, mas que só adquirem vivacidade quando interligados, inter-relacionados. Tenho o conhecimento e a consciência de que esses fios, mesmo com seus próprios tons e com texturas singulares, dependem direta ou indiretamente uns dos outros e são fortes aliados para que se reflita sobre como estamos nos relacionando e quais as conseqüências dessas relações para a existência individual, humana e planetária.

Assim, acredito que a percepção, o reconhecimento e a aceitação consciente de que somos interdependentes poderão revolucionar a forma como nos relacionamos com os demais seres humanos e com os tantos outros seres do planeta dos quais somos, também, interdependentes. Espero que essa compreensão possa fomentar no ser humano o desejo de dialogar e de praticar ações norteadas pelos valores humanos primordiais. Observo que essas compreensões encarnadas em nossos pensamentos, sentimentos e ações nos possibilitarão uma nova forma de relação: a eco-con-vivência. As demais partes desse capítulo apresentam tessituras sobre pressupostos para uma formação para a eco-con-vivência.

Na última parte, que chamo de tecendo um ponto de seguimento, componho alguns arremates que me inspiram a continuar a pesquisar sobre a formação do educador e para tentar construir uma práxis para a eco-con-vivência.



C A P Í T U L O 2

VALORES HUMANOS PRIMORDIAIS

Os valores são fonte inesgotável e viva de determinações, exuberância, apelo irradiante [...]. Além disso, tendem invencivelmente à incorporação num sujeito concreto, individual ou coletivamente [...]. O Seu verdadeiro lugar é o coração vivo das pessoas.

Emmanuel Mounier, 1974

Vivemos um momento sociocultural e educacional no qual os valores humanos primordiais (justiça, amizade/amor, sensatez/prudência, dignidade, coragem, temperança/moderação, solidariedade, respeito, benevolência, altruísmo, entre outros) estão em parte esquecidos. A forma como cada indivíduo percebe, lê, dialoga e compreende a si mesmo (quando consegue realizar uma leitura consciente de si mesmo) e o mundo, muitas vezes, não é tratada com a devida consideração pela educação mecanicista assumida pela grande maioria das instituições de ensino.

O formato de educação assumido ainda hoje por grande parte das instituições de ensino se fortaleceu, principalmente, a partir da Revolução Industrial. Essa forma de educar privilegia o modelo da racionalidade instrumental, linear e monológica. Esse modelo educativo fundamenta-se em uma perspectiva de desenvolvimento voltado apenas para o aspecto técnico-econômico no qual o ser humano é visto como um objeto para produção e consumo. Nesse padrão de desenvolvimento, o indivíduo não é visto nem respeitado como um ser consciente, integral, coparticipante e corresponsável pelo autodesenvolvimento e pelo desenvolvimento da humanidade.

A educação instituída ainda atua para parte da população como instrumento para formar seres humanos autômatos sem capacidade de análise crítica. Por não serem despertados para a necessidade da investigação e da análise crítica dos contextos e dos saberes instituídos, muitos indivíduos seguem os padrões socioeconômicos vigentes sem reflexão. A educação que adota apenas o modelo mecanicista e instrumental visa principalmente atender às demandas do mercado produtivo. E, para tanto, ensina técnicas, padrões e valores meramente voltados para as leis mercadológicas de produção e de consumo. Como alguns dos resultados desse

modelo socioeconômico, temos a competitividade que beira a selvageria, gerando separatividade, violência, exclusão, aumento do uso e da dependência das drogas e o agravamento de doenças psicofísicas.

O investimento massivo na razão linear, monológica e disciplinar pelo sistema educacional instituído em nossa sociedade têm se mostrado ineficiente até mesmo para repassar a instrução curricular básica. Esse sistema, ou parte dele, falha no ato de transmitir conhecimento e de possibilitar o aprendizado de conceitos essenciais das disciplinas do currículo escolar. De acordo com pesquisas realizadas pelos órgãos responsáveis pela aferição da qualidade da educação, muitos jovens não conseguem compreender os sentidos dos signos linguísticos que decifram. Dessa forma, algumas instituições de ensino oferecem instruções que nem sempre conseguem atender ao propósito mercadológico para o qual foi criado. Com o avanço das tecnologias, mesmo as funções de operação e produção de bens de consumo e serviço exigem o mínimo de capacidade de leitura, interpretação e raciocínio lógico. Habilidades que, infelizmente, muitos indivíduos concluem o ensino médio sem conseguir desenvolver. E nos perguntamos: por quê?

Muitos seres humanos submetidos a esse sistema educacional ficam à deriva, sem rumo, sujeitos à exclusão e à marginalização. Sem uma instrução de qualidade e sem o conhecimento das sutilezas da condição humana, muitos dos nossos educandos não sabem lidar com sua sensibilidade e com as demandas do existir. Da mesma forma que não aprenderam a utilizar bem a razão, inclusive, a racionalidade instituída, muitos se tornam vulneráveis ao uso de entorpecentes, à corrupção, aos apelos consumistas, à marginalização e à própria desumanização.

Essa realidade me angustia, mas não cabe diretamente nessa pesquisa, demanda outra a ser realizada em outro momento. Entretanto, fica a questão: Será que essa realidade não está demonstrando para as autoridades políticas, que sob o império dos valores mercadológicos a humanidade não consegue se desenvolver nem mesmo para atender, a contento, as demandas do mercado produtivo? Será que não é o momento de investir no desenvolvimento da inteireza do humano? Possibilitar esse desenvolvimento pressupõe uma formação¹ de educadores voltada

¹ Estou considerando formação na perspectiva próxima do *Bildung*, que Araújo e Ribeiro (2011, p. 73, 93) descrevem como: “metáfora da modelagem enquanto esculpização: o ato de cada um se esculpir a si-mesmo. Para concluirmos sobre o homem fundamental, interpretado como fundamento do humano que se cria a si mesmo e que se forma de um modo holístico, a saber: espiritual, histórico, material e ontológico. [...] a palavra *Bildung* aparenta-se à palavra *Bild* ('representação', 'imagem', 'pintura', 'foto') por intermédio do verbo 'bilden', cuja etimologia ('bilden', 'dar forma e ser a uma coisa', e 'bilidon', 'imitar uma forma já existente') permite interpretá-lo como o equivalente de 'produzir', 'fazer', 'fabricar', mas também de 'formar', 'educar', 'cultivar', 'ensinar' e por último, 'ser'. [...] Assim, e também, no seguimento de outros, propomos que o conceito de *Bildung* possa ser pensado no âmbito da 'formação de si-mesmo' (numa linha de maturação / amadurecimento), de 'educação de si-mesmo', de desenvolvimento e aperfeiçoamento de si-mesmo'. A formação do homem consiste, deste modo, na formação do fundamento, núcleo vital onde se funda o homem e a sua humanidade, para se projetar no mundo-da-vida. Este é sempre um mundo que forma ou transforma (*Bildung/Umbildung*) todo aquele que a ele se expõe e, por conseguinte, distancia-se de uma concepção que encara a educação-instrução (*Erziehung*) como algo de vital para o desenvolvimento das potencialidades do sujeito”.

para a incansável tentativa de compreender a condição humana; para o diálogo; para o cultivo e a vivência dos valores humanos primordiais e para a vivência do processo de autoconhecimento. Uma educação comprometida com a construção de uma eco-con-vivência harmônica (no sentido heraclitiano) entre seres humanos no mundo e com o mundo. Para Heráclito (1978), a vida é constituída de tensões entre polos contrários, diferentes, mas complementares e necessários para existência de todos os seres.

Quanto à beleza da harmonia dos contrários, poetiza Heráclito (1978, p. 80), “[...] o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia”. E ainda, diz ele no Fragmento 51: “Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda, harmonia de tensões contrárias, como do arco e lira” (HERÁCLITO, 1978, p. 84).

O caminho para eco-con-vivência inspira a compreensão de que os enigmas e mistérios da condição humana a tornam, em parte, indecifrável. Entretanto, através de questionamentos que cada indivíduo necessita fazer a si mesmo, lhe permite conhecer algumas dimensões da condição humana. Por exemplo: Como estou agindo? Como faço minhas escolhas e quais os valores que as determinam? Será que faço coisas semelhantes àquelas as quais critico quando os outros fazem? Será que realmente desejo a ética? Será que esse querer só aparece quando estou me sentindo em desvantagem? Que tipo de ser humano quero ser? Que sociedade estou construindo a partir das minhas ações e relações diárias?

O “aperfeiçoamento da alma” de Sócrates e do corpo, acrescento, é um apelo de muitos filósofos, pensadores e educadores ao longo do processo de desenvolvimento da humanidade. Mas, como educar com base na virtude? Como questionar valorações tão bem construídas? Talvez questionando e analisando as consequências desses valores e conhecendo novas possibilidades?

No dia a dia em sala de aula e nos desafios ou mesmo nas pequenas ações e conflitos corriqueiros, me vejo acometida por esses questionamentos. Diante desses conflitos internos, externos comigo e com o outro, busco, dentro dos meus limites como ser humano aprendiz, pensar, falar e agir de forma mais próxima possível dos valores primordiais. Primar pelos valores humanos primordiais consiste em ser condizente com o compromisso e a responsabilidade de, enquanto educador e aprendiz de ser Ser Humano, estar na esfera do cuidado com os sentimentos, pensamentos, escolhas, palavras e ações. Cuidados esses que tento, na medida do possível, vivenciar nas tessituras das relações.

A atenção e o cuidado rigoroso com a escolha que na perspectiva aristotélica consistem no desejo deliberado que envolve tanto o discernimento racional quanto a reta intenção, se deve ao fato da importância da mesma para a forma de viver

do ser humano. Segundo Aristóteles (1996), para que a escolha seja virtuosa tanto a razão deve ser verdadeira quanto o desejo correto, sendo que o desejo deve buscar o que a razão determina. Ouçamos esse filósofo “A origem da ação (sua causa eficiente, e não final) é a escolha, e a origem da escolha está no desejo e no raciocínio dirigido a um fim [...] as boas e más ações não podem existir sem uma combinação de pensamento e caráter” (ARISTÓTELES, 1996, p. 217).

Dada a abrangência e a complexidade do tema desse capítulo, e mesmo por uma postura individual de não aceitar como verdade absoluta os pressupostos de uma determinada linha filosófica e sim de buscar dialogar com outros diversos que em seus antagonismos e proximidades ao menos temáticos possam ampliar a compreensão sobre o tema abordado, pretendo apresentar correntes opostas que na tradição da Filosofia Ocidental não deveriam ser misturadas. Ouso fazer essa tecelagem por considerar que cada corrente na sua especificidade tem contribuições importantes para a compreensão e possível vivência dos valores humanos primordiais.

Estou tratando de pressupostos da condição humana, que em si mesma contém semelhanças, diferenças, conflitos, polaridades, pontos de equilíbrio. Cosmovisões diversas sobre o humano lastreiam a compreensão transdisciplinar que inspiram essa pesquisa. Acredito que a nossa plasticidade tanto cognitiva quanto sensível/afetiva consegue alcançar os antagonismos e server seus ensinamentos. Assim, por que temer ou evitar autores e/ou correntes filosóficas antagônicas?

Tenho consciência do risco de abordar em um trabalho acadêmico perspectivas de pensadores com epistemologias divergentes. Mas, gostaria de convidar o leitor a uma abordagem transdisciplinar, pois a minha intenção não é tratar da densidade da estrutura do pensamento dos autores selecionados, mas utilizar os saberes por eles construídos sobre a questão do valor para nortear a minha abordagem sobre esse tema. Convido-os, ainda, a fazer uma imagem mental na forma de mosaico que junta cores, texturas e formas diversas para construir uma obra que une e transforma em um todo harmônico, pedaços que isolados geram disputas e desarmonias.

Dada a complexidade da abordagem sobre valor, necessitei juntar diferenças para tentar sedimentar uma reflexão. Talvez essa intenção seja ingênua, mas como tratar de valores primordiais em uma sociedade de produção e consumo, de massiva deliberação pela disputa individualista beirando a selvageria sem certa ingenuidade e sem esperança na humanização do ser humano?

A tentativa consiste em mostrar que estruturas diferentes também podem contribuir para esclarecer o quanto o próprio pensar linearizado em uma única direção reduz a condição humana. E como a minha intenção é de ampliar a compreensão da condição humana, vou tentar trilhar caminhos pedregosos que isolados separam, mas que catadas as pertinências expandem a compreensão do tema.

Assim, por considerar que o conhecimento de concepções diversas pode proporcionar uma compreensão mais vasta sobre um tema, vou montar uma colcha de retalhos com algumas abordagens sobre os valores, apresentando considerações de alguns filósofos e de outros estudiosos do assunto. Como pesquisadora e educadora, imbuída da humildade acadêmica, atitude necessária ao tratar de aspectos da condição humana, busquei fazer uma interpretação e um diálogo com os autores escolhidos para apresentar aos futuros educadores mais uma possibilidade de reflexão sobre o tema. Compreendo que apenas discursos teóricos sobre os valores não respondem a situação da crise atual dos valores. Espero que a sensibilização para essa temática possa despertar em futuros educadores o anseio de repensar os valores socialmente instituídos.

A policromia da tessitura pode parecer, a princípio, controversa. Mas, ela pretende ampliar as referências e possibilitar encontros entre diferentes que podem nos remeter a questionamentos e meditações radicais (de raiz) e vigorosos sobre os valores. Assim, quero salientar que não pretendo comparar ou questionar a estrutura do pensamento dos autores selecionados. Existem bons manuais de Filosofia que realizam esse trabalho, alguns dos quais cito nessa pesquisa e outros como a obra de Rilieri Frondizi e Jorge J E Garcia intitulada *El hombre y los valores en la Filosofia Latinoamericana del siglo XX* (1981) que contribuíram para as minhas reflexões sobre os temas dessa pesquisa.

2.1 Noções preliminares sobre valores

A palavra valor é comumente usada com vários significados. Usa-se o termo valor fazendo referência ao preço tanto de produtos criados pelo homem quanto de matérias-primas naturais valoradas a partir da utilidade que elas têm para os padrões sociais de cada época e cada povo. Valor tem, também, um significado não meramente utilitário, mas de valoração estética das coisas. Por exemplo, uma obra de arte, uma paisagem natural.

Outro sentido muito utilizado para o termo valor é o que se refere à moral ou ao valor como qualificador da moral. Nesta perspectiva, o valor diz respeito, dentro do contexto sociocultural e histórico de cada sociedade, à conduta humana. Por fim, o sentido ético, também chamado espiritual, que diz respeito ao ser humano em sua inteireza individual e coletiva. Considero que os valores espirituais e éticos constituem os valores humanos primordiais. Esses valores estão relacionados com a forma de o ser humano existir e de se relacionar com ele mesmo, com outro e com o mundo. Os valores primordiais são estruturados por princípios que orientam o ser humano para cultivar o cuidado de cada indivíduo com ele mesmo e com o outro, ou seja, os princípios necessários para a construção de forma corresponsável de viver e de construir a humanização do ser humano e da sociedade.

A partir de um estudo antropológico sobre o termo valor, Kuhn (1977) afirma que o conceito de valor surge na área econômica e só no século XIX a palavra valor começou a entrar nas discussões filosóficas. Entretanto, o princípio metafísico do valor, mesmo sem o uso deste termo, faz parte do processo de desenvolvimento humano desde os primórdios. Tal princípio é usado desde a antiguidade como o pilar fundamental dos ensinamentos básicos para os seres humanos por grandes mestres tanto da filosofia quanto das principais tradições religiosas. No lugar do termo valor, muitos desses pensadores utilizavam a palavra virtude sobre a qual faço as considerações a seguir. Os conceitos de bem ou bom estão implicados na compreensão de valor. Esses conceitos, de alguma forma, fazem parte da raiz ou do princípio de muitos dos valores primordiais.

Segundo esse autor, o termo valor substitui o sentido de 'bem supremo' quando a metafísica entrou em descrédito. "O que denomina bom deverá de agora em diante denominar-se 'valioso' [...] Dizemos que uma coisa é boa, porém afirmamos que tem valor" (KUHN, 1977, p. 254). Precisamos investigar qual o sentido que esse termo assumiu em nossa sociedade. Será que o princípio originário 'bem supremo' foi esquecido e a palavra valor continua sendo pensada, sentida e falada apenas para representar, quantificar e valorar as coisas em seu aspecto pragmático, utilitário e econômico?

Os princípios originários dos valores primordiais não atendem aos interesses políticos e econômicos locais ou globais. Assim, não se deixam levar por modismos como a maioria das outras categorias de valores. Eles foram inscritos nas traduções míticas, religiosas e morais das diversas etnias humanas e estão gravados na memória da humanidade por experiências vividas por muitos de nossos ancestrais. Esses princípios são ou estão como potência em nossa memória ancestral e podem ser vivificados por qualquer ser humano que assim desejar.

O valor ajuda o ser humano a analisar possibilidades; a decidir o que e como fazer tanto perante as coisas triviais do dia a dia quanto no que se refere ao seu posicionamento no mundo. Os valores adotados com ou sem consciência pelo indivíduo influenciam na construção de sua personalidade e nos seus posicionamentos filosóficos, socioculturais, religiosos e políticos. O processo de valorização é dinâmico, multifacetado e multirrelacional, não ocorre de forma linear e isolada. Acontece nas interações e nas tramas das teias das relações do indivíduo com o outro com a coletividade, com a cultura e com as instituições sociais.

Os valores assumem a função de norteadores, se constituem como diretrizes da vida do ser humano. Eles se tornam representações socioculturais. São semelhantes às ideias, que para Marffesoli (1988, p. 97): "[...] são realidades, forças... as representações coletivas são forças mais atuantes ainda, e mais eficazes que as representações

individuais”. Quanto mais vivenciado pelo coletivo, maior é o poder dos valores assim como das ideias. Esse poder é ativado sempre que o indivíduo tem uma decisão a ser tomada. Nesses momentos, a dimensão representativa de valor e de valoração entra em ação. Poderia dizer, então, que o ideal seria transformar os valores humanos primordiais em representações individuais e coletivas? Dessa forma, eles se tornariam parte dos hábitos dos cidadãos e da sociedade?

Muitas vezes, a pessoa não percebe porque usa tal critério de valoração e nem porque escolheu isso ou aquilo. A compreensão da dimensão valorativa e de suas causas e consequências estão associadas ao aprendizado e à vivência do processo de autoconhecimento. Nas palavras de Kuhn (1977, p. 254), “[...] e ‘quem somos nós’, significa nem mais nem menos do que saber qual a equação de valores que orienta o nosso agir, ou seja, o princípio diretivo de nossa economia existencial, que nós mesmos pouco conhecemos”.

Para esse pensador, o valor ou a valoração opera em forma de equação. Esse sentido de medição pode ter surgido a partir do gasto de energia vital para desenvolver uma tarefa. O critério de medição parece lógico, entretanto, na sociedade contemporânea os fazeres humanos não são valorizados proporcionalmente ao gasto de energia vital do indivíduo, basta lembrarmos a ‘mais valia’ de Marx (1996). A forma de valorar o trabalho depende do quanto ele gerará de retorno financeiro para a organização.

A palavra valor deriva também do grego *axios*, que quer dizer valioso, digno, que merece, conveniente. A axiologia não só estuda os valores como tenta classificá-los dentro de uma hierarquia. Os valores são polares: positivo ou negativo; digno de aceitação ou de repulsão; nobre ou degenerativo. Eles estão sob contínua avaliação e julgamento seja por parte do próprio praticante do ato (em se tratando de pessoas), da sociedade ou por critérios estabelecidos para determinar o valor de algo (regras, leis, medidas econômico/financeiras e acordos políticos).

Segundo Vázquez (2003), ter um conteúdo axiológico não significa somente que consideramos a conduta boa ou positiva, digna de apreço ou de louvor do ponto de vista moral. Significa também que pode ser má, digna de condenação, de censura ou negativa do ponto de vista moral. Em ambos os casos, elas são avaliadas ou julgadas como tal em termos axiológicos. O estudo da axiologia durante a formação básica do cidadão contribui para a compreensão e reflexão sobre valores. O conhecimento se constitui em uma ponte para o discernimento e uma oportunidade para ampliar a percepção sobre os valores.

Segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa (1967), a palavra valor vem do latim: *valore* (= gr. *timê*), *validus, a, um* ‘forte, vigoroso, robusto; que tem saúde, que passa bem, são (de espírito); sólido, compacto; impetuoso; eficaz, bom,

salutar, ativo; poderoso, enérgico'. De acordo com a etimologia latina, a palavra valor carrega o sentido, também muito usado, do valor como algo positivo, forte, bom, que canaliza a ação.

Os significados da palavra valor recorrem à questão daquilo que é valoroso, que possui vigor, que inspira para a realização de ações positivas, para o bem. Esse é o significado que assumo quando faço referência aos valores humanos primordiais. Entretanto, precisamos considerar o contraponto que a axiologia alerta e que vivemos no nosso contexto. Existem valores que inspiram o egoísmo, o individualismo e negam o bem comum. Cabe a cada pessoa escolher os valores que vão marcar a sua forma de interagir e de existir.

Dentre as várias concepções filosóficas sobre a natureza do valor, existem duas de maior repercussão. A primeira afirma que os valores são ideias ou essências dadas a priori, ou seja, que os valores têm existência própria. Essa corrente é chamada de objetivismo axiológico. Para a segunda corrente, os valores só existem em relação com um sujeito. Eles existem a partir e nos atos e condutas das pessoas individualmente. Para essa segunda corrente, os valores existem, ainda, nos produtos criados pelo ser humano a partir de suas necessidades e interesses pessoais (físicos, emocionais, psicológicos, econômicos, materiais, políticos). Tal concepção é conhecida como subjetivismo axiológico.

Como qualquer concepção fechada que não dialoga com a complexidade da diversidade do ser humano, as duas concepções isoladamente reduzem a condição humana e a compreensão do valor. Uma opera a redução ao afirmar que o valor é exclusivamente pessoal, desconsiderando o caráter interacional, sócio-histórico-cultural do ser humano. A outra restringe a condição humana ao considerar o valor como ideal, a priori, desencarnado da corporeidade, da sensibilidade e dos contextos socioculturais do ser humano e das coisas naturais e criadas por ele. A postura separatista das duas teorias atende a visão fragmentada com a qual muitos têm tratado o ser humano e do conhecimento.

O objetivismo sofre influência da teoria dos valores de Scheler (2003), que apresenta uma perspectiva mais complexa da questão dos valores. Esse filósofo considera que os valores são essências puras, intemporais e captadas por uma intuição essencial, desvinculadas de uma significação. Sobre essa posição de Scheler, diz Costa (1996, p. 41) que “é o mundo dos valores, tão objetivo e real como qualquer classe de objetos, absolutamente independente do sujeito”. Entretanto, para Scheler, apesar de ideais os valores estão relacionados com o mundo e com a existência dos seres humanos. A forma de interação do indivíduo com o valor vai depender da experiência axiológica dele. Por isso, Scheler faz uma classificação hierárquica dos valores.

O diálogo entre as duas concepções acima citadas consegue, em parte, explicar o que separadamente fica incompleto, fragmentado. O objetivismo tenta explicar por que alguns valores como: justiça, amizade, benevolência, generosidade, coragem, prudência, moderação, solidariedade, entre outros, são considerados universais, intemporais e essenciais para a sobrevivência e para o desenvolvimento da humanidade. O subjetivismo tenta negar o aspecto ideal do valor por considerar que ele é determinado a partir da preferência pessoal de cada ser humano.

Os valores enquanto constituintes do humano atuam tanto na esfera individual quanto coletiva. Eles estão sujeitos a mudanças a depender dos processos de interação com os contextos sócio-histórico-cultural e econômico. Os princípios de alguns valores fazem parte da história do desenvolvimento da humanidade e são desvelados e vivificados por alguns seres humanos para manter a humanidade em seu curso de humanização.

Os estudos das concepções sobre os valores deixam questões como: os valores não são criações humanas? Qual a importância de um valor em si, sem o indivíduo para torná-lo ato? Como imaginar um valor em si sem que tenha sido criado e vivenciado pelo ser humano? Como conceber o valor como experiência psicológica, exclusivamente individual, sendo um ser humano um ser social, histórico, cultural? Será que o subjetivismo não caiu no engano da relativização e da negação da corresponsabilidade e coparticipação entre os seres humanos?

Conhecermos abordagens filosóficas acerca de qualquer tema nos oferece subsídios para problematizarmos a questão. Entretanto, a abrangência dos valores e a sua importância para a vida dos seres humanos não cabem em uma ou concepção reducionista. Concordo com as considerações de Vázquez (2003) sobre essas concepções da natureza dos valores. Considero que nem o objetivismo nem o subjetivismo conseguem explicar satisfatoriamente a maneira de ser dos valores. Estes não se reduzem às vivências do sujeito que avalia nem existem em si como um mundo de objetos independentes cujo valor se determina exclusivamente por suas propriedades naturais objetivas. Os valores existem para um sujeito entendido como um ser individual e sócio-histórico-cultural. Os valores parecem, pois, perpassar por diferentes modos de existência. Eles atravessam, se constituem e constituem realidades distintas, porém interdependentes.

Assim, poderia dizer que a força essencial que constitui os valores, principalmente os primordiais, quer sejam eles criados por Deus como acreditam alguns, ou pelo homem, como afirmam outros, está em potência no imaginário da humanidade. Essa potência latente necessita do desejo e da força de vontade dos seres humanos para ser materializada em suas condutas e em suas ações. O indivíduo com sua sensibilidade, seu desejo, sua escolha e sua racionalidade é o único que pode dar vida e objetivar o valor tanto os primordiais quanto os demais em suas relações e ações.

2.2 Valores: classificações

Valor é uma variável da mente que faz com que o ser humano decida ou escolha se comportar numa determinada direção e dentro de determinada importância.

Pierre Weil, 1993

Cada valor é constituído por uma teia de relações entre as multidimensões da condição humana, por isso é difícil conceituá-lo. O valor está relacionado com a emoção, com o sentimento, com o pensamento, com a razão e com as necessidades tanto biofísicas, éticas, religiosas e estéticas quanto de realização e autorrealização dos seres humanos. Ele está imbricado na condição humana e permeia a história da evolução mitológica, religiosa, afetiva, estética, ética, econômica, tecnológica e política da humanidade.

Os valores se constituem das diferentes e interdependentes faculdades que compõem o ser humano, eles tanto sofrem quanto exercem sobre os indivíduos considerável influência. Enquanto atribuições humanas, os valores não são prioridade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças à sua relação com o homem como ser social. Entretanto, alguns objetos podem ter valor somente quando dotados realmente de certas propriedades objetivas.

O valor está relacionado com o sujeito. Mesmo perante coisas ditas valiosas, é na interação com o sujeito que se reconhece e se estabelece o nível de valoração. Lembro que o sujeito é social, histórico, cultural e ideologicamente constituído. A perspectiva do valor sofre alterações, ainda que em sua forma e manifestação, conforme a realidade contextual do sujeito. Desde a sociedade moderna, existem outros fatores que influenciam na eleição dos valores feita pelos indivíduos, entre eles estão os processos educativos instituídos e a mídia em suas diversas formas.

Dada a natureza humana e a maneira como a sociedade muitas vezes minimiza ou mesmo atrofia a capacidade de análise crítica e de discernimento do indivíduo, não raramente a absorção, a incorporação dos valores acontece de forma inconsciente. Primeiro, porque o ser humano herda muitos valores da família e demais instituições sociais que participam do processo de socialização; o poder sociocultural muitas vezes ultrapassa o individual. Segundo, porque mesmo quando adultos alguns indivíduos não conseguem discernir quais são os seus valores e nem por que os elegeu. Assim, eles seguem os valores socialmente instituídos.

As instituições sociais podem, se assim desejarem, utilizar esse poder que a dimensão sociocultural exerce sobre o indivíduo para propor uma reflexão sobre os valores mercadológicos e suas consequências para a vida do ser humano e do planeta. Dessa forma, pode-se incentivar uma nova postura individual e social alicerçada nos valores humanos primordiais.

Os valores de uma pessoa determinam as suas escolhas e a forma como ela vive considerando os aspectos que dependem dela. Não se pode deixar de lembrar de alguns determinantes históricos, sociais, geográficos que criam situações sobre as quais o sujeito não tem muito campo de ação. Essa consideração vai de encontro ao pressuposto do liberalismo moderno que institucionalizou a bandeira de igualdade e liberdade sem considerar as diferenças pessoais e mesmo as socioculturais, econômicas e financeiras que ele mesmo criou.

Na perspectiva de Scheler (2003), os valores são condutores da forma de viver dos seres humanos, pois são responsáveis pelas escolhas, preferências e realizações dos indivíduos. Eles são, pois, responsáveis mesmo que indiretamente, pela forma como o mundo humano é construído. Segundo Volkmer (2006), Scheler classifica os valores em modalidades que vou enumerar brevemente, apenas para conhecimento didático:

1. Valores puros do agradável - desagradável – que se referem às coisas valiosas ou bens. Eles correspondem aos estados afetivos do prazer e da dor sensível;
2. Valores vitais – intuídos pela função do perceber afetivo vital. Como estados, estão relacionados aos modos de sentimento vital, como o sentimento de saúde, doença, vigor e esgotamento, entre outros;
3. Valores espirituais – são apreendidos pelo perceber sentimental espiritual dos atos de amar, odiar, preferir. Têm sentimentos correlatos como os de alegria e tristeza espirituais e possuem como reação: agradar, desagradar, aprovar, desaprovar, apreço, menosprezo, simpatia, amizade, entre outros. Os valores espirituais são hierarquicamente subdivididos em:
 - 3.1 Estéticos – valor do belo e do feio, entre outros;
 - 3.2 Os valores do justo, do injusto e dos demais valores éticos;
 - 3.3 Os valores do conhecimento e da verdade;
4. Valores religiosos ou do santo e do profano - suas essências são acessíveis pela participação do ser espiritual da pessoa. São estados associados à intuição do valor do sagrado; os correlatos são sentimentos de felicidade e desesperança e geram reações de fé, incredulidade etc. São, pois, captados pelo ato puro de amar.

A classificação de Scheler tenta abranger as diversas formas de valores, colocando como mais elevados os valores que se referem aos seres humanos na sua busca pelo desenvolvimento pleno.

Os valores são classificados de diversas formas, visando atender a pluralidade das necessidades humanas. Eles permeiam as principais capacidades anímicas do ser humano. Ou seja, os valores fazem parte das atividades intelectuais, cognitivas; da

afetividade, da sensibilidade; da intuição, da espiritualidade; das atividades volitivas entre outras atividades dos indivíduos. Os valores interagem com as faculdades de pensar, de sentir, de querer e de fazer do ser humano.

Assim, não se pode falar de valor e do ato de valorar desgarrados do pensar e do sentir. “O pensamento está inevitavelmente reunindo sentimento, valoração e intenção [...]”. (RATHS, 1997, p. 9). Os valores estão em interação com o pensamento e o sentimento. Eles são guias que direcionam a vida do ser humano e também orientam a pessoa sobre o que fazer com sua energia e seu tempo na medida em que norteiam suas escolhas. Sobre essa teia interativa, Raths (1997, p. 7) diz: “[...] o homem não é dividido em compartimentos estanques: que o pensamento deve ser considerado em suas relações com os valores, e que os valores devem ser considerados através de escolhas e consequências”.

Essa tríade – valores, pensamento, emoção – é determinante para o modo de viver do ser humano e da sociedade. Para Raths, a educação tem obrigação de estar atenta e de encontrar meios para saber quais são os valores que norteiam os educadores e, conseqüentemente, os (as) cidadãos (ãs) que serão por eles formados. Cabe ainda à educação possibilitar meios que capacitem os educandos para realizar a análise crítica-reflexiva dos valores. Para tanto, Raths propõe uma técnica que ele chama de clarificação de valores. Através dessa técnica, a pessoa primeiro identifica e classifica os seus valores. Depois ela tenta relacioná-los com suas escolhas e seus comportamentos.

Raths (1997) desenvolve um esquema que ajuda a pessoa a esclarecer o que é realmente um valor para ela. Esse esquema apresenta critérios aos quais o indivíduo deve submeter algo antes que seja considerado um valor. Os critérios que determinam se algo é ou não um valor para esse autor são: liberdade de escolha; escolha entre alternativas; escolha feita após consideração ponderada das consequências de cada alternativa; apreciação e estima da alternativa escolhida; afirmação pública da preferência; agir repetidamente de acordo com a alternativa escolhida.

De acordo com esses critérios, só pode ser considerado valor algo que a pessoa escolhe com liberdade, com consciência e responsabilidade por suas consequências. A escolha deve ser feita entre várias alternativas, e o valor escolhido deve realmente ser colocado na prática da pessoa. Por um lado, a proposta de Raths pode contribuir para esclarecer algumas confusões que se faz entre: crença, aspirações e valores. Esse método pode ajudar a definir o que são indícios e correlatos de valores, reações causadas pelos valores e o que são valores propriamente. O critério da escolha dos valores com liberdade e consciência é salutar desde que tenhamos a compreensão de que somos seres coparticipantes e corresponsáveis pela forma de existir da humanidade.

Entretanto, na minha interpretação, esse critério não contempla plenamente os valores primordiais e não deixa claro de que tipo de valor está tratando. Adota, arrisco afirmar, a concepção apenas do subjetivismo axiológico, considerando o indivíduo isoladamente. Assim, deixa muita margem para os perigos das autojustificações e das relativizações que alguns indivíduos tendem a fazer. Sem parâmetros para valorar a pessoa, pode atribuir valor a qualquer comportamento ou ação e mesmo a coisas ou ideias antiéticas e desagregadoras do ser humano. Mas, como esse indivíduo está amparado por esses critérios, pode achar que está fazendo um correto processo de valoração. Assim, o uso desse critério precisa da orientação sobre as bipolaridades dos valores, sobre suas conseqüências tanto para o indivíduo quanto para a coletividade e sobre os valores humanos primordiais.

Os valores também são classificados como: sociais, culturais, materiais, econômicos, lógicos, religiosos, estéticos, morais e primordiais (éticos ou espirituais). Os valores sociais, culturais, materiais/econômicos, lógicos são transitórios, às vezes locais, circunstanciais, construídos, destruídos e reconstruídos a partir das necessidades e interesses, se não de uma população, mas dos grupos dominantes de cada época. A pluralidade desses valores pretende contemplar o vivido, o cotidiano das pessoas ou povos em suas diferenças.

O diálogo, o respeito e a tolerância com o pluralismo dos valores socioculturais e morais, com as tradições religiosas e étnicas são indispensáveis para a eco-convivência. No contexto atual de globalização e de ações planetárias, a atitude dialógica e a ética entre as pessoas e os povos se constituem em um dos grandes desafios das instituições educativas e das demais instituições sociais. Um desafiador compromisso sobre o qual os futuros educadores necessitam meditar.

Os valores morais considerados no aspecto da moral² são também temporais, variáveis, locais, grupais e circunstanciais. Eles podem ou não conter os valores ético-espirituais. Esses valores cumprem o papel de manter o mínimo de convivência entre os membros dos grupos e das sociedades. Os valores morais, assim como os materiais, econômicos ou culturais estão diretamente relacionados à geografia, à economia, à política e à ideologia que os cria e os mantém vivos através de leis, normas de comportamentos instituídos, aspirações e desejos sutilmente incorporados à psique dos indivíduos.

Muitos estudiosos do ser humano consideram o valor como uma categoria que norteia o indivíduo de acordo com suas necessidades e com as condições para satisfazê-las. Maslow (1968) considera que os valores estão intrinsecamente ligados às necessidades básicas. Para ele, o valor primordial para o ser humano, assim como a necessidade fundamental de cada pessoa, é realizar a sua plenitude humana. Para tal realização, o indivíduo precisa usar as suas capacidades, que também são

² Faço essa ressalva porque alguns autores utilizam a expressão valores morais para falar dos valores éticos.

valores. Quanto à inter-relação entre as necessidades, as capacidades e valores, Maslow (1968, p. 184) diz que “[...] capacidades pedem para ser usadas e só cessam o seu clamor quando estão suficientemente usadas. Quer dizer, as capacidades são necessidades e, portanto, também são valores intrínsecos”.

A compreensão de Maslow confirma a complexidade dos valores e a sua importância para o desenvolvimento humano. Na perspectiva desse estudioso, o ser humano só pode ser saudável quando consegue realizar suas potências ou capacidades vitais. Ele afirma, por exemplo, que como o amor é uma capacidade e uma necessidade humana o indivíduo só se sentirá saudável quando satisfizer essa necessidade, ou seja, quando amar.

Temos em nós a capacidade e a necessidade de amar e só amando nos tornaremos seres humanos plenos. Abracar essa afirmação não só de forma teórica, mas tentar fazer dela uma práxis significaria uma das possibilidades para ajudar a humanidade a eco-con-viver. Dados clínicos demonstram, segundo Maslow, que o ser humano possui dentro dele uma tendência ou uma necessidade de desenvolver-se, de ser criativo, de ser bom e de vivenciar os valores primordiais. Diz ele:

[...] o ser humano está constituído de tal forma que pressiona no sentido de uma plenitude cada vez maior; e isso significa uma pressão no sentido do que a maioria das pessoas chamaria bons valores, serenidade, gentileza, coragem, honestidade, amor, altruísmo e bondade. (MASLOW, 1968, p. 188).

A partir de suas pesquisas teóricas e clínicas, esse pesquisador afirma o que os filósofos clássicos gregos e os iniciados das mais diversas ordens espirituais e religiosas já afirmaram: a vivência das virtudes pelos seres humanos é o caminho para a construção da sua real humanização e desenvolvimento.

Apresentei alguns pressupostos, classificações e critérios para tentar explicitar o que são valores. Mas, ainda fica um espaço vazio, uma carência. Acredito não ser possível colocar o valor dentro de um conceito. Sem pretensão de conceituar, vou tentar transmitir o meu sentimento sobre o valor dizendo que ele consiste em ‘uma força’ que de forma interligada, inter-relacionada e interdependente a outras dimensões da condição humana como o pensamento, razão, intuição, vontade, desejo, emoção e sentimento mobiliza o ser humano para escolher e agir de forma boa ou má, positiva ou negativa, construtiva ou destrutiva, egoísta ou altruísta.

Nosso intelecto está acostumado a conceitos e o fato de não conseguirmos criar um conceito sobre o valor gera uma angústia. Nesse momento, recorreremos à sensibilidade para compreender que as estruturas da condição humana são insondáveis e a compreensão da mesma talvez não seja possível apenas pelo viés da racionalidade linear que deseja explicações fechadas, conclusivas. Estamos desde sempre tentando nos compreender e esse desafio nos faz seres humanos. Dividimos

os saberes em disciplinas e agora percebemos que necessitamos da religação. Estamos compreendendo que somos uma teia e que cada fio tem sua função, mas está interligado e inter-relacionado à teia.

A transdisciplinaridade poderá nos ajudar a rever as nossas angústias e a dispor não só da razão como também da sensibilidade e da intuição como instrumentos de compreensão e de construção de conhecimento, inclusive de nós mesmos e da nossa condição humana. Poderá também contribuir para a formação de indivíduos capazes de contextualizar, de dialogar, de pensar de forma rigorosa, de perceber e de situar-se nos contextos global e local. A educação com um formato transdisciplinar propõe reavaliar o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na apreensão, na construção e na transmissão dos conhecimentos, ou seja, busca a compreensão da condição humana e o desenvolvimento integral do ser humano.

Voltando ao panorama teórico sobre os valores, de forma mais didática é possível observar campos de ação dos valores. A separação aqui é apenas para melhorar a compreensão. Na realidade, essas dimensões estão correlacionadas, são como fios de uma mesma teia. O valor assume posição objetiva, lógica, racional, sócio-histórico-cultural tanto para atribuir valor material às coisas encontradas na natureza e as criadas pelo ser humano quanto para valorar os meios utilizados para a satisfação das necessidades vitais do ser humano. O valor atua, também, na dimensão subjetiva, sensível, afetiva, emocional e espiritual que diz respeito às escolhas, atitudes, condutas, desejos, comportamentos e necessidades de autorrealização e de felicidade.

A força do valor atua em nós e determina, ou no mínimo, influencia na forma como atuamos ou como desempenhamos as funções e as posições intelectuais, sociais e profissionais que assumimos em cada fase na vida. Visão de mundo e valor estão intimamente imbricadas. Qualquer mudança que o indivíduo deseje realizar nele mesmo passa, necessariamente, por uma criteriosa e rigorosa avaliação e transformação em seus valores. Em um processo de autoavaliação e/ou de autoconsciência, os pensamentos, as emoções e as demais dimensões de nossa natureza necessitam passar pelo crivo da reflexão.

Quanto a esse cuidado com os pensamentos, diz Pascal (2003, s.p.): “O pensamento faz a grandeza do homem [...]. Esforcemo-nos, pois, por bem pensar: eis aí o princípio da moral”. O pensar bem proposto por Pascal pode ser interpretado como um exercício de autovigilância no qual se exercita o cuidado com os pensamentos, tentando filtrá-los com o filtro da ética. Essa prática associada à vivência da autoconsciência são fundantes para a formação ética. E quanto ao compromisso pessoal com essa tarefa, Morin (2005, p. 154) afirma: “[...] devemos reaprender a pensar, tarefa de salvação pública que cada um deve começar por si mesmo”.

O valor, essa força que alguns chamam de categoria, necessidade, capacidade, essência, bem supremo etc., é parte ontológica do ser humano da qual não se pode fugir, mas que precisamos conhecer, compreender e aprender a escolher e bem usar. “A aniquilação da equação de valores aniquila a pessoa. ‘Valor’ constitui um elemento ao qual o homem como pessoa não pode renunciar – ou seja, ‘valor’ é um dado primordial, essencial” (KUHN, 1977, p. 258).

Poderia dizer, então, que reaprender a pensar, a ter clareza e a repensar os próprios valores se constitui um compromisso a ser assumido para a salvação da própria raça? E como começar esse processo? Como assumir esse compromisso? Poderia ser um começo refletir sobre nossas pequenas ações no cotidiano de nossas relações pessoais e profissionais? Mas, como fica a responsabilidade das organizações públicas, políticas perante essa questão? Onde está a responsabilidade das instituições de educação e das demais instituições sociais? E onde está a responsabilidade de cada um de nós nessa questão?

2.3 Virtudes clássicas e valores primordiais

E se nada se faz justo, belo e bom que não pela virtude, claro é que na sabedoria se resume a justiça e todas as mais virtudes.

Sócrates, 1987

A virtude contempla os valores primordiais. Os gregos clássicos denominavam de virtuosos os seres humanos que tinham como meta de aprimoramento pessoal, a vivência do bem, da coragem, da justiça, da sensatez, ou seja, dos valores primordiais. A virtude, o bem e o bom dizem respeito ao desenvolvimento humano, à capacidade humana de conhecer e aprimorar suas possibilidades e limites e de perceber-se tanto ator responsável pela própria existência quanto interdependente e corresponsável pelo desenvolvimento da humanidade. Assim, o bem e a virtude estão presentes no indivíduo quando ele cuida amorosamente dele mesmo e do outro; quando percebe a alteridade do outro nele, ou seja, ele se dá conta do ‘nós’ ou quando se compromete com a eco-con-vivência.

De acordo com o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (CUNHA, 1999, p. 824), a palavra virtude vem do “latim *virtus*, *útis*, que existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual. Sentido figurado: disposição firme para a prática do bem”. O dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa, Houaiss (2002) diz ainda que virtude significa: força corpórea; ânimo, valor; bravura, coragem; força de alma, energia; boas qualidades morais; mérito.

A etimologia da palavra virtude inclui a perspectiva dos valores primordiais e sugere forças consideradas valorosas para a vida e o desenvolvimento humano. A virtude se constitui também como força da alma ou como o poder da força de vontade, do querer viver e con-viver de forma ética. Ser virtuoso é ser capaz de praticar o bem para si mesmo, para o outro e para a coletividade.

Para Mora (2001), virtude significa força, poder, eficácia, hábito ou maneira de ser. Com relação às coisas, a virtude seria aquilo que as aperfeiçoam, ou seja, o aspecto bom das coisas. Ao transferir essa abordagem para a humanidade, Mora (2001, p. 3027) afirma: “virtude é então propriamente humana na medida em que se confunde com o valor, a coragem, o ânimo [...] a virtude diz respeito a todas as atividades humanas não só as chamadas morais”.

Virtude pressupõe o bem e vice-versa. Segundo Durozoi (1993, p. 58), bem é “sinônimo no campo econômico de riqueza, de posses ou tudo do que é possível se apoderar, o bem se tornando na ordem ética um conceito normativo e significando o que é julgado de acordo com o ideal moral”. Assim como no conceito de valor, o bem tem sua dimensão ética e econômica. Na perspectiva da ética, o bem é considerado como a conduta humana ideal: o caminho para a felicidade.

Diferentes correntes filosóficas consideraram o bem como virtude apesar de apresentarem diferentes formas de concebê-la. Para o eudemonismo, o bem é a felicidade; o hedonismo dos epicuristas considera o bem como prazer espiritual; o formalismo kantiano pensa o bem como a “boa vontade” e o utilitarismo compreende o bem como o que é útil. A diversidade de compreensões sobre o bem mostra o quanto a plasticidade humana é vasta, movente, porosa. E, portanto, difícil ou, talvez, impossível de encurralar em uma concepção isolada.

O grande perigo de correntes de pensamento é a racionalização reducionista de um ponto de vista que deixa de ser uma possibilidade e passa a ser tratado como uma verdade absoluta. Assim, considero salutar ter cuidado com os desmandos que cada corrente comete quando, na tentativa de justificar seus postulados, exagera em defesa própria e esquece a inteireza humana. Outro risco das radicalizações consiste em desconsiderar as interrelações do bem e do bom com o ‘eu’ e com o ‘outro’ (pessoa, natureza, ideia etc.) e de não contextualizar as diferenças geofísicas, históricas, socioculturais e religiosas.

Sócrates, considerado por Pessanha (1987) um dos primeiros educadores ocidentais, buscou desenvolver em seus discípulos a capacidade de conhecer e de aprender a tornarem-se virtuosos. Ele os orientava para a realização de exercícios de autoconsciência e fazia questão de praticar esses exercícios, pois queria ser ele próprio o exemplo. Tal aprendizado passa pelo processo de autoconhecimento no qual o indivíduo deve colocar os seus conceitos em dúvida. Ou seja, disponibilizar-se para

rever, para questionar, para aprender e para refletir sobre ele mesmo (seus valores, pensamentos, sentimentos, crenças, preconceitos, ações, relações, conhecimentos...) e sobre o mundo.

Esse processo de autoconsciência possibilita o desenvolvimento do autodomínio. Sócrates (1987) considerava o autodomínio e o conhecimento mais próximo do real como grandes conquistas de indivíduo virtuoso. Assim, o conhecimento e a vivência das virtudes socráticas (sabedoria, temperança, justiça, coragem, amizade, autodomínio, entre outras) são caminhos para o “aperfeiçoamento da alma”, que, conseqüentemente, promovem o bem pessoal e coletivo. Esse processo pode ser aprendido por qualquer ser humano desde que deseje e se comprometa a praticar a virtude no dia a dia. Segundo Xenofonte (1987, p. 150), assim falava Sócrates sobre essa questão:

Demais, aprender a conhecer o belo e o bem, a governar o próprio corpo, a bem dirigir a sua casa, a ser prestado aos amigos e à pátria e a vencer os inimigos, todas qualidades que não somente são úteis como proporcionam muitos prazeres: tais as vantagens práticas que colhem os homens temperantes e de que os intemperantes são excluídos. De fato, quem menos digno delas que aquele que, consagrado aos prazeres fáceis, nenhum sacrifício faz à virtude?

Praticar o autodomínio, aprender a governar o próprio corpo, orienta Sócrates, ou seja, aprender a dominar os instintos, as paixões, os desejos, as emoções, e, devo acrescentar, os pensamentos que são desafios do indivíduo que pretende ser virtuoso. As virtudes nos humanizam, mas precisam ser aprendidas. Como realizar tal aprendizado? Esse mestre já sinalizava que o primeiro passo deve ser a vivência do processo de autoconhecimento. Tenho consciência de que esse processo se constitui em uma experiência individual, particular e, portanto, cada pessoa traça o próprio caminho e escreve o seu roteiro. Dessa forma, não pretendo fazer uma cartilha, mas traçar um quadro imaginativo, ilustrando a título de exemplo o meu processo de autoconsciência.

Nesse desafio de conhecer-se, primeiro o aprendiz se reconhece como ser humano que dentre a sua complexa condição estrutural possui pulsões, emoções, sentimentos, pensamentos (...) que o faz agir ou reagir. Consciente dessa estrutura humana e da condição de constituir um ser com (o outro, a sociedade, a cultura, a religião, natureza e demais constituintes do meio ambiente) o aprendizado do autodomínio se faz fundante para a construção das relações de convivência. Esses primeiros passos do processo contínuo de ser aprendiz de si mesmo fazem parte de uma trama com jogos de esconde - acha, erra - acerta, desvela - vela. Esse jogo é jogado por nós mesmos. Entretanto, a cada passo desse jogo, a cada descortinamento, vamos percebendo-nos como mais um ser humano e reconhecendo em nós a condição humana.

De volta ao diálogo com alguns clássicos sobre as virtudes, Platão (1979, 2004) considera a virtude como a força que mobiliza a escolha e a ação humana para gerar o bem. Esse filósofo e educador deixou o legado das virtudes capitais: sensatez³, que alguns autores traduzem como prudência (sabedoria prática capacidade, hábito de deliberar e de agir para o bem); temperança (limite); fortaleza (coragem para agir de acordo com o bem) e justiça (poder fazer o que é direito, o que é bom para o ser humano). Para Platão, assim como Sócrates, o indivíduo que age de acordo com essas virtudes exercita o “conhece-te a ti mesmo” e o autodomínio poderá alcançar a sabedoria ou a virtude superior.

Segundo esses sábios gregos, as virtudes devem ser aprendidas e exercitadas. Por isso, Platão (2004), em sua obra “A República”, propõe que as crianças devem ser educadas para a prática das virtudes. E, para tanto, sugere que os educadores, que ele chamava de ‘guardiães’, deveriam antes de exercer tal nobre função, vivenciar eles mesmos processos de autoconhecimento para perceber, avaliar e aprimorar a sua formação ética, seus valores, suas ações e perseverar na luta para tornarem-se os mais virtuosos possíveis. Nas palavras de Platão (2004, p. 96):

[...] nós e os guardiães que pretendemos educar, antes de sabermos reconhecer as formas da moderação, da coragem, da generosidade, da grandeza de alma, das virtudes suas irmãs e dos vícios contrários, onde quer que apareçam dispersos; antes de descobrirmos a sua presença, onde quer que se encontrem, elas ou as suas imagens, sem desprezarmos nenhuma, nem nas pequenas coisas nem nas grandes. [...].

Tornar-se virtuoso e ser capaz de educar para o exercício das virtudes é o que sugere não só Platão como tantos outros grandes filósofos e educadores. O conhecimento teórico das virtudes é importante, mas o querer ser virtuoso é decisivo para tal aprendizado. Em nossa sociedade, esse aprendizado se constitui em um desafio espinhoso. Além das dificuldades para lidar com os nossos conflitos interiores e nossas lutas entre a virtude e o vício, o bem ou o mal, temos que, usando um dito popular: “nadar contra a maré”.

A capacidade de percepção e de discernimento nos deixa alerta para analisarmos os valores e os contra-valores instituídos e divulgados pela sociedade. O estado de alerta ajuda-nos também a lutar contra a força persuasiva da forma como esses valores são propagados. Esse cuidado se faz necessário, visto que parte dos valores instituídos e sutilmente divulgados pelas mídias está mais relacionado com os vícios como diziam os clássicos gregos ou mais próximos dos valores negativos do que das virtudes. Esses valores fomentam o individualismo, as conquistas apenas em benefício próprio e desconsideram a perspectiva do coletivo e do bem comum.

³ “Para a tradição filosófica da antiguidade, que vai dos gregos aos cartesianos, a sensatez é sinônimo de saber, de conhecimento perfeito, ou seja, de filosofia e de ciência. É então em Platão – na medida em que o conhecimento comanda a ação – uma das quatro virtudes cardiais. O sentido moral da noção – como condição de acesso à felicidade – acentua-se com os epicuristas e torna-se com os estoicos, domínio de si por conhecimento dos mecanismos que regem o mundo. Daí, mais tarde, uma concepção vulgar de sensatez como prudência e habilidade na ação, moderação nos desejos” (DUROZOL, 1993, p. 427).

Assim, parece que tomar consciência dos apelos da nossa sociedade de produção e consumo, aprender a lidar com os próprios conflitos e exercer o autodomínio são apenas alguns dos atos heróicos que um ser humano precisa empreender para tornar-se um educador virtuoso e assumir a missão proposta por Platão. Essa tarefa se constitui, pois, em obra para corajosos desviantes e amorosos combatentes. Nas palavras de Platão (2004, p. 87):

[...] que imitem as virtudes que lhes convém adquirir desde a infância: a coragem, a sensatez, a pureza, a liberalidade e as outras virtudes da mesma espécie. Porém, que não devem imitar a baixeza nem ser capazes de imitá-la, igualmente a nenhum dos outros vícios, pelo perigo de que, a partir da imitação, usufruam o prazer da realidade. Tu não percebeste que quando cultiva a imitação desde a infância, ela se transforma em hábito e natureza para o corpo, a voz e a mente?

Só que no nosso mundo o que está estruturalmente instituído como comum é o interesse particular. A simbolização clássica do bem comum está hoje invertida. O padrão social instiga pensamentos do tipo “eu quero é me dar bem” independente do outro e do coletivo. A comunidade é vista por muitos com algum poder como um meio de oportunizar benefícios próprios. Com os apelos sociais pela produção e consumo, a competitividade e as fragmentações se tornam sutis, mas quase desumanas e selvagens. Suas intervenções atuam no campo das subjetividades, são agressões psicológicas e/ou emocionais que persuadem e fragilizam sem usar a força física. Elas geram conflitos que chegam a um nível quase patológico em parte das relações humanas e em muitas instituições.

Sem o cultivo dos valores primordiais, parte da educação instituída também se tornou um veículo não para a formação de cidadãos (ãs) que compartilham sentidos, saberes em prol de uma coletividade. Mas, junto com a sociedade a educação acaba formando seres individualistas que lutam para atender, apenas, aos interesses pessoais. Até o incentivo para estudar assume o *slogan* de que é preciso ser o melhor para conseguir notoriedade econômica e, conseqüentemente, reconhecimento social. O prazer pelo conhecimento, pelo desenvolvimento das capacidades humanas que envolvem a curiosidade saudável e a sensibilidade nem sempre é valorizado. Assim, temos que lidar em sala de aula com um considerável desinteresse pelo conhecimento e pela construção de saberes.

Como lidar com nossas crianças e jovens que na sua maioria não têm exemplo de ações virtuosas e estão afetados pelos padrões socioculturais citados? Como sensibilizar os integrantes das instituições sociais responsáveis pela educação para o abismo criado pela falta de valores éticos e das virtudes? Como sensibilizá-los para a necessidade de investimento real, radical, comprometido como a formação para os valores primordiais, começando pela formação do educador?

Na trilha da busca de orientação nos ensinamentos dos sábios gregos clássicos, Aristóteles afirma que cada indivíduo precisa da virtude para tornar-se cidadão. Segundo ele, existem duas espécies de excelência: a intelectual e a moral. Esse

filósofo define a virtude como excelência moral e diz: “Ela é produto do hábito [...] Adquirimo-las efetivamente praticando. As coisas que temos de aprender antes de fazer, aprendemo-las fazendo-as [...] tornamo-nos justos praticando atos justos [...] corajosos agindo corajosamente”. (ARISTÓTELES, 1996, p.137). O ser humano pode aprender a ser virtuoso, mas é preciso tanto querer como ser ensinado a viver com o outro eticamente. Para ser virtuoso, necessita-se, ainda, aprender a dialogar e a lidar com diferentes dimensões da condição humana e a discernir entre o certo e o errado dentro do contexto pessoal e coletivo. Para Aristóteles (1996, p. 230), “o discernimento é a reta razão relativa à conduta”. Ainda sobre a virtude ou a excelência moral, ele diz:

Ademais toda excelência moral é produzida e destruída pelas mesmas causas e pelos mesmos meios [...]. Com efeito, se não fosse assim não haveria necessidade de professores [...] Logo acontece o mesmo com as várias formas de excelência moral; na prática de atos em que temos que engajar-nos dentro de nossas relações com as outras pessoas, tornamo-nos justos ou injustos; na prática de atos em situações perigosas, e adquirindo o hábito de sentir receio ou confiança, tornamo-nos corajosos ou covardes. O mesmo se aplica aos desejos e à ira; algumas pessoas se tornam moderadas e amáveis, enquanto outras se tornam concupiscentes ou irascíveis, por se comportarem de maneiras diferentes nas mesmas circunstâncias. Em uma palavra, nossas disposições morais resultam das atividades correspondentes às mesmas [...] Não será pequena a diferença, então, se formamos os hábitos de uma maneira ou de outra desde nossa infância; ao contrário, ela será muito grande, ou melhor, ela será decisiva. (ARISTÓTELES, 1996, p. 138).

Aristóteles, entre outros, afirma que a excelência moral deve fazer parte da formação da criança. A conquista da virtude ou da realização do bem foi uma das grandes buscas do ser humano desde a antiguidade. Entretanto, uma das batalhas do sistema socioeconômico instituído a partir, principalmente, da época moderna foi justamente negar essa busca e vincular à possibilidade da autorrealização a conquista individualista do ter (bens materiais, poder socioeconômico), ou seja, no consumismo, na supervalorização da aparência, na aquisição de bens materiais e de poder político e social.

Desde Aristóteles, a justa medida é reconhecida como uma das virtudes a serem cultivadas pelo cidadão. Justa medida consiste em compreender o limite de cada coisa, de cada pessoa, de cada ação. Limite que é dimensionado pela própria condição de incompletude, de interdependência e da dependência das contingências da condição humana e do espaço geofísico do seu *habitat*. A justa medida diz respeito, ainda, a consciência de sermos parte de um todo ao qual estamos interligados de forma interdependente e coparticipante ou aos limites em decorrência de sermos seres de con-vivência, seres de relação.

A opção de realizar ou de vivenciar o bem e a virtude está sempre em relação concreta entre o indivíduo, a comunidade e a natureza, trata-se de escolher como se deseja con-viver. Ou seja, a questão do bem consiste em uma conjunção interdependente entre os interesses pessoais e os interesses coletivos. Fazer esta

conciliação cabe tanto a cada pessoa quanto às instituições sociais. Consiste em uma tarefa da sociedade e das suas instituições (família, escola e organizações de todos os fins).

Sobre a questão do bem, Vázquez (2003, p. 174), diz: “Em nossa época, o bom só pode ocorrer realmente na superação da cisão entre o indivíduo e a comunidade, ou na harmonização dos interesses pessoais com os verdadeiramente comuns ou universais”. O retorno à ancestralidade, a consciência de que a diversidade não anula a individualidade e a compreensão da nossa condição de interdependência podem colaborar para essa longa jornada.

A superação da separatividade entre o individual e o coletivo em nossa sociedade parece uma obra impossível. Entretanto, acredito que mudanças na forma como o ser humano se relaciona com as coisas e pessoas próximas podem representar o início de tal superação. Essa transformação pode começar com a abertura, ainda que pequena, da porta do egoísmo e do individualismo (estruturais em muitas sociedades) para olhar com um pouco de cuidado as pessoas envolvidas nas relações mais próximas tanto no nível afetivo quanto na simples presença no mesmo espaço físico. Por exemplo: olhar cuidadosamente para as pessoas da família, os amigos; os colegas de trabalho e de escola; os vizinhos do condomínio e os partilhantes do trânsito, da fila do mercado etc.

Mas, toda ação transformadora requer planejamento, estruturação, trabalho, paciência nos erros e acertos. Cuidemos para não transformar o egoísmo pessoal em egoísmo do ‘meu grupo’ e continuar a segregar e a excluir os outros grupos. Talvez um antivírus contra esse possível vírus do egoísmo grupal seja incluir no grupo uma perspectiva de contribuição para a comunidade (que pode ser da escola, do condomínio, da instituição onde se trabalha).

Poderia dizer, então, que plantar as sementes e cultivar valores como tolerância, prudência, solidariedade, respeito, cooperação, benevolência, altruísmo, entre outros, é o desafio a ser encarado e aprendido por cada indivíduo que deseja desenvolver a inteireza humana. Sobre esse desafiador aprendizado de viver de forma virtuosa, diz Fromm (1974, p. 30): “O bem é a afirmação da vida, o desenvolvimento das capacidades do homem. A virtude consiste em assumir a responsabilidade por sua própria existência. O mal constitui a mutilação das capacidades do homem; o vício reside na irresponsabilidade perante si mesmo”.

2.4 Conversas sobre a perspectiva nietzschiana da degradação dos valores

O mal do século é um mal de pessoas desenraizadas ou ociosas. Desde o século XV, que o homem ocidental escorrega continuamente por esse caminho. Todos os valores foram arrastados para o teatro sofisticado de Narciso.

Emmanuel Mounier, 1974

Nos dois subitens que se seguem, vou apresentar perspectivas diferentes sobre as possíveis causas da degradação dos valores instituídos em nossa sociedade. Minha intenção é provocar questionamentos e reflexões sobre os valores que regem nossa vida. Concordando ou não com essas possíveis causas, meu maior desejo consiste em promover uma reflexão sobre a situação atual dos valores em nossa sociedade e sobre a necessidade de mudança.

A perspectiva de Nietzsche com relação aos valores difere da abordagem dos demais autores com os quais dialoguei até aqui. Como pretendo compreender a força que os valores exercem sobre a estrutura do comportamento e das escolhas humanas, procurei investigar e promover um encontro de diferentes considerações com a intenção de, a partir das tensões geradas pelos antagonismos, tentar perceber, primeiro, em mim mesmo as raízes das confusões possivelmente geradas pela discrepância entre valores ensinados e praticados pelas instituições sociais, religiosas e políticas.

Como nossa sensibilidade não tem sido suficientemente aguçada para abarcar as causas e consequências dos nossos conflitos psicológicos e emocionais, muitas vezes entramos no caos e não conseguimos sair porque não compreendemos e não aceitamos as polaridades, as contradições em nós. Assim, penso que a abertura intelectual e sensível para o encontro com perspectivas opostas possibilita a compreensão de que tanto nós quanto as nossas obras são permeadas por coerências e incoerências. Esse entendimento pode nos ajudar a compreender e a aprender a lidar com os conflitos e os limites humanos.

Na intenção de tecer uma compreensão ampla sobre os valores, necessitei investigar tanto os vieses que nos trazem os fios das virtudes quanto os que podem ter levado os seres humanos a criar e superdimensionar outros valores não tão virtuosos. Assim, inspirei-me em diferentes ideias para prosseguir na minha trajetória de, por veios antagônicos, compor uma tessitura multirreferencial sobre a temática dos valores.

Nietzsche (1984, 2005) faz uma crítica feroz à forma como a Igreja católica criou valores como piedade, resignação e salvação pelo sofrimento, entre outros, para enfraquecer o ser humano e distanciá-lo de sua vontade de potência. Segundo ele, essa questão começa com a diferença entre a moral dos senhores e a moral dos escravos.

A moral dos senhores ou dos nobres considera como 'bem e bom' o que lhes é próprio ou como ato de afirmação de si mesmo (eles são felizes, bons, belos). Isto é, os nobres reconhecem e usam a sua força de poder, gostam da vida e a afirmam "o homem nobre vive diante de si mesmo com confiança e abertura" (NIETZSCHE, 2005, p. 344). Para a moral dos senhores, o mal consiste em tudo o que no homem lhes é oposto, por exemplo, a submissão e a fraqueza. Esses estados, que se encontrariam nos escravos e nos plebeus, os nobres desconhecem e procuram manter-se afastados já que são dignos de lástima.

Já a moral dos escravos surge não da afirmação da vida e da própria força interior do ser humano, mas do ressentimento com relação aos nobres. Essa moral foi construída como uma ação de reação que parte do que está fora. Ela torna o indivíduo dissimulado, vingativo, distante de si mesmo e cheio de artimanhas para disfarçar o ressentimento e manter-se no poder. Nas palavras de Nietzsche (2005, p. 344): "O homem do ressentimento não é nem fraco, nem ingênuo, nem mesmo honesto e direto consigo mesmo. Sua alma se *enviesa*: seu espírito gosta de escaninhos, vias dissimuladas e portas dos fundos [...]".

Segundo Nietzsche, esse ressentimento cria uma moral que prioriza a esperteza maliciosa, a desonestidade, inclusive do indivíduo consigo mesmo, que procura fazer de tudo para apagar através de aparências e subterfúgios sua herança de 'mal nascido'. A moral dos escravos inverte os valores, distanciando o ser humano dele mesmo, dos seus instintos, da sua vontade de potência. Para esse filósofo, a moral dos escravos assume seu ápice com o cristianismo e deixa na psique humana três grandes males: o ressentimento – "é tua culpa se sou fraco e infeliz" (NIETZSCHE, 2005, p. 344), a má consciência (sentimento de culpa, o castigo) e o ideal ascético (negação da vida).

Com a prática dessa moral e dos valores que a constituem, seres humanos foram destituídos de si mesmos, de sua força instintiva; aprisionados a medos; tornaram-se hostis consigo mesmo, com o outro e com a vida. De acordo com esse padrão moral, os instintos são considerados pecaminosos, indignos. Assim, a sociedade estruturada com base na moral dos escravos não ensina os seus cidadãos a reconhecer os próprios instintos e saber quando e como usá-los. Diz que eles devem ser recalcados. Mas, como tudo que é absorvido acaba tendo a necessidade de ser externalizado, tudo isso que foi negado, escondido, acaba por manifestar-se em forma de dominação perversa, de violência sutil, de desejo excessivo e desmedido de posse.

Esse ser humano que se encobre na autopiedade, se coloca como vítima "[...] como *sofredores* que não querem confessar a si mesmos o que são, como ensurdecidos e irrefletidos, que só temem uma coisa: *chegar à consciência*" (NIETZSCHE, 2005, p. 362) ". Fica preso no autoengano das conquistas externas e fugindo da possibilidade de conscientizar-se de si mesmo e da sua degradação.

Ao dialogar com Nietzsche sobre a sua análise acerca da moral dos escravos e seus três grandes males: ressentimento, má consciência e negação da vida, e observando tanto as minhas atitudes quanto alguns comportamentos de outros seres humanos, percebo a presença desses males e de suas derivações até hoje. Eles permanecem determinando ou exercendo forte influência na forma de pensar e no comportamento de muitos seres humanos.

Considero pertinente parte das críticas de Nietzsche no que diz respeito a alguns valores instituídos pela igreja católica por concordar que alguns desses valores minimizam a força ou a vontade de poder dos seres humanos e os deixa submetidos sem ação consciente. Sabemos que não só a Igreja católica utilizou valores para condicionar as ações humanas aos seus preceitos. Muitas instituições tanto outras instituições religiosas quanto políticas e econômicas usam esse mesmo artifício.

As contribuições dessa abordagem nos levam a refletir sobre quanto os valores que adotamos, mesmo que de forma inconsciente, determinam a forma de pensar e de existir tanto do indivíduo quanto de uma comunidade. Devemos considerar essa abordagem como um sinal de alerta. Um chamamento para despertarmos para a influência que os valores exercem sobre as nossas vidas. Como uma proposta para realizarmos uma avaliação dos nossos valores, procurando perceber a origem e a intenção dos seus promotores, esse alerta nos remete, ainda, à reflexão sobre a necessidade de aprendermos outros valores ou de resgatarmos na nossa memória ancestral os valores humanos primordiais.

Penso que a questão primordial não é saber de quem é realmente a responsabilidade por essa degradação dos valores humanos. Mas, fica mais uma vez explícito o quanto a falta de conhecimento, cuidado e, talvez, de interesse pela complexidade da condição humana geram sofrimento, fragmentação e exclusão. Considero que a partir da consciência de que tudo isso está em nós poderemos encontrar formas para mudar; para escolher potencializar os nossos aspectos valorosos, positivos e, como diz Nietzsche, renascer como um novo homem ou o 'além-homem'.

Uma outra questão que precisamos considerar é o perigo das institucionalizações dogmáticas dos conhecimentos humanos. Sabemos que alguns dos valores criados por instituições religiosas cristãs, ao institucionalizar o cristianismo, estão muito distantes dos ensinamentos propostos por Jesus Cristo. O próprio Nietzsche fez referência ao abismo entre valores vividos e ensinados por Jesus e os dogmatizados e impostos sob pena de castigo pela Igreja. Cristo tinha como valor estruturante de sua vida e de seus ensinamentos o amor. Ele pregava e praticava a afirmação amorosa e criadora da vida e de cada ser humano. Considero que Jesus Cristo é uma representação de ser humano autoconsciente, livre, que viveu a plenitude

do amor. O próprio Nietzsche (1984, 35) parece reconhecer a grandiosidade desse mestre, ao afirmar: “Com alguma tolerância na expressão, poder-se-ia chamar Jesus um ‘espírito livre’[...]”.

Talvez seres humanos assim como Jesus Cristo e outros que também representam ‘espíritos livres’ tenham desenvolvido a consciência de si e do outro a ponto de poder con-viver em sociedade de forma ética, amorosa, cientes da sua condição de corresponsabilidade e do copertencimento à humanidade sem a necessidade de normas morais. Isso porque eles têm os valores humanos primordiais, a noção de bem comum e do cuidado com a coletividade, internalizados em suas condutas. Mas, será que chegaremos a esse nível de consciência? Será que algum dia seremos capazes de con-viver regidos pela lei do amor?

Inquieta-me a abordagem apenas negativa de Nietzsche com relação a alguns valores instituídos pelo cristianismo como, por exemplo, a piedade. Na forma de autopiedade, concordo com esse filósofo por perceber que esse valor ou sentimento gera a vitimação e, talvez, uma baixa na autoestima que pode causar transtornos emocionais e psicológicos que dificultam o desenvolvimento da pessoa na medida em que ela não se responsabiliza pela própria ação e transfere para outrem (pessoa, sociedade, religião, entre outros) a responsabilidade pela sua forma de pensar e de agir.

Entretanto, o sentimento de piedade, no sentido de compaixão pelo sofrimento alheio, comiseração, misericórdia, pode fomentar ações de cuidado, de ajuda e de reconhecimento da própria humanidade através da compreensão da dor ou do drama do outro. Pode, ainda, despertar no indivíduo o veio da força motora da solidariedade e não só da caridade. Considerando que ser solidário significa dar-se em alguma medida para (o outro, uma causa em prol do desenvolvimento da humanidade, do bem comum, da natureza). Enquanto, ser caridoso representa dar algo a alguém.

Será que a transmutação dos valores, a exemplo da proposta por Nietzsche, só acontece substituindo os valores instituídos pela igreja católica pela força dos instintos? Ou será que a transmutação requer, também, uma profunda reflexão sobre os demais valores instituídos em nossa sociedade e a situação na qual a humanidade se encontra? Essa situação é instaurada, em parte, por valores e sentimentos de distorcidas culpabilidades e necessidades?

2.5 Valores da modernidade

As sociopatias – do mundo insano no qual vivemos – ganharam força tiranizante e foram escondendo valores grandemente positivos, ao mesmo tempo em que liberavam pobres valorzinhos com formas espetalulosas de pão-e-circo

Regis de Moraes, 2009

A origem dos valores que influenciaram as conquistas tecnológicas e econômicas da modernidade, segundo Morin (2005, 2007), está no *homo sapiens*, *homo faber* e no *homo economicus*. Foram esses nossos antepassados que passaram a valorizar as grandes conquistas. Na busca por novos domínios e para mantê-los, eles criam ideologias e valores que fortaleciam a agressividade, o individualismo. “Por toda parte onde o *homo* continua a pretender-se *sapiens*, onde imperam o *homo faber* e o *homo economicus*, a barbárie está sempre pronta para ressurgir” (MORIN, 2007, p. 177).

O ser humano em pleno século XXI continua a guerrear, a matar seu semelhante, não mais para garantir a sobrevivência, como faziam os primitivos e como fazem os demais animais, mas para garantir o poder ou, em muitos casos, para ter a sensação de estar de alguma forma com o poder e, assim, sentir-se incluído⁴, já que a sociedade desde a época chamada moderna valoriza em demasia ter (poder, bens e condição financeira para consumir).

A sociedade, a cultura e mesmo a racionalidade que deveriam ser (e muitas vezes são) fatores de regulação do instinto agressivo e desmedido do ser humano tornam-se fatores de fomento da bestialidade do humano, que se permite alienar e dominar. Um dos responsáveis por essa inversão na função de regulação da sociedade é a ideologia dominante criada desde a sociedade moderna, industrial, sustentada pela racionalização linear que neutraliza a razão⁵ em sua complexidade e universaliza o individualismo e o consumismo.

Lembro do alerta de Marx (1996) sobre o poder da ideologia dominante e dos valores para ela criados para alienar e manipular os seres humanos. Morin (2007) fala da *huleris*, palavra grega, que significa desmedida, demência. O ser humano quando

⁴ O uso do termo incluído com referência ao ser humano, já é uma incompreensão da condição humana. Como incluir um indivíduo em seu todo? O indivíduo já é a humanidade. Entretanto, faço uso do termo para dizer da situação de degradação do ser humano na sociedade, que considera o próprio semelhante, irmão de raça como coisa que pode ser excluída por não fazer parte do padrão econômico, social, cultural, étnico desejado.

⁵ A etimologia da palavra razão tem uma origem do grego *logos* (discurso...) e outra do latim *ratio* (medida, cálculo). Araújo (2008) faz um estudo sobre a razão e diz: “Considerando a multiplicidade de acepções que resvalam dos vocábulos *Ratio* e *Logos*, apresento como possibilidade de estrutura-síntese, três eixos semânticos que me parecem mais expressivos: 1. *Logos/Razão* como faculdade e disposição humana de pensar, de entender; 2. *Logos/Razão* expressão de fala, discurso, enunciado, forma e dispositivo/instrumento lógico; 3. *Logos/Razão* como manifestação de Sentido, direção/rumo, fundamento; como expressão axiológica que revela valores, fins, o conteúdo existencial” (ARAÚJO, 2008, p. 138).

afetado pela *huleris* fica sem controle, a ação do autodomínio sobre os instintos se torna mais difícil. No momento da ação da força da *huleris*, o indivíduo corre o risco de desviar-se da orientação dos valores éticos e de outros fatores internos e externos de equilíbrio da natureza humana.

Os valores mercadológicos estão sustentando e sendo sustentados pela forma de pensar criada para atender as necessidades dos sistemas econômico, financeiro e político da nossa sociedade. Eles inspiram os desejos e as ações direcionadas para atender a exigência de aumento na produção, aceleração, rapidez, transitoriedade e inovação para gerar mais consumo. Nesse contexto, os valores primordiais perderam o sentido e foram aos poucos enfraquecidos, desvinculados da tradição, da raiz da formação humana. Foram criados outros valores que se tornaram alicerces de sustentação desse ideal de produção e consumo. Para sustentar o domínio desse ideal, foram criados valores mercadológicos e mecanismos para incentivar e manter o desejo e o culto às conquistas materiais, externas; aos prazeres rápidos, fugazes e descartáveis; ao egoísmo e ao individualismo.

Esquecer as tradições é como romper com a ancestralidade, ou seja, ficar sem enraizamento, à deriva, sendo levado de um lado para outro ao sabor dos interesses econômicos, políticos e sociais do sistema vigente. O ser humano é por natureza, simbólico. Quando desgarrado das representações fundamentais, arcaicas, cria outras que de alguma forma o façam sentir-se aparentemente seguro, parte de algo, incluído. Só que sem os fios das tradições e dos valores primordiais, os ‘novos símbolos da sociedade moderna’ ficam sem profundidade, sem lastros arcaicos e, assim, fugazes, aparentes, deixando sempre a sensação de falta, de vazio.

Este vazio a sociedade nos ensina a preencher com mais consumo de bens, prazeres, álcool e outras drogas. O anseio por consumir leva seres humanos desmedidos a usar de forma consumista o meio ambiente, a natureza biofísica e mesmo outros seres humanos. A falta de comprometimento com o coletivo e com o social está relacionada aos valores do mundo mercadológico onde o ‘bem comum’ foi banalizado e tornou-se o “bem para mim”. Presas a esse padrão, muitas pessoas não conseguem pensar no bem e no mal do ponto de vista da humanidade ou mesmo do outro mais próximo.

Assim, a sociedade vive o culto ao útil, ao que pode gerar algum tipo de lucratividade. Até as relações pessoais, profissionais e sociais são tecidas por esse tipo de valor ou desvalor para usar o termo com o qual Scheler (2003) nomeia os valores negativos. Para indivíduos que aceitam os desvalores, a humanidade do outro não importa muito, o que vale é o que ela pode oferecer de vantajoso. Essa realidade faz parte do *ethos* burguês, princípio desenvolvido por Scheler, que Costa (1996, p. 66-67-68) assim caracteriza:

[...] Uma espécie de debilitação fisiológica e biopsíquica, que lança o homem num permanente estado de angústia causado pelo horror ao risco, uma necessidade exagerada de segurança, ausência de qualquer sentimento de verdadeira solidariedade, desconfiança e hostilidade radical em relação ao próximo, utilidade como valor supremo na hierarquia axiológica [...]. [...] O impulso que impede todo organismo vivo a ultrapassar seus próprios limites parece ter perdido seu vigor no homem burguês[...]. [...] O resultado é a realidade das grandes cidades modernas, cheias de coisas brilhantes, alegres e atraentes, mas contempladas por pessoas profundamente tristes.

Esse *ethos* burguês afasta o ser humano de sua própria força interior e o faz escravo do egoísmo, da angústia e da solidão. Algumas das características desse *ethos* como a necessidade de segurança, a supervalorização das posses, entre outras, já estavam presentes na humanidade mesmo antes da ascensão socioeconômica da burguesia. Entretanto, é visível o quanto elas se agigantaram, atingindo todas as classes e quase todos os povos.

Scheler (2003) considera que a base do *ethos* burguês é o ressentimento que a nova classe, a burguesia, tem do seu passado como servo, escravo e da falta de nobreza na sua estrutura psicológica. Esse ressentimento gera um tipo de insegurança e um sentimento de inferioridade que esse *ethos* burguês tenta compensar na busca desesperada pelo poder material, político, econômico, pessoal e social. Para conseguir esse poder, como já foi dito, esse *ethos* cria valores utilitários sustentados por representações de realização e de felicidade que foram globalizados e adotados por muitos povos. Tais valores são considerados válidos também no mundo contemporâneo.

O poder atribuído desde a modernidade aos valores econômicos e à dependência doentia que ela instituiu entre este e os valores vitais ou biológicos (saúde, sobrevivência) provocou a instrumentalização e a redução da perspectiva de felicidade para a satisfação desses valores e das necessidades aparentes. A mídia consegue inserir na representação mental de muitos indivíduos esse conceito de felicidade, vinculando-o necessariamente à conquista de bens materiais (muitas vezes completamente supérfluos) e dizendo através de elaboradas e persuasivas formas: você só pode ser feliz se consumir, consumir. Sobre essa questão, diz Mounier (1974, p. 134 - 135):

Mas, o valor supremo não pode ser a perfeita organização dos valores vitais e econômicos a que geralmente se dá o nome de felicidade. As mais felizes sociedades deste ponto de vista deixam-nos entrever em que sono espiritual podemos deslizar, e a tempestades de angústia, a que desvairados pânico chegamos quando nos sentimos ameaçados. Isolada, a felicidade fica irremediavelmente presa entre egoísmo individual e o mecanicismo coletivo: a paz por qualquer preço ou a felicidade estaticizada, tendem, tanto uma como outra, a substituir liberdade por segurança, a fazer abdicar a humanidade, ou, ainda pior, a indicar-lhe o mais vulgar caminho para a traição.

Os padrões de consumismo são socioculturais e instituídos como representação de felicidade. A força dessa representação atinge a maior parte das pessoas. Assim, quase todos buscam obedecê-la cegamente. A questão fica ainda mais preocupante

porque os indivíduos que por questões econômicas, principalmente, não conseguem seguir esse ditame, são considerados excluídos sociais. Como o ser humano tem necessidade de se sentir incluído e não foi educado para compreender o contexto socioeconômico e ideológico no qual vive, muitas vezes comete atos violentos (contra ele mesmo e contra a sociedade) na tentativa de poder consumir e se autoafirmar nessa escravizante regra.

Desse modo, os prazeres espirituais dos epicuristas muitas vezes não têm espaço e são até ridicularizados, pois muitos prazeres na sociedade moderna e contemporânea são sustentados ou gerados pela posse, pelas conquistas externas. As coisas e as experiências simples proporcionadas pelas relações afetivas, inclusive com a natureza, perderam valor para parte dos seres humanos. Na perspectiva do *ethos* burguês, até mesmo o conhecimento só é reconhecido e valorizado quando for gerador de lucro. Entretanto, com a dificuldade e a demora normais quando se trata de mudança de paradigma, essa forma de ver o conhecimento e alguns prazeres já está sendo repensada.

O sentido de utilidade potencializou o aspecto egoísta do ser humano que transformou as próprias relações em jogos de interesses. O instinto de conservação da espécie foi racionalizado pelo empoderamento particular. Essa situação do ser humano o fez construir a sociedade atual, bombardeada pela violência, pelo uso inadequado de drogas entorpecentes, pela exclusão, pela falta de ética de parte das instituições e das relações. Em contrapartida, essa racionalidade promoveu um notável avanço tecnológico que proporcionou a melhoria na qualidade de muitos aspectos da vida de muitos seres humanos.

Como já vimos, o modelo de sociedade baseado no avanço da tecnociência para a produção e consumo e nos valores mercadológicos criados para sustentar esse modelo se mostra um fracasso para o desenvolvimento da inteireza do humano. O projeto de emancipação da modernidade fundamentado nos princípios de igualdade, fraternidade e liberdade se mostra inoperante. Ou seja, não possibilitou a realização desses três ideais, que deram sustentação ideológica ao modelo. Ao invés de liberdade, gerou um aprisionamento ao consumo em todos os níveis; ao invés de igualdade, promoveu a formação de grandes corporações econômicas e financeiras de ditam as regras políticas e econômicas adotadas por quase todo o planeta; ao invés de fraternidade, temos terrorismo, intolerância às diferenças, às minorias e os preconceitos. Temos milhares de pessoas vivendo abaixo do nível de miséria, crianças abandonadas, vendidas, prostituídas. E agora? Qual o rumo ou qual o modelo de desenvolvimento humano que desejamos e precisamos instituir?

Scheler (2003) percebe, na prática das virtudes, uma possibilidade de desagregação do *ethos* burguês. Para esse filósofo, valores como a humildade e o respeito, esquecidos pelo burguês, são necessários. A humildade possibilita

o deslumbramento diante do ser e o respeito à intuição do mistério das coisas, enquanto religadas ao horizonte do invisível. Assim, o ser humano poderá superar a pretensão de querer submeter às regiões mais distantes e secretas da realidade a explicação racional. Esse e outros valores primordiais possibilitam a percepção dos limites próprios da condição humana. Através dessa compreensão, o indivíduo pode perceber a armadilha do empoderamento pessoal.

A humildade, o respeito, a simpatia, o amor, a bondade, o arrependimento, a veneração, entre outros, são valores e/ou atos emocionais e volitivos. Esses atos, segundo Scheler (2003), fazem parte do espírito do ser humano. Para esse pensador, é o espírito que agrega a razão e a intuição dos fenômenos primários ou das essências e dos atos emocionais e volitivos que realmente diferencia o ser humano dos demais animais. Dessa forma, o que pode fazer a diferença é a ação da consciência, do autodomínio, da transformação interior e da estrutura educativa que possa, a partir da compreensão desses aspectos do ser humano, desenvolver antídotos contra os desvalores e a *huleris*.

Considero que a força dos valores primordiais (justiça, amor, prudência, coragem, entre outros), a prática do diálogo e a vivência desses valores são instrumentos valiosos na busca contínua para a harmonização e para o equilíbrio conflitual entre os seres humanos. Maffesoli (1988) compreende o equilíbrio conflitual como a convivência dialógica tanto com as polaridades, os antagonismos e os pluralismos humanos quanto das forças, dos instintos e das pulsões da natureza humana.

2.6 Tecendo as teias dos valores primordiais

A solidariedade, a amizade e o amor são o cimento vital da complexidade humana.

Edgar Morin 2007

Os valores éticos, espirituais ou primordiais arcaicos (amor, amizade, solidariedade, justiça, honestidade, respeito, coragem, sensatez, prudência, moderação, temperança, fortaleza, benevolência, generosidade, altruísmo, entre outros), ainda que apresentem uma roupagem com matizes de diversas cores e formas de acordo com cada período sócio-histórico-cultural, têm a mesma raiz originária e ancestral.

Os valores primordiais são considerados espirituais, éticos. Eles são constituintes do ser humano e estão presentes, reafirmo, nos ensinamentos dos fundadores das grandes religiões, místicos, artistas, bem como nos princípios de muitos filósofos de todos os períodos da história da humanidade. O princípio desses valores perpassa a história e o desenvolvimento da humanidade apesar de ser materializado e vivenciado

com diferentes matizes de acordo com as tradições de cada povo e as diferenças de espaço geo-histórico-cultural. Acredito que esses valores estão presentes no imaginário da humanidade e fazem parte da estrutura da *psique* humana, ainda que em forma de potência.

A palavra espírito tem diversos significados que vão desde ‘aquilo que nos vivifica’ até demônios ou seres sobrenaturais. Para a Filosofia moderna, espírito significa intelecto, alma racional, disposição para o pensamento. Tomando como referência alguns pressupostos de Scheler (2003) e Morin (2007, 2008), considero espírito como o campo das atividades cerebrais, intuitivas e corporais que percebe as peculiaridades humanas em sua diversidade e complexidade (biológica, psicológica, cultural, afetiva, linguística, ética, artística, social, religiosa, mitológica) como uma rede interligada, interdependente, multidimensional e multiforme. Esse campo de religação ou de interação percebe, processa, atualiza, avalia, cria ou desperta os fenômenos da consciência e assim computa significados, sentidos, valores e ideias.

A partir dessa compreensão do espírito, poderia dizer que o aspecto espiritual consiste na disposição humana para sentir e compreender que não estamos separados, que apesar de possuímos um corpo e uma mente ou ‘alma’ individual, somos com e através deles, parte de uma totalidade humana, existencial. Parte de uma humanidade que não sobrevive isolada, que necessita de um *habitat* que lhe ofereça condições geofísicas, bioquímicas de sobrevivência: o nosso planeta, a terra. Espiritual, como disposição para reconhecer que somos ainda parte do mistério ou da dimensão divina que a tudo interliga. Como disposição, para perceber e reconhecer as semelhanças e as diferenças que nos fazem seres humanos embricados, relacionados, interligados, interdependentes e para perceber que ações individuais têm consequências de maior ou menor intensidade no coletivo. Assim, os valores espirituais são aqueles que nos possibilitam viver a nossa condição de seres individuais e coletivos. Seres que necessitam con-viver para sobreviver, desenvolver-se e realizar a sua humanidade.

Os valores primordiais e espirituais são os que trazem em suas raízes mitológicas, sócio-histórico-culturais e religiosas os princípios de valorização da sensibilidade (emoção, sentimentos, afetos) e das ações que norteiam a humanidade para a eco-con-vivência através da compreensão do ser-com, do estar-com e do fazer-com. Os valores espirituais enquanto princípios são encontrados desde as narrativas mitológicas, as poesias, os contos e as escrituras dos livros sagrados das mais diversas religiões até em algumas atuais constituições de sociedades democráticas. São encontrados, ainda, na declaração dos direitos humanos que tem uma abrangência internacional.

São esses princípios que mantêm a força motriz capaz de fazer com que a humanidade sobreviva e se desenvolva por preservar no imaginário e na consciência humana os germes que conservam a memória de que o ‘Eu’ depende do ‘Nós’ ou

da inter-relação interdependente entre os indivíduos, suas comunidades e seu meio ambiente. Assim, eles alertam para a necessidade de cuidado mútuo. O fato de esses princípios norteadores assumirem significados e mesmo representações específicas em cada época a depender das particularidades de cada povo, que criam ramificações e desdobram os princípios-raízes em uma rede de outros valores, não minimizam a sua presença constituinte no ser humano. Da raiz primária dos valores-princípios (solidariedade, justiça, prudência, temperança, amor, coragem, entre outros) nasceram diversos ramos que contemplam a plasticidade do humano.

As civilizações naturalmente desdobraram os valores primordiais a partir dos seus contextos geográficos, míticos, culturais, econômicos, religiosos e ideológicos. Cada povo criou, adaptou valores diversos que decidiram o rumo do seu desenvolvimento. Esses valores foram expressos ou manifestados em leis, normas, regras, costumes, tradições. E em nós? E na nossa sociedade? Como estão os princípios dos valores primordiais? Quais outros foram criados e com quais intenções? Quais as escolhas, as atitudes e os padrões de comportamento que os valores estão determinando?

O progresso das tecnologias e a forma econômica e política como elas estão sendo utilizadas estimularam a supervalorização do 'Eu' em detrimento da outra ponta da inter-relação interdependente o 'Nós' ou o coletivo. O individualismo associado a outras estruturas econômicas e socioculturais alimentou e gerou a criação de contravalores ou valores não primordiais, ou negativos que assumem em nossa sociedade e, conseqüentemente, em nosso imaginário uma força capaz de ditar valorizações, comportamentos e ações que estão nos conduzindo a um nível quase limite de intolerância, violência e doenças físicas e mentais. Será que esse caos atual na forma de valorar as coisas e as pessoas vai gerar rupturas e com elas novas estruturas que resgatem a força dos valores-princípios?

Para Scheler (2003), a percepção dos valores éticos acontece através da percepção emocional, 'afetiva pura' (a priori) e a vivência dos valores éticos depende de cada pessoa (centro ativo do ser finito). A pessoa precisa despertar nela mesma a bondade e o amor para ser efetivamente ética. Para esse pensador, assim como para Sócrates (1987), a vontade má ou o mal se constitui na ignorância do bem, ou seja, para eles a pessoa que conhece o bem adotará e terá condutas éticas. Mas, será que basta o conhecimento para que uma pessoa tenha a ética em suas atitudes? Ou condutas éticas dependem de uma disposição interior e de muito esforço diário?

A complexidade dessa questão nos faz refletir sobre: por que algumas pessoas conseguem ser éticas e muitas outras não apesar de terem o mesmo nível de conhecimento e de viverem no mesmo contexto sócio-histórico-cultural? Esse é mais um dos mistérios da condição humana? Conhecer exemplos das pessoas altruístas e talvez de pequenas ações de pessoas comuns, que não se deixam contaminar pelos

padrões e valores socioeconômicos massivamente divulgados através, principalmente, das mídias nos ajuda a reconhecer que a vivência dos valores humanos primordiais é possível. O exemplo de pessoas que também não se conformam e desafiam a estrutura mercadológica e o individualismo instituído como ordem na nossa sociedade, demonstra a força potencial e radical dos princípios dos valores éticos e da possibilidade de experienciá-los.

Os agentes de mudança realizam ações locais (grupos de voluntários para diversas atividades; ordens religiosas; movimentos ecológicos, culturais e intelectuais; organizações não governamentais – ONG; cooperativas; educadores; pesquisadores, entre outros) em benefício do “bem comum”. Tais ações vão além do assistencialismo. Elas envolvem compromisso pessoal com o coletivo, com a humanidade, com natureza, ou melhor, com a eco-con-vivência.

Outra demonstração da existência dos valores primordiais na memória psicológica do ser humano pode ser observada nos momentos de catástrofes. Nestas circunstâncias de sofrimento, a chama da solidariedade é acesa e mobiliza muitos cidadãos (ãs) a participarem juntos de ações de ajuda mútua. Maffesoli (1988, p. 171) chama de solidariedade orgânica “[...] quando progressivamente o ‘eu’ cede lugar ao ‘nós’”. Essa solidariedade representa o valor que move seres humanos em momentos nos quais as diferenças se somam para uma ação em comum.

Nos contrapontos inexplicáveis da existência, no movimento natural da vida, na dinâmica e na “lógica contraditória” própria do ser humano a potência, um tanto adormecida dos valores arcaicos, ressurgem apesar do esforço empreendido para apagá-la. Maffesoli (1988, p.58) diz: “[...] E a ressurgência de valores arcaicos, tais como o território, a ecologia, o regionalismo e o hedonismo [...]”. A força desses valores, até então não abordados diretamente nesse trabalho, vitaliza pessoas que empreendem ações e movimentos individuais e coletivos que mantêm viva a esperança na transformação das prioridades instituídas pela sociedade contemporânea.

Recorro à sabedoria de Aristóteles (1996) para assim como ele sugerir que os valores primordiais precisam ser vivenciados, já que não se apreende a ser virtuoso só por ouvir falar em virtude. É a prática da justiça, por exemplo, que torna o indivíduo justo e capaz de não ceder aos apelos de determinados padrões vigentes na sociedade mesmo diante de uma situação na qual a emoção, a pulsão e o pressuposto sociocultural grita: ‘você precisa é se dar bem, tirar vantagem em qualquer situação’. Diante de tantos apelos contrários, parece difícil vivenciar os valores primordiais em nossa sociedade. O que fazer diante dessa realidade?

Os valores éticos para Scheler (2003) estão relacionados à ideia da pessoa infinita – Deus. Os valores éticos estão também presentes nas pessoas finitas, visto que a pessoa finita é parte desse infinito. As vivências, as escolhas, as incorporações de

novos valores enfraquecem o poder dos valores éticos nas pessoas finitas. Entretanto, afirma esse filósofo que, como os valores éticos são essências, eles podem ser, a qualquer momento, ativados e objetivados (experenciados) pelas pessoas que os despertam nelas mesmas, sendo o amor a mais pura emoção ou o mais puro valor que pode despertar na pessoa a força dos demais valores espirituais.

Não pretendo tecer comentários sobre o fato de Scheler considerar os valores como essência, pois a complexidade de categorizar algo como 'essência' requer uma discussão que foge ao foco dessa pesquisa. Prefiro considerar os valores primordiais como princípios encontrados nas mais diversas tradições, que nortearam e norteiam ações humanizantes em vista à sobrevivência e ao desenvolvimento ético e espiritual da raça humana.

Para Maturana (2005), o amor é mais do que um princípio de valor espiritual, ético, ele é um constitutivo biológico do ser humano. O amor enquanto fator constitutivo está em cada indivíduo independente de sua situação histórica, social, cultural, religiosa e política. No senso comum, a palavra amor tem seu sentido restrito a sentimentos entre pessoas mais íntimas no campo da sexualidade e, às vezes, da família. Entretanto, compreender e meditar sobre a concepção desse cientista sobre o amor como fundamento biológico do ser humano possibilitam uma revisão no conceito e na forma como comumente se percebe o amor.

Essa compreensão poderá, ainda, construir os alicerces da ponte de passagem para uma nova abordagem do ser humano e de suas relações. Uma abordagem que contemple o cuidado, a compreensão e a eco-con-vivência entre pessoas, grupos e sociedades, considerando as diferenças e a igualdade estrutural de ser 'Ser Humano', de fazer parte da raça humana. Consciente de que o amor faz parte de sua estrutura biológica e emocional o ser humano pode deixar que a chama do amor indique os caminhos de suas ações. Nas palavras desse cientista:

É devido ao caráter social das preocupações éticas, dependente do amor e não da razão, que uma determinada comunidade política pode fazer apreciações éticas que não são válidas para outra. O espaço social que define uma ideologia política não é igual ao de outra, porque cada ideologia política define um tipo de humanidade. Quero insistir que é preciso entendermos isso, porque na medida em que a fenomenologia do amor está no fundamento biológico do humano, ela estará presente de qualquer maneira. Creio que não há um bom entendimento do fenômeno da convivência e da história dos fenômenos políticos se não entendermos a natureza do social e do ético no âmbito de sua fundação emocional. (MATURANA, 2005, p.74).

Amor e ética, duas palavras que carregam um sentido profundo, complexo e por isso passível de múltiplas interpretações. Duas palavras usadas de modo algumas vezes distorcido do seu significado originário. Duas palavras sobre as quais são escritos tratados filosóficos, poesias, cordéis. Duas palavras que precisam uma da outra, pois os comportamentos e as ações delas decorrentes são sustentados pela força dessas duas palavras-força. A intenção de ser ético banha-se nas brisas do amor para materializar-se em ação.

Compreendo o amor como o sentimento-força de abertura para o encontro com ou para a comunhão (no sentido de comungar, coparticipar, unir, juntar), para permitir-se ser afetado por, e para aprender a fazer com e por 'outro'. Esse outro pode ser representado pelo próprio indivíduo, por outro ser humano, por outros seres da natureza, por um ideal, por uma vocação, dentre várias outras possibilidades de encontro ou de comunhão. Essa abertura pode resgatar a pessoa do individualismo, pois lhe possibilita reconhecer que, enquanto um ser humano, ela existe com e, portanto, se constitui em um ser implicado, inter-relacionado. Essa consciência da realidade unitiva do ser humano, possibilitada pelo amor, apela para os valores primordiais para de fato ser experienciada e encarnada em condutas de cuidado com o humano dos seres humanos e com os demais seres existentes. O amor permite que estejamos na subjetividade e na transcendência, ou seja, viver no 'eu' com e para o 'nós'.

2.7 A consciência ética e valoração

A consciência ética determina os valores que o ser humano elege para orientá-lo no trilhar o caminho de sua existência. Esse estado de consciência estabelece os princípios que norteiam as relações da pessoa com ela mesma, com seus semelhantes (próximos e distantes), com a sociedade, suas instituições, com a natureza e com o planeta. O ser humano está sempre assumindo posturas axiologias, ainda que em algumas situações não tenha consciência dessa atitude. O caráter de liberdade pessoal faz com que o indivíduo avalie e assuma posicionamento valorativo sobre tudo com o que interage. A ação de valorar implica escolher, decidir, comprometer-se e assumir responsabilidade pelos comportamentos e ações. A ação de valorar, tomando como referência os valores primordiais e as demandas individuais e coletivas, consiste em um aprendizado contínuo que se apoia na vivência do processo de autoconsciência que contempla a prática contínua da avaliação dos valores e das condutas individuais e coletivas.

A questão dos valores é ontológica ao ser humano. Valorar, atribuir valor às pessoas, atitudes, ideias, artes e coisas tanto subjetivas quanto objetivas fazem parte da condição humana. O processo de valoração fez surgir princípios que tornaram o valor compreensível para o ser humano. São os princípios de qualificação dos valores. Os princípios do bem e do mal são os mais fortes e facilmente reconhecidos para a realização do ato de valorar. O bem e o mal são constitutivos do imaginário axiológico e cultural da humanidade.

Avaliar os atos humanos, julgar, valorar é uma questão complexa. Não se pode analisar um ato, um comportamento ou uma ação isoladamente sem contextualização. Esses atos, assim como as coisas, fazem parte de um contexto sócio-

histórico-cultural que atribui significado e sentido diferentes a determinados valores e demais motivadores desses atos. A avaliação envolve, ainda, as representações religiosas, socioculturais, emocionais e afetivas, bem como os desejos, os conceitos e os preconceitos que constituem cada subjetividade a partir do referencial sociocultural e do imaginário de cada povo.

Valorar e avaliar estão entre as mais difíceis atividades humanas. Talvez erremos menos se partirmos da razão sensível (ARAÚJO, 2008) e primarmos pelos valores primordiais. Ao avaliar e valorar, faz-se importante ou mesmo fundamental considerar que as consequências dos atos pessoais não repercutam apenas para o indivíduo isoladamente. Cada ato gera ressonâncias para a família e para os grupos de trabalho, de colegas da escola e de amigos de forma direta. As ações individuais reverberam também de forma mais ou menos contundente na comunidade e no planeta.

Será que cada um de nós já parou para pensar sobre o que valoriza, porque valoriza isso e não aquilo ou como valoriza? Ou seja, será que já assumimos uma atitude filosófica quanto às nossas próprias valorações? Ou será que ficamos apontando e julgando as valorizações dos outros e não analisamos as nossas? Será que realizamos autoavaliação e reflexão antes de julgar? Será que a partir de pequenas reflexões e de pequenos atos éticos pode ser plasmada a saturação ou enfraquecimento da força desses valores negativos ou contravalores nas valorações? Será que conseguiremos assumir valores primordiais como referência para nossas valorações?

Nem sempre é possível compreender como funciona o princípio qualificador dos valores. Ele opera como o que é positivo ou negativo. Mas, a questão vai além do bem e do mal, do positivo ou negativo em si. Essa proposição me remete a inquietações estruturais e ideológicas, tais como: Qual o critério de positivo e negativo utilizado? Positivo ou negativo para quem, qual o referencial? Como essa questão vem sendo tratada? Como a educação se posiciona diante dela? Compreendo os valores como uma dimensão ontológica do ser humano. Assim, a questão do positivo ou negativo faz parte da complexidade da espécie humana. De forma contraditória e complementar, eles são necessários para desenvolvimento integral da humanidade desde que se tenha clareza, transparência e ética na definição dos critérios.

No processo de valorar, estão incluídos também os juízos de valor, os julgamentos e as avaliações que têm categorias diversas e que mudam axiologicamente. Esses juízos tanto influenciam quanto são influenciados pela hierarquia dos valores a depender da época, do lugar, da cultura, da religião, da moral de um povo. Na nossa sociedade pragmática e consumista, a valoração toma como referencial predominante o útil, o produtivo, o que pode gerar lucro financeiro, ou, pelo menos, *status*. Tendese a valorizar, ainda, as coisas e as conquistas que geram poder socioeconômico e efêmero prazer. Nesse tipo de sociedade, os valores passam a servir a esses fins.

A compreensão da complexidade da condição humana e das estruturas socioeconômicas e culturais é necessária no ato de valorar. Segundo Scheler (2003), o *ethos* burguês fez com que o ser humano não considerasse essa dimensão ou que desconsiderasse o espírito como princípio aglutinador capaz de ajudar a pessoa a objetivar as essências originárias através da experiência básica da vida com os outros, como e no mundo em sua inteireza. Estamos com essa dificuldade de interligar, de conectar os valores primordiais com as demandas individualistas e utilitaristas um tanto adormecidas da sociedade contemporânea.

A valoração, na perspectiva Scheler, está relacionada com a preferência e a preterição. Essas condutas exprimem um conhecimento da hierarquia dos valores, enquanto o amor e o ódio segundo Costa (1996, p. 107) são “[...] atos que não possuem qualquer caráter cognitivo. Um e outro exprimem certa atitude particular em relação aos objetos portadores de valor.” O ato de amar ou odiar independe de ações cognitivas. O amor e o ódio dizem respeito a uma relação do indivíduo com a pessoa ou a coisa e por isso as valorações que envolvem esses sentimentos são mais complexas. As relações com os outros atos emocionais são mais direcionadas, mais específicas.

O ato de valorar se constitui em um aprendizado minucioso que envolve a complexidade da condição humana e suas teias de interação. Esse ato é tecido pelos fios da razão, da emoção, dos saberes e das influências socioculturais, ideológicas, religiosas, filosóficas e, portanto, pela forma de percepção, compreensão e posicionamento de cada pessoa perante a existência.

Quando o ato de valorar, julgar e avaliar diz respeito às pessoas ou coisas com as quais se tem um sentimento de afeto ou desafeto, essa tessitura torna-se muito mais delicada. Não raro percebemos desencontros e incoerências nessas situações. Diante desses contextos, o indivíduo tende a relativizar, para mais ou para menos, o peso da ação que está sendo analisada. Por exemplo, uma mãe que costuma censurar um determinado comportamento, quando o próprio filho tem o mesmo comportamento, ela costuma minimizar o efeito, justificar ou fingir que não percebeu e se autoenganar. Sobre esse conflito entre a ética e os afetos com relação aos mais próximos, diz Morin (2007, p. 49): “Devemos incessantemente experimentar o conflito entre as injunções do universal e as da proximidade”.

A nossa condição humana nos faz seres instintivos e permeados pela força do inconsciente. Essa condição composta, inclusive, de pares de opostos, impossibilita talvez que sejamos sempre éticos e que sempre consigamos valorar de forma equânime e obedecendo aos ditames dos valores humanos primordiais. Ter essa compreensão nos ajuda, acredito, a reconhecer os nossos momentos de incoerência perante nosso compromisso com a eco-con-vivência e a perseverar, tentando e criando essa relação desejada.

Esses conflitos nos acometem no dia a dia. A angústia de querer pensar, sentir e agir totalmente pautada nos valores humanos primordiais e de nos perceber pensando, desejando preferências, superproteção ou supervalorização. A angústia entre o desejo de resguardar e a consciência de que necessita agir e de ensinar o que é ético. Perante esse desafio de viver de forma ética, principalmente, quando os interesses pessoais são contrários aos valores primordiais, o que fazer? Diante da incerteza de estar agindo corretamente e mesmo frente a dúvida com relação ao resultado da ação, o que fazer?

Não existe um modelo de ação frente aos antagonismos dos imperativos éticos. A complexidade da condição humana não cabe em moldes. Talvez procurar agir dentro do limite de cada um da forma mais ética e coerente possível, usando a razão, a intuição, a sensibilidade como fieis escudeiros? Ou buscar equilibrar a prudência e a ousadia, 'atitude ideal, nem sempre atingível'? Ou ainda, seguir a máxima de Confúcio, de Cristo, entre outros, que diz de forma diversa: 'Não faça com o outro, aquilo que não queres que façam com você'? Encontrar respostas para essas questões que atendam as peculiaridades individuais e o bem-estar coletivo consiste em um dos maiores desafios da humanidade.

Parece-me que perante as contradições, as incertezas, os limites, as ilusões próprias da complexidade humana e consequentemente da ética, a máxima acima citada pode ser usada como uma estratégia de autovigilância, de autodomínio, de posicionamento para as escolhas e para a eco-con-vivência. A ética diz respeito ao 'estar-fazer-ser-com', à corresponsabilidade, à coparticipação com o coletivo e com o desenvolvimento da inteireza do ser humano. Meditar sobre essa máxima ou outra que tenha os valores primordiais como prerrogativa para o comportamento e a ação individual, bem como comprometer-se com a busca do rigor ético nas escolhas e decisões, são posturas a serem desenvolvidas na formação da consciência ética.

Analisar e julgar questões envolvendo pessoas as quais se ama ou se odeia se constitui em uma tarefa complexa, pois o aspecto emocional tende a se sobrepor aos demais estados humanos e gerar desequilíbrio. Nesses casos, a consciência ética, a temperança precisa ser fortemente solicitada para agir com responsabilidade, com cuidado e com rigor ético mesmo que cause dor. Esse é um processo educativo para as partes envolvidas.

A consciência ética tem tanto a função de analisar e mesmo de construir juízos de valor e de atribuir valor quanto de buscar aprimorar o ato de valorar coisas, ideias, os comportamentos e as ações das pessoas. Tal ato solicita a capacidade de reflexão, de análise crítica de forma contextual, sistêmica e também local. Para isso, penso ser fundamental cuidar do autodomínio; da inteligência emocional; da habilidade de aplicar o princípio da redução fenomenológica e a capacidade de ouvir sensivelmente cada parte.

Agir de forma ética implica em dialogar, lembrando da condição humana de inter-relação e interdependência. Nessa perspectiva, ao fazer um juízo de valor, o emitente necessita se distanciar o mais possível do fato, mas consciente de que é parte do contexto. Essa consciência faz com que o discurso e a ação que necessitam ser realizados, sejam feitos amorosamente, com cuidado com o humano. Trilhar essa linha tênue entre rigor ético e apelos das pulsões e mesmo dos padrões de nossa sociedade é um aprendizado. E como qualquer ato de aprender depende do aprendente querer, disponibilizar-se, trabalhar, comprometer-se e perseverar.

Dessa forma, a integridade e a ética do indivíduo consigo mesmo como foram preconizadas por Sócrates, pelos mestres das grandes religiões aclamadas e por literatos em seus romances, peças teatrais e poesias são fundamentais para a eco-con-vivência. Os sábios também ensinam que o autoengano é um caminho para a falta de respeito próprio e uma espécie de autorização para que o indivíduo seja desrespeitado pelo outro. A mentira, o desrespeito, a vitimação e o autoengano são como germes que proliferam relações doentias, aproveitadoras e superficiais.

Acredito que essas relações são construídas quando, entre outras situações, as pessoas não refletem e não reconhecem as suas valorações. Pessoas que não ficam perplexas, indignadas e envergonhadas com suas ações desmedidas e injustas. Algumas vezes, o indivíduo estabelece esse tipo relação tanto com ele mesmo quanto com o outro e com o mundo. Uma das consequências, causas ou vice-versa (não cabe aqui investigar origens) dessas práticas talvez seja a falta de indignação e de questionamento por parte da sociedade diante das ações antiéticas praticadas pelos representantes públicos da população. A acomodação perante a corrupção e as atitudes ultrajantes de parte dos detentores do poder socioeconômico e político e do poder público demanda uma outra pesquisa.

Para Arendt (2001), o ser humano que pensa⁶ e que reconhece que tem memória sabe que terá que conviver consigo mesmo, com os seus julgamentos e juízos de valor. Essa consciência poderá fazer com que o indivíduo estabeleça limites para ele mesmo, reflita antes e durante a elaboração de seus juízos de valor e de atender aos apelos antiéticos do mundo exterior.

Valorar consiste, pois, em um ato, ou melhor, em um processo complexo. Exige diálogos entre as dimensões da condição humana e entre a tradição e a novas conquistas científicas e tecnológicas. A dificuldade que temos hoje de atribuir valor com equidade pode estar diretamente relacionada com o hábito instituído de pensar o ser humano, com a vida, com as coisas e mesmo com os conceitos de forma fragmentada, pragmática e utilitária. Fomos ensinados a superdimensionar

⁶ A tarefa de pensar, segundo Arendt (2001), é próxima da reflexão, ou seja, é promover uma tensão sobre os conceitos, fatos, "verdades" e buscar novas significações e sentidos, visando libertá-los das prisões nas quais os conceitos, algumas vezes, lhes mantêm.

algumas faculdades do humano e desvalorizar outras. Assim, os juízos de valor e os julgamentos correm o risco de cometerem incoerências, injustiças e perversas exclusões.

O exercício de julgar, de atribuir valor requer responsabilidade, equidade, justiça, rigor e compromisso com os valores primordiais, visando o bem-estar da comunidade. O pensamento complexo consiste em mais um aliado para esse processo. Recorramos, então, a essa forma mais transdisciplinar de pensar antes de julgar e de atribuir juízo de valor sem nenhum comprometimento com a vida das pessoas, com a sociedade e com o planeta. Mas, como ultrapassar ou transcender ao hábito de julgar e de valorar a partir apenas dos impulsos de rejeição ou aprovação ou dos padrões socioeconômicos estabelecidos? Não está na hora de praticarmos o velho ditado, que vou relembrar: ‘não faça com o outro o que não quer que façam com você’? Não está na hora de percebermos o efeito que as nossas falas, ações e pensamentos têm sobre nós mesmos e sobre os outros?

Epicuro (1980) recomendava o cuidado com as palavras, e Cristo incluiu o cuidado com os pensamentos. Lembrar desses sábios ensinamentos, se não antes, ao menos no ato de julgar pode evitar dores, mal entendidos, injustiças. Refletir sobre o hábito de fazer ‘achismos’, dizendo que se está fazendo críticas. E aprender a julgar com critério. Para isso, é preciso vivificar os valores primordiais, deixar em alerta a consciência ética, refletir, adotar a atitude filosófica. Ou seja, pôr as coisas em dúvida, inclusive as próprias verdades e vontades. E buscar responder a questões como: O que é? Por quê? Como? Qual o sentido? Quais as consequências? Para quem?

2.8 Laços entre valor e emoção

O conhecimento do bem ou do mal não é outra coisa senão a afecção de alegria ou de tristeza, na medida em que temos consciência dela.

Espinosa, 1979

O modelo de desenvolvimento socioeconômico adotado pela sociedade sustentada pelo *ethos* burguês considera que os saberes lógicos, racionais são suficientes para atender as demandas do conhecimento humano. Esse modelo fragmenta a complexidade da condição humana e reduz a sua compreensão. Esse padrão não compreende a sensibilidade como fonte viva de conhecimento, chegando a afirmar que a presença de um afasta a possibilidade do outro. Ou seja, não pode haver produção de conhecimento lógico, científico onde há emoção, sensibilidade.

Para o pressuposto moderno do conhecimento, a emoção, o amor são cegos e, por isso, impossibilitam o conhecimento. Com a intenção de validar esse princípio, foram criados valores que minimizam a sensibilidade e a emoção e supervalorizam

a razão técnica, linear. Nas escolas, surgem *slogans* do tipo: ‘a escola não é lugar de sorrir e de criar’ e no mundo do trabalho: ‘aqui é para trabalhar, deixe suas emoções em casa’. Esse princípio positivista que atribui ao valor utilitário a primazia na hierarquia dos valores e fortalece a racionalização mecanicista do ser humano, ignora, não só a condição humana, como a íntima relação entre valor, emoção e conhecimento já preconizada por Pascal, Espinosa e Scheler, citando apenas alguns.

O *ethos* burguês e o positivismo reduzem a condição humana quando considera apenas o seu aspecto lógico, racional. Não somos apenas *ratio*, mas também, intuição, afeto, valores, emoção, sentimentos, entre outros elementos constitutivos do humano. A institucionalização da racionalidade linear e lógica como a fonte mais segura para o conhecimento adotada pela ciência positivista vai de encontro a forma natural de conhecer, já que desde crianças conhecemos, aprendemos e nos relacionamos, utilizando essas esferas da plástica condição humana. Scheler chama de espírito essa gama de esferas da condição humana. Nas palavras desse pensador:

Os gregos já afirmavam um tal princípio e chamavam-no ‘razão’. Nós preferimos usar uma palavra mais abrangente para aquele X, uma palavra que certamente abarca concomitantemente o conceito de ‘razão’, mas que, ao lado do ‘pensamento das ideias’, também abarca concomitantemente um determinado tipo de ‘intuição’, a intuição dos fenômenos originários ou dos conteúdos essenciais, e, mais além, uma determinada classe de atos volitivos e emocionais tais como a bondade, o amor, o remorso, a veneração, a ferida espiritual, a bem-aventurança e o desespero, a decisão livre: a palavra ‘espírito’. (SCHELER, 2003, p.35-36).

O espírito para Scheler consiste em um princípio que abrange a razão na perspectiva dos gregos, a intuição, os valores, os sentimentos e os atos emocionais volitivos. Um princípio capaz de abarcar os fenômenos originários e a essência, tanto dos conteúdos quanto dos valores. Dessa forma, ele nos convida para refletirmos sobre a inter-relação e a interdependência entre os elementos constitutivos da nossa humanidade. Neste texto, vou concentrar a atenção na relação entre emoção e valor. Esse autor em alguns momentos coloca no mesmo patamar valores e atos emocionais volitivos, em outros diz que os valores têm correlatos com estados emocionais volitivos e sentimentos. O fato é que esses constituintes da condição humana estão tão diretamente interligados e imbricados que, às vezes, fica confuso fazer uma separação mais didática.

Considerando a inter-relação entre os valores e os demais constituintes da condição humana, e percebendo a profundidade da inter-relação entre valor e emoção, resolvi fazer uma breve pesquisa sobre a perspectiva de Espinosa (1979) e de Damásio (2004) a respeito da emoção. Pensar no estudo das emoções é pensar nessa peculiaridade humana, que coloca o indivíduo em movimento. As emoções, assim como os valores, são capazes de mobilizar o corpo, a sensibilidade, o pensar e o agir humano. Essa forma de pensar é possibilitada pela Razão-Sentido que para Araújo (2008, p.149 e 155):

se traduz numa Razão encarnada, numa Razão *humanada* que ruma, engendra e faz jorrar a polifonia dos Sentidos existenciais; que religa e agrega os Sentidos dispersos das coisas [...]. [...] uma razão plural [...] que escuta e sorve o pulsar do coração da multiplicidade das experiências vividas/viventes [...] Uma Razão-Sentido que agrega, in-tensivamente, unidade e multiplicidade.

A Razão-Sentido integra a inteireza humana e possibilita a inter-relação e o diálogo entre suas polaridades. Essa razão nos humaniza, ou melhor, ela reconhece os sentimentos, as emoções e as experiências que envolvem a sensibilidade e a corporeidade como formas legítimas de percepção, de significação e de construção do saber. Passamos anos seguindo o modelo de conhecimento instituído pela racionalidade moderna que desconsidera os saberes construídos a partir da corporeidade e da sensibilidade. Agora estamos sendo convocados não só para reconhecer, mas para desenvolver e fazer bom uso do potencial humano. O ser humano está sempre sendo visitado, mobilizado pelos diversos movimentos, sons, ruídos, melodias ou despertados e ativados pelas diversas vozes e expressões das emoções e dos valores.

Aprender a reconhecer, compreender e direcionar esses movimentos reguladores das escolhas e da vida de forma a torná-las uma contínua e consciente dança entre pares de afetos (emoções, sentimentos, paixões, desejos) positivos e negativos é mais um desafio do ser humano. Perseverar na busca incansável para vivenciar a beleza, os valores e emoções positivas e a “harmonia conflitual” entre os contrários em cada passo da dança com as emoções; aprender a perceber a relação entre as nossas emoções e os nossos valores é uma das funções da eco-con-vivência.

2.9 Emoções na compreensão de Espinosa

Na verdade, a temperança, a sobriedade e a castidade, que costumamos opor à luxúria, à embriaguez e à lubricidade, não são afecções ou paixões, mas indicam a capacidade da alma que modera essas afecções. [...].

Espinosa, 1979

A questão da importância das emoções para a vida e o desenvolvimento do ser humano faz parte das investigações de muitos filósofos em diferentes momentos sócio-histórico-culturais da vida humana. Neste estudo, pretendo apenas apresentar, muito brevemente, alguns dos pressupostos de Espinosa e de Damásio sobre a emoção ou os *affectus*. Espinosa afirma que os seres humanos possuem três *affectus* básicos. Damásio (2004) traduz a expressão usada por Espinosa em afetos básicos, que são: a alegria, a tristeza e os desejos. Tais afetos constituem o aspecto central da vida dos seres humanos e afetam o seu corpo e a sua alma.

Espinosa viveu as transformações decorrentes da era moderna quando novas formas de conhecer e perceber o ser humano estavam sendo estudadas. Entretanto, o enfoque para uma perspectiva mais 'integral' do ser humano não era de todo reconhecido. Por isso, a investigação de Espinosa sobre a interdependência entre os afetos, as necessidades, os valores, a vontade e a racionalidade humana causou-lhe grandes transtornos.

Esse pensador autônomo não foi reconhecido em seu tempo, mas está sendo redescoberto e muito estudado, inclusive por neurocientistas como Antônio Damásio, que se apoia no pensamento de Espinosa para fundamentar a sua teoria sobre a importância das emoções como uma das peças principais para a regulação e a manutenção da vida humana. Este cientista, entre outros, está tentando mostrar como a compreensão da neurobiologia das emoções e dos sentimentos pode contribuir para "formular princípios, métodos e leis capazes de reduzir o sofrimento humano e engrandecer o florescimento humano" (DAMÁSIO, 2004, p. 16).

Espinosa não separa as emoções dos sentimentos, os considera *affectus*, bem como as paixões e os desejos. Atualmente, com os avanços da neurobiologia e das neurociências, as emoções e os sentimentos são estudados separadamente, sem, entretanto, desconsiderar a interligação entre eles.

Os afetos estão presentes em toda experiência da vida, sendo capazes de aumentar ou diminuir a capacidade de ação do sujeito. Desta forma, eles são determinantes para o comportamento e para a significação da vida humana. Na compreensão de Espinosa (1979), a alegria, a tristeza e o desejo são os três *affectus* primários da natureza humana, sendo que deles decorrem todos os outros afetos, como, por exemplo: amor, contentamento, ódio, medo, reconhecimento, gratidão, vingança etc.

Esse filósofo considera que os *affectus* básicos, primários são partes constituintes da natureza humana. Cabe ao indivíduo reconhecer e aceitar a sua natureza com tudo que a compõe, assim como conhecer as necessidades fundamentais da mesma. Esse conhecimento e/ou autoconhecimento⁷ requer esforço, vontade e disciplina. Querer negar os afetos (emoções, paixões, desejos...) positivos e negativos significa entrar no jogo do autoengano de desconsiderar a condição humana, já que eles estão presentes e são fundamentais para a manutenção da vida.

Segundo Espinosa, o ser humano constitui-se de *affectus*. Uma das etapas do desenvolvimento humano consiste em reconhecer a importância determinante deles para a vida e buscar ajuda na razão e no pensamento para escolher os afetos

⁷ Espinosa não usou o termo autoconhecimento. Entretanto, a sua perspectiva de que o ser humano pode e necessita conhecer reconhecer e dominar os seus afetos, suas necessidades e suas determinações para com o apoio da razão e do pensamento substituir os afetos negativos por afetos positivos e, assim, melhor conduzir a sua ação, se constitui uma das etapas do processo de autoconhecimento. As sugestões de Espinosa de autopercepção, autodomínio e autoeducação são vivências básicas do processo do autoconhecimento.

positivos e com eles conduzir a sua ação. Assim, um dos principais aprendizados do indivíduo é esforçar-se para aprender a reconhecer, a aceitar e a escolher as emoções e os desejos que melhor conduzem o comportamento humano. Nas palavras de Espinosa (1979, p. 211):

[...] Com efeito, para o fim a que nos propomos, que é determinar a força das afecções e a capacidade da alma sobre elas, basta-nos ter a definição geral de cada afecção. Basta-nos, repito, conhecer as propriedades comuns das afecções da alma, para determinar qual e quão grande é a capacidade da alma, para poder governar e moderar as afecções [...].

Como Espinosa, acredito que o reconhecimento do determinismo, das necessidades e dos afetos próprios da natureza traduz sabedoria e possibilidade de liberdade para ser humano. Essa ação depende do desenvolvimento da capacidade de diante das necessidades, determinações e afetos, dirigir-se ou autodirigir-se no sentido de potencializar a alegria e os desejos positivos para construir uma relação harmônica com a natureza e com os seus semelhantes. Esse pensador considera que um afeto negativo só pode ser combatido ou transformado por um outro afeto positivo mais forte. Por exemplo, a tristeza pode ser substituída pela alegria.

O ser humano necessita, pois, estar atento a si mesmo para, ao perceber a tristeza ou qualquer dos afetos dela decorrentes, buscar com o uso participativo da razão, do pensamento, da força dos valores positivos (como reguladores) e de vontade, substituí-la pela alegria ou por afetos dela decorrentes. Diante da força determinante das emoções para o comportamento humano, Espinosa (1979) afirma que a pessoa não teve temer a Deus, mas sim ao seu próprio comportamento decorrente de seus afetos (acrescento valores) e a forma como se relaciona com os mesmos.

A liberdade consiste em ter consciência da própria natureza e ser capaz de diante de suas manifestações, esforçar-se para escolher afetos, pensamentos, valores e ideias que possam contribuir para a construção de ações positivas geradoras da virtude e da felicidade. Para Espinosa (1979), o ser humano precisa preservar o *self* individual. O esforço empenhado para realizar essa tarefa é chamado *canatum*.

Damásio (2004), a partir da leitura de Espinosa, considera que a necessidade de autopreservação está implícita na consciência da necessidade de contribuir para a preservação e a consequente felicidade do outro “na nossa necessidade irreprimível de nos mantermos a nós mesmos, necessitamos ajudar os outros a se manterem a si mesmos” (DAMÁSIO, 2004, p.184). Será que a felicidade pode ser compreendida, também, como a capacidade do ser humano de reconhecer os apelos dos afetos (emoções e desejos) negativos e de aprender a substituí-los pelos positivos?

Esta tarefa de perceber-se afetado pela alegria (afeto ativo, realizador, criativo), pela tristeza (afeto passivo, escravizador, inibidor) ou pelos desejos (afeto decorrente de apetites conscientes que podem ser positivos ou negativos) e de compreender

o jogo dos afetos e das paixões é um trabalho, uma conquista individual. Este aprendizado é uma vivência que só cada indivíduo pode realizar. Entretanto, essa realização está relacionada à existência de processos de formação do humano que possibilitem ao indivíduo compreender a sua condição humana e, assim, poder autodesenvolver-se.

Ao refletir sobre a condição humana, Espinosa percebe a interface entre o bem-estar individual e social, considerando que a felicidade depende da forma como essa interação se constitui. Essa percepção é comum entre místicos, que dizem há milhares de anos: existe uma inter-relação, uma interdependência, uma interação entre os seres humanos e entre estes e a natureza. Parece, pois, que a conscientização e a transformação de um indivíduo possibilitam uma mudança na coletividade humana. Essa transformação é implicada e interdependente.

A esfera individual e coletiva da condição humana é objetivada em valores e afecções que inspiram ações tanto com o intuito da conservação individual quanto para mobilizar a pessoa a empenhar-se na realização de condutas em benefício do outro, do coletivo. A inclinação para cuidar do outro faz parte das afecções da alma humana. A esse respeito, diz Espinosa (1979, p. 212-213):

Todas as ações que se seguem das afecções que se referem à alma, enquanto conhece, refiro-as à fortaleza da alma que distingo em firmeza e generosidade. Por firmeza, entendo o desejo pelo qual um indivíduo se esforça por conservar o seu ser, apenas em virtude do ditame da Razão. Por generosidade, entendo o desejo pelo qual um indivíduo se esforça por ajudar os outros homens e por se unir a eles pelo laço da amizade, em virtude apenas do ditame da Razão. Refiro, portanto, à firmeza as ações que têm por objetivo apenas a utilidade daquele que age, e à generosidade as que têm também por objetivo a utilidade de outrem.

O diálogo e a interação entre as emoções, a razão, o pensamento e os valores possibilitam tanto o reconhecimento das emoções e dos desejos negativos quanto a sua substituição por afetos positivos como alegria e amizade. Essa ação pode gerar a 'harmonia conflitual' e o bem-estar da vida humana. Saliento que esse bem-estar inclui reconhecer e aprender a lidar com as tensões e os conflitos da existência. Atualmente, a perspectiva de Espinosa já é demonstrada através de pesquisas da neurobiologia (explicada e ilustrada no livro de Damásio) que mostram as diferenças no cérebro diante da tristeza e da alegria. Tais pesquisas demonstram também as mudanças no comportamento e no desempenho de pessoas afetadas por uma ou outra destas emoções.

Segundo Damásio (2004, p. 61-62), "[...] o valor real das emoções, que reside [...] na ligação inteligente entre o EEC (estímulo-emocional-competente) e as reações que alteram o estado do corpo e do pensamento de uma forma tão profunda". Essa afirmação provinda de uma neurocientista fortalece o alerta para a importância do estudo das emoções nos processos educativos dada a função vital das emoções na

existência humana. Esta capacidade humana de utilizar conjunta, positiva, integral e equilibradamente as suas capacidades, constitui-se em um dos dispositivos para a construção de uma nova forma de pensar o ser humano e as suas relações.

As pesquisas na área das emoções validam saberes arcaicos que afirmam que através do conhecimento, da aceitação e do autodomínio é possível controlar e transformar as emoções para a conquista do equilíbrio. Essa conquista dá o suporte necessário para o começo de um novo ciclo de desestabilização e estabilização. Esses conhecimentos arcaicos foram conquistados por seres humanos há milhares de anos através de práticas polilógicas. Atualmente, esses saberes arcaicos estão sendo comprovados por pesquisas científicas.

O processo de domínio das emoções não acontece por acaso, depende de uma atitude radical de esforço do indivíduo, de vontade, de determinação para autoconhecer-se e para reconhecer a força que os valores têm nesse processo de autodomínio. Requer, ainda, perceber, reconhecer e direcionar os afetos negativos, substituindo-os pelos positivos. Trata-se, acredito, de um posicionamento educativo. Entretanto, mudanças nessas estruturas vão além do esforço individual. Dependem de transformações coletivas ou de novas políticas públicas e educacionais e da criação de novos paradigmas que contemplem e valorizem o diálogo, a vivência do autoconhecimento e a educação das emoções.

Segundo Espinosa (1979), os seres humanos estão regidos por leis naturais, universais e por decretos humanos. Será, então, que essas leis naturais e universais dizem respeito à inter-relação, interdependência, interação entre as peculiaridades interpares humanas (corpo, alma, valores, emoções, paixões, razão, intuição...) e entre os seres humanos? Serão essas leis geradoras de equilíbrio conflitual pessoal e coletivo?

Será que os seres humanos não podem construir leis que orientem as instituições educacionais, socioculturais, políticas e organizacionais para vivências fenomenológicas de autoconhecimento (entre outras) e que contribuam para o processo de desenvolvimento integral do ser humano tanto no aspecto intrapessoal e interpessoal como social e profissional?

Será que a compreensão das leis naturais e a criação de leis humanas que tenham como pilar de sustentação o diálogo, a prática dos valores humanos primordiais, da coparticipação e corresponsabilidade poderão possibilitar a eco-con-vivência? Será que não é o momento de começar a refletir sobre a forma como as nossas emoções, sentimentos, desejos, necessidades são influenciados e influenciam nossos valores e, assim, a nossa forma de existir ou de ser no mundo com o outro?



CAPÍTULO 3

AÇÃO TRANSDISCIPLINAR DO DIÁLOGO NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos[...].

João Cabral de Melo Neto, 2009

A evolução da humanidade é marcada por crises, tensões e interações socioculturais e históricas que determinam o sentido de cada etapa desse processo evolutivo. Na atual fase de globalização, as estruturas humanas, bem como os signos que a representam, vêm passando por transformações rápidas e muitas vezes irrefletidas. A globalização econômica e financeira da forma como está instituída, faz uso de instrumentos de alienação e padronização de comportamento que marcam uma grave crise nas relações humanas tanto no aspecto pessoal, interpessoal quanto social. Todo esse contexto de desrespeitos às tradições e aos valores humanos primordiais, à falta de referência ética culmina no aumento das desigualdades sociais e suas consequências.

A comunicação tem um papel fundamental nesse contexto. Ela, algumas vezes, é usada para tornar o homem um objeto, um mero escravo de quem a utiliza como mecanismo para submeter, alienar, persuadir, iludir ou enganar. Essa prática é comum na sociedade de consumo, que tem como ideologia dominante o 'ter' e onde se pretende transformar o ser humano em consumidor voraz. O caráter persuasivo da linguagem e da comunicação não foge à regra dos pares de opostos da existência. Ele se constitui como um instrumento que pode submeter a alienação ou à libertação.

No ocidente, desde o século XVIII, o reinado do individualismo que segundo Mounier (1974, p. 61) significa “um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo, partindo de atitudes de isolamento e defesa [...]. Homem abstrato, sem vínculos, deus supremo no centro de uma liberdade sem direção, nem medida [...]” foi se fortalecendo, com a intenção, talvez, de estabelecer no imaginário dos seres humanos esse ilusório sentimento de isolamento, de ‘liberdade’ desmedida, ou melhor, de libertinagem.

Assim, reitero que esse distanciamento da própria condição humana e da natureza aumenta o sentimento de vazio, que incompreendido pode provocar a descaracterização do sentido das relações entre seres humanos. Grande parte das relações também se tornou relações de interesse utilitário que utiliza a comunicação como uma das armas nessa luta pela submissão e objetivação do outro. Desse modo, necessitamos estar alertas para a intencionalidade e a utilização tanto da comunicação quanto da tecnologia. A questão está no humano, ou seja, nas intenções, nas valorações e nos propósitos como, nós seres humanos, usamos a comunicação e a tecnologia.

Pesquisadores, educadores e estudiosos de várias áreas de conhecimento estão, há algum tempo, alertando a sociedade para a gravidade dessa situação da humanidade. Muitos profissionais dedicam-se a apresentar estudos e propostas que possibilitem um desenvolvimento humano mais integral, por isso investem especialmente na educação transdisciplinar, que pressupõe o aprendizado da atitude transdisciplinar. Nicolescu (1999, p. 128) afirma que: “[...] a atitude transdisciplinar pressupõe tanto o pensamento como a experiência interior, tanto a ciência como a consciência, tanto a efetividade como a afetividade”.

A construção de relações dialógicas se constitui um desses caminhos para a educação transdisciplinar. O aprendizado do diálogo poderá possibilitar o descentramento do indivíduo dele mesmo provocado pelo individualismo e possibilitar a abertura para a individuação proposta pelo personalismo de Mounier. Para esse autor, a preocupação do personalismo “é descentrar o indivíduo dele mesmo para o colocar nas largas perspectivas abertas pela pessoa [...] que surge como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas [...]. As outras pessoas não a limitam, fazem-na crescer”. (MOUNIER, 1974, p. 64).

A perspectiva de personalismo Mounier é eminentemente dialógica. O personalismo se constitui na relação com e para o outro, abrangendo, assim, a condição do ser humano enquanto ser individual e coletivo. Segundo esse pensador, o ser humano só se faz “pessoa” quando interage, se relaciona, se comunica de forma dialógica visando agregar, unir, compartilhar.

Ao longo de sua história, a humanidade passou por vários processos. No período chamado de Idade Média, por exemplo, não se concebia a ideia de indivíduo. Na modernidade, Descartes (1979) retoma o que Sócrates (1987) começou na Grécia antiga e chama a atenção para a necessidade de a pessoa olhar para si mesma, se questionar sobre sua própria existência e reconhecer-se como indivíduo. Nesse momento, desejamos o entrelaçamento entre o indivíduo e o outro. Queremos diálogos, pretendemos realizar a condição humana de sermos indivíduos em relação com. Desejamos ser seres capazes de construir a eco-con-vivência.

Neste capítulo, apresento uma reflexão baseada em estudos de Mounier (1974), Buber (1982), Bakhtin (2004), Bohm (1996), Freire (1970, 1986, 1996), entre outros, sobre a arte de tecer diálogos. Teço ainda um breve comentário sobre a linguagem. Acredito que essa arte devidamente cocriada e vivenciada no cotidiano, nas relações e nas práxis pedagógicas, pode contribuir para a educação, para o desenvolvimento integral e para a formação do futuro educador em uma perspectiva transdisciplinar. Sobre a transdisciplinaridade, diz D'Ambrosio (1997, p. 9-10):

O essencial na transdisciplinaridade reside na postura de reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais correto – ou mais certos ou mais verdadeiros – os diversos complexos de explicações e de convivência com a realidade. A transdisciplinaridade repousa sobre uma atitude aberta, de respeito mútuo e mesmo de humildade com relação a mitos, religiões e sistemas de explicações e de conhecimento, rejeitando qualquer tipo de arrogância ou prepotência. A transdisciplinaridade é transcultural na sua essência. Implica num reconhecimento de que a atual proliferação das disciplinas e especialidades acadêmicas e não-acadêmicas conduz a um crescimento inesgotável de poder associado a detentores desses conhecimentos fragmentados. Esse poder contribui para agravar a crescente iniquidade entre indivíduos, comunidades, nações e países. Além disso, o conhecimento fragmentado dificilmente poderá dar a seus detentores a capacidade de reconhecer e enfrentar tanto problemas quanto situações novas que emergem em um mundo complexo.

3.1 Linguagem e o desenvolvimento humano: breves considerações

Somos abertos ao outro pela linguagem (comunicação), fechados ao outro pela linguagem (erro, mentira); abertos às ideias pela linguagem e fechados às ideias pela linguagem.

Edgar Morin, 2005

A linguagem, enquanto forma de expressão, manifestação e representação corporal, oral, escrita, simbólica, estética, cognitiva, artística etc. revela e vela (em determinadas circunstâncias), constrói e desconstrói sentidos. Significa e ressignifica signos que representam a historicidade humana em seus contextos sócio-cultural-histórico, educacional, econômico e religioso.

Cassirer (2001) a partir de suas pesquisas sobre os primórdios da trajetória da linguagem, afirma que ela se constitui não só como: “signo representativo das ideias, mas também um signo emocional, dos sentimentos e dos instintos sexuais. Já as teorias da Antiguidade sabiam que a linguagem deriva das emoções, do sentimento, do prazer e do desprazer” (CASSIER, 2001, p. 127). A linguagem não é, pois, produto de meras convenções, ela significa um ‘meio’ natural, arcaico de representar, de manifestar, de exteriorizar as sensações, as pulsões dos seres.

Ao evoluir junto com o ser humano, a linguagem encontrou outras formas além da mímica e de outras expressões sensoriais para expressar as multidimensões da condição humana. No cumprimento de sua missão de possibilitar a manifestação das sensações, sentimentos e saberes dos indivíduos, a linguagem foi encontrando mecanismos para que os humanos se compreendessem mutuamente, tornando-se, assim, uma mistura de sensibilidade, intuição e reflexão.

A linguagem se constitui em expressão tanto das ideias e dos pensamentos quanto das emoções e desejos do ser humano. Para Cassier (2001), ela pode ser considerada como um magnífico conjunto de signos utilizados para apresentar ou representar essas peculiaridades humanas. No que diz respeito às relações e às interações humanas, as palavras, os gestos, entre outros, são os principais signos utilizados pelos indivíduos para apresentar e representar muitas de suas peculiaridades. No diálogo, a palavra e as expressões corporais são componentes primordiais para a compreensão e o compartilhamento de visão de mundo, valores e conhecimentos.

Para Bakhtin (2004), a linguagem é ideológica e se constrói nas interações do ser humano com o contexto social e histórico no qual está inserido. A linguagem está carregada da “consciência social”, das relações semióticas e das tensões sócio-histórico-culturais das quais os signos são indícios e espelhos. A linguagem, além de ideológica, é dialética, dialógica. Ela, assim como seus signos, é viva, processual e influencia direta e indiretamente a forma de pensar, de sentir e de agir do indivíduo. Desta forma, a linguagem pode alienar ou desalienar e conscientizar o ser humano a depender do contexto e das inter-relações que ele tece.

Na compreensão de Bakhtin, o “dialogismo” é uma possibilidade de reconhecimento do aspecto interativo da linguagem. O dialogismo se constitui na base de ações constitutivas para a formação de uma nova condição individual, grupal e social do ser humano. Para Brait, o dialogismo bakhtiniano significa:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso existente entre diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva a linguagem. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelo sujeito, que por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. (BRAIT, 1997, p. 98).

Segundo essa autora, o dialogismo é o modo de funcionamento da linguagem, um princípio constitutivo da natureza interdiscursiva da linguagem. Assim, ele acontece entre discursos. O diálogo, como uma manifestação do dialogismo, acontece também entre pessoas. O dialogismo, enquanto constitutivo dos discursos, está presente nas relações entre os indivíduos nos seus processos discursivos. Ele pode ser, assim como o diálogo, um instrumento através do qual o ser humano pode tomar consciência das relações existentes entre ele e o outro e de como essas interações influenciam na formação da individualidade e da coletividade.

Na compreensão de Muniz e Lima (2007), o dialogismo pretende tanto contribuir para que o ser humano possa perceber o caráter ideológico da linguagem e da comunicação para aprender a conhecer e a refletir sobre esta peculiaridade do discurso quanto para ajudar o indivíduo a compreender o caráter tenso, dialético, harmonioso e paradoxal da condição e das criações humanas, traduzidas e manifestadas ou apresentadas em seus discursos. Este aprendizado contribui para que o indivíduo saiba posicionar-se e desenvolver sua individualidade, reconhecendo o quanto do outro existe nas suas representações, significações e em todo e qualquer discurso. O dialogismo e o diálogo promovem a compreensão da importância da reflexão sobre as relações 'o eu e o outro' nos discursos do sujeito, da comunidade, da sociedade e de suas instituições.

Compreendo que a individuação¹ ou a formação do sujeito consciente pressupõe o aprendizado e a prática do diálogo do ser humano com ele mesmo – com seu mundo interior. Sobre essa questão, afirma Dahlet (1997, p. 265): “O ato de consciência não pode ser produzido sem discurso interior [...] está de imediato inscrito numa relação dialógica e de avaliação social”.

O ato da consciência depende da relação dialógica do indivíduo com ele mesmo e com o contexto sociocultural em que vive. Ou seja, depende da interação e da significação que o indivíduo estabelece com a linguagem e com o mundo que o rodeia. Nesse processo dialógico, o indivíduo poderá perceber as polifonias inseridas em sua personalidade e as suas múltiplas “realidades”, bem como as influências recebidas das mais diversas formas.

A velocidade com que todas as pesquisas e descobertas são comunicadas e globalizadas aumenta o risco do uso da linguagem como agente alienador e condutor de mega estruturas ‘globalizantes’ que não respeitam as diferenças locais

¹ Segundo Jung (1975, p. 355): “A individuação significa tender a tornar-se um ser realmente individual; na medida em que entendemos por individualidade a forma de nossa unicidade, a mais íntima, nossa unicidade última e irrevogável; trata-se da *realização do seu si-mesmo* no que tem de mais pessoal e de mais rebelde a toda comparação. Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra ‘individuação’ por ‘realização de si-mesmo’, ‘realização do si-mesmo’. Constato continuamente que o processo de individuação é confundido com a tomada de consciência do eu, identificando-se, portanto, este último com Si-mesmo, e daí resultando uma desesperadora confusão de conceitos. A individuação não passaria, então, de egocentrismo e autoerotismo. O si-mesmo, no entanto, compreende infinitamente mais do que um simples eu...A individuação não exclui o universo, ela o inclui”.

e pretendem reproduzir determinados padrões socioculturais e econômicos para os mais diversos grupos humanos. Entretanto, este mesmo aspecto, se reconhecido em seu caráter dialógico e utilizado como instrumento de reflexão crítica, poderá ser um agente desalienador e veículo de transformações.

Para compreender essas vertentes da linguagem e da comunicação, o indivíduo necessita estar preparado para ler, questionar e analisar a complexidade dos fatos; para saber lidar com os jogos da linguagem e aprender a ler dialogicamente as expressões da linguagem e os textos e contextos nos quais eles se manifestam. O ato de ler (textos, contextos etc.) é, pois, essencialmente dialógico e fundante para a compreensão da condição humana. Na tentativa de possibilitar ao futuro educador meios para que ele possa refletir sobre essa questão, teço algumas considerações sobre leitura dialógica e o sentido dialógico do texto.

A percepção das vicissitudes da linguagem e a compreensão do seu poder sobre cada indivíduo poderão ocorrer a partir da compreensão do caráter interacional da linguagem e seus múltiplos significados e sentidos. Poderia dizer que esse processo de apreensão passa pelo processo de aprender a dialogar com o seu 'próprio' ser (inclusive com a sua linguagem e seu discurso). Requer, também, que se perceba tanto os jogos que permeiam os discursos quanto as influências ideológicas, socioculturais, religiosas, entre outras, e as intenções que os constituem. Assim, compreender a linguagem implica, ainda, em reconhecer as contradições, os jogos de convencimento, de justificação, entre tantas outras articulações discursivas que o ser humano faz, muitas vezes de forma condicionada e inconsciente.

A linguagem não pode ser reduzida a uma só forma ou regra. Ela abrange, participa, interage, influencia e sofre a influência das formas de pensar, de sentir, de agir, de existir e de se relacionar do ser humano ao longo da sua história. Jakobson, prefaciando a obra "Marxismo e filosofia da linguagem", ressalta que, para Bakhtin, as estruturas da linguagem permeiam as interações humanas e podem ser um dos seus instrumentos de mudança e de transformação social. Nas palavras de Jakobson (2004, p. 10):

Segundo Bakhtin, na estrutura da linguagem, todas as noções substanciais formam um sistema inabalável, construindo pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinatador e do destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, a identidade e a variabilidade e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado.

Assim, a linguagem é um constructo de inter-relações, significações, jogos, tensões individuais e coletivas que demonstram o caráter uno e plural do ser humano em seu contexto sociocultural. A linguagem como forma de expressão oral, corporal e escrita é dialógica. Ou seja, é composta pela interação e pelo entrelaçamento de vozes

que cada ser humano incorpora e interioriza de suas vivências e relações familiares, socioculturais, entre outras, no decorrer de seu processo de desenvolvimento. Considerando esse caráter interacional e polifônico da linguagem, percebemos que o discurso é também resultado de teias polifônicas e de interações dialógicas.

Por mais inovadora que seja uma determinada posição ou criação (oral, escrita, técnica...) ela é fruto de uma teia de relações que seu criador apreendeu, incorporou, significou, interpretou em suas jornadas pela vida. Compreendo que este caráter dialógico da linguagem e das demais criações humanas demonstra a condição de inter-relação, de interdependência, de coparticipação e de corresponsabilidade dos seres humanos na movência entre as construções e desconstruções do desenvolvimento da humanidade.

Em um processo educativo, a compreensão do aspecto transdisciplinar da linguagem, bem como a utilização da linguagem de forma transdisciplinar podem contribuir para a compreensão da diversidade e da complexidade da condição humana e possibilitar práticas pedagógicas que respeitem as diferenças e contribuam para a formação de seres humanos mais críticos, reflexivos, dialógicos e éticos. Para Nicolescu (1999, p. 131), “A transdisciplinaridade é simultaneamente *corpus* de pensamento e uma experiência vivida. Estes dois aspectos são inseparáveis. A linguagem transdisciplinar deve traduzir em palavras e ato a simultaneidade destes dois aspectos”.

3.2 Diálogo: a arte do encontro

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens [...]. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens [...]. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.

Paulo Freire, 1970

O diálogo pode acontecer em todas as instâncias da linguagem na medida em que promove encontros. Para Bakhtin (2004), o diálogo é uma das mais importantes formas de interação e de comunicação verbal, seja falada no face a face ou através dos diálogos constituídos na escrita, na leitura, na arte e na vivência do diálogo interior. O diálogo se constitui como uma das formas de interação e comunicação do ser humano tanto do indivíduo com ele mesmo, com suas leituras, suas construções textuais, intelectuais e artísticas quanto entre subjetividades ou entre intersubjetividades.

Aprender a dialogar e a construir relações dialógicas se constituem em pré-requisitos para a eco-con-vivência. Ao aprender a dialogar, poderemos aprender concomitantemente a compreender a condição humana, conhecer os valores

humanos, os sentidos dialógicos da vida, dos textos e contextos do existir. Aprender a dialogar consiste em aprender a realmente se comunicar na perspectiva de Bakhtin (2004) e de Freire (1986) sobre comunicação.

A comunicação muitas vezes se reduz a trocas de informações; a jogos de persuasão de submissão, de afirmação e de poder. Segundo Bakhtin (2004), este tipo de difusão de informação não se constitui um processo de comunicação, pois são formas simplificadas, lineares e mecanicistas de comunicar. Esse processo tenta homogeneizar a comunicação humana que é peculiarmente heterogênea, polifônica e enriquecida pela diversidade de linguagens, que em suas formas diversas, retratam tanto as posições e os papéis sociais quanto a pluralidade cultural e demais expressões da complexidade da condição humana.

Na minha compreensão, tanto para Buber (1982), Freire (1970, 1986, 1996), Bohm (1996), Bakhtin (2004) como para Sócrates (1987), entre outros, o exercício do diálogo representa uma possibilidade para o ser humano aprender a ser “Ser humano”. Esse aprendizado depende de uma escolha interior; da abertura do indivíduo para aprender através da vivência e da prática diária do diálogo consigo mesmo, com o outro e com a vida, bem como da vivência do permanente processo de autoconsciência e da busca da compreensão de cada ser humano como parte integrante e interdependente da humanidade.

Dialogar pressupõe abertura interior, sensibilidade para vivenciar a própria individualidade que já contempla as teias do ser-com-o-outro, amorosidade do indivíduo, a princípio com ele mesmo. Junto-me a Buber para pressupor que a pessoa só consegue encontrar o outro e com ele dialogar quando vivencia o processo de autoconhecimento. Nas palavras desse filósofo, “para podermos sair de nós mesmos em direção ao outro é preciso, sem dúvida, partirmos do nosso próprio interior, é preciso ter estado, é preciso estar em si mesmo” (BUBER, 1982, p. 55).

O diálogo e o autoconhecimento são complementares, interdependentes e são processos que não fluem através de imposições externas. O indivíduo necessita querer aprender a ser um dialógico aprendiz do si mesmo. Assim, essas vivências representam um constante desafio motivado pelo desejo de experienciar e de promover a vivência da interação, do encontro ou de comunhão entre indivíduos. Sem o acontecimento do diálogo, a comunicação entre pessoas se dá como um ato informativo ou como uma discussão, onde, geralmente, cada indivíduo quer apenas afirmar a sua ‘verdade’ ou impor a sua opinião.

O diálogo vai além do aspecto puramente lógico (na perspectiva da lógica formal) e factual das coisas e da vida; dialogar é buscar compreender e, portanto, envolve sensibilidade, cognição e intuição. No processo dialógico, o que se pretende é aprender e compartilhar ideias, sentidos, significados. A discussão dispersa, invalida o outro, gera constrangimento. Enquanto no diálogo, a intenção é gerar interação, buscar a compreensão e a tessitura de novas possibilidades.

A discussão é geralmente mobilizada pelos impulsos e pelos valores mercadológicos instituídos pela sociedade. Os apelos impositivos mascarados pelo exercício da persuasão, culminam, algumas vezes, em agressões verbais. Esses apelos representam uma das formas de materialização da necessidade criada pela sociedade de produção e consumo, de se ter poder sobre as coisas, as teorias, as pessoas e a natureza. Nessa forma de comunicação ou de informação, o outro é visto e tratado como objeto a ser persuadido, conquistado ou usado. Bohm (199-?) compara a discussão a um jogo de pingue-pongue no qual as pessoas estão sempre rebatendo as considerações do outro, tentando afirmar a sua ideia, 'ganhar mais pontos' e vencer a discussão, que, dessa forma, mais parece uma guerra de opiniões.

Nessa batalha, o jogador pode até fazer alguma concessão ao perceber que, usando parte da perspectiva do outro, terá mais oportunidade de afirmar, impor a sua opinião e a sua vontade. Na discussão, o que está em questão não é a construção de conhecimento ou a vivência de um processo de interação entre seres com interesses comuns. Mas, a disputa pelo poder, o desejo de autoafirmação e de imposição da opinião individual, ainda que sem nenhuma fundamentação teórica ou sem nenhum valor que possa ser agregado pelo outro ou pelo grupo.

O processo do diálogo, segundo Bohm (1996), é o inverso da discussão. Na discussão, o jogo consiste em um ganhar e o outro perder. No diálogo, o que interessa é ganhar com. O jogo consiste em 'embates' para usar um termo próprio para a ação de jogar, visando uma construção dual ou grupal. Essa afirmação, na nossa sociedade que pratica a competitividade selvagem, chega a ser absurda, pois no processo do diálogo o interesse pessoal vai além da conquista individualista, ele prima pela construção de algo novo ou pela inquietação e desejo de repensar.

Fazendo um parêntese, algumas organizações empresariais que, de certa forma disseminaram e supervalorizaram a discussão para fomentar a competitividade, estão investindo em atividades formativas para ensinar os seus executivos a aprender a dialogar. Essas instituições estão percebendo que para continuarem competitivas necessitam repensar ou redirecionar essa valorização. O *slogan* é: 'se a empresa ganha, todos ganham juntos'. Sem querer fazer juízos de valor, pois o diálogo em organizações empresariais não é o foco, só gostaria de salientar que podemos citar essas novas estratégias do mercado de trabalho para sensibilizar os educandos e, assim, promover uma reflexão sobre os valores e as atitudes que mobilizam as discussões e os diálogos.

Voltando à abordagem sobre o diálogo e a discussão, o diálogo possibilita agregação, interação e compartilhamento. Nesses processos, ganhos apenas individuais não são o mais importante, o que interessa é a participação, a construção, o aprendizado e a comunhão entre os participantes. Segundo Bohm, no ato do

diálogo não existe a intenção ou a tentativa de ganhar pontos ou de privilegiar uma visão particular, específica. Ao contrário, existe a compreensão de que sempre que se questiona qualquer incongruência todos podem ganhar. Essa situação é denominada ganha-ganha, enquanto no jogo da discussão acontece o ganha-perde – se eu ganho, você perde. Assim, Bohm (199-?, p. 3) diz: “Um diálogo é algo mais que uma participação comum, na qual não estamos jogando um *contra* o outro, mas *com* o outro. Num diálogo, todos vencem”.

Viver apenas a dimensão objetivista da racionalidade materialista da condição humana deixa a plasticidade da razão aprisionada, perde-se parte da riqueza e da beleza de novas relações, da criação de outros e novos sentidos para o existir. A linearização exacerbada compromete a compreensão e a experimentação tanto dos múltiplos sentidos que a relação com as coisas pode propiciar quanto das outras dimensões do humano, a exemplo da estética, da espiritualidade.

Compreender as dualidades do ser humano pode possibilitar a compreensão da complementaridade e da contínua tentativa de equilíbrio conflitual que existe entre questões que a princípio parecem excludentes: corpo e espírito; alegria e tristeza, entre outras interpolaridades da vida.

O ato dialógico acontece na esfera individual e coletiva. Nele a pessoa quer expressar a sua opinião, mas deseja, também, ouvir, aprender e compartilhar. Assim, acredito que aprender a dialogar representa um aprendizado de formação e autoformação do ser humano, essencialmente para o educador e para futuro educador. Quanto à presença do outro no ato dialógico, diz Mounier (1974, p. 67- 68).

Tratá-lo como sujeito, como ser presente, é reconhecer que não posso definir, nem classificar, que ele é inesgotável, pleno de esperanças, esperanças de que só ele dispõe; é acreditar. Desesperar de alguém é desesperá-lo. Ao contrário, a crença que a generosidade permite é infinitamente fecunda. É apelo ‘invocação’ (Jaspers), e esse apelo conforta. [...] O amor plenamente realizado é criador de distinções, é reconhecimento e afirmação do outro enquanto outro.

Encontrar-se com o outro no diálogo, estar presente na relação requer deixar-se afetar pela sensibilidade que nos permite sentir e reconhecer que assim como o Eu, o outro ou o Tu, também, representam um campo inesgotável de gratas e não tão gratas surpresas. Encontrar-se com implica deixar-se invadir por valores humanos primordiais como a solidariedade, a coragem, a temperança, o amor, entre outros.

Essa capacidade de reconhecer a si mesmo e ao outro em sua alteridade vai sendo conquistada quando compreendemos a nossa condição de ser humano. Para Lima (2007), essa conquista consiste em uma das prerrogativas da vivência do processo de autoconhecimento. Esse processo possibilita a percepção de que a diversidade integra ou faz parte da unidade. Ou seja, compreende-se que somos iguais enquanto parte da raça humana, apesar de diferentes enquanto subjetividades, individualidades. A compreensão do copertencimento e da interdependência requer generosidade e amor. Esses valores precisam atuar para abrir em cada indivíduo um espaço interior, um caminho para uma nova possibilidade de interação, de relação entre as pessoas.

O processo de autoconsciência através do movimento dialógico se dá no acontecer da existência do indivíduo com as suas relações objetivas, subjetivas e intersubjetivas; com seu mundo interior e exterior; com a linguagem, os discursos; com os outros seres humanos; com a vida e seus mistérios e com a natureza.

O termo “diálogo” é originário do grego “*díade*” (através de) + *Logos* (verbo, palavra, discurso que consagra um desvelamento, um significado). Soares (2002) compreende que esse significado se move através da linguagem verbal, gestual, silenciosa, visual, auditiva, emotiva, afetiva, sexual entre outras. O diálogo pelo próprio sentido etimológico se constitui como uma ação transdisciplinar. Uma interação de sentidos apreendidos e compartilhados através da linguagem.

Para Muniz e Lima (2007), a etimologia da palavra diálogo sugere que a atividade tem por base o texto ou discurso como construção de sentido já que “logos” é do âmbito da linguagem como sentido que é a propriedade definidora de texto (do latim *textu*, aquilo que é tecido).

As tessituras dialógicas desestabilizam alguns posicionamentos e geram angústia, que, por sua vez, instiga o indivíduo a buscar o saber. Essa inquietação, esse desejo de conhecer nos remete para a atitude filosófica. Com o exercício da atitude filosófica, o indivíduo vê-se enredado em um processo cíclico e dialético de dúvida, questionamento, investigação, compreensão, discernimento, aprendizado, criação que faz desse ser humano um aprendiz, um ‘ser com o outro e com o mundo’ no caminho da eco-con-vivência.

O diálogo pressupõe, também, uma ação hermenêutica através da qual ocorre a interpretação e a compreensão dos textos (no sentido amplo do termo) tanto pessoais quanto de outros. Segundo Gadamer (1997, p. 561), essa ação não depende do domínio correto da língua, “mas do correto acordo sobre o assunto, que ocorre na *médium* da linguagem”. Considero que a palavra acordo é utilizada pelo autor no sentido encontrado no dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2002) como: comunhão de ideias, sentimentos etc.; entendimento recíproco; concórdia, harmonia e sugere uma conversação.

A perspectiva de conversação de Gadamer (1997, p.561) se aproxima da minha compreensão de diálogo, principalmente no início do seu aprendizado. Para esse autor, faz parte de verdadeira conversação a disposição para atender realmente ao outro e “deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido de que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que diz. O que importa que se acolha é o direito de sua opinião”.

A fala de Gadamer é fundamental para compreendermos a importância da hermenêutica nos processos de interação. Essa abordagem sobre a necessidade de compreensão e do acolhimento da opinião do outro se constitui fundamental

no processo de aprender a dialogar. Com o exercício do diálogo, esse acolhimento pode se tornar mais abrangente e alcançar a aceitação do outro em sua alteridade, como semelhante. Parte diferente de um mesmo todo.

O termo diálogo propicia, ainda, a ideia de desvelamento (uma manifestação do que estava velado, um descobrimento do real) de significado e do sentido de todas as peculiaridades, expressões e potencialidades do ser humano ou da questão em investigação. A compreensão do desvelamento e do acolhimento revelam que a diversidade não exclui a relação com o outro. As diversidades podem ser complementares. Os seres humanos são antagônicos em algumas dimensões e semelhantes em outras. Para Freire (1996, p. 115), o aprendizado e a prática do diálogo podem gerar uma nova forma de relação humana:

Uma relação horizontal de A com B nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso o diálogo comunica. E quando o dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

A palavra comunicação assume sentidos diversos, sendo atualmente muito empregada como transmissão de informação e considerando os veículos da comunicação como receptor, transmissor e mensagem. Esse aspecto do comunicar tem uma importante e imprescindível função na vida do ser humano. Entretanto, a perspectiva de Freire com a qual comungo, remete a etimologia latina do termo comunicação que quer dizer ação de comunicar, de dividir, de partilhar. A comunicação através do diálogo pretende, assim, uma ação comunicativa que vai além do ato de informar.

Freire (1996), a partir da interação com Jaspers, afirma que o diálogo é o caminho indispensável a ser percorrido pelo ser humano e contribui para o conhecimento, a significação, a formação (criação e recriação) e a ordenação de todos os sentidos do ser humano e de sua existência, individual e coletiva, nas instâncias política e sócio-cultural-histórica. Assim, o diálogo ou o movimento da ação dialógica requer dos atores envolvidos nessa ação tanto a realização contínua de vivências de autoavaliação, de auto-observação quanto a conscientização das próprias condutas, valores, conceitos, comportamentos etc.

Compartilho com Freire (1996, 2004) a ideia de que a humildade (enquanto, virtude caracterizada pela consciência das próprias limitações; modéstia e simplicidade) e o amor são valores imprescindíveis para a vivência do diálogo. Esses valores e as atitudes deles decorrentes possibilitam a abertura para investigar, para ouvir, para validar e para compartilhar significados e sentidos, condutas fundamentais no ato dialógico. Isso pressupõe, portanto, a vivência de um processo comunicativo, interacional e horizontal, necessariamente cuidadoso e amoroso.

Essa inter-relação entre o diálogo e a atitude amorosa me faz refletir sobre qual tipo de amor esses autores estão tratando. Percebo que não se trata do amor *eros* e sim do amor *ágape* do amor pela humanidade. Por exemplo, o desejo e o comprometimento radical de alguns educadores com a formação de seus educandos. Esse sentimento pode fazer com que o educador ou outra pessoa comprometida com o desenvolvimento humano se comprometa e invista em aprender a dialogar para contribuir na construção de relações dialógicas e horizontais.

Buber (1982) reflete sobre essa questão do amor e salienta que uma interação dialógica pode acontecer sem esse valor ou sentimento desde que existam outros valores primordiais como a tolerância e o respeito. Para exemplificar, afirma que até Jesus Cristo estabeleceu relações com diversos tipos de pessoas sem, talvez, ter amado a todas. Mas, o amor é necessariamente dialógico, já que a sua experiência requer estar-com; abrir-se para; deixar-se envolver e afetar pelo outro. O alicerce desse tipo de encontro é a amorosidade. Poderia dizer, assim, que quanto mais dialógica for a pessoa, maiores possibilidades ela terá de aprender a amar? Sobre a questão do amor, diz Buber (1982, p. 55).

Eu não sei de ninguém, em tempo algum, que tivesse conseguido amar a todos os homens que encontrou. Mesmo Jesus amou, manifestadamente, entre os 'pecadores'. Somente os desprendidos, os amáveis, os que pecavam contra a lei, e não os impermeáveis, presos aos seus patrimônios, que pecavam contra ele e a sua mensagem; no entanto, ele permanecia num relacionamento direto tanto com os primeiros como com os últimos. A dialógica não pode ser comparada com o amor. Mas o amor sem a dialógica, isto é, sem um verdadeiro sair-de-si-em-direção-ao-outro, sem alcançar-o-outro, sem permanecer junto-ao-outro, o amor que permanece consigo mesmo, é este que se chama Lúcifer.

Construir relações humanas dialógicas e horizontais e servir como cimento para a religação dos seres humanos, eis aí o aspecto que dá ao diálogo um caráter e um poder revolucionários. Será que essa revolução pode ser vivenciada por cada ser humano mesmo nessa sociedade egocêntrica, consumista e individualista na qual vivemos? Será que o despertar dos valores primordiais pode sedimentar as pontes dessa passagem?

Sabemos que não será fácil nem rápido desconstruir o 'paradigma do ter' e libertar-se da vivência do "amor ensimesmado" que, segundo Buber, se chama Lúcifer para valorizar e vivenciar a alteridade. Esse é um processo de transformação que pressupõe mudanças radicais na estrutura sociocultural, valorativa, mental e emocional das pessoas; na formação do educador e na educação e nas estruturas sociais, ideológicas e políticas da sociedade.

É por considerar esse poder transformador do diálogo que Freire (1996), entre outros educadores, afirma que este deve ser um dos pilares para a formação de sujeitos participantes, criadores, recriadores de si mesmos, da sua realidade e para a formação de cidadãos (ãs) que sejam capazes de compreender e compartilhar significados e sentidos.

O compartilhamento de sentidos só é possível quando o indivíduo tem consciência de que as suas ‘verdades, crenças e opiniões pessoais’ são resultantes das suas interações com o(s) outro(s) e com o contexto sócio-cultural-histórico. Assim, essas opiniões pessoais se constituem apenas algumas entre as diversas formas de compreender e de interpretar uma determinada realidade. Logo as opiniões e as crenças individuais não são ‘verdades absolutas’ e não são ‘exclusivamente de uma pessoa’. O posicionamento do outro, na vivência do diálogo, precisa ser recebido, validado e respeitado como uma contribuição para o aprendizado de todos os participantes do diálogo.

Com humildade, afeto, exercício, esforço, força de vontade, coragem (ação do coração) e respeito por si mesmo, pelo outro, o indivíduo poderá sair ou distanciar-se da “programação psicológica”², do seu eu pessoal, para calar, ouvir, suspender seus preconceitos e julgamentos. Desse modo, poderá aceitar e respeitar o outro na sua forma singular de ver, interpretar e expressar o seu entendimento dos fatos, do mundo, da vida e com ele dialogar.

O diálogo é circular, é um tecido construído por interações nas quais não se pretende ponto final, mas, pontos de continuação. Novas possibilidades de reflexão, de aprendizados e de tessituras. Ele é, também, um meio para o ser humano aprender a se autoconhecer, a se comunicar e a se expressar de forma reflexiva. O diálogo é um lugar no qual cada pessoa se sente livre para apresentar os seus posicionamentos e aberta para ouvir o ponto de vista do outro e para compreender e viver o ‘equilíbrio conflitual’. Assim, o ato dialógico possibilita e é possibilitado pelo reconhecimento da alteridade. O exercício do diálogo tanto do indivíduo com ele mesmo quanto como um meio de interação em grupo demanda o aprendizado do respeito, da compreensão, do reconhecimento e da valorização da diferença e da abertura para escutar a si mesmo e ao outro.

Nesse processo aprendente, o sujeito percebe que suas falas, pensamentos, conceitos, preconceitos, discursos, crenças e ideologias são, na realidade, parte de um constructo polifônico de conhecimentos humanos por ele internalizados, recriados e aos quais ele atribuiu sentido de acordo com sua historicidade. Através desse aprendizado, o indivíduo reconhece que seus saberes são construídos a partir, inclusive, de referências arquetípicas ancestrais comuns a outros seres humanos.

Essa compreensão poderá possibilitar a reflexão sobre o egoísmo; a separatividade; a existência de polos contrários e complementares nos seres humanos; o altruísmo e a interdependência. Considero esse aprendizado como uma porta

² “Programação psicológica consiste numa estrutura coletiva e ancestral que condiciona o ser humano, tornando-o ‘autoignorante de si mesmo’ que também não sabe ‘ver e ouvir o outro como outro’ e gera seres humanos e relações humanas ‘doentes’”. De acordo com a autora, a programação psicológica: “[...] submete-escraviza o ser humano ao vício de uma existência movida por atitudes reativas, motivadas pelo condicionamento do preconceito, da alienação, da ânsia de poder, da inveja-ciúme, da comparação, da competição, da projeção do vir-a-ser, da exigência de se obter logro nas relações com o outro, na vaidade-soberba ontológica alicerçada na ilusão da separatividade humana” (SOARES, 2002, p.1).

para o estabelecimento de relações de reconhecimento, respeito e validação das diferenças, de cuidado e de valorização do outro enquanto outrem, e não como instrumento, objeto de desejo e de realização pessoal.

O exercício do diálogo honesto e radical do indivíduo com ele mesmo; a escuta atenta dos próprios discursos mais íntimos e, como diz Bakhtin (*apud*, DAHLET, 1997, p. 67): “o fluxo do discurso interior [...] os discursos mais íntimos são também de parte a parte dialógicos”. Os diálogos com o(s) outro(s) levam a uma atitude de abertura, a uma consciência de ser-com; de copertencimento ao grupo sem perda da individualidade.

Dialogar com o próprio discurso, compreender os sentidos ideológicos, sociais, culturais e históricos que tecem esse discurso podem possibilitar o aprendizado do diálogo com os outros textos expressos em suas mais diversas formas. Esse exercício desenvolve a capacidade de analisar, refletir, discernir e con-viver compreendendo a complexidade da condição humana, complexidade essa expressa nos textos produzidos pelos seres humanos e com os quais devemos aprender e compartilhar.

O ato e a relação dialógica vão além do pensar de forma lógica e formal. Esse ato necessita da Razão-Sentido (ARAÚJO, 2008) que abarca a singularidade e a pluralidade do ser humano e de seus saberes. Dialogar é, também, compreender em si mesmo e nos outros a sensibilidade, a afetividade, as emoções, as tradições, as dores, os sabores, os conflitos, as tensões, os saberes tácitos, as intuições, as experiências religiosas e místicas. Viver de forma dialógica é procurar ‘ser aprendiz de si mesmo’³ e da vida com e para o outro e o mundo. Assim, recorro a Brandão para pressupor que esse aprendizado é fundamental para a educação. Sobre a importância do diálogo para a educação diz Brandão (2005, p. 55-56):

Existe um absoluto na educação? Sim. *O diálogo*. Pensá-lo nunca como algo instrumental, como um meio para se chegar a algo, pedagógica ou humanamente, pois o diálogo não é um método e não é uma estratégia. Ele é uma finalidade. Ele é aquilo que nos conduz a algo porque é o destino de todos os caminhos. ‘Paz’, ‘amor’, ‘harmonia’ são os nomes que a experiência do diálogo fecundo entre nós e entre nós e todos os círculos dos seres da vida tomam para significar os seus vários matizes. Assim, entre nós educadores, o diálogo é um princípio de valor, não pode ser reduzido a um meio de atuação, pois ele é o próprio sentido do trabalho da educação.

³ Para Lima (2007), ser aprendiz si mesmo implica abrir-se para aprender a ser Ser humano, para olhar-se, ouvir-se, questionar-se, compreender-se, amar-se, transformar-se; e perceber-se enquanto: ordem e desordem, pares de opostos na busca da harmonia, caos e estrela, velar e desvelar, desconhecido e conhecido, singular e plural, uno e múltiplo. Percepção essa, que acontece no movimento das relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo. Ser aprendiz de si mesmo é compreender o seu caráter de participante, corresponsável, interatuante e interdependente dos demais seres humanos, do cosmo e do divino. Ser aprendiz de si mesmo é, também, aprender dançando a(s) música(s) da vida, significando e responsabilizando-se por cada passo. É mergulhar ou surfar nas ondas das relações no e com o mundo. É aprender a segurar o mastro da nossa pequena embarcação na imensidão da existência humano/divina tanto nos momentos que se apresentam com “calmaria” quanto nos que se apresentam como “turbulência”. É aprender a aprender a viver e a se relacionar.

3.3 Dialogar, entrelaçando palavras

A sabedoria é um jogo inútil sem o poder das palavras [...]. Minha palavra é o pequeno que conquista o grande.

Martin Buber, 2000

Ao dialogar, estamos continuamente tecendo falas, argumentações, construindo textos (orais, escritos, visuais, entre outros), compondo tessituras e usando as palavras. Dialogar pressupõe saber usar, ou melhor, saber lidar com a palavra, que segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1967), vem do grego *parabolé* – comparação, aproximação; daí parábola, discurso alegórico; encontro.

A forma corriqueira e mesmo automatizada como utilizamos as palavras faz com que muitas vezes não paremos para refletir sobre a sua significação. A palavra carrega em si a força do que representa. As palavras estruturam e dão forma aos pensamentos e aos sentimentos, elas são permeadas por essas forças do humano e as materializa tanto quando são ditas quanto quando são pensadas e caladas.

Essa força da palavra pode ser confirmada ao observarmos as causas e as consequências de seu uso. Pela observação, se percebe o quanto a palavra pode, como diz Epicuro (1980), curar ou envenenar, tal é o seu poder. Esse poder depende do contexto, da forma e da intenção de quem a emprega e de como ela é utilizada. As palavras podem abrir ou fechar as portas para o encontro entre pessoas. Minha intenção não é fazer uma análise aprofundada sobre o aspecto linguístico da palavra, só pretendo refletir, de forma breve, sobre a sua importância para o diálogo. Segundo Bakhtin (2004, p. 36-37), a palavra:

É o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social e pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.

Uma mesma palavra pode significar simbolizar e dizer coisas diferentes. Por isso, a relevância da compreensão da função ideológica que a palavra está desempenhando no discurso e no diálogo. Muitas vezes, faz-se necessário explicitar o que a palavra usada está significando para o falante no momento da fala. Buscar saber o que a pessoa quer dizer ao verbalizar determinada palavra ou expressão, poderá evitar mal entendidos e minimizar conflitos. No diálogo, a mesma palavra pode ser usada e compreendida de forma diferente em contextos mutuamente conflitantes. Assim, uma palavra ou um termo linguístico assume sentidos diversos a depender do significado especial adquirido na trama de uma dada relação. Exercitar a atenção ao sentido que atribuímos às palavras tanto ao empregá-las quanto ao escutá-las faz parte do aprendizado do diálogo.

A palavra ao ser proferida carrega em si não só um caráter linguístico, mas a força da emoção e dos valores que são internalizados pelo falante. Tais forças comunicam com a pregnância da sensibilidade que ecoa no ouvinte e despertam nele sensações, emoções que a depender de seus valores darão uma resposta de validação ou reprovação, resposta essa, percebida nos juízos e posicionamentos consequentes. Poderia, então, afirmar que a palavra, enquanto veículo da linguagem ou da expressividade humana, possibilita a manifestação da condição humana? Cuidar da forma como dispomos e articulamos as palavras em nossos discursos inclui cuidar tanto da articulação racional quanto da manifestação das nossas emoções e valores. Tais cuidados são possibilitados com o comprometimento com o nosso processo de autopercepção, de autodesenvolvimento e autogestão.

A compreensão dos sentidos e da construção ideológica dos ‘temas dos signos’ (segundo Bakhtin, cada signo constituído possui seu tema) como representação de contextos, pressupostos, valores históricos, sociais e religiosos e como um índice de valor social é importante porque eles, enquanto criações sociais são incorporados pelos indivíduos em suas representações mentais.

A palavra enquanto constituinte da linguagem retrata contextos e representações da visão de mundo de seus criadores. Entretanto, no movimento dialético e histórico da própria humanidade elas, quando incorporadas à cultura, podem se tornar independentes da mesma, passando a fazer parte do jogo da linguagem. Nesse jogo, a depender do caráter e do interesse do jogador, a palavra pode construir teias que estejam a serviço da humanidade ou de interesses individuais e de grupos específicos. Nesse movimento, novos sentidos são criados. Atualmente, percebemos que muitas palavras com significações originárias valorosas foram empobrecidas, como, por exemplo, algumas palavras que representam os valores humanos primordiais.

No diálogo, essa percepção da palavra e da linguagem como constituintes da trama da existência humana contribui para a possível tomada de consciência de que questões, valores e ‘verdades’ defendidos apenas como referências individuais são verdades socioculturais e estão atendendo à necessidade de determinados interesses social, econômico e político, que muitas vezes precisam ser revistos. A compreensão do sentido dado à palavra é fundamental no processo de comunicação e relação dialógica. Como diz Bakhtin (2004, p. 132): “Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação”.

A polissemia das palavras gera tensões e conflitos. O diálogo, por ser um processo criativo, não nega o questionamento e a tensão, ao contrário, instiga o dialogante a assumir uma atitude filosófica e a buscar compreender o contexto a partir dos sentidos atribuídos por cada subjetividade sobre o tema em questão.

O poder da palavra, segundo Cassirer (2001), provém dos efeitos mágicos que se vinculam a ela pela força do ser que ela simbolicamente representa. Desse modo, o uso da palavra dá ao indivíduo a posse “simbólica” das formas do objeto representado, como se o mundo das palavras e das coisas fossem um só e inseparáveis. Por isso, talvez, os ditos populares afirmam que a palavra tem poder. No diálogo, usamos primordialmente palavras, discursos, entre outras formas de comunicar.

A palavra carrega não uma mera referência de algo, ela traz em si a força das interações, das contradições que constituiu e constitui esse ‘algo’ que ela simboliza. Talvez por isso sua força, sua movência e sua polissemia. Usar as palavras com sabedoria no sentido de buscar a abrangência do seu significado para o contexto sem reduzi-la a particularizações simplistas, se constitui uma das artes do diálogo como instrumento de criação. Sobre essa questão, Lévinas (2001, p. 85) diz que: “Somente, então, quando os sentidos opostos das palavras tiverem sido compreendidos e inter-relacionados desta maneira, poderá a palavra tornar-se o fio condutor do conhecimento”. O diálogo significa um fértil terreno para que a palavra possa frutificar.

Palavra é inerentemente, móvel, flutuante, ambígua, sem que isso a torne ou faça com que o ato comunicativo, ao utilizá-la, seja ineficiente, e sim um manancial fluente de possibilidades que cuidadosamente utilizado expressa a complexidade, a plasticidade e a riqueza dos seres humanos e do cosmo. Assim, a própria inteligência nos alerta para cuidar dos usos particulares da palavra; ela nos move a buscar uma compreensão mais sistêmica de suas múltiplas significações. Conhecendo as suas inter-relações, poderemos compreender e contextualizar.

As palavras tanto contribuem para divulgar e aprimorar os conhecimentos construídos pela humanidade ao longo da sua história quanto podem obscurecer e desvirtuar um conhecimento a partir do seu uso indevido para atender aos interesses de determinadas perspectivas políticas e mesmo religiosas. A intenção da atitude dialógica não é de justapor conceitos e simplesmente aceitá-los ou negá-los, mas é de possibilitar a reflexão sobre conceitos, temas, palavras, signos, sentidos, situações e contextos.

A enunciação é produto da interação entre indivíduos e a sua eficiência ou realização vai depender do tipo de relação que existe entre os sujeitos. Depende ainda da forma como cada um, em seu papel sociocultural, faz uso da palavra no momento do ato dialógico. Assim, diante de pessoas com contextos socioeconômico e cultural diferentes, saber usar a palavra, saber expressar-se de forma a se fazer compreender é tão fundamental quanto saber ouvir, acolher e validar o outro e seu discurso. Nas palavras de Bakhtin (2004, p.112):

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estritos (pai, mãe, marido, etc.).

A palavra é uma espécie de ponte entre dois falantes que dialogam. O diálogo é como pontos de uma teia que está sendo tecida. No primeiro momento do ato dialógico, o ponto A tem a palavra e faz uso dela para defender e apresentar a sua opinião. Mas, outros pontos precisam ser dados para compor a teia. Nessa tessitura dialógica, a palavra é passada para B, C, E, e quantos mais desejar. Nessa contextura, são compartilhados saberes e sentidos com cores, tamanhos e formas diversas. Com a interação entre as diversidades, as criações acontecem e a arte da relação dialógica se faz remexendo, desconstruindo, construindo, criando sentidos, saberes, tensões e deixando inquietações.

A riqueza dessa troca só é possível se no momento em que A estiver tecendo o seu ponto, B, C, E estiverem atentos, validando A e vice-versa. Assim, a interação acontece e significados são compartilhados. Esses compartilhamentos serão os motores para novas compreensões, novos saberes e novas construções. Entretanto se B, C e E estiverem murmurando previamente, julgando, não poderão compreender os sentidos e significados de A, já que eles estarão fechados neles mesmos. Nesse momento, o diálogo é interrompido.

A escuta, a validação e “[...] a recepção ativa da fala de outrem, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo” (BAKHTIN, 2004, p. 146) são primordiais. Só compreendendo o significado de enunciação ou das palavras de alguém é que se pode dialogar com ela sobre o tema em questão. É a partir da compreensão, da fala ou do discurso de outrem que a interação e a significação acontecem e geram questionamento e reflexões sobre o que está sendo dito.

Na nossa sociedade com o imperativo individualista de produção e consumo, escutar pode ser considerado como perda de tempo. Por que não repensar essa postura, voltar-se para a simplicidade do ouvir? Exercitar a escuta implica uma intencionalidade, que demanda mais do que disponibilidade, requer atenção e presença perante o outro.

Na construção cotidiana das relações dialógicas, o bom uso da palavra, assim como o bom uso do pensamento, como diz Pascal (2003), é fundamental. Para Maffesoli (1988, p. 37): “As palavras, do mesmo modo, fazem parte de nossa instrumentação – a qual, de resto, inclui ‘pequenos truques’ e habilidades de ‘saber fazer’ (ou saber dizer)”. Dizer de forma cuidadosa e buscar compreender o dizer do outro são aprendizados do processo do diálogo.

Ainda com relação aos cuidados com o uso das palavras em nossas conversações, a entonação dada às expressões merece atenção. Como diz Bakhtin (2004), tanto a entonação quanto a enunciação do discurso indicam a intenção do falante, por exemplo, tolerância, abertura ou autoritarismo, fechamento. Essa postura influencia o curso da comunicação. O tom utilizado pelo falante ao expressar-se provoca um comportamento correspondente nos demais participantes do processo.

Para que o diálogo aconteça é, pois, fundamental a recepção ativa do discurso de outrem e a apreensão desse discurso pela consciência de quem participa do ato dialógico como forma de discurso interior para uma posterior “possível” réplica. A forma como a fala é proferida, também, sofre influência do contexto sociocultural e do nível de conhecimento do falante. Aqui está mais um desafio do diálogo: tentar, na medida do possível, abarcar a diversidade e compartilhá-la. Essa conquista terá dificuldades para ocorrer, enquanto a comunicação horizontal, como propõem Bohm (1996) e Freire (1970, 1986, 1996, 2004), não acontecer.

No diálogo, a diversidade é não só respeitada como também acolhida, compartilhada, entendida como fator de aglutinação de possibilidade de expansão do conhecimento. A palavra, enquanto possibilitadora do diálogo, permite que as coisas se mostrem como são ou não. Ela, a palavra, permite ainda, que o estado afetivo, sensível, técnico, racional, entre tantos outros possíveis, se faça verbo e possam ser apreendidos. Sobre a palavra, Critelli (1996, p. 76) diz: “A palavra acolhe, guarda, conserva e expõe o ser. Fora das palavras, as coisas podem até mesmo estarem por aí, mas não são o que são e como são”.

Pensando o uso das palavras como uma possibilidade de semear, que façamos, então, como semeadores que escolhem as melhores sementes, que cuidam do solo para receber as sementes e que continuam o trabalho, regando a terra em que as sementes foram semeadas para alimentá-la até que estejam prontas para crescer e florescer. Poderia dizer que essa seria mais uma das tarefas do ato de educar? Mas, essa não seria uma tarefa de muita responsabilidade para o educador? Mas, como ser educador sem assumir o compromisso de responsabilizar-se por suas sementes? O processo educativo é amplo, complexo e envolve vários seres que assumem cada um seu papel nesse processo. A responsabilidade é de todos os envolvidos (educando, família, estado, sociedade, professor/educador, escola, religião e por que não incluir as mídias em suas diversas formas). Penso que cabe a cada um assumir o seu compromisso, ainda que outros não o façam.

3.4 Texto e diálogo

O sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele no curso de uma interação.

Ingedore Koch, 2005

O texto se constitui em uma tessitura dialógica e interacional. O texto desperta sentidos e o diálogo entre ele e seu criador, ou ouvinte, ou leitor, ou observador tece aprofundamentos, revisões e/ou novas construções de sentidos. Como dialogamos, usando textos, achei pertinente fazer algumas considerações sobre o sentido dialógico

do texto. Só compreendendo o significado da enunciação de alguém é que podemos dialogar. É a partir da compreensão de uma proposição ou de um texto que a pessoa pode tecer considerações sobre o que foi ou está sendo dito. Nesse jogo de compartilhamentos, a interação e o diálogo acontecem. Os textos compartilhados nesse jogo dialógico da linguagem são expressos nas palavras e nas posturas corporais de quem fala. A compreensão de um texto envolve a cognição, a sensibilidade e a vontade dos seres humanos.

Em função de anos de supervalorização da linguagem escrita por nossa sociedade, quando se fala de texto a primeira imagem que se apresenta em nossa mente é de algo escrito (um livro, uma matéria de jornal...). Essa supremacia do texto escrito é resultado da razão moderna e contemporânea, que nas palavras de Vernant (*apud* PESSANHA 1994, p. 8), “se afastou da língua falada para se voltar para a linguagem matemática. Edificou uma lógica do número e da quantidade em lugar de uma lógica do conceito e da qualidade [...]”.

Para Muniz e Lima (2009), o texto é compreendido como uma teia articulada de conhecimentos tecidos com fios de vários sistemas de saberes polarizados em disciplinas. Um texto se constitui em um veículo de construção, elaboração e transmissão de conhecimentos, sendo que agrega saberes múltiplos. O texto atua na fronteira de vários saberes e/ou disciplinas fazendo uma interface, uma interpolaridade através de interações dialógicas.

Independente da natureza, o texto que consegue manifestar pensamentos e despertar reflexões, diálogos e interações contribui para o processo de desenvolvimento humano. Assim, ao tratar das ciências humanas, ele consegue estabelecer contatos dialógicos e tensitivos entre pares de opostos, como a verdade e o erro; o certo e o errado; a ciência e a ficção; a razão e a emoção, o indivíduo e o outro; o sujeito e o objeto; o belo e o feio, contribuindo para a compreensão da condição humana. Com essas tensões, o texto dialógico aproxima teorias e possibilita a compreensão dos contrários próprios da existência.

O texto se constitui como um fazer humano construído com o tecer, o entrelaçar de saberes humanos instituídos tanto nos aspectos científico e acadêmico quanto nos saberes religiosos, mitológicos, culturais, artísticos e os ditos do senso comum ou saberes populares. Esses saberes populares são geralmente transmitidos de forma oral e considerados pela ciência ‘dura’ como pouco valiosos.

As práticas de leitura e construção de texto utilizadas na maioria das escolas seguem uma lógica instrumental e só valorizam os textos escritos indicados na matriz curricular do curso. Essas indicações, muitas vezes, estão distantes do contexto sociocultural e econômico dos educandos e mesmo dos educadores. Sendo assim, estes nem sempre conseguem estabelecer uma relação entre o texto escrito e

o cotidiano dos alunos. Dessa forma, alguns atores do processo educativo não conseguem interagir e dialogar com o texto e, consequentemente, não lhe atribuem sentido, não têm vontade de ler e muito menos de escrever.

Diante da situação acima descrita, faz-se urgente repensar a interpretação sobre o conceito, as formas e o valor do texto. O avanço dos estudos linguísticos, discursivos, semióticos e literários já está possibilitando a resignificação do conceito de texto. Segundo Koch (2005), texto é o resultado parcial da atividade comunicativa do ser humano, que compreende processos, operações e estratégias mentais que são postas em ação em situações concretas de interação social.

A produção textual representa uma atividade dialógica, consciente, criativa, e interativa de indivíduos socialmente atuantes que coordenam suas ações para alcançar um fim social. Para Koch (2005), um texto se constitui no instante em que os parceiros de uma atividade comunicativa global se encontram diante de uma manifestação linguística pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural, interacional e são capazes de construir para essa ação um determinado sentido. Assim, o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele no curso de uma interação.

Enquanto polifônico, o texto é fruto de uma atividade comunicativa entre seres humanos e entre esses e outros seres simbólicos desde que se estabeleça entre eles um processo de interação e de diálogo. O autor do texto, mesmo estando sozinho ao construí-lo (no caso escrito), está dialogando com diversas vozes de autores e personagens de experiências socioculturais, imaginativas etc. com os quais compartilhou significados. O autor de textos escritos e falados é capaz de reconstruir, destruir, questionar, criticar, concordar com saberes previamente adquiridos e a partir deles pode criar um saber novo e expressar em seu texto.

Assim, o texto consiste em um ponto de chegada para uns e de partida para outros. Ele representa caminho, possibilidade de aprendizado para seres humanos que estão desejosos por aprender. Este poder é encontrado tanto no texto escrito quanto no falado, já que, segundo Marcuschi (*apud*, KOCH, 2005), as diferenças entre fala e escrita só acontecem dentro do contínuo tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos. Segundo esses linguístas, os textos orais e escritos têm igual valor para o desenvolvimento humano.

Como afirmam os estudiosos da linguística, o texto não é apenas construção verbal falada ou escrita. Outras construções humanas expressas através da linguagem também são textos. Segundo Costa Val (2004), o texto pode ser definido como qualquer produção linguística escrita ou falada, de qualquer tamanho, desde que possa fazer sentido numa situação de comunicação.

Deste modo, essa autora coloca em questão uma antiga perspectiva de texto como sendo algo formal, logicamente encadeado e dotado de sentido. Para Costa Val, o uso de signos, símbolos ou mesmo expressões verbais isoladas, soltas (fora de uma frase gramaticalmente construída) pode ser considerado como texto desde que produza sentido para as pessoas envolvidas no ato comunicativo.

Em sua obra “Texto, textualidade e textualização” de 2004, Costa Val traz como exemplos expressões comumente faladas por crianças pequenas que ainda não sabem usar “corretamente” a língua, mas que conseguem se comunicar com sua mãe, construindo textos através de expressões sonoras (que ainda não são consideradas palavras usuais da língua) e gestos que têm sentidos para a criança e para a mãe. Assim, diz essa autora: “[...] o sentido não está no texto, não é dado pelo texto, mas é produzido por locutor e alocutário a cada interação, a cada ‘acontecimento’ de uso da língua” (COSTA VAL, 2004, p. 1).

Com as considerações acima, a linguista não está dizendo que os critérios de textualidade que contribuem para a construção de sentidos no ato comunicativo devam ser desconsiderados. Ao estudar algumas obras sobre o tema, encontrei referências sobre os fatores constitutivos da textualidade⁴ como: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. O cuidado com esses fatores pode determinar uma melhor ou pior possibilidade de interação e de diálogo do texto com o seu leitor e o ouvinte.

3.5 Sentido dialógico do texto

Apresentam-se o homem absorvido pelo dever e pela empresa. Sim, é justamente a ele que me refiro, ele, na fábrica, na loja, no escritório, nas minas, no trator, na tipografia: o homem. Não estou à procura dos homens, não os escolho, eu aceito os que aí estão; é este que tenho em mente, este, atrelado ao serviço, o que move a roda, o condicionado. O diálogo não é um assunto de luxo intelectual e de luxúria intelectual, ele diz respeito à criação, à criatura; e o homem de quem falo, o homem, de quem falamos, é isto, é criatura, trivial e insubstituível.

Martin Buber, 1982

O sentido dialógico do texto diz respeito não apenas ao aspecto polifônico do discurso oral e escrito, mas das tessituras dialógicas compartilhadas entre indivíduos que são capazes de expressar em seus textos os significados e sentidos construídos a partir de outros textos. O texto é marcado pelas experiências e pelos posicionamentos

⁴ “Podemos definir melhor *textualidade* como um princípio geral que faz parte do conhecimento textual dos falantes e que os leva a aplicar a todas as produções linguísticas que falam, escrevem, ouvem ou leem um conjunto de fatores capazes de *textualizar* essas produções. Explicando melhor: não vamos entender a *textualidade* como algo que está nos textos, mas como um componente do saber linguístico das pessoas. As pessoas sabem que, para um conjunto de palavras constituir um texto, é preciso que esse conjunto pareça aos interlocutores um todo articulado e com sentido, pertinente e adequado à situação de interação em que ocorre. E, então, aplicam os fatores ou princípios de textualidade a todo conjunto de palavras com que se defrontam, buscando fazer com que essas palavras possam ser entendidas como um texto – compreensível, normal, com sentido” (COSTA VAL, 2004, p. 2).

filosóficos, religiosos, entre outros, do seu autor. A posição e o papel que o autor assume na vida e diante dela, ou melhor, a sua forma de ser e de se posicionar no mundo também influenciam ou determinam o seu texto.

Pensar no sentido dialógico do texto pressupõe refletir sobre a razão dialógica que possibilita uma articulação das diferentes vozes, saberes, sentimentos e interpretações que, de forma interacional, constituem um texto. Contudo, o discurso do falante ou do escritor, mesmo sendo polifônico, assume características peculiares desse ator social que, no ato comunicativo, faz uso da verbalização para expressar suas ideias, seus valores etc.. A razão dialógica possibilita a compreensão do caráter polifônico e dialético do texto. Essa compreensão facilita o diálogo entre pessoas que desejam compartilhar, refletir e mesmo transformar a sua percepção, o seu entendimento sobre um determinado tema ou contexto.

A razão dialógica, assim como a ‘Razão-Sentido’, possibilitam a compreensão da complexidade da condição humana expressa em textos. Os textos artísticos, entre outros, expressam a condição humana através de uma linguagem ambígua e polissêmica, necessitam do uso dessa razão para serem compreendidos por abordar a complexidade humana da qual a ambiguidade faz parte. Os textos se constituem retratos do que nós somos enquanto seres humanos no momento sócio-histórico-cultural em que são escritos, sendo que alguns conseguem compreender e expressar a condição humana de forma que transcendem a demissão temporal.

Pessanha (1994) diz que através da razão dialógica o indivíduo se percebe como um ser em processo de humanização e, por isso, envolto em ambiguidades, conflitos, polaridades. Sobre essa questão, diz Pessanha (1994, p. 72): “Estou no reino da ambiguidade onde todos onde meus signos são carregados de concretude, e também de múltiplas significações”.

Será que texto falado expressa melhor a condição humana? Diversos estudiosos afirmam que tudo que é caracteristicamente humano depende da fala. Na Grécia Clássica, o discurso oral era a forma mais rica de utilizar a linguagem para a formação do cidadão. Os clássicos gregos utilizavam a razão discursiva de forma dialógica para educar e para ajudar o indivíduo a refletir sobre “si mesmo”, sobre o mundo e sobre o ser humano no mundo e com o mundo. Ou seja, sobre o ser humano e suas relações com ele mesmo, com o outro, com o mundo, com o conhecimento, com a ‘verdade’ etc. Para tanto, o método utilizado por Sócrates (1987) era o diálogo ou, como chamou Pessanha (1987), a ‘Dialogação Socrática’. E, atualmente, será que os educadores estão preparados para usar o diálogo e a leitura dialógica como instrumento de formação dos educandos?

Penso que a compreensão do valor do texto oral nas práticas pedagógicas pode possibilitar um repensar das práticas e dos valores que, por estarem influenciados pela razão moderna, são, geralmente, monológicos e embasados nos textos escritos.

Entretanto, mudar uma prática sociocultural e ideologicamente instituída pressupõe um comprometimento radical com a formação do educador e com práxis pedagógica que compreenda e adote a razão sensível. Para tanto, pesquisas rigorosas necessitam ser realizadas sobre essa abordagem na formação do educador.

Esse repensar inclui perceber e avaliar a forma de utilizar o texto. A percepção sensível dos processos de educar, que muitas vezes é desconsiderada, poderá contribuir para a compreensão dos textos e instigar diálogos. Sobre o uso da sensibilidade na educação, ver Araújo (2008). Segundo esse educador, a força dionisíaca da sensibilidade com suas pulsões exuberantes, mobilizadoras, criadoras e contraditórias faz mover e comover.

Essa força instiga e desconcerta porque gera tensão e conflito. Ela pode, inclusive, desconstruir pressupostos da educação do tipo bancária, como diz Freire (2004). Talvez por não terem sido preparados para lidar com toda essa potência criadora, destruidora, muitos educadores dizem que essa força é negativa, que gera indisciplina e bagunça em sala. Assim, alicerçados na lógica linear, calculista, reprimem esse estado ontologicamente constitutivo da condição humana.

Cabe ressaltar que indisciplina em sala de aula e tensão criativa dialógica são coisas diferentes. Na primeira situação, os educandos estão dispersos chegando algumas vezes a desrespeitar o colega que gostaria de aprender e o professor que deseja possibilitar o aprendizado. Na segunda situação, as conversas eufóricas e inquietações são decorrentes do estado dionisíaco da efervescência criadora.

A organização escolar que atende a lógica calculista e reducionista quer subjugar, homogeneizar, padronizar e fazer do ser humano “aquilo” que segue, passivamente, uma ideologia dominante. Essa organização institui ideias e métodos que inibem ou reprimem as manifestações das afecções (na perspectiva de Espinosa) dos seres humanos. Entretanto, a sensibilidade é constituinte da condição humana e como tal encontra caminhos para se manifestar. E agora, o que fazer se as forças do nosso mundo sensível/emocional/afetivo não são reconhecidas por parte das nossas instituições sociais como parte integrante do humano? Se não reconhecemos, não sabemos como lidar com elas. No entanto, elas estão em nós. E agora, o que fazer? Será que a educação para a eco-con-vivência pode ser uma alternativa para essa questão?

Para Bakhtin (2004), o texto poético faz ascender a sensibilidade. Penso que os textos literários, no seu conjunto de expressões, desempenham este papel. A questão é: Que lugar esses textos ocupam na educação, de que forma e como são apresentados? Será que o professor foi sensibilizado para repensar o sensível nele mesmo e nos seus educandos? Será que o professor reconhece o mundo sensível como parte integrante e interdependente do ser humano?

O resgate do poder do texto oral, dialógico que, segundo Pessanha (1994), é originário da condição humana e da dialogia que o acompanha desde a remota tradição dos guerreiros, poderá provocar a sensibilização dos educadores para essa questão. Nas palavras desse pensador:

A dialogia, na verdade, se constrói a partir dessa recuadíssima e remota tradição em que guerreiros discutiam o que fazer como comportar, como dividir as suas presas, como superar o seu butim. Porque aí é um plano de discussão e um plano igualitário. [...] A noção de isonomia, a noção de isegoria tem a ver no fundo com uma metáfora que é de praça, de local, de campo, onde guerreiros se reuniam para, em pé de igualdade, discutirem. (PESSANHA, 1994, p. 86).

A dialogia pode ser compreendida como o princípio originário da democracia, da participação, da formação de uma sociedade humana onde as diferenças individuais não impossibilitam o diálogo entre seres humanos de uma mesma comunidade que, juntos, buscam soluções para problemas comuns. A experiência dos guerreiros, descrita por Pessanha (1994), demonstra esta possibilidade que no mundo atual está esquecida, mas tentando ser despertada por alguns educadores. Conhecer, refletir e praticar a dialogia e a reunião de pessoas que possam conversar dialogicamente e encontrar possibilidades éticas para as questões sociais podem ser um caminho para as nossas instituições e para a nossa sociedade.

3.6 Leitura e educação

Leitura bem feita é formativa, no sentido de que reestrutura as ideias e expectativas, reformula horizontes. Nem toda leitura precisa ser assim, séria, mas toda leitura bem feita ocorre sob o signo do questionamento, porque quem não sabe pensar, acredita no que pensa. Mas, quem sabe pensar, questiona o que pensa.

Pedro Demo, 2006

A leitura contribui para que o indivíduo assuma um posicionamento diante do mundo. Ela possibilita, assim, muito mais do que apenas um conhecimento informativo ou mesmo um mero prazer de ler. Perceber a leitura de forma reducionista e instrumental limita a sua capacidade de contribuir para a educação integral⁵ do ser humano. A leitura tem o papel de colaborar na construção de significado, como afirma Kleiman (2004, p. 49): “[...] a leitura é um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor.” Desta forma, a leitura tem um caráter processual e dialógico, ou seja, o indivíduo leitor consegue estabelecer uma troca de significados tanto com o autor, quanto com ele mesmo e com as circunstâncias da vida.

⁵ A educação integral ou holística, segundo Yus (2002), é a que pretende desenvolver o ser humano em todas as suas dimensões (mente, razão, corpo, alma, consciência, linguagem, sensibilidade, ética, moral, estética...). Tem sua origem ocidental na Grécia antiga, com o filósofo Platão, e segue afirmando seu valor no século XVIII com Rousseau, entre outros. Pelo que sabemos, no século XX, educadores como Maria Montessori, Rudolf Steiner, Dewey, Paulo Freire, entre outros, cada um com a sua particularidade, desenvolveram pedagogias que têm contribuído para a formação integral do ser humano.

A compreensão do caráter dialógico e coparticipativo do processo de ler possibilita uma interação de saberes diversos construídos a partir de leituras plurais dos signos e do entendimento dos diferentes sentidos das criações naturais e humanas. Digo ‘processo de ler’ por considerar a leitura uma prática contínua, aprendente, que constitui um diálogo polifônico entre pensamentos, sentimentos e fazeres humanos numa dialética de desconstrução e construção de significados. Segundo Muniz e Lima (2007), o processo de ler tem relação com o que Koch (2002, p. 67- 68) fala sobre o hipertexto:

O hipertexto é, por natureza e essência, intertextual. Por ser um “texto múltiplo”, funde e sobrepõe inúmeros textos, textos simultaneamente acessíveis ao simples toque do *mouse*. Como encontro e/ou entrelaço das diversas vozes que permeiam esses textos, é essencialmente polifônico e dialógico.

Em alguns processos educativos, a leitura que não é percebida como um meio, um instrumento de significar a vida, não é considerada como uma forma de influenciar na formação afetiva, criativa, técnica, profissional e espiritual da pessoa. Por não conseguir perceber a dimensão e o valor da leitura, essa educação, quase sempre, deixa de causar no aluno o desejo e o gosto pela leitura, mesmo na forma linear como a considera e a transmite.

Assim, arrisco dizer que, mesmo alguns indivíduos que gostam de ler, muitas vezes não compreendem que a leitura é também uma forma de relação consigo mesmo e com as circunstâncias da vida. Esse leitor não percebe o quanto a sua forma de ler o mundo determina a maneira como ele se relaciona com as circunstâncias próprias do existir. E, conseqüentemente, não compreende o quanto a maneira de ler o mundo é fundamental para a forma de viver do ser humano. Esta perda, portanto, faz com que ele não compreenda que a sua forma de ler o mundo incluindo os valores, as ideologias, as culturas, as religiões entre outros, influencia as suas escolhas e as suas relações. Quanto mais reflexivo, consciente e dialógico for o processo de ler, maior será a possibilidade do indivíduo exercer a sua cidadania.

Para Rezende (2005, p. 9): “Ao lermos, nos lemos no Mundo e lemos o Mundo. E vamos descobrindo a nós mesmos, ao outro, aos outros, o nosso lugar, os outros lugares... A beleza e a arte, a ciência e a nossa consciência.” A leitura pode ser considerada também como um instrumento de autoconhecimento e de diálogo que contribui para que o leitor possa significar a sua vida; possa acessar os enigmas da sua subjetividade e da sua relação com o outro no mundo e com o mundo, contribuindo, assim, para o desenvolvimento humano.

Essa autora fala ainda sobre a riqueza de saber ler os vários códigos das várias formas de leitura. Esses códigos se interligam, se complementam e permitem ao leitor realizar novas tessituras. Diz Rezende (2005, p. 11): “[...] novas tessituras, que nunca são absolutamente novas... Do que lemos sempre sabemos algo; o que fazemos é complementar, reolhar, redescobrir, acrescentar, duvidar, confirmar”.

Para ler melhor, é preciso ler com todos os sentidos, não só com a razão. Aprender a ler as várias linguagens – do folclore, das revistas, da mídia, da TV, do teatro, da poesia, da fotografia, da música erudita e popular e das artes em geral –, para que o ser humano possa desenvolver todos os seus sentidos, a sua racionalidade, a sua afetividade e expandir a suas possibilidades de dialogar. Com esta prática do processo de ler, o indivíduo compreende mais a si mesmo e ao outro, aprendendo a olhar e a reolhar de forma mais reflexivo-crítica e consciente o mundo.

Aprender a ler, segundo Martins (1986, p. 34), “[...] significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios.” Por isso, o processo de aprender a ler de forma dialógica é fundamental para a formação do educador e dos seus alunos. A leitura oportuniza ao educando desenvolver não só a capacidade de compreender, interpretar os trabalhos e provas a serem compridas, mas também de tecer diálogo com os textos, tratando-os como partícipes da construção do conhecimento de si próprio e do mundo.

Diante do valor do aprendizado da leitura dialógica, faz-se necessária a inclusão de novas práticas de leitura nas instituições de ensino. Na tese de doutorado intitulada “*A Pedagogia do desejo de ler*”, a professora Dinéia Maria Sobral Muniz, (1999) apresenta um exemplo, dentre muitos outros possíveis, de como realizar uma prática de leitura, considerando-a como uma necessidade da interlocução para a constituição do sujeito.

Para Paulo Freire (1986), a leitura e a escrita são necessidades do ser humano, pois o ajuda na sua relação com o outro e com o mundo. Segundo esse educador, só com o domínio da leitura e da escrita o indivíduo poderá assumir “[...] o seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto.” (FREIRE, 1986, p. 109). Tudo leva a crer, então, que uma educação comprometida com a formação humana integral necessita repensar a forma como a leitura vem sendo utilizada em algumas instituições de ensino. Os responsáveis pela organização institucional da educação precisam perceber que a implantação e a divulgação na mídia de projetos de leitura não geram resultados no cotidiano da educação sem um simultâneo processo de formação do educador.

A revitalização do processo de ler pressupõe a compreensão de que a leitura, assim como a vivência do processo do autoconhecimento, é um ato muitas vezes solitário (não no sentido depressivo da palavra, mas no sentido mais próximo da solidude), fenomenológico, que pode promover um mergulho no mundo interior do leitor, possibilitando a vivência do processo da autoconsciência e o desenvolvimento da capacidade de análise reflexivo-crítica da realidade.

A leitura, mesmo realizada individualmente, possibilita o encontro do leitor com o outro e a compreensão do coletivo, da unidade e da diversidade. Ou seja, promove a interação entre os seres humanos, tendo como pilar sustentador o cultivo

e a vivência dos valores humanos e, conseqüentemente, o convívio e aprendizado constante com o diferente. Sobre esta abertura para a reflexão e a compreensão da interação e da interdependência humanas como formas de possibilitar novas alternativas para as relações entre os seres humanos, afirma Martins (1986, p. 29):

[...] o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas.

Pesquisas recentes, veiculadas inclusive em revistas periódicas⁶ têm destacado a carência de nossos educandos com relação à capacidade de pensar de forma reflexivo-crítica, mostrando o alto índice de analfabetismo funcional em nosso país. Será que essa deficiência de nossos alunos não está diretamente relacionada à situação de descaso da educação instituída pela prática da leitura e pelo desconhecimento do seu caráter dialógico? Sendo assim, como fazer para despertar a atenção das políticas públicas educacionais para a importância do investimento em novas práticas de leitura dialógica na formação do educador-leitor-dialógico? Este trabalho de pesquisa não pretende responder esta questão, mas objetiva mostrar a sua importância.

Talvez, o índice de dificuldade dos nossos alunos com relação ao aprendizado e a compreensão dos conteúdos básicos dos currículos escolares se deva em parte à falta de leitura nessa perspectiva mais abrangente e dialógica. É angustiante ver que crianças, adolescentes e mesmo adultos não conseguem compreender o que leram, ou melhor, a sua decodificação e junção dos signos do alfabeto. A gravidade dessa situação necessita de um olhar atento e cuidadoso dos envolvidos nos processos educativos. Políticas de incentivo à leitura apenas com doação de livros para as escolas se mostraram insuficiente para resolver essa situação. Esse não é o foco da minha pesquisa, só gostaria de manifestar a minha inquietação.

3.7 Leitura, diálogo e educação: Inter-relação possível

O sujeito leitor deve também ser um sujeito capaz de dialogar consigo mesmo e com o todo que o cerca. Segundo Martins (1986, p. 33): “[...] a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento.” Assim, o indivíduo que é capaz de estabelecer uma relação dialógica com tudo o que lê, poderá tornar-se um ser humano capaz de pensar com autonomia, aprender a fazer e de se relacionar com os diversos saberes construídos desde a ancestralidade humana. Para Freitag (1994, p. 62): “A verdadeira leitura desencadeia processos cognitivos, diálogo interior, reflexão e crítica. Essa forma de ler envolve, necessariamente, o pensar.”

⁶ Referi-me a publicações de resultados de pesquisa veiculados em revistas de circulação nacional como “Veja” e “Isto é”, entre outras.

O diálogo entre o leitor e o autor praticado no ato de ler pode possibilitar o questionamento, a reflexão crítica e a compreensão a respeito dos conhecimentos, das sensibilidades, das intuições despertadas no processo da leitura dialógica. Essas reflexões, inclusive sobre ele mesmo, poderão despertar no indivíduo o desejo de ressignificar e de transformar antigos comportamentos, preconceitos, ‘verdades’, crenças e padrões egoístas, separatistas e consumistas adquiridos com a educação técnica/mecanicista à qual foi submetido. O despertar para a necessidade da construção de uma vida mais humana, aliado ao desejo, à responsabilidade e ao comprometimento de cada indivíduo poderão contribuir para uma “nova” (nova, no sentido da prática atual) perspectiva de educação e de vida humana. Uma perspectiva próxima a de Platão que pensava a educação como prática para o “bem- viver” pessoal e coletivo.

A importância da inclusão do aprendizado do diálogo na educação pode ser justificada pelas palavras de Freire (1970 p. 82-83): “[...] não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro [...] para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização [...]” O diálogo é visto por esse educador como um agente de conscientização, de transformação e humanização dos indivíduos e por isso deve ser usado pela educação como instrumento para humanizar as relações.

Assim, a formação de educadores leitores e dialógicos pressupõe aprender a compartilhar significados e a realizar leituras dialógicas do mundo. Este aprendizado enriquece o fazer individual e coletivo, bem como favorece o desenvolvimento das diversas capacidades humanas desde que a pessoa esteja aberta para aprender, para pensar, para viver, para descobrir, para criar, para sentir, para fazer, para existir. Para Muniz (1999), a leitura tem funções relacionadas com o cognitivo, o afetivo e o criativo, que são aspectos da realização do ser. O movimento em se tratando de leitura se faz pela troca, pela negociação, pela oferta e possível permuta de significados, que para se dar requer o envolvimento afetivo.

A abertura interior do indivíduo para o diálogo e o compromisso com os valores primordiais preparam o terreno para a relação dialógica na qual a confiança floresce. Segundo Freire (1970, p. 82): “A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo.” Deste modo, a confiança do indivíduo tanto em si mesmo quanto no outro ou no grupo possibilita o fluir da inteireza do seu ser, a expressão ou a revelação (não esquecendo que a dialética do existir provoca um contínuo revelar e velar, construir e desconstruir) da sua subjetividade, permitindo o desenvolvimento de uma relação entre intersubjetividades, entre sujeitos. Em uma sociedade marcada por padrões individualistas desenvolver a confiança no outro não se constitui um aprendizado fácil.

A inter-relação entre leitura e diálogo se confirma nas abordagens descritas na *Pedagogia do Desejo de Ler*, proposta por Muniz (1999) a partir de práticas de leitura realizadas pela pesquisadora. Com a intenção de exemplificar algumas vantagens da leitura dialógica, transcrevo algumas reflexões da pesquisadora:

Ler seria uma atividade em que todos poderiam atribuir sentido aos filmes, vídeos e aos demais tipos de texto apresentados. Já nesse primeiro encontro, tal prática foi desenvolvida de forma que cada aluno pudesse expressar seus sentimentos e pensamentos sobre o material que vai sendo apresentado de modo bastante livre. A prática da produção de textos em que todos foram ouvidos e solicitados a ouvirem os colegas através do exemplo da escuta [...] respeito às ideias produzidas pelos alunos [...] respeito ao ritmo de cada aluno, observando suas características de personalidade, evitando generalizações [...] os quatro alunos presentes, foram tratados em sua singularidade (MUNIZ, 1999, p. 220 - 223).

Entretanto, parte dos professores do ensino básico, ainda não tem condição de desenvolver o trabalho proposto por Muniz (1999) por não ter a formação e a vivência pessoal da prática da leitura dialógica, do diálogo e do processo de autoconhecimento para o autodesenvolvimento e o desenvolvimento humano. Assim, acredito que um programa de formação do educador de ensino básico embasado no estudo e na vivência do tripé sustentador e transdisciplinar – valores primordiais, diálogo (incluindo a leitura dialógica) e autoconhecimento⁷ – poderá contribuir para a formação de educadores e para a realização de uma educação que invista radicalmente no desenvolvimento integral do ser humano.

3.8 Disposições a serem consideradas na arte de dialogar

Obviamente, el diálogo no siempre es divertido ni provechoso. Em consecuencia, podemos tender a abandonarlo en cuanto aparezcan las dificultades. [...] Cuando creemos que algo es importante, no dudamos em llevarlo a la práctica. [...] Yo creo que necesitamos aprender a compartir los significados. Una sociedad es una red de relaciones entre personas e instituciones que posibilita la vida comunal. Pero eso sólo funcionará si compartimos una cultura, es decir, una serie de significados, valores y objetivos porque, de lo contrario, no habrá integración posible.

David Bohm, 1996

Nos estudos e diálogos realizados com diversos autores sobre o ser humano e o diálogo, meditei sobre diversas atitudes, posturas, comportamentos e disposições internas e externas que pressuponho serem importantes para a vivência do diálogo, das relações dialógicas e, portanto, para o aprendizado da eco-con-vivência. A importância do aprendizado e da vivência de algumas dessas atitudes já foram, inclusive, experimentadas com alunos em sala de aula.

⁷ Segundo DELORS (2000), o conhecimento de si mesmo ou o processo de autoconhecimento deverá ser incluído como uma das novas disciplinas para a educação do século XXI.

A intenção de relacionar de forma didática essas atitudes passa tanto pela minha necessidade de melhor compreendê-las e de tentar encarná-las no 'ser-fazer-com' quanto pela intenção de apresentar perspectivas para que os futuros educadores possam analisar e verificar a viabilidade e necessidade das mesmas em suas práxis. Assim, não tenho a intenção de criar modelos, guias ou manuais. Desejo sensibilizar; tentar possibilitar reflexões e novos diálogos sobre algumas disposições e atitudes consideradas fundamentais para os atos e as relações dialógicas. Pretendo, ainda, continuar experimentando essas disposições na construção das minhas próprias relações pessoais e profissionais, com os educandos em sala de aula e demais atividades educativas.

Encontrei principalmente em textos de Bohm (1996) relatos de comportamentos necessários para a ação de dialogar. Esse pensador, não só propõe algumas atitudes básicas para o diálogo como as explica. Vou apresentar de forma resumida e tecer considerações sobre algumas das disposições desse autor. Na perspectiva de Bohm (1996), para dialogar é necessário que o indivíduo aprenda a:

■ Suspende as crenças, manter distância delas e das suas reações internas (processo de desidentificação) para observá-las e assim tomar consciência de como operam e como cada pessoa pode atrapalhar ou contribuir com o grupo;

■ Observar, avaliar e cuidar dos impulsos e das necessidades - é interessante observar que, o que é necessário para uma pessoa, nem sempre é para outra. Etimologicamente, necessário é o que não pode ser evitado. Entretanto, na prática, cada indivíduo, geralmente, prioriza o que julga ser necessário para ele mesmo e quer realizar a qualquer custo tal necessidade. A necessidade dá lugar ou mobiliza os impulsos para atender ao desejo. A observação cuidadosa de como agem esses mecanismos na própria pessoa durante o ato dialógico poderá contribuir para o controle dos mesmos. É preciso saber negociar consigo mesmo, inclusive, e decidir quais as prioridades. Quando o indivíduo torna-se consciente dessa armadilha da mente e deixa o diálogo acontecer, poderá perceber novas possibilidades e experimentar a liberdade de questionar as ditas 'necessidades absolutas'. Este ponto de renúncia é crucial para podermos adentrar criativamente em novas dimensões ou, no mínimo, aprendermos a controlar os nossos desejos e impulsos.

■ Perceber os pensamentos - A preocupação com a atenção ao pensamento se deve ao fato de que alguns pensamentos como diz Krishnamurti (1994, 1995) são raízes de problemas, e também caminhos que podem conduzir a transformações criativas. Tais mudanças são possibilitadas na medida em que nos conscientizamos dos nossos próprios pensamentos e das consequências dos mesmos no momento em que eles ocorrem. Se prestarmos atenção, poderemos chegar a perceber a intenção e o impulso que nos leva a pensar. Podemos, ainda, perceber o sentimento que dele suscita e, assim, sucessivamente. Mas, quase nunca estamos conscientes desse processo dos pensamentos e dos sentimentos. Para Krishnamurti (1994, 1995), muitos problemas ocorrem pela falta desta percepção. O diálogo pode nos ajudar a perceber os nossos pensamentos, crenças, opiniões etc., bem como as raízes coletivas dos mesmos. Desta forma, pode nos ajudar a qualificá-los e transformá-los, se for o caso.

■ Participação coletiva - pensamento coletivo é aquilo que a gente pensa em comum. Ao compartilhar opiniões com honestidade, seremos capazes de pensar juntos. Este processo ocorre no diálogo apesar de levar algum tempo. Um dos objetivos do diálogo é suspender (na perspectiva da redução fenomenológica) opiniões, crenças e observá-las. Esse processo pode ocorrer tanto na medida em que escutamos as opiniões dos demais participantes do grupo para percebermos os seus significados quanto em outros processos de autoavaliação.

■ Criar uma nova cultura - a sociedade é uma rede de relações, normas, leis, instituições, estabelecidas por pessoas para poderem viver juntas, criando cultura, governo etc.. Então, a sociedade e a cultura estão baseadas em significados compartilhados.

Além dessas atitudes para o diálogo pressupostas por Bohm (1996), compreendo que algumas outras condutas encontradas em ensinamentos filosóficos e religiosos de vários autores são igualmente necessárias para a prática do ato e da relação dialógica. Seguindo o mesmo formato didático e resumido, sugiro algumas dessas outras disposições para o diálogo. Essas disposições são permeadas de atitudes, valores, sentimentos e saberes que considero fundamentais para a prática do diálogo:

- Ter disponibilidade para compartilhar com o(s) outro(s). Essa atitude implica saber tolerar o risco que toda abertura e entrega para o encontro oferecem;
- Ter respeito por si mesmo e pelo outro, considerando a historicidade, a peculiaridade, a diferença, os conhecimentos e os limites de cada indivíduo. A atitude respeitosa consigo mesmo, com o outro e com a natureza, não invalida ações éticas que venham a contradizer gostos pessoais. No entanto, permite que essas condutas sejam assumidas e realizadas com compromisso com o humano e, portanto, de forma que se priorize os valores primordiais nas ações e nas relações ou a eco-con-vivência. A atitude respeitosa significa, também, saber os limites entre a presença participativa e o distanciamento. Ou seja, manter uma distância na interação, cuidando para não invadir o espaço sagrado da individualidade do outro;
- Comprometer-se com o cuidado rigoroso com o uso das palavras. O rigor com a palavra está diretamente relacionado com o bom uso do pensamento e da linguagem. Como diz Morais (2009, p. 6), “[...] não tenham dúvida de que qualquer ação obedece ao pensamento; pensamos com palavras, e se nossas palavras não forem boas, nossos pensamentos não o serão também; consequentemente, nossas ações, que fazem os fatos sociais serão desastrosas”.
- Reconhecer que as diferenças fazem parte da condição humana e são fatores de complementaridade, soma e não de exclusão. Perceber que as diferenças de posicionamentos, de crenças são desafios, possibilidades de novas reflexões e não obstáculos intransponíveis. Analisar as consequências que atitudes de fechamento e de intolerância como, por exemplo: ‘ser do contra’, ‘eu tenho sempre razão’, causam nas relações;
- Cultivar a cordialidade, a amabilidade tanto na fala quanto no olhar e nos gestos. Essas pequenas posturas criam uma ambiência de acolhimento e encoraja os mais retraídos a participar. Sabemos que existem momentos em que precisamos ser rigorosos (agir com o rigor da ética), porém cuidando para não transformar o rigor em autoritarismo, em intransigência, em abuso

de poder. Precisamos observar, também, quando confundimos ternura com fraqueza, entre outras inversões desse gênero;

- Ter confiança em si e no outro – ela gera a abertura necessária para que o indivíduo possa expressar-se livremente, sem medo de ser censurado, menosprezado. A confiança diz respeito, ainda, a atitude de veracidade de cada dialogante, de um compromisso com o que se acredita, com os valores e o uso das palavras de forma que cada pessoa se sinta livre para manifestar-se, demonstrando quem é realmente sem fazer uso de simulações e jogos individualistas de poder;
- Perceber-se ser humano, parte interligada e interdependente da raça humana e, portanto, contido na e contendo as multidimensões da condição humana;
- Buscar transcender o solipsismo, abrir-se para o outro;
- Reconhecer que o caráter de ser individual e singular faz com que se tenha a tendência ao individualismo. Mas, saber que enquanto humanos somos, também gregários e dados à solidariedade, ao companheirismo;
- Observar a si mesmo, perceber seus jogos de persuasão, vitimação, empoderamento etc. Ou seja, vivenciar o processo de autoconhecimento, ser aprendiz de si mesmo;
- Aprender a ouvir, a ver e a cuidar de si mesmo e do outro; abertura para ouvir e validar a fala, a ‘leitura ou visão de mundo’, a linguagem e os significados e sentidos do outro. Sobre a beleza do ato de ouvir, diz Buber (2000, p. 45): “Quando começo a falar com alguém, quero ouvir as mais elevadas palavras dele”;
- Buscar ser sensato e ter cuidado com os julgamentos. Seria pertinente tentar discernir entre aquele que reproduz o discurso do outro por ignorância e na tentativa de ser aceito e aquele que usa os discursos para ludibriar e buscar benefícios próprios. Quanto aos julgamentos, diz Montaigne (1996, p. 77): “Dizem os saberes que para julgar honestamente um homem é essencial examiná-lo em seus atos cotidianos”;
- Perceber e buscar continuamente exercer o autodomínio sobre o impulso narcisista, vaidoso, que pode ser manifestar para atropelar ou concluir a fala do outro, bem como usar expressões do tipo ‘ah, isso eu já sabia, faz tempo’ ou ‘isso é antigo’. Essas, entre outras expressões do tipo, inibem, constroem e dificultam ou inviabilizam o diálogo;
- Exercitar as ações filosóficas tanto de duvidar, questionar e refletir quanto de se surpreender, de admirar, de se permitir afetar por novas e valorosas possibilidades;

- I Ter abertura para aprender em todas as situações desafiantes e conflitantes que a vida e as tensões dos encontros oferecem;
- I Cultivar a flexibilidade. Ser flexível significa tanto defender com tenacidade, entusiasmo o seu ponto de vista quanto ouvir, validar o ponto de vista do outro e mudar o seu posicionamento anterior, se for o caso;
- I Compreender que a contradição faz parte da condição humana e faz parte das nossas conversações. Montaigne (1996) nos ensina que quando alguém nos contradiz isso faz ativar a nossa atenção e não a nossa cólera. A cólera nos trava e a atenção abre para novas possibilidades;
- I Observar a si mesmo durante um diálogo com outrem pode ser também um bom exercício. A questão é como observar a si mesmo sem desconsiderar o outro com quem se dialoga. Se não for possível essa auto-observação durante a ação do diálogo, talvez se possa realizá-la no momento de reflexão sobre o dia;
- I Perceber e tentar ultrapassar a ingênua crença de que a realidade se encerra naquilo que é objetivo e verdadeiro para o indivíduo, assim como buscar abandonar a ilusão de certezas sobre a realidade do mundo;
- I Reconhecer que não se pode analisar todas as realidades através de um único método. A razão, a intuição e a sensibilidade têm a plasticidade necessária para encontrar a melhor forma de entender os contextos e reconhecer a impossibilidade de se entender os mistérios da existência;
- I Aprender a pensar de forma complexa, dialógica, relacional. Não excludente, mas integrativa;
- I Desenvolver o autodomínio (não quer dizer reprimir, mas sim, perceber e orientar as emoções de acordo com a posição e a necessidade em cada momento). Ter autodomínio não invalida as manifestações físicas das emoções, mas pressupõe a capacidade de reconhecer-se afetado por ela e com ela fazer o que pode e necessita realizar. A pessoa não precisa, por exemplo, 'engolir o choro', pode chorar e fazer o que tem que ser feito e se for necessário esclarecer como o choro funciona nela;
- I Procurar praticar os valores humanos primordiais e ser o mais ético possível nos limites dos nossos erros e acertos, próprios do aprender;
- I Exercitar a paciência, lembrar que cada um tem o seu tempo de maturação e seus limites. A generosidade se constitui em uma poderosa aliada à paciência;
- I Comprometer-se com a atitude de compreensão das influências ideológicas, socioculturais, históricas, econômicas, religiosas e políticas que nos constituem e estão presentes em nossos discursos e ações. Essa compreensão ocorre aos poucos na medida em que aprendemos a silenciar os impulsos de autodefesa e observar a nós mesmos e ao outro;

- Buscar assumir uma postura simpática com os demais. A simpatia facilita a compreensão e a sintonia;
- Cultivar a espontaneidade, reconhecer-se semelhante aos outros. Esse reconhecimento favorece a confiança e abre as portas para o encontro;
- Compreender que uma ação polifônica se constitui de sons com timbres e vibrações próprias e, assim, respeitar o tom de cada um e tentar evitar o famoso “ganhar no grito”;
- Aprender a ser generoso. Segundo Mounier (1974, p. 66): “A generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa, mesmo quando esta nada recebe em troca: contra a fileira cerrada dos instintos, dos interesses, dos raciocínios, ela é, em todo sentido da palavra, perturbante”;
- Fomentar a atitude de cooperação;
- Ter abertura para rever conceitos, posicionamentos, estruturas, representações mentais e hábitos. Essa disposição para o diálogo, assim como muitas outras sugeridas, podem ser conquistadas com a vivência do processo de autoconhecimento;
- Reconhecer em nós mesmos os momentos de resistência à reciprocidade. Olhar para essa certa ‘má vontade’ para com o outro. Perceber que são sensações do humano com as quais precisamos aprender a lidar. Um exercício que, às vezes, funciona nesses momentos é o ‘ato contrário’. Ou seja, dizer a essa pulsão que o desejo e o compromisso com a ação e a comunicação dialógica são mais fortes do que ela e com autodeterminação viver o diálogo;
- Compreender que temos necessidade de momentos de silêncio e ter honestidade e amorosidade consigo e com o outro para respeitar esse momento;
- Reconhecer que entre humanos existem mal entendidos. Qualquer processo comunicativo está passível de desacordos. Aprender a lidar com essa realidade e não transformá-la em desavenças;
- Disponibilizar-se para ter a mente como do principiante. “A mente do principiante está vazia, livre dos hábitos do ‘expert’, pronta para aceitar, para duvidar e aberta a todas as possibilidades” Roshi (*apud*, ZUKAV, 1989, p.120);
- Aprender a pensar reflexivamente, a realizar as operações do pensamento o qual: “está inevitavelmente reunido a sentimento, valoração e intenção [...] Dizemos que comparação, interpretação, observação e resumo são operações do pensamento” (RATHS, 1997, p. 9);
- Aprender a fazer conexões com conhecimentos prévios, analisar, criticar (no sentido filosófico do termo);

- Construir, rever e manifestar as suas opiniões sem depreciar as dos demais participantes do ato dialógico;
- Exercitar a participação. Segundo Tillich (1976, p. 69): “Participação significa ‘tomar parte’. E pode ser usada num triplo sentido. Pode ser usado no sentido de ‘compartilhar’, como, por exemplo, compartilhar um quarto, ou no sentido de ‘ter em comum’, como Platão fala de *methexis* (ter com)”. Esse autor destaca que participar é, também, reconhecer que cada ser é uma parte do todo, sendo que nesse sentido a participação se constitui tanto de uma identidade pessoal quanto coletiva. Tillich diz ainda: “uma parte de um todo não é idêntica ao todo ao qual ela pertence. Mas, o todo é o que é só com a parte. O eu é uma parte do mundo que ele tem como seu mundo” (TILlich, 1976, p. 69);
- Aprender a eco-con-viver com corresponsabilidade e coparticipação. Ou aprender a ser relacionar consigo mesmo, com o outro e com a totalidade da vida de forma ética, dialógica, participante e responsável;

Cada uma dessas, entre outras disposições e cuidados, representa em alguns casos, mudanças de comportamentos, valores, ações a serem empreendidos. A reflexão e o comprometimento com essas pressupostas posturas, que acredito serem necessárias para o diálogo, podem fazer parte do processo de aprender a dialogar. Entretanto, cada pessoa que deseja dialogar e viver a eco-con-vivência tem a liberdade de analisar, refletir, recriar e disponibilizar-se ou não para realizar em si mesma esses pressupostos. Minha intenção é apresentar possibilidades sobre as quais reflito e tento incorporar no meu dia e dia, como aprendiz da eco-con-vivência. Esses pressupostos têm como parâmetros meditações, experiências tanto dessa aprendizagem de ser Ser Humano quanto de vários filósofos, pesquisadores, mestres espirituais que nos presentearam com relatos de seus aprendizados.

3.9 Tecendo conversações, construindo a arte das relações dialógicas

A relação interpessoal positiva é uma provocação recíproca, uma mútua fecundação.

Emmanuel Mounier, 1974

A relação é o princípio da existência das coisas e dos seres humanos. Como afirma Zukav (1989), somos filhos de relações físicas, químicas, biológicas, amorosas. Sendo assim, por que temos tantas dificuldades para nos relacionarmos? Será que nos esquecemos deste princípio e nos apegamos apenas a nossa dimensão individual? Será que esquecemos que o indivíduo não existiria e não pode viver sem relação?

Será que esquecemos que o sujeito se constitui na relação? Não percebemos que, por mais isolado que um indivíduo possa viver, ele está em relação com ele mesmo e com a natureza? Sobre a questão do isolamento, afirma Zukav (1989, p. 73): “[...] chamamos essa situação de ‘isolamento’, mas na realidade nada está completamente isolado, exceto, talvez, o universo como um todo. (De que estaria ele isolado?)”.

Compreender esse princípio da existência dos seres e das coisas de que tudo está em relação nos inspira a repensar as posturas individualistas e exclusivistas que são, em parte, responsáveis pela situação de degradação das relações humanas em todas as suas esferas e dimensões, demonstrando o descaso pela humanidade, pelo outro e o desconhecimento da interdependência entre os seres humanos. Sair dessa prisão do individualismo pressupõe experimentar o ‘ser com e para o outro’ e o mundo que, por sua vez, exige a compreensão da necessidade do descentralizar o Eu (egocentrismo, narcisismo) para deixar espaço para o outro e para construir e viver o ‘nós’.

No verbete sobre relação do Dicionário de Filosofia, Durozoi; Roussel (1993, p. 405) dizem que a relação é, entre outras coisas, “caráter que une uma coisa a uma ou várias outras (causalidade, sucessão, diferença), que pode ser um vínculo tal que qualquer modificação da primeira acarreta uma modificação da ou das outras”. Conhecer e compreender esse fundamento da relação nos remete a reconhecer que somos intrinsecamente interdependentes e, por isso, corresponsáveis pela forma de existência dos seres humanos.

Para as relações humanas, o diálogo enquanto possibilidade de uma conversação implica o uso de uma linguagem que possa ser compreendida pelas partes, a abertura e a vontade de perceber e valorizar o dizer do(s) outro(s). Essas condutas criam um ambiente de ética, de interação e possibilita a relação. A discordância ou desacordo são naturais e podem ser encarados tanto como meios para que se aprenda a respeitar as diferenças quanto como possibilidades de novas reflexões sobre a própria abordagem e para a construção de novas tessituras. A relação dialógica consiste, também, em responsabilidade do Eu com o Outro, não só o outro mais próximo, amigo, familiar, mas o outro ser com o qual estou em relação. Assim é uma relação eminentemente ética, sendo que a ética está diretamente ligada à responsabilidade.

A relação dialógica é um dos caminhos nos quais podemos assumir a nossa corresponsabilidade pela forma de existir do ser humano, escolhendo a eco-convivência como forma de relação. Entretanto, estamos no humano e, assim, não se podem esperar linearidades, homogeneidades. Os conflitos, os mal-entendidos, os desequilíbrios também nos constituem e são próprios das intersubjetividades. O compromisso com a relação dialógica pode acender a lamparina da compreensão, da tolerância, da generosidade. O óleo dessa lamparina pode ser a energia gerada pela vivência dos valores humanos primordiais, edificantes e construtores de seres humanos dispostos a viver com um outro em coletividade ou eco-con-viver.

A relação dialógica pressupõe encontros únicos, itinerantes, desafiadores, mas respeitosos, entre seres humanos diferentes, plurais. A tentativa de coletivizar, desrespeitando o singular e a diferença é tão aprisionante quanto a prisão do egocentrismo. Mesmo diante do compromisso de aceitar, de participar com, existem momentos nos quais o aspecto pessoal precisa se posicionar e mesmo rebelar-se. Esses são movimentos da constante harmonia dos contrários com os quais vamos aprendendo a lidar. Quanto a essa forma de existir na plenitude do humano, diz Mounier (1974, p. 99): “Existir é dizer sim, é aceitar, é aderir. Mas, se for aceitando sempre, se não recusar e nunca me recusar, deixo-me submergir. Existir pessoalmente é também e muitas vezes saber dizer não, protestar, desligar-se”.

Viver em relação é experimentar, diariamente, a cada interação, a contradição, as polaridades, as tensões próprias da existência. A arte da relação dialógica está, justamente, em saber lidar com a própria condição humana e construir, passo a passo, relações onde cada indivíduo se respeita e respeita o outro, buscando ter em mente os valores humanos primordiais. Os contrários como já diziam Heráclito (1978), Buber (1974) e hoje, segundo Zukav (1989), é dito pelo princípio de complementaridade da nova física, são complementares.

Penso que alguns pressupostos da nova física nos auxiliam a compreender a condição de coparticipação, de complementaridade e de interdependência dos seres humanos. Como leiga nessa área de conhecimento, apoio-me nas considerações de Zukav (1989) que afirma haver uma ligação entre a teoria quântica, a Filosofia e a consciência. Isso porque segundo o princípio da complementaridade de Bohr a escolha do tipo de experimento que o experimentador irá realizar determina quais os aspectos mutuamente excludentes do mesmo fenômeno (onda e partícula) que se manifestarão. Lembrando que para a mecânica quântica onda e partícula são aspectos complementares da luz e, portanto, necessários para compreender a sua natureza.

Ainda segundo Zukav (1989), o princípio da incerteza de Heisenberg também nos ajuda na compreensão da importância das interações e das relações entre todos os processos humanos e não humanos. Esse princípio demonstra que não se pode observar um fenômeno sem modificá-lo, sendo que as propriedades físicas que se observam no mundo externo estão envolvidas com as nossas percepções tanto no aspecto psicológico quanto ontológico. Faz-se necessário compreender também o marco de referência de cada pessoa, que depende, entre outros contextos, da historicidade, da posição da pessoa no mundo. E, ao tentar compreender as representações mentais, emocionais, socioculturais e a visão de mundo do outro se descobre que “Tudo depende do nosso marco de referência”. (ZUKAV, 1989, p.73). Além do apoio desses princípios, Bohm (1992) também nos auxilia nessa compreensão ao afirmar que o universo é constituído como um holograma que faz parte de um todo contínuo e que existe uma interligação dinâmica entre todas as coisas.

Assim, a nossa forma de existir vai depender de como interagimos, dialogamos e estabelecemos relações com os contrários, as polaridades. Sobre este poder do diálogo de promover a interação e a união dos contrários, na introdução do livro “Eu e Tu” de Buber, diz Zuben (1974 p. XIX-XX): “A união dos contrários permanece um mistério na profunda intimidade do diálogo. Diálogo é plenitude.” Essa fala reafirma a minha ideia sobre o valor da aprendizagem, do diálogo para as relações humanas e para as práticas educativas instituídas.

A abertura para o outro e para o novo em nós mesmos e nos outros é, muitas vezes, bloqueada pela forma de pensar excludente, baseada no princípio da física e na lógica clássica, que diz que só existem duas possibilidades: “ou isto ou aquilo”. As pesquisas da Física Quântica vêm demonstrar que não é bem assim. Segundo esta ciência, entre o “isto ou aquilo”, existem outras possibilidades. O condicionamento mental ao pressuposto do “isto ou aquilo” está de tal forma incorporado nos indivíduos que, muitas vezes, eles não conseguem perceber as outras possibilidades. E assim, limitam a sua forma de ser, de fazer, de sentir e de se relacionar aos padrões estabelecidos. Como diz Zukav (1989, p. 73):

[...] a forma como **pensamos nossos pensamentos** limita-nos ilusoriamente a uma perspectiva de ‘isto ou aquilo’. A experiência em si mesma nunca está tão limitada. Sempre há uma alternativa ente cada ‘isto’ e cada ‘aquilo’. O reconhecimento desta qualidade da experiência é uma parte integral da lógica quântica.

O “isto ou aquilo” nos separa do outro que é diferente, seja na forma de pensar, de se comportar ou de ver o mundo. Essa forma de pensar limita, também, a realização de várias potencialidades humanas. Ou seja, geralmente, todos querem seguir um determinado padrão de escolhas socialmente instituído (de profissão, de consumo, de forma de relação etc.) e por estar vendo linearmente só na perspectiva do modelo dado, não conseguem perceber novas formas, novas possibilidades. Mesmo quando o indivíduo é levado por motivos diversos a não cumprir tal padrão, ele sofre por sentir-se fora das determinações socioculturais. Esse indivíduo, geralmente, é excluído pela sociedade, às vezes por ele mesmo ou por ambos. Os estudos propostos pela Física Quântica podem nos fazer refletir sobre as nossas posições estruturalmente fechadas.

Esse fechamento faz com que o indivíduo aceite como verdade aquilo que é instituído pela sociedade e pela ciência e considere falso ou inviável qualquer princípio que questione a verdade estabelecida. Essa atitude nega a multiplicidade, as transformações, o devir próprio da vida e bloqueia as relações. No momento em que o indivíduo assume essa postura, ele se fecha para o diálogo, para o diferente, para o outro e para o novo. Algumas vezes, assumir uma postura de universalização e a homogeneização é mais fácil, não requer reflexão, não exige questionamento e não gera dúvidas. Só que limita, reduz a liberdade, a criatividade, a compreensão das diferenças e nega princípios básicos da existência.

Nas relações pessoais e profissionais, muitas vezes se tem resistência de perguntar porque parece que a pergunta foi condicionada como negação do que está sendo dito ou exposto. Em alguns processos educativos, a pergunta, às vezes, é vista como algo negativo. Assim, para fugir desse preconceito sobre o ato de perguntar, algumas pessoas e educandos preferem aceitar sem refletir ou negar por negar simplesmente e se manter na sua zona de aparente segurança. Essa atitude além de minar a criatividade e a apreensão do conhecimento, nega o outro enquanto outro e esvazia a relação, bloqueia a interação, o diálogo, limita o aprendizado e a construção de novos saberes.

A compreensão da diversidade e da multiplicidade do ser humano é um dos caminhos para repensar essa postura e para a percepção de que somos seres de relação. Por que não observamos os demais seres vivos da natureza? As plantas são diferentes e complementares, os animais são diferentes e coexistem, compartilham o *habitat* e a vida; por que não aprendemos com eles?

O caráter relacional da condição humana é irrevogável. Já dizia Aristóteles (1996) que o ser humano só desabrochará, de fato, se tiver relação com o outro. A alteridade, a necessidade da relação com o outro e também com a cultura, com a sociedade, com a natureza, com os signos e sentidos caracterizam a raça humana.

O fato de respeitar o outro e sua forma de ver e viver a vida não pressupõe que se deva concordar ou aderir ao pensamento do outro. Mesmo não concordando, podemos con-viver e respeitar o outro. Podemos, ainda, assumir a responsabilidade por não concordar e não gostar do ponto de vista do outro sem negar ou excluir a pessoa que defende determinada opinião. Assumir a responsabilidade pelo seu próprio pensamento e por sua discordância não invalida a relação. Ao contrário, a enriquece, principalmente, quando apesar de pensar diferente, o indivíduo ouve, respeita e aceita outras perspectivas. O ato de ouvir muda a relação, pois, nesse momento, a pessoa assume uma postura de abertura, de generosidade, de coparticipação e de respeito com.

Nossa cultura valoriza o controle, a posse e estes costumes são vividos tanto no que diz respeito às coisas materiais quanto às relações humanas. Estamos sempre querendo dominar e controlar o outro e, desta forma, o negamos, o coisificamos. A atitude dialógica e ética pode ser um balizador das relações. Os fazeres e teceres humanos, respeitando a subjetividade, constroem a humanidade. A pessoa se constitui ao tempo em que é também construída pelas suas relações e pelos seus fazeres. A vida em comunidades, o trabalho em equipe são essenciais para a humanização, para o desenvolvimento integral da condição humana e para a eco-con-vivência. Acredito que não se pode querer uma coletividade ética, equânime sem que as pessoas vivenciem em suas relações e ações o diálogo e os valores humanos primordiais. Pessoas éticas podem formar uma coletividade ética, que continuará a formar seres humanos éticos.

A relação dialógica funciona com uma lógica circular e significa uma postura de coparticipação, de cooperação, de acolhimento e de cuidado com o humano. Essa é uma das grandes transformações que a prática do diálogo propõe: o outro não é o meu objeto de manipulação, de autoafirmação ou de qualquer tipo de dominação. O outro é um ser humano assim como ‘eu’ e todos ‘nós’.

Na relação dialógica, seja do indivíduo com ele mesmo, com o outro ou com qualquer objeto com o qual se está em relação, os momentos de *epochè* (suspensão de qualquer juízo) se fazem necessários para a percepção e a compreensão da realidade do outro (ser humano, ideia, crença, conceito, sentido). A relação dialógica é uma experiência fenomenológica. Segundo Scheler (2003), a percepção do outro e a participação na sua existência pessoal só são possíveis quando existem a simpatia e o amor. O conceito de simpatia é assim descrito por Costa (1996, p. 57):

[...] é o fato de se poder perceber afetivamente os sentimentos dos outros, mas sem vivê-los realmente.[...] Embora na simpatia reconheçamos um valor igual ao nosso, tal reconhecimento dá ao outro o direito apenas à nossa atenção e nossa estima.

A simpatia e o amor podem possibilitar uma comunicação plena entre as pessoas ou o exercício da eco-con-vivência. A disposição real para relacionar-se abre em nós as portas para ação do gênio mágico do amor, que consiste em compreender o outro na sua individualidade e na sua diferença sem querer enquadrá-lo nos moldes dos padrões idealizados. Viver esses sentimentos não é tarefa fácil, principalmente para as pessoas que foram ensinadas pela cartilha do cultivo ao individualismo e à competitividade selvagem.

Poderia dizer, então, que o conhecimento de experiências de relações dialógicas tecidas pela simpatia e pelo amor pode contribuir para fustigar o desejo de realizá-las tanto em nós mesmos quanto em nossa sociedade? A história mostra que as comunidades ditas primitivas vivenciaram o valor do coletivo (que de alguma forma implica amor e simpatia) ainda que para a proteção e sobrevivência do grupo. Essas relações eram instintivas, os valores eram vitais, a colaboração em função da sobrevivência. Mas, existia o princípio da solidariedade, o valor do grupo e da espécie. Será que não podemos considerar essas atitudes como exemplo para a sociedade dita ‘civilizada’?

Essas experiências, bem como as das comunidades indígenas e tribais, estão na memória antropológica da humanidade. Elas podem ser tomadas como exemplo para a construção de novas possibilidades de vida em comunidade. O exemplo de comunidades tribais enriquecidas com o desenvolvimento conquistado pelo *homo sapiens* não só no aspecto técnico, mas na tentativa de conseguir a individuação e nas tentativas de tecer relações entre intersubjetividades pode sensibilizar e possibilitar a disposição pessoal e social para aprendermos a nos relacionar dialogicamente.

Assim, juntando saberes tradicionais com os conhecimentos construídos por nossa civilização moderna e contemporânea podemos aprender a eco-con-viver ou a viver junto, primando pelos comportamentos norteados por valores como respeito, generosidade e pela tessitura de relações dialógicas. Sonho, desejo romântico? Talvez. Necessidade de salvação da espécie humana? Talvez. Mas, penso que, na prática, ações pequenas, locais, individuais, grupais e educativas, ainda que sejam em uma ou outra sala de aula, precisam ser iniciadas. E depois ou paralelamente instituídas em políticas públicas.

A relação dialógica possibilita a vivência do pessoal e do grupal (interpessoal). Nesse tipo de relação, as pessoas expressam seus posicionamentos e compartilham significados e sentidos pessoais. A relação dialógica se constitui uma forma de relação entre pessoas que têm a consciência de que sua individualidade existe em função imbricada, inter-relacionada com a coletividade humana. A experiência da relação dialógica pode contribuir para que o indivíduo se perceba inter-relacionado, interligado e interdependente de outras individualidades que fazem parte de uma comunidade humana. Valores integrativos como solidariedade, companheirismo, amorosidade, entre outros, quando desenvolvidos e vivenciados são aglutinadores dessa relação entre indivíduos humanos.

A relação dialógica possibilita a compreensão de que a forma de pensar, de sentir e de fazer humano constitui um todo complexo que sofre e exerce influência do meio ambiente onde ele vive e viveu. A geografia do lugar, o clima, a família, a cultura, a religião, os vizinhos, colegas de escola, de trabalho (influências físicas, psicológicas, coletivas) estão nos fazendo aprender, imitar, questionar, ensinar. Enfim, estão demonstrando a nossa condição de interdependência. A sociedade contemporânea reconhece, legalmente, a individualidade e os direitos do (a) cidadão (ã). Mas, em muitos casos, o que impera é o desrespeito, a intolerância, a tentativa de homogeneização conseguida a partir da ditadura do útil, do ter.

Barros (1997), concordando com Bakhtin, afirma que não só os estudiosos da educação e da linguagem, mas todas as ciências humanas deveriam reconhecer que a vida é dialógica por natureza e adotar o princípio da dialogia como método para melhor compreender as relações entre os seres humanos. Na fala da autora:

Deve-se observar em primeiro lugar que se a concepção de Bakhtin é dialógica, se a ciência humana tem método e objetos dialógicos, também suas ideias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio dialógico. A alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para a sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. (BARROS, 1997, p. 30).

Pressupõe-se, que tanto a sociedade e suas instituições quanto cada indivíduo deveria atentar para os caracteres da alteridade e da intersubjetividade próprios da condição humana e incluir em seu currículo a prática do diálogo e da vivência do autoconhecimento como pilares da formação do ser humano integral, consciente de sua condição humana.

Para Freire (2004), o processo educativo acontece com a abertura consciente por parte do educador para si mesmo e para o outro. Esta abertura se constitui também em uma possibilidade tanto de interação quanto de autorreflexão e autocrítica, pois a vivência do diálogo honesto e respeitoso possibilita aos agentes dialógicos a compreensão e a revisão dos próprios valores e da própria *práxis* educativa. A postura do ser humano de abrir-se para conhecer a si mesmo, ao(s) outro(s) e ao mundo possibilita, na perspectiva desse educador, o acontecer/vivenciar de relações humanas dialógicas. Diz esse autor: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com o seu gesto a relação dialógica” (FREIRE, 2004, p. 136).

A prática da relação dialógica torna o indivíduo sujeito e objeto das suas relações, ou seja, ele assume a postura de ser aprendiz de si mesmo. Sobre essa prática na formação do educador, Freire (2004, p. 136) afirma que: “Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente”.

Na perspectiva de Buber (1982), todo encontro autêntico solicita que as pessoas se permitam serem tomadas, afetadas em sua inteireza, pela sensibilidade, pela intelectualidade e pela espiritualidade. A relação dialógica pressupõe presença, corresponsabilidade, comprometimento e ética para lidar com a presença do outro. Como todo aprendizado, o da relação dialógica é processual e por ter que ser radical nem sempre fácil de realizar. Mas se constitui, também, como instrumento para a releitura, para a des-construção e re-construção dos valores e padrões socioculturais, econômicos que estão incorporados na memória psicológica do ser humano. Padrões que são repetidos de forma inconsciente, promovendo a permanência de relações intra e interpessoais, superficiais e destrutivas.

Acredito que o aprendizado do diálogo e a sua prática possibilitam a construção de relações humanas itinerantes, investigativas. A tessitura de relações dialógicas solicita dos seres humanos posturas honestas, cuidadosas e responsáveis com o ‘estar-com-outro’ ou ousar viver, aqui lembrando muitos educadores, o processo de aprender a fazer, aprender a sentir, aprender a pensar e de aprender a ser “Ser humano”. Esse aprendizado é processual, fluido, instigante. A eco-con-vivência dialógica e afetuosa é complexa e, repito, não anula as contradições, as competições e os demais desafios da relação. Por isso, a necessidade de compreensão de si mesmo e do outro ou da condição de inter-relação e de interdependência dos seres humanos. Tal compreensão possibilita o incansável comprometimento com o cuidado e a responsabilidade com cada pensamento, cada gesto, cada ação e com a alteridade do outro para construirmos a vivência do inter-humano, como deseja Buber (1982).



C A P Í T U L O 4

ESCUTANDO E DIALOGANDO COM EDUCADORES EM FORMAÇÃO

As implicações e as consequências de pôr em prática os valores positivos como: honestidade, respeito, amor é muito importante porque sem esses valores não teremos uma sociedade justa onde todas as pessoas poderão viver em paz. Respeito porque quem respeita não humilha, não discrimina. Honestidade porque quem é honesto tende a ser justo, não se aproveita dos outros. Amor porque quem ama não pratica o mal. Todos esses valores nos levam a um valor chamado paz e a nossa sociedade necessita muito de paz. Ser verdadeira e respeitar os outros.

[Maria, 2010]¹

Esse capítulo é dedicado à expressão das ressonâncias da parte prática de minha pesquisa. Nos dois primeiros subitens, sistematizei em blocos tipográficos as falas dos atores dessa pesquisa. Tentei tecer os fios polifônicos resultantes dos círculos dialógicos realizados. Nos demais tópicos (5.2 e 5.3), dialoguei com esses futuros educadores. A partir desse diálogo com as falas dos educadores em formação que responderam as entrevistas individuais, teci algumas considerações sobre as temáticas pesquisadas: os valores humanos primordiais e o diálogo na formação do educador.

A estudante do curso de Pedagogia da FAGED-UFBA expressa em sua fala, acima destacada, os benefícios para a co-existência entre os seres humanos da prática de valores humanos primordiais. A simplicidade com que ela trata dessa questão demonstra a compreensão da necessidade da vivência, na medida do possível, dos valores humanos primordiais na vida cotidiana.

4.1 Ecos das reflexões dialógicas dos estudantes do curso de Pedagogia

Durante a realização dos encontros com os futuros educadores do curso de Pedagogia da FAGED-UFBA e no processo de assistir e transcrever as gravações e sistematizar as falas desses atores da minha pesquisa, verifiquei que esses futuros

¹ Usei esse formato para caracterizar as falas oriundas das entrevistas realizadas com os sujeitos dessa pesquisa. Conforme explicado no capítulo quatro, essas falas estão registradas com nomes fictícios grafados em itálico e colocados em colchetes.

educadores desejam ser formadores de cidadãos (ãs), porém clamam por saberes, por práxis que vão além dos conhecimentos teóricos de cada disciplina. Vou deixar a ansiedade de lado e deixar que eles falem. Nos subitens 5.1.1 e 5.1.2 podemos escutar, sentir e refletir sobre as falas dos grupos. Os textos apresentados nesses dois subitens são frutos da sistematização de transcrições das gravações e das anotações realizadas nos encontros de grupos focais. Essas falas estão sistematizadas em grupo tipográfico e grafadas em itálico.

4.1.1 Ouvindo o primeiro grupo de futuros educadores

Na intenção de cumprir a parte prática da metodologia da minha pesquisa, realizei nas instalações da Faculdade de Educação da UFBA nos dias 13 e 20 de maio de 2010 dois encontros com alguns alunos do segundo semestre do curso de Pedagogia da FAGED-UFBA. O tema desses encontros, na modalidade de grupo focal, foi a importância dos valores humanos na formação do educador. Distribuí o tema em sete proposições reflexivas sobre as quais os futuros educadores pesquisados discorreram, ou melhor, dialogaram e construíram juntos as considerações abaixo sistematizadas em blocos tipográficos em forma de texto, conforme explicitado no capítulo anterior.

1) Percepção das questões relacionadas aos valores na nossa sociedade, na educação e na vida cotidiana.

(Falante 1) Valores sustentam os seres humanos, não é mais tanto como antigamente. Antigamente, os valores eram mais expostos. Hoje não sabemos quais os valores das pessoas, elas dizem uma coisa, por exemplo, que têm respeito e na verdade em suas ações agem sem demonstrar respeito, ou seja, não praticam o valor que dizem ter. (Falante 2) O que era considerado valor, hoje não é mais. Antigamente, o valor era tipo universal para todo mundo. Hoje cada um tem o seu e está cada vez mais difícil aceitar o valor do outro. (Falante 3) O mundo está egoísta, não tem mais valores, não tem honra, nem sinceridade. As pessoas não se ajudam. Não tem respeito pelos mais velhos. Na verdade, não se tem amor, às vezes, nem mesmo no seio das famílias não tem amor de verdade. (Falante 1) Na nossa sociedade, as pessoas confundem não ter valor com modernidade e dizem que é a modernidade ou que é por causa da modernidade e quem tem um pouco de ética é careta. (Falante 4) Hoje vivemos em uma sociedade onde não se tem respeito e, também, as pessoas não querem ter limite com nada. (Falante 2) Os seres humanos estão se distanciando uns dos outros. Hoje não tem diálogo nem valores.

(Falante 5) A concepção de valor foi embora, amor, solidariedade não se tem mais nessa sociedade. (Falante 2) A família não tem mais estrutura, os pais não ligam para a educação, deixam os filhos na mão da escola. Exemplo: uma professora mandou um recado para os pais e foi punida pela justiça, acusada de causar constrangimento ao aluno. O ser humano está se distanciando um do outro, não tem mais amizade, é tudo vago, distante. Muitos pais não valorizam e não incentivam os vínculos de amizade.

(Falante 6) Acho que alguns valores já vêm com a pessoa. (Falante 7) Não sei, tem também a influência da família, da sociedade. Tem pais que deixam os filhos muito soltos. (Falante 1) As crianças não têm atenção, a família falhou. (Falante 2) A mulher saiu de casa, e os filhos? Atualmente, algumas mães não têm autoridade com o filho

e não cuidam do filho. A família está falhando, não ensina os valores, (Falante 6) Não impõe limites para as crianças e para os adolescentes. (Falante 4) A escola não pode fazer tudo sozinha e falha também. (Falante 2) Na escola e em casa, devemos parar para conversar, a agressividade não leva a nada. (Falante 5) Os pais devem dar uma educação mais firme.

2) Compreensão sobre o que é valor

(Falante 1) Valor é viver com a sociedade, viver em harmonia, é saber respeitar para ser respeitado, não só conquistar as coisas com desrespeito. (Falante 2) Valor é cuidar do ser humano e do seu progresso. (Falante 3) Hoje não existe compadecimento, as pessoas não ligam se veem o outro na miséria, passam e não se compadecem. (Falante 2) As pessoas não veem a situação do outro, não se valoriza a vida. As pessoas não param para ouvir o outro. (Falante 2) Valor é exercer a cidadania, quem passa fome e não tem educação como fica?

(Falante 4) Valor é um conjunto de regras. (Falante 1) O ser humano se voltou para coisas fúteis e esqueceu os valores. (Falante 5) Valor é saber ter limites. (Falante 6) Valor e ética estão ligados, representam as mesmas coisas e servem para que possamos conviver em sociedade. (Falante 4) Valor são parâmetros que a gente preza. (Falante 7) A gente fala, mas nem sempre consegue realizar esses valores, nem sempre conseguimos fazer tudo de forma correta. Às vezes, nem mesmo nos preocupamos se o que fazemos está correto ou não. Na verdade, às vezes, a gente quer mesmo é satisfazer as nossas vontades, sem preocupação com o outro ou com a natureza. (Falante 5) Também, tem o fato de que os valores de um podem não ser iguais para todos. Só alguns são iguais para todos como o respeito. Respeito tem que ser igual e é necessário para todos.

(Falante 1) O fato é que nós precisamos de um referencial dos valores humanos. Sem ter esse referencial como o educador pode fazer? (Falante 2) E a angústia do professor que tem um pouco de valor e quer ensinar os alunos, quer agir para ajudar a formar a todos, mas a família não ajuda. (Falante 4) Para educar, a escola precisa da colaboração dos pais e da sociedade. (Falante 1) E o professor, muitas vezes, também precisa de orientação sobre os valores humanos, sobre a cidadania. (Falante 5) Em resumo, os valores são: cidadania, responsabilidade, solidariedade, respeito.

(Falante 1) O papel do educador é difícil. As pessoas estão preocupadas com o dinheiro, e o valor? (Falante 2) E tem os alunos envolvidos com drogas e como o professor vai conversar com eles, falar de outros valores, esses que são positivos? E ainda tem os pais, que o professor precisa saber lidar. (Falante 4) Essa profissão é dura e a gente nem é reconhecido e nem valorizado. Por isso as pessoas não querem mais ser professores. (Falante 1) Nós, que fazemos o curso de Pedagogia, temos que analisar bem. Ver se realmente queremos ser professor. (Falante 6) As pessoas (familiares, amigos) perguntam: você quer ser professor mesmo? Professor não tem retorno financeiro e nem mesmo status. Perguntam, também, assim: você compra livro para fazer pedagogia? (Falante 1) Eles esquecem que todo profissional (médico, juiz...) precisou do professor para chegar onde está hoje. (Falante 3) Mas, no Brasil, não se valoriza nem o professor, nem a educação. (Falante 7) Também, tem o outro lado, ou seja, tem pessoas que estão na sala de aula, mas não merecem ser chamadas de professor. Elas não deveriam estar em sala de aula e isso, também, prejudica a educação.

3) Valores mais comuns em nossa sociedade

(Falante 1) Os valores mais praticados em nossa sociedade são: o egoísmo, a inconsciência, a desonestidade, a injustiça social e a falta de limites. (Falante 2) Não se pensa se o que se faz é certo ou errado, o que interessa é o que se vai ganhar. (Falante 3) O que temos hoje é o interesse pelo retorno, ou seja, eu faço se você me der algo em troca. (Falante 4) Os políticos são desonestos e são corruptos. Eles dão esse exemplo para os jovens e vemos os nossos jovens só pensando em 'se dar bem',

em ganhar dinheiro da forma mais fácil possível. (Falante 3) Os jovens só querem ter carro bacana, celular, roupa de marca e cair na farra, é isso que a sociedade ensina comprar e curtir. (Falante 5) Mas, temos também um pouco de solidariedade na hora das tragédias com quem mais precisa. (Falante 6) Existem pessoas ruins, com mau caráter, mas tem pessoas boas também.

(Falante 7) Na nossa sociedade, hoje em dia, só tem mais valores negativos e as consequências podemos observar na destruição da natureza, na solidão, as pessoas só pensam em si mesmas e ficam no vazio. (Falante 4) As pessoas só querem dinheiro, só valorizam dinheiro. Aí tem muita violência. (Falante 7) Crianças são criadas na rua e o Estado não faz nada e a criança e o jovem ficam marginalizados. (Falante 1) Nós nos perguntamos: quais os valores dessa sociedade que abandona suas crianças, dá mau exemplo para os jovens e não cuida de quem mais precisa? (Falante 2) Tem muitas promessas, projetos de proteção às crianças na televisão, mas não tem um meio real de apoio a essas crianças e aos drogados. (Falante 5) A Televisão passa um falso moralismo, as novelas mostram coisas que na prática não existem. (Falante 3) Tem novela que só mostra valores negativos.

4) Valores que devem ser cultivados

(Falante 1) Os valores que devem ser ensinados são: respeito para ser respeitado, ser honesto, não ter preconceito, querer aprender o certo, tolerância para não causar conflito, a amizade e os valores da religião. (Falante 2) Mas, para a gente falar de tolerância, temos que, realmente, ser tolerantes. (Falante 3) Os professores, também, precisam querer aprender esses valores. A maior responsabilidade da escola e do professor é colocar na prática aquilo que prega, é assim, também, com os pais. (Falante 4) Quando a gente fala desses valores da religião, é bom ter cuidado, devemos saber bem quais são esses valores porque tem igreja que prega uma falsa moral. (Falante 3) Para ensinar valores, os professores têm que dar o exemplo e não seguirem o ditado: “faça o que eu mando e não faça o que eu faço”. (Falante 5) Mas, é difícil ensinar valores se os pais não ensinam, o professor pode ajudar com o exemplo, mostrando os valores que estão, digamos, certos, como: respeito, solidariedade, cidadania.

5) Como cultivar os valores humanos primordiais

(Falante 1) Para cultivar valores, a gente deve ser o exemplo. A criança precisa do exemplo pessoal dos pais e do professor. (Falante 2) Também, devemos contar histórias que transmitam valores. (Falante 3) Na nossa sociedade, falta tanto valor, que as pessoas só cumprem as leis do Estado quando tem multa, só assim, elas obedecem. (Falante 4) A educação deveria ensinar a ter consciência do seu próprio valor e da responsabilidade com o outro. (Falante 5) Mas, às vezes, os professores também não sabem o que, realmente, são os valores humanos primordiais. Nós que vamos ser ou já somos professores devemos passar, ou melhor, aprender sobre os valores para poder passar para os nossos alunos esses valores de uma forma natural no dia a dia. (Falante 6) É preciso, também, punir quando necessário, estabelecer limites com clareza e cobrar que todos respeitem os limites estabelecidos. (Falante 7) Devemos também refletir com os alunos sobre o que o ato de cada um pode causar nos colegas. (Falante 1) Mas, tem uma coisa, tudo isso tem que ter o exemplo do próprio professor, ou seja, nós precisamos aprender. (Falante 3) Mas também tem que haver o apoio da escola, do Estado e da sociedade.

6) Importância do aprendizado e da vivência dos valores primordiais para o educador em formação

(Falante 1) Em todos os cursos de licenciatura e de Pedagogia deve ter uma formação em valores, pensando agora, a gente vê como é importante. (Falante 2) Como a gente vive nessa sociedade capitalista, a gente fica fútil sem referencial de ética. Precisamos conhecer esses valores para aprender a praticá-los. (Falante 3) O aprendizado e a

vivência dos valores nos cursos de Pedagogia e licenciaturas são muito importantes porque o professor é um referencial para transmitir os valores, mas antes temos que aprender e a faculdade deve nos ensinar. (Falante 4) Devidamente preparados, cada um tem que fazer a sua parte, não adianta só reclamar do Estado. (Falante 5) Para transmitir valores, nós precisamos cultivá-los dentro de nós. Temos que mexer com a gente mesmo. (Falante 2) Precisamos olhar como estamos fazendo as coisas, observar os retornos dos outros. Devemos olhar as nossas atitudes, fazer como a senhora falou em sala, um exercício de autoconhecimento. (Falante 6) A gente precisa, lembrando nossas conversas, não fazer com o outro uma coisa que a gente não queria que fizessem com a gente. (Falante 5) A gente tem que mudar por dentro. Temos que ver e mudar muitos dos nossos valores. (Falante 2) Precisamos analisar a gente mesmo, ver onde erramos, aceitar o erro e tentar mudar. Mas, para tudo isso, precisamos ter conversas como essa de hoje para despertar, pensar nesses temas da vida e na responsabilidade que teremos ao assumir a profissão de professor. Se não tivéssemos essa reunião, talvez, sozinhos, não refletíssemos sobre esse assunto.

7) O que os cursos de formação do educador podem fazer

(Falante 1) A faculdade deve promover mais encontros como esse. Esse tipo de encontro deveria ter uma vez por semana. A gente não tem oportunidade de conversar com pessoas mais capacitadas e experientes sobre esses temas da vida e da formação das pessoas e do professor; (Falante 2) Deve realizar palestras, mostrar depoimentos de pessoas que fazem um bom trabalho na educação; (Falante 3) Promover meios para que possamos realizar trabalhos com práticas solidárias; (Falante 4) Ter aulas para falar sobre os valores humanos primordiais, esses conceitos novos que estamos vendo agora, aqui, para aprofundar, saber mais sobre os valores humanos; (Falante 5) Ensinar a gente a se conhecer melhor, a se olhar, rever, corrigir e a encontrar nossos conceitos para, no futuro, a gente saber chegar mais perto dos alunos; (Falante 6) Fazer um curso de extensão sobre valores para a gente aprender e trocar experiências sobre valores. (Falante 7) Acredito que deveria existir uma cultura de valores dentro da universidade, principalmente, no que diz respeito ao contato do professor com os alunos. Pois, ainda existem professores que não cultivam valores em sala de aula. E, acho que ainda mais do que isso, ela deve verificar a possibilidade de uma disciplina ou de seminários, grupo de extensão, qualquer coisa que possa suprir essas necessidades. Sem aprender, como vamos poder utilizar na sala de aula?

4.1.2 Vozes do segundo grupo de futuros educadores

Seguindo o cumprimento da parte prática da metodologia da minha pesquisa, realizei nas instalações da Faculdade de Educação da UFBA nos dias 10 e 24 de agosto de 2010, dois encontros com alguns alunos do quinto semestre do curso de Pedagogia da FAGED-UFBA. O tema desses encontros, na modalidade de grupo focal, foi a importância do diálogo na formação do educador. Dado o andamento dos encontros, distribuí o tema em apenas três proposições reflexivas sobre as quais os futuros educadores pesquisados discorreram, ou melhor, dialogaram. Assim, como no item 5.1.1 sistematizei as falas dos participantes em bloco tipográfico.

1) Reflexões sobre como estamos exercendo a comunicação na educação e na nossa vida

(Falante 1) Na Faculdade de Educação da UFBA – FAGED, temos um problema, principalmente, com o uso das palavras. Muitas vezes se usam uns termos, que nem todo mundo conhece. A gente não entende ou compreende de forma diferente e fica complicado. (Falante 2) Mesmo entre nós alunos, a gente não se reúne para conversar e resolver as coisas. (Falante 3) Muitas vezes, na sala de aula, não só aqui

na FACED, isso é meio geral, nós, os alunos ficamos com conversas soltas, não falamos com o professor e ficamos falando com os colegas. (Falante 4) Existem as duas situações de conversas paralelas e de falta de coragem para falar com o professor. (Falante 6) Isso porque, quando buscamos conversar, alguns professores reagem mal e não aceitam nossas críticas. (Falante 7) Tem também alguns abertos para a conversação. (Falante 8) Outros, a gente acha que são inacessíveis e, simplesmente, não falamos com eles, ficamos falando entre nós, colegas.

(Falante 9) Muitas vezes, temos também medo de errar diante do professor e mesmo de alguns colegas que fazem trejeitos e a comunicação fica mais difícil. (Falante 1) Outra coisa que acontece bastante, tanto na escola infantil quanto aqui na universidade é aquele professor que só ele fala. Só tem monólogo e não existe diálogo. (Falante 8) Essa situação é pior para os mais tímidos. Às vezes, também, quando o aluno pergunta algo e o professor demonstra, quando não ridiculariza verbalmente dizendo que a pergunta é sem sentido, é bobagem ou sinal de ignorância. (Falante 9) Outras vezes, responde com má vontade e até de forma grosseira. (Falante 1) Achamos que tem professor que não quer ser questionado, ele se coloca no alto do pedestal. (Falante 9) O fato é que, de certa forma, faz a gente se sentir lá em baixo. (Falante 2) Na relação de professor e aluno na universidade, ainda tem muito autoritarismo por parte de alguns professores, nesses casos, a gente não pergunta mesmo. (Falante 4) Quando vamos perdendo um pouco o medo, ficamos procurando as palavras para falar e acaba que nossa fala fica confusa e o professor não compreende aí a coisa ou a comunicação e o nosso aprendizado ficam comprometidos. (Falante 9) Tem situações graves nas quais os professores dizem que tem perguntas que emburram o professor de tão banais. Dizem, também, que a sala de aula é dele e ele faz do jeito que quiser. Com tudo isso, nós alunos ficamos com vergonha, com medo de tirar as nossas dúvidas. (Falante 8) Muitas vezes, a gente até diz que entendeu (sem ter entendido nada) por vergonha do professor e dos colegas. (Falante 2) Isso acontece também na família, no trabalho e até em grupos sociais, a gente finge que compreendeu, mas aí, a aula ou a conversa fica sem graça, sem sentido. (Falante 3) O fato é que o diálogo não é comum em nenhum desses lugares. (Falante 4) A ausência do diálogo em sala de aula prejudica muito a nossa aprendizagem, deveríamos perguntar, falar mais, infelizmente temos vergonha, insegurança e às vezes até medo. (Falante 7) Na verdade, não fomos acostumados a dialogar. (Falante 2) Mas, nós, futuros professores, precisamos aprender a perguntar, a falar para não repetir essas coisas que estamos criticando em nossos alunos.

(Falante 1) No nosso caso, como estudantes de Pedagogia, a gente precisa entrar na lógica do diálogo. (Falante 5) Na educação infantil, a situação é mais grave, a gente vê professor que deixa os alunos fazendo bagunça e de repente bate na mesa, grita. Esses professores não conversam, não fazem os combinados de comportamento. (Falante 1) Nas nossas relações também temos problemas com a comunicação, tem coisas importantes que a gente não fala e coisas que o outro entende de jeito diferente do que falamos e, assim, começam as confusões. (Falante 6) E essas coisas ou esses problemas na comunicação geram frustrações e muitos conflitos tanto em casa quanto no trabalho e na faculdade. (Falante 2) A falta de diálogo assusta.

2) Vamos falar sobre a nossa compreensão a respeito do diálogo e sua provável importância para a vida e para o futuro educador.

(Falante 1) Olha, gente, o diálogo é fundamental tanto para a vida pessoal da gente quanto para a relação professor e aluno. Mas, o diálogo custa, exige que você se doe que você reconheça o direito do outro e respeite. Obriga que você reconheça o direito de o outro falar, pensar de um jeito diferente do nosso e por isso é difícil. (Falante 2) É difícil também porque não queremos abrir mão das nossas opiniões e das nossas escolhas. (Falante 3) É bem mais fácil o autoritarismo, mesmo na educação não queremos abrir mão, não queremos reconhecer o direito do outro, só pensamos na gente mesmo. (Falante 4) Muitas vezes, não queremos saber de conversar, ficamos no monólogo, porque não queremos abrir mão de nossas coisas para ouvir o outro. (Falante 5) Para evitar essas posturas, os professores também precisam urgentemente

aprender a dialogar. (Falante 6) Essas atitudes dos professores a gente vê aqui e em muitas escolas por aí. (Falante 7) Parece que todos nós, uns mais outros menos, precisamos aprender e ter coragem para dialogar.

(Falante 8) No diálogo, você tem que ir mais além, tem que pensar e tem que abrir mão. No diálogo, cada um coloca a sua posição para juntos chegarmos a um acordo. (Falante 2) Com criança também podemos dialogar, funciona bem. (Falante 9) O diálogo pode ser de duas maneiras: primeiro, tem uma troca de significados de maneira igual; segundo, o diálogo representa uma capacidade de se doar, no sentido de ideias, a gente precisa aprender a ver que nossa ideia pode não estar tão certa e podemos melhorar, mas não é fácil reconhecer nossas falhas, achamos melhor nem pensar nelas.

(Falante 3) O diálogo é muito importante, ensina o respeito à diferença, a compreender o contexto. Na nossa formação, isso, ou melhor, o diálogo não é tratado com ênfase. (Falante 5) Percebemos hoje que dialogar não é só conversar de qualquer maneira, envolve outras coisas que precisamos aprender. Tem o jeito de falar, o professor deve ter uma linguagem própria para se aproximar do aluno. Mesmo nos processos de formação, tem professor que vem com uma linguagem que o aluno não entende e isso precisa ser superado. O diálogo é o caminho para resolvermos isso, acho. A Universidade precisa nos preparar para dialogar.

(Falante 9) Diálogo é, também, ouvir e saber falar. Às vezes, não falamos por medo de errar, de ser criticado e isso inibe o diálogo, interrompe a comunicação. (Falante 4) Não se critica só com palavras, os gestos de censura são terríveis. (Falante 2) Tem muita violência que surge por causa da falta de diálogo. (Falante 9) Algumas palavras podem ser violentas e causar marcas, tem um ditado que diz: 'serra de língua é pior do que de pau'. (Falante 2) Quando não temos espaço para o diálogo em nossas relações pessoais e profissionais, a gente não se compreende e não se respeita, discutimos e isso é muito estressante. Muitas vezes, a gente se fecha, diz que não quer conversa. (Falante 3) A conversa vira disse me disse, agressões verbais, disputas de opiniões. (Falante 1) O mais importante é saber que o diálogo envolve duas ou mais pessoas, no diálogo temos que respeitar. (Falante 4) Se for violento, não é diálogo, é outro tipo de comunicação. (Falante 9) Mesmo quando a gente está certo, se aprendêssemos e se praticássemos o diálogo a situação não se tornaria um conflito. (Falante 2) Muitas vezes, por uma bobagem, a gente não conversa, não dialoga e maltrata, insulta, briga. Dessas situações, surgem as insatisfações, as separações. Quem sabe, até o envolvimento com álcool e outras drogas. (Falante 8) Vamos aprender a dialogar logo para ensinar aos nossos alunos no futuro próximo.

3) Sugestões para o aprendizado do diálogo nos cursos de formação do educador

(Falante 1) Precisamos ter mais momentos como esse, de exercício do diálogo. Esse momento não é só riquíssimo para nossa vida e nossa profissão como está gostoso, fantástico. A gente não tem a oportunidade de colocar as coisas da gente, assim, sem medo de errar, sem medo de falar e do outro olhar feio pra gente. Aqui, até nossa colega, que a gente praticamente não conhece a voz, conseguiu falar. A Universidade precisa institucionalizar no currículo do nosso curso, um tempo para encontros dialógicos. Isso vai melhorar muito a nossa formação como futuros educadores. (Falante 2) Esses encontros dialógicos, podemos chamar assim? Melhoram a saúde mental do professor. E o professor precisa estar bem preparado, também emocionalmente, para compreender essas coisas da vida do ser humano e, assim, enfrentar a jornada de sala de aula e para se responsabilizar pela formação do outro. A universidade precisa fazer esses encontros. Pode ser como extensão. (Falante 3) A FACED deve programar mais momentos como esse, colocar um tema e a gente exercitar o diálogo, assim como fizemos agora. Conversamos, respeitamos os outros. Procuramos até refletir sobre como estamos nos comunicando no dia a dia. A gente não tem esse costume, só agora com essa prática, a gente percebeu a importância do diálogo. Pode ser um encontro como esse de quinze em quinze dias. (Falante 4) O diálogo aumenta a nossa percepção não só do tema, mas do mundo,

por isso é importante o curso priorizar também essa práxis. A gente acha que se aceita a opinião do outro vai ficar por baixo, vai se subordinar. Tem a questão da identidade, que a gente pensa que não pode mudar. Agora vemos que não é assim. Ao contrário, dialogar é ter coragem e ter, sabe, sabedoria. Na verdade, a gente é egoísta. Por isso, ficamos só com um grupinho que concorda com a gente em tudo. A gente não quer conversar com as pessoas que pensam diferente da gente. Precisamos de um espaço programado para refletir sobre essas coisas e mudar. Momentos para aprender a dialogar de verdade. (Falante 5) Como fazer diálogos com as crianças na era digital, se a gente nem sabe dialogar em casa e na escola? Acho que a senhora deve levar essa questão para o pós-doutorado. (Falante 6) Esse momento e muitos outros como esse são importantíssimos para a nossa formação de futuros educadores. No mundo moderno, você não tem tempo de falar direito com outro. Não se tem tempo nem de se olhar no espelho para essa questão de autoconhecimento, que é tão necessária. Por tudo isso, é fundamental que a nossa faculdade possibilite esses encontros. (Falante 7) Dentro do nosso processo de formação, deveriam acontecer mais momentos como esse de diálogo, sem preocupação com avaliação, onde temos a liberdade de dizer a nossa opinião. (Falante 8) Devemos deixar de pensar que o que eu sei é certo e o que você sabe não me interessa.

Ao final dessas práticas dialógicas específicas do grupo focal, continuamos conversando e concluímos que por promover uma conversação na qual todos ouvem e meditam sobre as contribuições de cada participante o diálogo é fecundo e pode ser transformador. A atitude de ouvir, refletir, desconstruir e reconstruir sentidos representa uma abertura interior para o espaço da sensibilidade, da razão e da intuição criadora e germinadora de algo novo. Esse potencial se realiza a partir de disposição dos envolvidos no diálogo tanto para doar e oferecer quanto para receber e acolher o outro e seus saberes e questionamentos. Nesse momento, a inteireza do humano acontece e, certamente, está em desenvolvimento. Ainda que, sem alarde ou sem arroubamentos espetaculares, apenas na simplicidade do compartilhar um encontro entre pessoas e seus saberes e não saberes tanto intelectuais quanto tácitos, cotidianos, a magia do encontro dialógico ocorre.

Os discursos proferidos no círculo dialógico vivenciados pelos estudantes do curso de Pedagogia expressam de forma clara as inquietações, os saberes, as angústias desses seres humanos, futuros educadores. Considero importante salientar o anseio de nossos futuros educadores por uma formação humana mais consistente. Muitos deles destacam o desejo de compreender melhor a complexidade da condição humana e não encontram no currículo do curso uma disciplina que lhes proporcione fundamentos epistemológicos e experiências fenomenológicas que os ajude a compreender a si mesmo e concomitantemente a condição humana.

4.2 Dialogando com os futuros educadores sobre os valores humanos na formação do educador

Valores são padrões de qualidade estabelecidos por um grupo social para que possamos ter uma convivência harmônica, de respeito e que nos proporciona um sentido para a nossa existência. São estes valores que norteiam a qualidade de vida da sociedade que vivemos. Apesar de todas as nossas dificuldades em mantê-los e reconhecê-los acredito que os valores mais importantes são honestidade, dignidade, fraternidade, respeito, solidariedade e amor.

[José, 2010]

No trilhar de seu desenvolvimento, o ser humano sempre criou mitos, virtudes, padrões morais, dogmas religiosos que pudessem dar um direcionamento para sua convivência. Em sua multidimensionalidade, o ser humano tem necessidades de âmbitos materiais, intelectuais, afetivos, estéticos e espirituais. Historicamente, esses seres tendem a buscar através da filosofia, das religiões, das tecnologias e das ciências um equilíbrio na valoração dessas necessidades e meios para supri-las. Para orientar essas buscas, foram criados valores bipolares, negativos e positivos, que a partir da qualidade da implicação e da referencialidade fazem como que os valores determinem condutas, representem referências e causem consequências pertinentes às escolhas.

Na minha perspectiva, quanto mais um valor possibilitar a realização do processo de humanização, mais valia ele terá e mais próximo dos valores primordiais estará. Apoiada na literatura e, agora, nas falas dos educadores em formação, reafirmo a importância da formação para os valores humanos primordiais para os seres humanos, em especial, para os futuros educadores. Cabe a eles parte da responsabilidade no papel de suscitar condutas, sensações e ações que promovem a humanização ou o reconhecimento e o desenvolvimento da sensibilidade, da ética, da estética, da razão e da espiritualidade dos seres humanos. Esse desenvolvimento depende tanto de investimento na educação na formação da complexidade do humano por parte das diversas instituições sociais quanto da escolha e da vontade do indivíduo de comprometer-se com sua autoformação que vai acontecendo nas inter-relações entre o indivíduo, o outro e a sociedade.

A relação entre o indivíduo e a sociedade consiste em uma teia implicada e interdependente. Sobre essa relação, [Paulo, 2010] diz: "A priori quando nascemos, recebemos dos nossos tutores a educação que nos adequará a viver e conviver tendo como base esses valores. Essa educação é necessária por causa da interdependência que há entre nós e a sociedade". A noção de dever de uma pessoa para com a sociedade está vinculada à formação de dever ser da mesma e vice-versa. O ser humano é socializado com base nos valores de sua família e das instituições sociais

que participam dos primeiros passos de sua formação. São esses valores que, juntos e inter-relacionados com outras dimensões da condição humana, direcionam a forma de viver de cada indivíduo em sociedade. Sobre a influência dos valores aprendidos pela família e pelas instituições sociais, diz uma entrevistada:

A maioria dos nossos valores nós aprendemos através da educação que recebemos de nossos pais, família e escola. Podemos até mudar um pouco a nossa concepção de valor, mas acredito que os valores na maioria das vezes são repassados por pessoas mais próximas, e esses valores acabam fazendo parte da nossa vida, dia a dia, realidade [Ana, 2010].

A fala dessa estudante de Pedagogia nos remete a analisar o fundante papel de todos os envolvidos nos processos educativos. Não falamos apenas da escola, mas também da família e das demais pessoas e instituições sociais, que em alguma medida, assumem a função de educar. Ao que parece, quando as pessoas que desempenham essa função de educador, não são formadas para os valores humanos e para pensar com rigor sobre as consequências desse seu papel para a sociedade como um todo, se constroem relações não muito saudáveis.

Como vimos no capítulo dois, a orientação coletiva do comportamento e da valoração, ou seja, de por que e como se atribui valor a algo e a alguém, criada por grupos dominante em cada período sócio-histórico-cultural e econômico, objetiva e universaliza comportamentos a partir dos interesses e dos ideais desses grupos. O poder ou a influência diretiva dos padrões e valores socioculturais atuando massivamente tanto na dimensão cognitiva quanto na emocional e valorativa do ser humano, principalmente, naquele que não desenvolveu a contento a sua capacidade reflexivo-crítica, assume um caráter de necessidade quase vital para a autorrealização.

No uso desse poder, a nossa sociedade instituiu valores mercadológicos que ao cultuarem de forma predominante os aspectos materialistas e econômicos, ditam valores negativos que fomentam regras de comportamento alicerçado na conquista, a qualquer custo de benefícios próprios. Esses padrões geram conflitos graves e comportamentos individualistas extremos que chegam a ridicularizar comportamentos éticos. Nas palavras de [Telma, 2010]: “Na nossa sociedade, os valores mais praticados são rivalidade, mentira, injustiça. Eu, na minha vida, procuro fazer o contrário. As consequências podem ser eu agir certo e ser passada pra trás por quem age de má fé comigo”. Essa situação da nossa sociedade é assim descrita por uma das participantes dessa pesquisa:

Acredito que no quadro geral estamos deixando os valores de lado, já não vemos com tanta frequência pessoas honestas, verdadeiras, justas, éticas, disciplinadas, íntegras. Buscamos sempre tirar o melhor proveito de tudo e esquecemos que esses valores são importantes. Acredito que viveríamos muito melhor se praticássemos diariamente esses valores, pois teríamos uma convivência mais pacífica e respeitáramos o próximo. Deveríamos viver valores como honestidade, verdade, justiça, ética, disciplina,

integridade, paz e amor para que aprendêssemos a respeitar e conviver pacificamente com os outros. É primordial que retomemos esses valores de certa forma perdidos no mundo moderno. É um absurdo que hoje consideremos pessoas honestas como “idiotas” e idolatremos pessoas “espertas” que tiram proveito de tudo e de todos. É muito prejudicial, por exemplo, a imagem que as emissoras de TV passam em seus programas aonde pessoas sem o mínimo de ética moral se dão bem na vida enquanto aquelas que são dignas sofrem ou são tidas como “inocentes”. Isso é muito prejudicial para a população que às vezes tem nesse veículo sua única forma de “educação”, e a tem de maneira deturpada. [...] acho que nosso curso deve investir na formação para os valores humanos primordiais, deveriam ser criadas formas, até mesmo uma disciplina para aprendermos a lidar com essa falta de valores do mundo moderno. [...] nem na educação vivemos muito esses valores. Se nós não praticamos esses valores, não podemos esperar que nossos alunos pratiquem [Selma, 2010].

A situação apontada na fala da educadora em formação confirma o pressuposto de que os valores humanos primordiais estão invertidos, ou do quanto se cultuam os vícios ou os valores negativos (contra-valores). A nossa sociedade usa o seu poder de influenciar para transmitir através das mídias o seu paradigma de culto ao poder econômico, financeiro e todos os valores ou contravalores criados para sustentar a supervalorização do ter (dinheiro, bens materiais, prazeres etc.) que alimentam o mercado de produção e consumo. Platão já falava do quanto é vergonhoso uma sociedade necessitar de advogados e juízes, pois isso indica que os seus cidadãos não estão vivendo de acordo com as virtudes. O depoimento dessa futura educadora demonstra que os processos de formação do educador ainda não investem, a contento, na formação para os valores humanos primordiais dos seus educandos.

Sobre essa questão, [Delma, 2010] diz: “acredito que, infelizmente, a sociedade não tem procurado viver por valores. Se a sociedade vivesse por valores, não teríamos tantos conflitos”. Essa situação de falta dos valores humanos primordiais significa para [Paulo, 2010] “a falta desses valores têm sido um câncer destruindo a sociedade. Basta ver a onda de violência desencadeada na contemporaneidade [...] o gênero humano tem deturpado valores, visando seu benéfico próprio”. Essas falas exigem reflexão sobre nossos valores e nossas práxis. O que estamos fazendo perante essa situação?

A doença do anseio, muitas vezes, introjetada através das armadilhas midiáticas do sistema socioeconômico para incentivar o consumo descabido e o ditame do ‘dar-se bem a qualquer custo’, sendo que ‘o que vale é possuir’, desencadeia intolerância, exclusão, violência, dependência de drogas e a desumanização do ser humano. Esses padrões socioeconômicos, geralmente, generalizam desejos, necessidades e uniformizam comportamentos e ações em muitos seres humanos que acatam e cumprem o modelo instituído como se fosse uma obrigação, sem questionar, sem considerar as demais necessidades do humano.

Entretanto, sabemos que o ser humano é capaz de perceber os contextos em que vive e de mobilizar-se para transformá-lo. Nesse aspecto, a educação tem um papel preponderante. Uma das funções da educação consiste em sensibilizar os envolvidos

no processo educativo para perceber as causas e consequências da falta de prática da ética em nossa sociedade, bem como promover reflexões sobre a responsabilidade individual e social por essa situação. Sobre como as práticas educativas em valores humanos primordiais podem refletir na sociedade e do compromisso individual pela construção de uma sociedade melhor, diz uma das entrevistadas:

Considero valores como respeito, tolerância, viver em paz com os outros muito importantes para serem exercidos, principalmente num ambiente escolar, que consequentemente irá refletir na sociedade. Se quisermos uma sociedade melhor, devemos cultivar nossos valores, pois uma atitude pode mudar pessoas, que pode mudar um determinado local e assim por diante. A melhor forma de cultivar esses valores, para mim, é exercendo no dia a dia *[Delma, 2010]*.

O compromisso individual da pessoa com a própria formação determina grande parte desse processo, principalmente, quando se trata de jovens e adultos. Como afirma *[Paulo, 2010]*: “os valores estão associados ao caráter do indivíduo. [...] No entanto, é a disposição interna do indivíduo que irá determinar se ele vai ou não viver os valores”. Dada a complexidade da condição humana, a formação de educadores requer um investimento radical com a implementação de meios que oportunizem a esses futuros professores a compreensão dessa condição. A vivência do autoconhecimento representa um desses meios. Essa necessidade é assim expressada por uma das estudantes entrevistadas:

Para cultivar os valores, preciso tentar observar minhas falhas, modificá-las e sair da teoria em alguns aspectos e praticá-las. É a partir da educação que o cidadão constitui seus valores no meu ponto de vista. É preciso investir mais na formação do educador porque o educador é a base da transformação, ele é a chave para o progresso da sociedade e por isso tenho orgulho de falar que faço pedagogia e que eu tenho o poder em minhas mãos para transformar. Mas, é preciso que a universidade realize seminários, cursos, palestras sobre os valores, interaja com os alunos a esse respeito, pois quando sairmos isso será de grande importância para o futuro das crianças e adultos, enfim, da sociedade *[Rita, 2010]*.

Essa inter-relação entre a vontade e o compromisso pessoal com a coerência entre a teoria e a prática de vida, com o autodesenvolvimento e a autotransformação, associados à práxis formativa rigorosamente fundamentada e comprometida com a intenção primordial de possibilitar a compreensão da complexidade humana, pode traçar novos caminhos para a formação do educador. Faço eco com as falas desses futuros educadores para dizer que os valores humanos primordiais e o diálogo devem ser temas de estudo e da práxis pedagógica que poderão promover o aprendizado da eco-con-vivência.

A capacidade de autotransformação e de ‘certa’ autonomia diante dos ditames dos valores mercadológicos e dos padrões socioculturais instituídos na sociedade contemporânea se faz real pela ação valorosa de muitas pessoas que lutam contra essa dominação do individualismo exacerbado e praticam individual e coletivamente atos/ações em prol da sua comunidade. A força-princípio dos valores humanos

primordiais demonstra sua validade também em pessoas que, mesmo vivendo em um contexto com forte propensão para a marginalidade, conseguem não se marginalizar. Essa força dos valores humanos primordiais é materializada em pessoas que constroem uma vida lastreada pela solidariedade, que nas palavras de *[Rita, 2010]*: “é o ato de ajudar ao outro, é um dos valores praticados, pois muita gente ajuda quando um está com fome ou com frio e vários outros fatores”.

Diante das múltiplas possibilidades da condição humana encontra-se a de poder perceber-se em determinado condicionamento sociocultural instituído e rebelar-se, agindo como agente transformador dessa realidade. Para tanto, *[Telma, 2010]* sugere que “a gente tem que se ‘policiar’ e buscar esses valores, incentivar e mostrar que sem esses valores fica muito complicado de viver e mais que isso mostrar o quanto é bom cultivar esses valores”.

O ser humano não é um ser totalmente determinado e condicionado, ele é, também, um ser dotado de liberdade. O poder de escolher, de realizar e de responsabilizar-se possibilita ao indivíduo assumir o desafio e o risco de viabilizar mudanças, ainda que, a princípio, nele mesmo. Ou seja, na sua forma de pensar, sentir, valorar, agir e relacionar-se com as circunstâncias tanto as que lhes são dadas quanto às por ele realizadas. Assim, cada indivíduo pode valer-se dos valores humanos primordiais para direcionar suas escolhas em detrimento da força socioeconômica do padrão de valoração instituído. Esse direcionamento requer uma investigação sincera sobre os próprios padrões de consumo. Poderíamos começar nos perguntando: o que estamos e quanto estamos consumindo? Como e por que consumimos essas coisas? Elas são realmente necessárias? Quais as repercussões para nossa vida e para a vida do planeta desses consumos?

A educação tem, entre suas funções, a de formar o indivíduo para a comunidade ou preparar a pessoa para que ela possa assumir a sua condição humana de coexistência, bem como desenvolver habilidades e competências que lhe possibilite interagir de forma ética, solidária e dialógica nos grupos e nas instituições sociais. Essa responsabilidade da educação justifica o investimento que a sociedade, na pessoa dos representantes das instituições sociais, precisa realizar na formação dos futuros educadores. Quanto à necessidade do aprendizado dos valores humanos primordiais pelos futuros educadores, ouçamos as falas de duas das alunas entrevistadas:

Acredito que os valores eles podem ser aceitos a qualquer momento. O educador em formação pode aprender outros valores que, até então, ele não considere ou até mesmo nem imagine que seja um valor. A vivência dos valores humanos primordiais ou éticos é fundamental porque quanto mais você acredita, confia e põe em prática os seus valores, mais fácil será para passar para o próximo. No caso, o educador em formação de hoje, amanhã estará em sala de aula, transmitindo os seus valores e consequentemente seus alunos absorverão. Acho que na Universidade devem ter debates entre a turma ou até mesmo palestras sobre esse tema para que haja um aprendizado e uma socialização das diversas concepções *[Ana, 2010]*.

Existe a necessidade de investir na formação em valores porque o professor pode na sala de aula ensinar valores positivos aos alunos através de ensinamentos como: respeitar os colegas, ser honesto, não mentir e outros. O educador em formação tem que ser consciente em relação a sua responsabilidade social, pois um dos deveres do educador na sociedade é transmitir aos alunos os valores positivos como: ética, honestidade, paz, solidariedade e outros. É fundamental abrir um espaço no quadro curricular e colocar como uma disciplina (como ocorre com os estágios) para que os alunos possam participar de seminários palestras e de grupos como esse, que nós formamos para discutir os valores primordiais para a nossa formação [Maria, 2010].

Mais uma vez, as educadoras em formação ressaltam a necessidade das instituições de ensino incluir nos seus currículos a formação em valores. Elas justificam essa necessidade pelo grau de responsabilidade que o educador, principalmente da educação básica, tem com a formação do(a) cidadão(ã). Essa consciência faz com que elas desejem uma formação específica para tratar dos valores e suas consequências para o indivíduo e para a sociedade.

Pensar nos valores humanos pressupõe analisar a questão que permeia os conflitos existenciais do ser humano, o ser e o dever ser. Segundo [Paulo, 2010], “os valores são estabelecidos a partir da minha conduta em relação ao outro. Se os valores que estabeleci são prejudiciais ao outro, eles devem ser modificados por causa dessa premissa”. Assim, precisamos estar atentos à forma como estamos vivendo nossos valores e nossa humanidade e como deveríamos vivê-la para atender ao destino ou a vocação humana de realizar no indivíduo a plena humanização ou para conhecer e desenvolver as potencialidades e limites da condição humana.

Reitero que o valor pode ser considerado como força matriz que norteia os posicionamentos tanto objetivos, instrumentais e pragmáticos quanto subjetivos, sensíveis, intelectuais e espirituais diante de interesses individuais, coletivos e de ambos. Para [Telma, 2010], “os valores são ‘posturas’, formas de lidar, agir, fazer. Maneira de levar a vida através das normas, padrões da sociedade que são passados por nós através dos nossos pais e nossos próximos”. Os valores são, pois, formas de representação das necessidades humanas vitais, socioculturais e espirituais. Os valores indicam e/ou determinam as atitudes, as expectativas e as aspirações de como devem ser as coisas, as instituições, as relações, enfim, as teias da existência. Diante de uma força com tamanho poder, necessitamos estar em contínuo estado de atenção com os nossos valores.

As atividades sociais são resultantes das interações de vários indivíduos. Desse modo, tanto os desmandos quanto as conquistas das sociedades são decorrentes dessas interações e, assim, cada indivíduo tem um nível de responsabilidade. A formação em valores humanos primordiais, como foi sugerida pelos educadores em formação, não tem a função de formar uma sociedade e mesmo relações pessoais e profissionais sem tensões, pois elas são próprias das interações. As tensões podem ser, inclusive, propulsoras do crescimento e amadurecimento dos indivíduos e dos

grupos sociais. Entretanto, essa formação se constitui como um ponto de referência, que pode limitar os excessos individuais através da consciência da necessidade de cuidado com o outro, com o coletivo.

Essa formação visa também à compreensão de que na condição de ser sociocultural, histórico e relacional o ser humano está sujeito à heteronomia. Portanto, o indivíduo não pode, simplesmente, agir ao seu ‘bel prazer’, cada cidadão precisa seguir normas, limites provenientes do exterior (família e demais instituições sociais) que têm como prerrogativa o convívio e a coexistência em grupo, em sociedade. Enquanto indivíduos somos e vivemos uma ambivalência, somos individual, coletivo e social. Vivemos o privado (mundo interior) e público (interações, relações com o outro (s) o mundo, as instituições, a sociedade).

A educação para os valores humanos primordiais e a autoeducação têm responsabilidade com a busca pelo equilíbrio entre a autonomia e heteronomia. Ela visa, ainda, desenvolver o senso ético que situa o indivíduo na sua condição de ser-com. Essa formação pode, também, desenvolver o senso estético de apreciar as pessoas pelo que elas são sem a ditadura dos padrões estabelecidos. Pode, ainda, ampliar a capacidade de sentir prazer em cooperar, em participar e/ou em fazer-com-outro-pelo-bem-comum.

4.3 Entrelaçando saberes sobre o diálogo na formação do educador

A educação não é muda. Para a educação exercer o seu papel, tem que se expressar via diálogo. O diálogo é o suporte essencial da educação.

[Paulo, 2010]

Entre as grandes realizações do ser humano ao longo de seu processo de humanização, está o aprimoramento da capacidade de se comunicar, como vimos no capítulo três. A linguagem em suas mais variadas formas assume esse papel de possibilitar a comunicação. Como o ser humano é ontologicamente um ser de relação, a comunicação e a linguagem possuem um caráter determinante na evolução da humanidade. O termo comunicação vem do latim *communicato* que significa ação de comunicar, de partilhar, de dividir. A etimologia da palavra comunicação endossa a sua função de possibilitar a relação humana. [Delma, 2010] valida essas considerações ao dizer: “Vejo a comunicação como essencial tanto na nossa vida quanto na educação. É através da comunicação que se pode chegar a uma interação e consequentemente a um resultado desejado”.

Desde a modernidade, vivemos de forma cada vez mais atribulada. A aceleração e a globalização das informações e dos conhecimentos fazem com que gastemos muito tempo para processar e acompanhar essa demanda. Muitas necessidades artificiais de consumo foram e estão sendo criadas e se gasta a maior parte do tempo, buscando das mais diversas formas atendê-las. Diante dessas circunstâncias, o tempo cronológico fica, quase sempre, restrito a essa empreitada. Assim, a comunicação vai ficando cada vez mais comprometida. Sobre essa situação, *[Rita, 2010]* afirma: “percebo que existe uma falta de comunicação dentro da educação, da sociedade, da família e em outros setores. Há falta de interação do aluno com professor e as pessoas que estão cada vez mais frias. Há falta do bom dia e da boa noite”.

Essa falta de comunicação ou de uma comunicação no sentido de partilhar, dividir, compromete as nossas interações e relações tanto pessoais quanto profissionais e mesmo as sociais. Os processos comunicativos estão cada vez mais virtuais e pragmáticos. Apesar de a comunicação humana ser por natureza permeada de conflitos, o nível dos conflitos está em parte dos processos comunicativos se tornando insustentável. A prática comunicativa instrumentalista compromete o sentido de ser-com do ser humano ou como *[José, 2010]* diz: “[...] sem a comunicação seja ela verbal ou não verbal a nossa vida teria o seu sentido muito comprometido”.

A forma como muitas pessoas estão se comunicando marca a adesão ao papel preconizado pela sociedade contemporânea regida por valores mercadológicos e pela quase obsessão pela posse e pelo poder. Muitos seres humanos estão perdendo a capacidade de comunicar-se de forma a partilhar e dividir saberes, sentidos e necessidades. Na educação, a realização da comunicação no sentido originário do termo tem uma importância primordial. Entretanto, nem sempre ocorre entre professores e alunos um processo comunicativo fluido e construtivo. Sobre a situação dos processos comunicativos na educação, as entrevistadas, abaixo, comentam:

Na educação, a comunicação não está tão bem, infelizmente são poucos os professores que ouvem e que entendem e que têm empatia com os alunos. Seria importante que os professores utilizassem mais do diálogo como instrumento importante para a sua relação com os alunos. E, principalmente, que eles soubessem da sua importância e mostrassem aos seus educandos, incentivando-os a fazerem essa prática quando chegar a sua vez de lecionar *[Telma, 2010]*.

Percebo que essa questão da comunicação é muito importante para todos os aspectos de nossa vida e fundamental no processo de educação. Pois é através dela que nos socializamos com os outros e com o mundo. Infelizmente, não levamos em conta essa questão quando trabalhamos com crianças, não temos o costume de ouvi-las e isso é muito prejudicial no processo de ensino-aprendizagem *[Selma, 2010]*.

As futuras educadoras percebem e salientam que o problema gerado pela falta de uma comunicação dialógica nos seus processos formativos terá repercussão direta no desempenho de sua futura missão de educar. Pois, sem aprender e sem exercitar a comunicação e a relação dialógica a interação com os alunos não acontecerá de

forma favorável e, assim, o processo de ensino-aprendizagem ficará comprometido, repetindo o que, algumas vezes, acontece com elas. A partir da própria experiência, elas já sabem como essa questão pode ser melhorada.

A aluna de Pedagogia, [Telma, 2010], ressalta a importância da empatia, do saber ouvir, da compreensão para a comunicação e a integração entre professor e aluno. Como vimos anteriormente, somos dotados de sensibilidade, de necessidade de reconhecimento, de acolhimento e precisamos dessas atitudes para que possamos nos desenvolver e socializar, como bem salientou [Selma, 2010]. Uma boa comunicação é básica para que ocorra a mediação, o entendimento e a construção dos processos de formação humana e de construção do saber no ambiente escolar. E mais, como [Paulo, 2010] afirma: “é na qualidade da comunicação (quando o outro escuta e entende o que o interlocutor quis dizer) que se dá o processo de interação comunicativa a qual vai proporcionar uma qualidade de vida”. Cuidar da comunicação, vivenciar o diálogo o mais rotineiramente possível, pode melhorar potencialmente esse que tem sido um dos *slogans* da contemporaneidade: a qualidade de vida.

Os ruídos, os mal entendidos e as dispersões fazem parte do jogo da conversação podem e devem servir, inclusive, como instrumento de reflexão sobre o posicionamento do indivíduo consigo mesmo e com o grupo. Entretanto, percebemos que essa ainda não é uma prática constante em sala de aula. Fica a angustiante questão: por que muitos atores dos processos educativos ainda não conseguem realizar uma comunicação dialógica?

Na sala de aula, a forma de falar do professor é fundamental para promover ou inibir o diálogo. Na postura dialógica, o conflito é saudável e natural. Questionamentos, ponderações com abertura para aprender, contribuem para a reflexão e para a expansão do conhecimento sobre o tema em questão. A sensibilidade no ato do falar dialógico consiste, também, em cuidar da expressividade não apenas verbal, mas da forma corporal e da entonação que usamos ao transmitir as emoções.

Como diz Freire (1970), no aprendizado do diálogo necessita-se horizontalizar os discursos e proferi-los com a intenção de compartilhamento e de crescimento para todos os participantes. A questão do *status* social e a sua valorização precisa ser revista para que as pessoas possam apreciar o discurso do outro e aprender com ele, seja qual for o seu nível de instrução ou a sua posição social. O diálogo pode ser um turbilhão de sementes a serem fertilizadas pelos saberes transdisciplinares e regadas pelo compartilhamento honesto dos mesmos pelos seus participantes.

A comunicação e a relação com o fim apenas estratégico, pragmático ou informativo, na maioria das vezes, não permite a visualização ampliada dos contextos pessoais e grupais, pois são diretivas, objetivistas. Assim, não criam teias de interação para o crescimento comum. Pontuar essas características da comunicação largamente

praticadas em nossa sociedade, não nega que, em momentos pontuais diante de situações críticas ou mesmo em situações objetivas, elas sejam úteis e necessárias. A questão é esquecer ou ignorar o diálogo e legitimar a comunicação na perspectiva só estratégica como único e mais proveitoso instrumento de comunicação, inclusive na educação. Sobre essa questão, duas participantes dessa pesquisa afirmam que:

Sim, existe uma inter-relação entre a prática do diálogo e a educação. Podemos perceber na história do mundo como isso foi se perdendo, os primeiros “professores” ensinavam através do diálogo, da troca de informações, do questionamento, e isso foi se perdendo e o ato de educar foi tornando-se um ato mecânico que não leva em conta os indivíduos [Selma, 2010].

De existir, existe uma inter-relação entre a prática do diálogo e a educação desde que para aprender é preciso saber, conhecer e ouvir os alunos. Por exemplo, como vamos saber o motivo da dificuldade em aprender do aluno se não ouvir o aluno? Porém, na prática não é bem assim que acontece, poucos são os professores que dialogam com seus alunos. É possível sim despertar os futuros educadores para a importância do diálogo nas práticas educativas, pois acredito que os novos educadores estão abertos a novas experiências e, principalmente, pelo fato de ter sentido na pele o quão árduo é viver sem esse diálogo. Que isso é possível, é fato, basta apenas que a nossa formação nos forneça esse suporte [Telma, 2010].

Estamos diante do padrão estabelecido desde a sociedade moderna de priorização do desenvolvimento da vida privada com o consequente crescimento do individualismo e da tentativa de robotização do próprio ser humano. A educação, em parte, pactua com esse processo na medida em que prima por uma formação baseada na racionalidade instrumental e perpetua, ou melhor, reproduz esse padrão. Assim, como salientam essas educadoras em formação, o diálogo que desde Sócrates representa uma forma de desenvolver a capacidade investigativa e reflexivo-crítica, foi esquecido inclusive, às vezes, na relação entre professor e aluno.

Entretanto, retomando as falas dos estudantes de Pedagogia, necessitamos repensar a nossa forma de nos comunicarmos. Precisamos de um mínimo de reconhecimento e aceitação do outro. Podemos começar aos poucos a construção de uma representação de mundo que tenha como imagem mental a eco-convivência ou com-vivência ética, dialógica entre seres humanos e a natureza da qual somos parte.

A prática do diálogo que segundo [Paulo, 2010] significa “ouvir mais do que falar, respeitando sempre o outro como pessoa”, constitui um importante instrumento para a eco-convivência. Para ser efetivamente praticado, o diálogo requer algumas posturas (ver capítulo três) a serem aprendidas e exercitadas por quem deseja dialogar. Aprender novas atitudes remete o aprendiz a rever as suas antigas condutas e empenhar-se para se repensar e se reconstruir. Entretanto, como afirma [Selma, 2010]: “não temos muito esse hábito, e para alguns é bastante difícil mudar”.

Mesmo com as dificuldades implícitas em qualquer ação de transformação, os educadores em formação sugeriram algumas posturas básicas a serem aprendidas para dialogarmos. [Telma, 2010] sugere que devemos “ouvir sempre e falar quando

necessário”; já [Paulo, 2010] afirma que precisamos “ter postura de um ouvinte atento; [Delma, 2010] diz que se precisa “ser o mais claro possível, para assim, ser compreendido e saber ouvir o outro; José pressupõe que “saber se colocar no lugar do aprendente, já é um grande passo”. [Rita, 2010] e [Selma, 2010] acrescentam que a “compreensão e respeito às opiniões” e o “saber ouvir” também são fundantes para o diálogo.

Esses diálogos nos fazem acreditar que precisamos construir uma nova representação de relação com foco de valorização do diálogo e dos valores humanos primordiais. Nela valorizaremos menos as conquistas individuais e mais a construção de uma sociedade mais equânime e ética, regida pelo respeito e reconhecimento da alteridade na qual as conquistas coletivas pelo bem da sociedade e dos seus cidadãos dão a cada indivíduo corresponsável o prazer de realizar algo para ele mesmo e para os outros. Nesse contexto, assim como na prática do diálogo, o ‘ganho’ é comum. Considero que nós, educadores, dentro ou fora da sala de aula formal, poderemos refletir com os educandos sobre essas questões e tentar desenvolver pequenas ações que nos possibilite experienciar realizações coletivas. Poderíamos seguir a sugestão de [Selma, 2010]: “deveríamos ter a oportunidade de realizar debates e círculos dialógicos. Acredito que isso nos ajudaria em relação à prática do diálogo”.

Esses educadores em formação compartilham desse pressuposto e clamam pela prática do diálogo tanto para melhorar as suas relações atuais com os professores quanto para que possam aprender a dialogar e levar o diálogo como práxis para os seus futuros alunos. Sobre a importância do aprendizado e da vivência do diálogo para o educador em formação, disse [Paulo, 2010] que “sua importância está intrinsecamente relacionada com a sua futura prática pedagógica”. Ainda sobre o valor do diálogo para a formação dos professores, vejamos a opinião de mais dois sujeitos dessa pesquisa:

Muitos de nós não sabemos dialogar, pois não temos experiência nisso, que seria algo tão primordial para a convivência. Não temos o costume de escutar os outros, só queremos falar e sermos ouvidos. Vivenciar e aprender a dialogar é, então, de suma importância para nós, educadores em formação para que não continuemos apenas despejando informações nos nossos futuros alunos e possamos interagir com eles [Selma, 2010].

Considero muito importante aprender a dialogar e usar o diálogo na educação. Tanto já vivenciei como aluno e quando vejo o professor que se coloca como um ser “mortal” e “atingível” a relação ensino-aprendizagem torna-se muito mais significativa. Sabemos que o campo da educação, nos dias atuais, não está para brincadeira e conflito é o que não falta. Saber estabelecer uma boa comunicação é um grande passo para a superação dos conflitos ou, pelo menos, tentar resolvê-los [José, 2010].

A arte de dialogar requer aprendizado e exercício. Esses, entre outros atores dessa pesquisa, expressam a necessidade desse aprendizado e cabe aos cursos de formação de educadores atenderem a essa solicitação. A comunicação dialógica

pode melhorar consideravelmente as relações na medida em que pode promover o reposicionamento do conflito que deixa de ser gerador de desavenças e passa a ser instrumento de crescimento pessoal e coletivo.

O diálogo que, segundo [Guiliana, 2010] acontece “quando duas ou mais pessoas interagem e uma escuta a outra. É um momento de troca, de compartilhamento”. Ele permite a coexistência pacífica entre as dimensões pessoal e coletiva do ser humano. Afinal, como diz [Telma, 2010], diálogo é relação. Nas palavras dessa futura educadora “não existe diálogo sem ouvir e claro sem falar. Diálogo é uma relação”.

A interação dialógica possibilita construção de novos sentidos ou, pelo menos, a compreensão do sentido que cada indivíduo atribui a algo. Como diz [Delma, 2010]: “é através do diálogo que eu passo a compreender o outro e vice-versa. Sendo que a compreensão resultará no respeito, o que, de certa forma irá melhorar nossas relações”. O diálogo possibilita à criação uma espécie de jogo circular no qual se estabelece, aos poucos, confiança e, com isso, um desnudamento intelectual e, algumas vezes, afetivo das pessoas envolvidas.

Sobre esse espaço dialógico, se constitui em um campo fecundo de compartilhamento de saberes, diferenças, dúvidas. Diz [Rita, 2010]: “na educação, o professor tem que saber as necessidades dos alunos e é a partir daí que o diálogo entra. Sem diálogo não só na educação, mas em outros setores fica difícil reconhecer as dificuldades e ter tolerância com as diferenças”. Criar em sala de aula um espaço dialógico significa perceber melhor as necessidades individuais, incentivar e exercitar valores, potencializar a aprendizagem, a criatividade e desenvolver a capacidade investigativa, reflexivo-crítica, ética, solidária e participativa entre os atores do processo educativo. O diálogo, principalmente na educação, possibilita um fazer concomitantemente pessoal e coletivo. Nas palavras de uma aluna entrevistada:

Entendo o diálogo como uma conversa entre pessoas. O diálogo na educação irá contribuir para a construção do aprendizado, na medida em que o educador abre espaço para que haja diálogo com os alunos, o aprendizado se desenvolverá mais de uma forma mútua. Basta o educador entender que ao proporcionar o diálogo, haverá trocas de informações e quando se há troca todos aprendem inclusive o educador [Delma, 2010].

Retomando o que foi dito no capítulo três, a palavra e o discurso têm a função, também, de revelar quem fala e propiciar uma interação e uma mediação entre ele e o mundo. O silêncio fala sem verbalizar um discurso. A palavra e o silêncio são interdependentes e multiconstrutores, um depende do outro para existir e atribuir sentidos. Os partícipes de um diálogo expressam através de fala ou mesmo do silêncio suas condições pessoais, seus contextos socioculturais, ideológicos, intelectuais e morais. O diálogo revela, concomitantemente, o mundo individual e os padrões que regulam o meio social dos agrupamentos humanos. Uma relação dialógica possibilita que esses mundos se interpenetrem. Interações causam dúvidas, questionamentos,

esclarecimentos, compreensões para as pessoas que se dispõem a compartilhar. O diálogo possibilita, assim, o aprender com. Nas palavras de [Telma, 2010]: “no momento que a gente conversa e ouve, dialoga, existe uma troca e geralmente, pelo menos no meu caso, costumo ouvi e aprender com as experiências, eu costumo muito ouvir e assimilar para a minha vida”.

Penso que para eco-con-viver, necessitamos nos autoconhecer. Para [Selma, 2010], o diálogo contribui com o processo de autoconsciência. Assim, ela afirma que “quando há um diálogo nos conhecemos melhor e conhecemos os outros também. Dessa forma, podemos mudar o modo como agíamos e adequá-lo a cada situação”. O autoconhecimento consiste, entre outros aprendizados, em aprender a olhar de forma polifônica, multidimensional tanto para nós mesmo e para o outro quanto como estamos nos relacionando. Através da autoconsciência, reconhecemos que a inconsciência é ontológica do ser humano. Essa percepção nos deixa em alerta conosco e mais tolerantes e compreensivos com o outro, lembrando-se que tolerância e compreensão não invalidam o cumprimento das responsabilidades sociais, morais de cada indivíduo, ou seja, cada um precisa assumir as consequências de seus atos.



C A P Í T U L O 5

TECENDO OS FIOS ESTRUTURANTES PARA A ECO-CON-VIVÊNCIA

“A transitividade crítica, a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Por procurar testar os ‘achados’ e se dispor sempre a revisões. Por negar a transferência de responsabilidade. Pela prática do diálogo e não pela polêmica”.

Paulo Freire, 1996

Vimos que como seres de relação, os seres humanos são e estão em participação formando cadeias interligadas, inter-relacionadas e interdependentes, tanto nos aspectos externos (aspectos geofísicos, socioculturais, políticos, econômicos e etc.) do lugar onde vive quanto dos aspectos psicológicos, cognitivos, emocionais e valorativos (construindo conceitos, ideias e teorias). Esses aspectos estão mutuamente imbricados e constituem o imaginário e as representações mentais e afetivas dos seres humanos.

Essas esferas que nos compõem vêm sendo plasmadas desde os nossos ancestrais e estão, de alguma forma, presentes em cada um nós. É pelo engajamento de toda esta complexidade que cada indivíduo encontra a sua forma de expressão, forma essa própria, particular de cada pessoa. Ao existir, estamos simultaneamente individualizados e engajados nesse todo humano, planetário e universal. Assim, volto a destacar que, cada ser é coparticipante, corresponsável tanto pelo seu modo de viver quanto pela sociedade em que vive. A autonomia de cada pessoa está imbricada em sua condição de pertencimento ao grupo sócio-histórico-cultural.

O ser humano, ao longo do seu processo de humanização, foi capaz tanto de realizar metamorfoses históricas e culturais quanto de assumir o controle do seu meio ambiente, principalmente nos aspectos técnico, material e econômico. Assim como ele soube usar seu potencial para desenvolver o aspecto tecnológico, esperamos que também o utilize para conhecer e assumir controle sobre si mesmo, como já queria Sócrates, Confúcio, Buda e Cristo (para citar apenas alguns). Ao se conhecer

e compreender os aspectos da condição humana que são possíveis de decifrar e ao conscientizar-se dos mistérios que envolvem as dimensões do humano, os seres humanos podem construir relações éticas e dialógicas. Essas relações se constituem como base estrutural para a edificação de uma sociedade na qual a raça humana possa eco-con-viver. Entretanto, desejar a eco-con-vivência pressupõe repensar os processos de formação do indivíduo que remetem a uma revisão dos cursos de formação do educador.

A esperança de transformação na forma de se pensar o ser humano e a sua formação se concentra, em parte, nos processos educativos. Educar consiste, talvez, na tarefa mais complexa do ser humano. E reafirmo que a responsabilidade por essa tarefa não está apenas nas instituições escolares. A família, a religião e as demais instituições sociais que participam do processo de socialização e de formação do indivíduo desde criança têm um papel fundamental na educação. A partir da juventude e, principalmente, na fase adulta o próprio indivíduo tem um papel decisivo no seu processo de educação e autoformação.

Nesse capítulo, apresento e reafirmo algumas compreensões e dúvidas sobre alguns aspectos das tessituras do humano que considero importantes para a formação do educador na perspectiva dos valores humanos primordiais ou da ética e do diálogo. Além disso, tecerei considerações sobre a ação do diálogo e dos valores humanos primordiais na formação do educador.

5.1 Teias da condição humana

Penso, também, que é o essencial da consciência humana: todos os homens são responsáveis uns pelos outros, 'e eu mais que todo mundo'. Como se vê, é a fórmula de Dostoiévski que cito de novo'.

Emmanuel Lévinas, 1997

A enigmática condição humana não se cansa de velar e desvelar; unir e apartar. No jogo do existir de forma plástica, complexa, multidimensional, interpolar, singular e coletiva, pequena e cósmica, a condição humana se constitui, talvez, na mais primorosa criação já realizada. Estar preparado para sorver os momentos de desvelamento e aprender com eles sobre nós mesmos, enquanto raça humana, se constitui uma arrebatadora arte. Somos tanto interdependentes entre nós, seres humanos, quanto o somos da natureza que nos constitui, acolhe e abriga.

O retorno à origem (*arkhè*) de ser humano e mesmo do cosmo (pelo menos do pouco que sabemos) nos faz perceber a similitude e a interdependência existente entre os seres humanos. Essa compreensão se faz a partir de diálogos entre os

saberes originários, históricos, passando pelas diásporas, conquistas e destruições bárbaras. Lembrar de processos históricos da evolução do ser humano deixa a inquietação: Será que a humanidade retomará o caminho da humanização começado pelas sociedades arcaicas e meio adormecido pelas atuais? Será que o resgate da solidariedade, do sentimento de comunidade (entre os demais valores humanos primordiais) e do diálogo poderá recolocar e/ou impulsionar a humanidade no caminho da humanização mesmo diante do alto grau de complexidade das atuais sociedades globais?

A condição humana se manifesta de forma diferente em cada indivíduo. Essa singularidade e a forma como cada cultura a cultiva, fazem com que a nossa condição de inter-relação e interdependência fique, de certa forma, obscura, o que facilita a propagação do desejo ilusório de realização individualista sustentada pelo paradigma moderno de produção e consumo. Entretanto, um cuidadoso olhar para o quanto influenciamos e somos influenciados pelas nossas relações já sinaliza a nossa interdependência.

A nossa peculiaridade de ser parte de uma raça, de uma espécie não invalida a nossa singularidade. Assim, nossas interdependências não cerceiam a nossa liberdade desde que compreendamos liberdade como possibilidade de desenvolvimento com responsabilidade perante os demais seres vivos. Para pensar a interdependência entre os seres vivos, precisamos compreender as inter-relações entre autonomia, liberdade e dependência. Sobre essa questão, diz Morin (2007, p. 279 - 280):

A autonomia humana e as possibilidades de liberdade não se produzem *ex nihilo*, mas pela e na dependência anterior (patrimônio hereditário), exterior (ecológica), superior (cultura), que co-produzem, permitem e alimentam, mesmo a limitando, subordinando e, em permanência, correndo o risco de submetê-la e de destruí-la. As polidependências, vamos repetir, são condições de autonomia: a autonomia biológica necessita da dependência ecológica; a autonomia cerebral depende da dependência genética; a autonomia mental é alimentada pela dependência cultural; a autonomia do comportamento é nutrida pela cultura, que fornece técnicas e conhecimentos eficazes.

A condição humana se constitui, pois, em uma teia de dimensões autônomas e dependentes, inter-relacionadas, imbricadas e interdependentes. Cada um desses aspectos da condição humana compõe uma unidade coparticipante e complementar. Ou melhor, uma parte estruturada, ativa, atuante como uma microunidade que compõe uma totalidade. A multidimensão que forma a condição de interdependência dos seres vivos apresenta conceitos e realidades específicas, por vezes, antagônicos, mas que se complementam e necessitam um do outro.

A unidade da humanidade é representada na identidade humana comum. Cada indivíduo é constituído, segundo Morin (2007), pelo patrimônio genético da espécie humana, que recebeu como herança elementos constituintes do cosmo e de seus seres vivos ou não. Cada indivíduo possui as características anatômicas,

morfológicas, cerebrais e afetivas comuns à espécie humana. Entretanto, cada indivíduo experiência de forma singular essa identidade comum e, assim, a partir das interações e das relações com seu meio geofísico, sociocultural, econômico, dentre outros, constrói a própria identidade. Segundo Morin (2007, p. 60), “A unidade afetiva do ser humano está hoje estabelecida. [...]. As diferenças raciais, étnicas, culturais não alteram a unidade afetiva, mas alteram a compreensão de uma cultura para outra, de um sorriso ou de um riso”.

Compreender a interdependência entre esses e os demais aspectos da condição humana e perceber a dialogicidade entre eles ampliam a compreensão das diferenças e das semelhanças que compõe a unidade genérica, conjuntiva e constitutiva da humanidade. O ser humano carrega as heranças ancestrais do desenvolvimento do cosmo e da raça humana.

Para Rousseau (1978), o ser humano possui por natureza dois sentimentos básicos: de autopreservação e de comiseração. Esses sentimentos contrários e complementares são as fontes do egoísmo e do altruísmo. Segundo esse autor, em condições naturais um sentimento equilibra o outro o que possibilita a vida em comunidade sem a anulação da individualidade. Dessa forma, a supervalorização de um em detrimento do outro causa a desestruturação nesse todo complementar e antagônico.

Segundo Montaigne (1996), diferenças humanas são provenientes de instrumentos de concepção e julgamento. Assim, o mal não existe em si, mas depende de estado de espírito, da forma de o indivíduo compreender e julgar um determinado incidente e/ou ideia. Penso que, em se tratando de valores primordiais que dizem respeito a uma coletividade e ao bem-estar desta, essa questão precisa se tratada com muito cuidado e rigor, pois a ideia arcaica desses valores primam pelo bem da humanidade.

Como já explicitiei, o culto ao individualismo na cultura ocidental faz com que o Eu (mesmo que desconhecido para o próprio indivíduo) seja supervalorizado em detrimento do Nós. Construímos uma sociedade de “Eus” na qual os valores coletivos (altruísmo, solidariedade, generosidade, etc.) são pouco cultivados. O nós só é reconhecido na família e nos pares conjugais, sendo que mesmo nessas relações, o “Nós” nem sempre é priorizado. A disputa pela afirmação do eu aumenta o nível de conflito e representa mais um motivo para separações, agressões, dores e violências. Acredito que o reconhecimento de que cada ser humano só se constitui sujeito na relação com o outro e a percepção de que construímos a nossa humanização nas interações, nos processos de pensar e de agir no e com o mundo significam começar a apreender que a condição humana se constitui na alteridade, nas teias dialógicas entre o ‘Eu’ e o ‘Nós’, no mundo e com o mundo.

Segundo Morin, (2007), a complexidade humana faz do ser humano genial e débil; egoísta e altruísta; poético e prosaico; *yin* e *yang*; agressivo e dócil; selvagem e civilizado; criador e destruidor entre outros pares de opostos antagônicos e complementares com os quais convivemos nas relações circulares e interdependentes conosco mesmo e com os demais seres humanos. Mas, o ser humano possui, também, consciência, responsabilidade, senso de ética, capacidade de autodomínio e de autodesenvolvimento. Conhecer as peculiaridades humanas e como desenvolvê-las através dos processos educativos diversos, pode formar, talvez, uma nova cultura de desenvolvimento humano.

Compreender as interpolaridades, as multidimensões do humano, e mesmo a existência de um todo como partes integrantes e complementares de uma totalidade, significa rever também o desejo de certezas, de linearidades perante o processo dialético e transitório de viver. Ao não compreender e negar essa situação da existência, cria-se fragmentação, separatividade, intolerância com o diferente, inabilidade para lidar com as mudanças e com qualquer situação que contrarie a nossa forma de pensar e os nossos desejos.

Sobre essa questão, Bohm (1992, p. 38) diz que “não é acidental o fato de que nossa forma fragmentária de pensamento esteja levando a um espectro tão amplo de crises sociais, políticas, econômicas, psicológicas, etc., no indivíduo e na sociedade como um todo”. A falta de compreensão da condição humana causa, pois, sérios conflitos, muitas vezes sem sentido. Imersos nessa confusão, não percebemos que os pensamentos, as ações, os sentimentos e as energias gerados nesses momentos de desentendimentos retornam para todos nas formas mais diversas. O sentimento de ser diferente (melhor, ou pior), o desejo de segurança (no sentido de permanência das coisas da forma como se concebe e se deseja) e de certezas objetivas faz do ser humano um prisioneiro da racionalidade linear, fácil de ser conduzido segundo preceitos que prometem estabilidade. Essa falta de compreensão do humano, além de gerar esses sérios conflitos, cerceia a habilidade de mudar, inventar, criar, ousar e eco-con-viver.

Aprender a perceber e a dialogar com os nossos antagonismos faz parte do aprendizado da eco-con-vivência. Essas forças, ou melhor, dimensões do humano estiveram sempre lutando uma contra a outra e em cada momento da história uma prevalecia sobre a outra. Segundo Morim (2005), o prosaico, o racional e o técnico reinam desde a origem do *homo sapiens* e promoveram o desenvolvimento de tecnologias. Enquanto isso, as forças da afetividade, da sensibilidade tiveram que encontrar formas marginais para sobreviver.

A reverência às tradições, à estética, à arte, às organizações marginais criadas às margens da sociedade de produção e consumo como algumas ordens religiosas e algumas organizações não-governamentais são formas de preservar essas forças.

Será a consciência de interdependência, o diálogo e a compreensão do jogo entre estas grandes forças: a racionalidade e afetividade; o prosaico e prático; egoísmo e altruísmo; o *yin* e *yang*; o dionísio e apolíneo a próxima grande conquista do ser humano?

Alguns seres humanos permeados pela cultura ocidental têm dificuldade de pensar a unidade e a diversidade como partes integrantes da condição humana e de reconhecer que uma está contida e contém a outra. Este tipo de pensamento complexo assusta. Por isso, às vezes se prefere as simplificações no sentido de mutilações e linearidades. Criamos especialistas endurecidos, disciplinares que não conseguem dialogar com outras áreas de conhecimento, que não percebem a interdependência e a transdisciplinaridade. E, assim, como se pensa o ser humano de forma separada, se separa também cada área do saber dos demais e do todo que constitui a condição humana. Ouçamos Bohm (1992, p. 274- 275):

Portanto, somos levados a propor, adicionalmente, que a realidade mais abrangente, profunda e intrínseca não é nem a mente, nem o corpo, mas sim uma realidade de dimensão mais elevada, que é a base comum de ambos e cuja natureza está em ambos. Cada um deles é então apenas uma subtotalidade relativamente independente. [...]. Num modo de pensar mais profundo e geralmente mais adequado, cada um desses elementos é uma projeção, numa subtotalidade de 'dimensões' mais elevada. Desse modo, será, em última instância, enganoso e sem dúvida errado supor, por exemplo, que cada ser humano é uma realidade independente que interage com outros seres humanos e com a natureza. Em vez disso, todos esses são projeções de uma totalidade única.

Refletir sobre essa abordagem do físico quântico David Bohm nos ajuda a perceber que podemos transcender o pensamento mecânico que faz com que pensemos o ser humano de forma apenas dual, separada. Essa forma de compreender o ser humano está sendo reproduzida pelas instituições econômicas, e também pela educação que isolou o conhecimento em disciplinas e tornou cada disciplina independente. Mas, como querer tornar independente algo que diz respeito a uma complexidade composta de diversos aspectos? Não podemos negar o valor das disciplinas, mas precisamos considerar que os saberes delas fazem parte do conhecimento integrativo, de um todo e, que elas são, assim, interdependente.

Segundo Morin (2007), a nossa origem física, biológica faz parte do cosmo, da terra, do reino animal. Parte de um todo em processo dialógico de ordem, desordem, interação, organização, distribuição, construção. Assim, somos mutuamente dependentes desse macrouniverso que nos abrigou, da natureza criadora que nos acolheu e à qual retribuimos, estabelecendo com ela uma relação de dominação e de exploração. Entretanto, após séculos de uma relação não ética e não dialógica, a natureza está nos demonstrando o mal que uma relação de desmandos e descasos causa a ambas as partes. Depois de quase destruir o nosso *habitat*, estamos começando a perceber que dependemos mais da natureza do nosso planeta do que esta da raça humana. Esse despertar passa pela necessidade de rever os nossos padrões de consumo e de relacionamento.

A nossa interdependência se apresenta nas esferas: ser humano e ser humano; ser humano e natureza, sendo que cada uma dessas esferas são constituídas de multidimensão, também interdependente. Considero que o educador em formação ao dar-se conta dessa realidade de interligação e interdependência poderá desenvolver uma nova consciência de cuidado, de zelo mútuo entre os seres humanos e a natureza que está tanto em nós quanto nos demais seres do nosso planeta. Morin (2007, p. 51- 52) nos ajuda a compreender a nossa condição de interdependência ao afirmar que:

A humanidade surge de uma pluralidade e de uma justaposição de trindades: - a trindade indivíduo/sociedade-espécie; - a trindade cérebro-cultura-espírito; - a trindade razão/afetividade/pulsão; ela própria expressão e emergência da trindade do cérebro que contém as heranças dos répteis e dos mamíferos. [...] Cada um desses termos contém os outros. Não só os indivíduos estão na espécie, mas também a espécie está nos indivíduos; não só os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade também está nos indivíduos, inculcando-lhes desde o nascimento deles a sua cultura. [...] Cada um dos termos dessa trindade é irredutível, ainda que dependa dos outros. Isso se constitui a base da complexidade humana.

Não pretendo fazer um tratado da natureza humana, até porque não tenho conhecimento de causa para tanto. Desejo, apenas, possibilitar o despertar dos futuros educadores para a importância da compreensão dessa natureza interdependente. Compreensão essa que pode acontecer a partir do autoconhecimento, do reconhecimento da alteridade e da prática do diálogo fecundo. A compreensão dessa especificidade da condição humana representa um aprendizado fundamental para a construção de relações de eco-con-vivência e para a conscientização de que cada ser humano tem a sua parcela de responsabilidade nessa teia de relações e inter-relações interdependentes.

A compreensão dessas peculiaridades da condição humana pelos educadores em formação pode representar uma nova possibilidade de educação; pode possibilitar a criação de uma representação mental de solidariedade, de coparticipação e corresponsabilidade pela forma de existir da humanidade na e com a natureza. O processo de criação dessa nova forma de pensar o ser humano aos poucos pode tornar-se estruturante no imaginário e na cultura do ser humano. Estando no imaginário do humano, essa nova consciência se manifestará na edificação da eco-con-vivência.

Ao compreender a tessitura da condição humana, percebemos que cada indivíduo representa uma linha dessa teia. Linha essa que, com sua cor e textura próprias, tece significativamente a complexa trama da condição humana. Diferentes e diversas linhas se entrelaçam e compõem, ao mesmo tempo em que são compostas, fazendo-se, assim, criatura e criador do desenho tecido. Segundo Zukav (1989, p. 48 e p. 308):

Alguns biólogos creem que uma simples célula vegetal traz dentro de si a capacidade de reproduzir a planta inteira. De forma similar, a implicação filosófica da mecânica quântica é que todas as coisas do nosso universo (inclusive nós), que parecem existir independentemente, são na realidade partes de um modelo orgânico que abrange tudo, e nenhuma parte desse modelo, desse todo, está realmente separada dele ou das demais partes. [...] Segundo David Bohm as partes parecem estar em imediata conexão, na qual sua relação dinâmica depende de uma forma irredutível do estado do sistema inteiro (e certamente dos estados dos sistemas mais extensos nos quais estão contidos, estendendo-se em princípio e definitivamente ao universo inteiro). Assim, somos levados a uma nova noção de uma inteireza inquebrantável, que nega a clássica ideia da possibilidade de analisar o mundo em partes existentes separadas e independentemente”.

Esses estudos estão demonstrando a nossa condição de interligação e de interdependência. Utilizando alguns fundamentos dessas ciências, podemos refletir sobre a inteireza que rege a vida no planeta e no cosmo. Não podemos nos separar do conjunto dinâmico da existência e, assim, necessitamos cuidar das nossas escolhas e ações individuais, pois elas têm repercussão na cadeia imbricada da vida humana e planetária. Poderia dizer que essa percepção pode possibilitar uma mudança na forma do indivíduo perceber a si mesmo e a realidade como pode transformar o seu posicionamento e comportamento diante do outro (ser humano, natureza). A consciência dessa condição humana e cósmica, pode possibilitar uma abertura, um espaço para a meditação sobre a prática dos valores humanos primordiais e do diálogo para a construção da eco-con-vivência.

Assumir essa corresponsabilidade não exclui a busca pelo desenvolvimento individual, pela individuação, só muda a forma de construção desse desenvolvimento. Ela só aumenta a responsabilidade do indivíduo com a forma como ele conduz a sua existência, pois agora ele sabe que pode construir relações, usando o cimento e os tijolos dos valores humanos primordiais. Ele pode regar sua construção com o sentimento do bem comum, do coletivo e, assim, dialogicamente construir a eco-con-vivência.

Nas relações, precisamos conviver com contradições, com pessoas que possuem ideias e visão de mundo diferentes, que expressam suas emoções e sentimentos de forma singular. Na nossa sociedade, nem sempre compreendemos e aceitamos essa realidade. Entretanto, a vivência de relações dialógicas nos faz compreender a interdependência. Isso porque dialogando, percebemos que mesmo diferentes, temos muitas semelhanças, pois fazemos parte de um mesmo todo.

Esse caráter de coparticipação ocorre desde o processo de individuação (JUNG, 1975), que acontece na interação, na relação do indivíduo com. Tal processo é participativo e dialógico na medida em que só acontece mediante trocas, teias, laços, conflitos, tensões e lutas. A própria individuação já traz em si mesma a interdependência. A pessoa só se individualiza através de suas relações da convivência. Mas, por que depois de se pensar autônoma essa mesma pessoa julga-se

única e possuidora de todas as verdades e de todo o poder perante o(s) outro(s)? Onde e quando acontece a formação do individualista que não reconhece o processo que o tornou um ser individual? Que não reconhece que só chegou onde está através e com o(s) outro(s)?

Na nossa cultura, parece muito tênue a linha limítrofe entre o cuidar de si, o tornar-se responsável por si e o estar aberto e disponível para o outro, para o social. Não aprendemos a lidar com a nossa dimensão individual e coletiva. Parece que essa dualidade nos deixa em uma linha abissal e para não correr o risco escolhemos um dos lados. Principalmente, o lado do individual que isolado torna o ser humano individualista, separatista e concorrente voraz. Perdemos a mediação, a interação do dual. Entretanto, essas polaridades estão em nós, fazem parte do todo humano. Será que temos razão ao acreditar que para aprender a torná-las interpolares precisamos escolher dialogar, viver os valores primordiais e estabelecer relação com os contrários de nós mesmos?

Os valores junto a três das dimensões da condição humana (sensibilidade, razão, vontade/ação) propostas por Morim (2005) determinam, em grande parte, as escolhas feitas pelos indivíduos. Essa trilogia em inter-relação com as influências socioculturais, econômicas e religiosas determina, também, as formas de estabelecer relações, de conhecer e os fazeres intelectuais e práticos dos seres humanos. O ato de escolher, de valorar, de relacionar-se e de aprender ou de construir conhecimento se constitui em teias entre o individual e o coletivo, presentes nas interpolaridades humanas.

Penso que para assumir com efetividade a tarefa de possibilitar a formação de cidadãos (ã), os futuros educadores necessitam compreender essas multidimensões da condição humana, compreender que essa condição nos faz necessitar do outro, das interações e das relações para nos desenvolver. Essa compreensão pode nos ajudar ainda a sairmos do desejo cultural de controle e gerar atitude de diálogo, do entendimento e da con-vivência entre seres interdependentes. Pode, assim, possibilitar a eco-con-vivência na qual não se aceita a exclusão, a pobreza, o abuso como mera consequência de uma aparente falta de vontade ou de esforço daquele que está nessa situação, como quer que pensemos a ideologia liberal.

Acredito que a compreensão dessa perspectiva da realidade da condição humana pelo profissional responsável pela educação básica pode representar uma nova formação para as crianças, que desde pequenas poderão ter a oportunidade de conhecer e investir no desenvolvimento do seu potencial humano e, assim, construir as teias para a eco-con-vivência. A compreensão da condição humana capacita e nutre o educador para que se relacione com mais solidariedade e espontaneidade com seus educandos. Essas atitudes geram aproximação, disposição e abertura para o diálogo.

A prospectiva de formar para a eco-con-vivência pretende, ainda, equilibrar e reconciliar as duas das dimensões primárias do ser humano. O caráter ou natureza individual (necessidade individual de sobrevivência) e o caráter ou natureza gregária (necessidade de viver com, do coletivo). Da experimentação dessas forças, nasce a compreensão da condição de interdependência, de copertencimento à humanidade e ao mundo. A necessidade de compreender e conciliar essas forças faz parte das abordagens de muitos filósofos e estudiosos da natureza humana como Rousseau (1978), Sri Aurobindo (1974), entre muitos outros. Essa compreensão resulta em corresponsabilidade pelo desenvolvimento humano e pela sustentabilidade¹ da vida em nosso planeta. Realizar essa ação envolve o desenvolvimento das dimensões da condição humana, como, entre outras: o intelecto, a razão, a mente; a intuição; a sensibilidade, as afecções (emoções, desejos, sentimentos); a vontade, o querer comprometer-se com e a espiritualidade que permeia todas essas dimensões, interligando-as e mobilizando-as para o desenvolvimento da inteireza do humano e para a eco-con-vivência.

Tudo nos leva a crer então que temos um longo caminhar por estradas desafiantes que nos propõe mudanças e aprendizados contínuos. Entretanto, mudanças na estrutura mental, ideológica, social e culturalmente instituída, demandam uma decisão individual, institucional, coletiva e político-social, passando necessariamente por uma revisão nos currículos escolares e, principalmente, nos processos de formação dos futuros educadores de ensino básico. Falo de uma transformação estrutural, de um investimento na formação transdisciplinar dos cidadãos. As mudanças estrutural e educativa não se enquadram na esfera imediatista da sociedade. Necessitam de comprometimento e de tempo, elas são realizadas a médio e longo prazo. Ocorrerão quando os sujeitos que assumem funções decisórias, de gestão da sociedade e da educação investirem nesse processo de transformação. Tal ação implica, também, na politização e conscientização dos cidadãos em suas instituições, dos educandos e educadores para construir uma democracia em que a principal tarefa seja construir sociedades nas quais os seres humanos possam realmente conviver.

¹ Esse termo estar sendo muito utilizado no mundo contemporâneo. As mídias alardeiam para a necessidade de se viver de forma sustentável. Entretanto, sem diminuir a importância da sustentabilidade, questiono se é possível um indivíduo viver de forma sustentável, cultivando os valores mercadológicos de produção e consumo. Como ser sustentável se parte das nossas relações estão fundadas na possessividade, na coisificação do outro? Será que para falar de sustentabilidade não se deveria repensar os valores e as relações que estamos vivendo?

5.2 Educação para os valores humanos primordiais

Liberdade, equidade, solidariedade, verdade, bondade tornaram-se valores que merecem por si mesmos a intervenção, até mesmo a ingerência, na vida social e, por extensão na vida internacional. Mas, esses valores continuam minoritários e marginais. Solidariedade, responsabilidade e auto-ética, esses três termos são, hoje, quase inseparáveis.

Edgar Morin, 2005

Os alunos do curso de Pedagogia da FAGED-UFBA, que participaram dessa pesquisa destacaram, repito, a necessidade de esse curso investir mais diretamente na formação em valores. Pensar nessa formação significa rever conceitos e valorações, bem como reconhecer a condição humana de ser-com, de fazer-com e de coexistir. Essa educação visa, pois, formar para a vida, o que não se restringe só a ensinar conteúdos e técnicas curriculares. Ao contrário, os envolve como mais uma possibilidade de conquista do desenvolvimento da inteireza do humano. Formar para interagir e interatuar, para construir o ideal de sociedade equânime ao qual aspiramos, sobre a qual discursamos, mas que nem sempre faz parte de nossas ações individuais e institucionais.

Os futuros educadores destacaram, ainda, que assim como eles não percebiam muitos professores, também podem não perceber que estão reproduzindo os valores, os padrões e as necessidades mercadológicas instituídas. Podem não ter consciência tanto da inter-relação entre esse ato não reflexivo-crítico sobre os valores que estão transmitindo e a realidade em que vivem quanto de como esse padrão contribui para formação de indivíduos imaturos, frágeis, avessos à reflexão, à análise crítica e prontos para se envolverem a cada momento em novas, rápidas e, às vezes, arriscadas atividades que lhe permitam seguir os ditames da realização através do consumo.

Sem querer minimizar o reconhecido valor da tecnologia, chamo a atenção para a forma como ela está sendo utilizada e para o comportamento humano diante dessa geração tecnológica e virtual. A técnica e o consumo racional deixaram de ser meios para o desenvolvimento humano e se tornaram o fim, o objetivo principal. Assim, como fica o ser humano na sua inteireza? Muitos indivíduos não querem se comprometer com a sociedade, com a política, com a coletividade. E, por falta de consciência de sua corresponsabilidade vivem a reclamar dos rumos que a sociedade e a vida tomaram. Ações coletivas se tornam perda de tempo no reino do individualismo. E a educação, qual o seu papel diante dessa realidade? O que ela pode realmente fazer? E como fazer? Talvez instituir nos cursos de formação do educador, como foi sugerido pelos estudantes de Pedagogia da FAGED-UFBA, uma disciplina ou cursos de extensão sobre valores, o diálogo e sobre a nossa condição humana?

A palavra ética está de certa forma desgastada, é encontrada nos textos que descrevem as missões de muitas instituições e nos códigos de conduta que eles chamam de 'código de ética'. Mas, nem sempre existe uma coerência entre o discurso e a prática. Entretanto, cabe aos seres responsáveis pela formação humana resgatar o caráter da ética enquanto agente formador de cidadãos para a vivência dos valores humanos primordiais. Ou de seres humanos atuantes, autoconscientes e conscientes de seus direitos e deveres individuais e sociais.

Considero que esse educar representa assumir um compromisso que vai além do campo teórico. Só encarnando a prática dos valores humanos primordiais em comportamentos e ações pessoais, interpessoais e institucionais, é que poderemos formar indivíduos éticos. Ampliar o princípio da lógica aristotélica do terceiro excluído para o princípio da física quântica (ZUKAV, 1989) do terceiro incluído. Ampliar porque em determinados contextos a lógica aristotélica continua sendo necessária. Entretanto, não cabe pensar a condição humana, apenas por essa vertente, pois o ser humano se constitui, como já vimos, de múltiplas e imbricadas teias de inter-relações que agem mutuamente umas nas e com as outras. Assim, a perspectiva do outro, do 'com', da corresponsabilidade e coparticipação, do terceiro incluído diz respeito às atitudes para a eco-con-vivência. Encontrar mecanismos para possibilitar a materialização e objetivação dessa atitude em práticas da solidariedade, do respeito, da justiça, entre os demais valores humanos primordiais, consiste em uma das funções da educação para a eco-con-vivência.

A forma unilateral como seres humanos utilizam os princípios da lógica clássica marcou a primazia da exclusão de possibilidades ao afirmar que entre uma coisa e sua negação não existe intermediário. Transpondo esse pressuposto para a questão dos valores e das relações humanas, se alimentou a ilusória perspectiva de que 'eu estou certo, eu sou o melhor e todos os outros (os terceiros) estão errados'. Essa linearização excludente influenciou a nossa cultura de favorecimentos em função de jogos de interesses pessoais, do culto ao 'eu' ao 'o importante é me dar bem', de uso indevido do público em benefício do particular, de tolerância com a corrupção e com os abusos de poder político por parte de muitas instituições que, a princípio, deveriam cuidar do coletivo.

Diante desse contexto, acredito que a educação para os valores humanos primordiais se faz urgente. A urgência está diretamente proporcional à dificuldade de realização dessa educação. Dificuldade essa que consiste na complexidade inerente a qualquer processo de revisão e transformação do ser. Para mudar, necessita-se assumir o compromisso rigoroso com a realização de transformações na formação pessoal, institucional e política. Envolve, assim, avaliação, autoavaliação e autotransformação tanto nas estruturas do pensamento, dos valores, da sensibilidade, da vontade, do agir/fazer dos indivíduos quanto nas representações socioculturais das instituições

humanas. Entretanto, tratar de qualquer princípio que versa pela instituição de algo, remete a questionamentos pertinentes com relação à pluralidade do ser humano em suas diversas formas de socialização e de construções socioculturais, históricas e ideológicas. Mas, essa pluralidade é atravessada por um eixo comum, ainda que assumindo dimensões, texturas e formas diversas, que consiste na igual condição de ser Ser Humano, buscando a plena realização de sua humanidade.

Na educação para os valores humanos, necessita-se conhecer a força dos valores e a sua inter-relação direta como os pensamentos, os desejos e as emoções, bem como a forma como os valores interferem na maneira como compreendemos e lidamos com as emoções. Lembro que Espinosa (1979) nos apresenta sugestões. Segundo esse filósofo, o bem e o mal estão diretamente ligados à alegria e à tristeza. Sendo que o ser humano é capaz de substituir com consciência, esforço e bom uso da razão a tristeza pela alegria e, conseqüentemente, o mal pelo bem ou o valor negativo pelo positivo.

O indivíduo tem condição ou tem o poder de estabelecer o direcionamento do seu comportamento e de suas ações. Assim, não é porque os valores estão correlacionados com as emoções, os desejos e as paixões em suas polaridades, que se pode dar vazão ao lado 'obscuro' dessas pulsões e sair por aí agindo de forma desmedida, não ética, e, simplesmente, usar a justificativa de que os instintos agressivos e o egoísmo fazem parte da natureza e das pulsões humanas.

A grande riqueza do humano está em reconhecer as suas múltiplas e polares dimensões e aprender a dialogar e lidar com elas. O uso dos valores humanos primordiais como princípios norteadores dos comportamentos, escolhas e ações, pode funcionar como um divisor de águas, como um escudo de proteção contra os exageros, impulsos e os padrões narcisistas e egoístas. Eles nos instigam; fortalece-nos tanto para desafiar o instituído quanto para nos rebelar e para criar e realizar novas possibilidades. No campo axiológico, o conhecimento ocorre em grande medida pela experiência. Nesse plano de conhecimento empírico, a sensibilidade é tão determinante quanto a razão. Desse modo, reafirmo, não basta saber o que é o valor, quais são e qual a importância dos valores para aprender e para incorporar em si os valores humanos primordiais, os seres humanos precisam experimentar os valores, sentir as suas conseqüências.

Para Scheler (2003), o ser humano é constituído de corpo, psiquismo e espírito. É capaz de transcender a si mesmo. Segundo esse filósofo, o ser humano tem em Deus o modelo ideal, sendo que a sua dimensão espiritual realiza-se através de suas próprias vivências. O espírito como é compreendido por esse autor, vai além do *logos*, *ratio*, pois inclui a intuição.

O ser humano foi criado com um manancial de possibilidades, de desafios, de caminhos e são as escolhas que determinam o seu processo de aprender, de conhecer e de construir a sua forma de existir. O apelo à consciência ética funciona como o apelo à graça divina de Santo Agostinho (1980) ou como o passaporte para escolhermos o caminho do bem e do desenvolvimento da inteireza do humano, tendo a humanização da raça como meta. Será que a educação para os valores humanos primordiais poderá funcionar como uma parcela dessa graça divina proposta por Santo Agostinho?

Escolher o bem, a ética e o desenvolvimento espiritual consiste, em nossa sociedade, uma escolha desafiadora. Cultivar os valores primordiais passa necessariamente pela compreensão da condição humana, pelo diálogo constante com as nossas forças polares, antagônicas e com os nossos apelos emocionais. O campo do valor é bipolar e requer atenção e cuidado rigoroso por parte do indivíduo com os seus pensamentos, sentimentos, desejos e ações. Essa intenção, a princípio, reitero, pode parecer ingênua. Mas, como tratar dos valores primordiais em uma sociedade de produção e consumo, de massiva deliberação pela disputa individual beirando a selvageria sem certa ingenuidade ou sem uma esperança na humanização do ser humano?

A importância de uma educação para os valores humanos consiste, também, na possibilidade de formar o indivíduo para compreender o seu contexto e ser capaz de analisar, refletir, questionar os padrões instituídos e por ele herdados. Formar o indivíduo para que desenvolva a capacidade de se posicionar com criticidade e autonomia (na medida do possível para um ser de relação) sem se deixar persuadir pelos valores e padrões instituídos significa uma das vertentes da formação para a eco-con-vivência. Nesse processo reflexivo crítico, se percebe, inclusive, as ações pessoais, às vezes inconscientes, que visam à busca de pertencimento ao grupo social.

A educação para os valores necessita desenvolver o olhar aguçado da “atitude filosófica”. O agir ético pressupõe, assim, a investigação tanto da esfera pessoal (o eterno questionamento sobre quem sou eu), quanto social, coletivo (regras, jogos que conduzem a sociedade e consequentemente os seres humanos). A atitude filosófica de procurar investigar e encontrar respostas ou possibilidades refletindo sobre: O que é? Como é e/ou pode ser? Qual o sentido? Por quê? Quando ou em quais contextos? são fundamentais nesse processo educativo. Sem essa atitude investigativa, reflexiva, o indivíduo corre o risco de tornar-se um mero “reprodutor” sociocultural, incapaz de analisar a si mesmo diante do acontecer da vida e das suas circunstâncias e de rebelar-se para se transformar.

O desejo ou a necessidade de pertencimento é comum ao ser humano. Porém, ela pode ser conquistada através de um processo de autoconhecimento e de reconhecimento da condição humana em um contexto geofísico, sócio-histórico-

cultural. O agir ético ou a vivência encarnada dos valores primordiais, da atitude reflexivo-crítica perante si mesmo e diante das situações ou dos contextos dados, remete a contínuos processos de investigação sobre a forma como os poderes instituídos deliberam sutilmente o agir humano. Essa instituição de padrões, desejos e necessidades está devidamente acobertada pelo ilusório estigma da liberdade individual, instituída pelo questionável posicionamento liberal de liberdade, igualdade e fraternidade. Perceber e constatar as estratificações socioculturais, econômicas e mercadológicas em nós mesmos possibilitam as bases estruturais para o agir ético.

Precisamos refletir sobre os pressupostos dessa trilogia liberal que faz afirmações convenientes a seus interesses nas quais transferem para o indivíduo a culpabilidade por determinados contextos, nos quais a responsabilidade da política socioeconômica instituída é minimizada, por exemplo, quando se diz que na sociedade contemporânea todos os indivíduos têm as mesmas oportunidades. Dessa forma, faz-se com que o indivíduo não consegue perceber as sutilezas ideológicas, políticas e socioculturais que lhe são repassadas, muitas vezes, enrede-se na culpa irrefletida que só marginaliza ainda mais este ser. E esta sociedade, assim como todas as outras em cada momento histórico, cria valores que possam sustentar e/ou determinar os padrões dos seus cidadãos (ãs); esses valores temporais se tornam uma força tal que marcam a história de um grupo/sociedade/povo. Entretanto, em se tratando da subjetividade humana, os “determinantes” nem sempre colocam o ponto final nas escolhas e na vida do indivíduo.

Vimos que as raízes arquetípicas dos princípios dos valores humanos primordiais formam imagens na psique humana através de mitos, de grandes obras épicas, poéticas e religiosas que se mantêm vivas em muitos seres humanos. Esses seres desafiam conflituosamente os padrões e valores da sociedade contemporânea e resgatam em ações sociais, culturais, acadêmicas, artísticas os princípios dos valores humanos primordiais. Assim, mantêm viva a chama da solidariedade, da generosidade, da honestidade, do espírito de grupo, da justiça, da amizade, entre outros. A autoridade, se puder chamar assim, dos princípios, dos valores humanos primordiais não está fundamentada apenas em bases religiosas e culturais, mas na necessidade de sobrevivência digna do ser humano e do planeta com o qual estamos em interdependente correlação. O desafio da formação do educador para a eco-con-vivência está também em colocar essas questões em diálogo.

Lidar com a complexidade do ser humano em si mesmo é, talvez, o maior dos desafios para desenvolvimento individual de cada Ser. Os padrões socioculturais da sociedade contemporânea foram de tal forma consolidados nas instituições humanas e na psique de cada ser humano que nem sempre se consegue enfrentar os conflitos entre o dever ser sociocultural instituído e o dever ser Ser humano. Essa questão do envolvimento inconsciente com as estruturas valorativas da sociedade

contemporânea foi confirmada pelos futuros educadores que participaram dessa pesquisa. Eles disseram que estão envolvidos pelo padrão sociocultural de forma que, muitas vezes, não se dão conta sozinhos das sutilezas massificantes e alienantes dessas estruturas. Por isso, eles clamam por uma educação em valores ou por um espaço institucionalizado pela Universidade para que se aprenda, dialogue e reflita sobre essa questão.

Uma perspectiva de formação para a eco-con-vivência precisa enfrentar esse conflito no qual se faz presente as valorações individualistas e mercadológicas que estão instituídas em nossa formação e a força gritante dos valores humanos primordiais, da consciência intelectual e mesmo do desejo da vivência, da ética e do encontro respeitoso e amoroso com o outro. Ou seja, o conflito entre o eu instituído pela sociedade (onde reina o individualismo, o dever-ser do sucesso material, do *status*, do consumismo, do ter/possuir) e o eu humano consciente da necessidade da eco-con-vivência, dotado de sensibilidade, intuição, razão e de contradições, que ouve os gritos da força gregária e do altruísmo.

Há o conflito entre a ditadura uniformizante de valorizar e fazer da forma como está instituído e como, geralmente, todo mundo faz, e o desejo de se autoconhecer, de construir-se com os erros e acertos próprios do processo de aprender, de perceber-se frágil e forte. O que fazer? Como lidar com esse conflito? A compreensão apenas intelectual não é o bastante. O desafio é maior, passa pela emoção, pelo sentimento, pela pregnância do ser sendo encarnado, pulsante, na busca conflituosa de ser 'Ser Humano'. Assumir esse desafio implica, ainda, firmar um compromisso com a autoeducação e com a autoética que segundo Morim (2005) requer a compreensão dos pares de opostos do humano em cada um de nós. A coragem de ver, reconhecer as polaridades do humano em si mesmo faz com que o indivíduo se perceba no outro, mas tenha consciência de que a autotransformação depende de sua ação sobre si mesmo. Ao assumir esse compromisso, podemos sair da confortável posição de vítima, ou melhor, de atribuir a terceiros a culpa e a responsabilidade pela nossa forma de existir, principalmente, nos momentos desfavoráveis.

O compromisso com a formação em valores humanos primordiais nos remete a refletir sobre o conceito platônico de justiça quando afirma que a justiça consiste em possibilitar à pessoa aquilo que lhe é próprio. Esse conceito demonstra a percepção de Platão da complexidade da condição humana, bem como da diversidade humana manifestada nas histórias de vida de cada um com sua carga de subjetividade. Ao contemplar as necessidades individuais, Platão não estava desconsiderando o aspecto da coletividade. Ao contrário, o sentido do "bem comum", do coletivo também foi maciçamente salientado por Platão; para esse filósofo, não pode haver justiça sem que essas duas forças (individual e coletiva) caminhem juntas.

A forma de como estabelecer os limites entre as diferenças individuais e o bem-estar do(s) outro(s) ou do coletivo é uma das questões que a educação para os valores humanos primordiais precisa enfrentar. Os exemplos históricos demonstram que seres humanos formados para valorizar o seu semelhante, a sua comunidade e seu meio ambiente não têm tanta dificuldade de viver esse jogo de conflito e equilíbrio quanto os indivíduos educados em sociedades com padrões apenas individualistas.

As ações resultantes dizem respeito aos posicionamentos éticos ou não, que exprimem sentimentos de aprovação ou reprovação perante o contexto. O que a pessoa valoriza, ou não, está, geralmente, relacionado com o que gera prazer ou desprazer e o que lhe parece agradável ou desagradável. Será que através da educação para os valores humanos primordiais poderemos construir representações valorativas que possibilitem formar cidadãos que aprendam a sentir prazer e satisfação diante de práticas sustentadas pelos valores humanos primordiais? Será que mesmo os motivos pragmáticos não podem estar lastreados em comportamentos solidários e justos?

O agir ético nem sempre é uma constante. Esse comportamento também está submetido às dualidades e contradições do humano. Por isso, requer tanto uma educação quanto uma autoeducação contínua e constante para encontrar mecanismos individuais de autocontrole e autodomínio consciente. Os sentimentos de vergonha, de reconhecimento, gratidão, entre outros, são reguladores de ações antiéticas. Entretanto, exigem reflexão para não se tornarem estruturas moralizantes a serviço de padrões instituídos. Nessa ação, precisamos da racionalidade, da sensibilidade e dos valores humanos primordiais. Se esses instrumentos não forem suficientes para que possamos eco-con-viver, podemos recorrer à graça divina como nos recomendou Santo Agostinho. Apelemos, ainda, aos saberes das tradições de cada povo e invoquemos ritos individuais e/ou coletivos como, por exemplo: orações, mantras, danças, exercícios de respiração, meditação, escrita, desenho para que possamos juntos construir novas formas de lidar com determinados instintos, pulsões, costumes, valores, conceitos, ideias, teorias, crenças.

Todos esses mecanismos associados possibilitam o discernimento ético, que pode acontecer a partir do momento em que o indivíduo reflete sobre seu pensar, sentir e agir tomando com base tanto os conhecimentos teóricos quanto os tácitos, experienciados por ele e por outros seres humanos. Discernir de forma ética implica, ainda, perceber que os posicionamentos e os valores que orientam a vida são fortemente influenciados pelo contexto. O cuidado com o emocional, com o psicológico também é necessário na ação ética. Segundo Krishnamurti (1992, 1995), o ser humano tem em sua mente velha condicionada padrões e memórias de vitimação, de autodefesa e de autossustentação pessoal e social. Esses condicionamentos, entre outros fatores, o faz ficar aprisionado aos princípios aristotélicos do terceiro excluído e da não contradição. Assim, posturas comumente assumidas como: 'eu sou o melhor ou eu sou vítima' precisam ser revistas. Precisamos refletir sobre a incoerência dessas posturas para, assim, podermos encontrar novas possibilidades.

A educação para os princípios dos valores humanos primordiais não pode deixar de lado a análise das tradições socioculturais, religiosas e morais que estão sedimentadas em cada grupo. Entretanto, a ética nos convoca a expandir a análise para o contexto da humanidade. A intenção não é de excluir a parte em detrimento do todo, mas buscar o ponto de interseção entre ambos como em uma cruz onde o horizontal (o todo) esta atravessado pelo (vertical) – história de vida de cada um e vice-versa. Diante da falibilidade do espírito humano, a autoavaliação e a avaliação contínua das normas decorrentes dos valores se constituem em pré-requisito para a educação em valores humanos primordiais.

Essa educação pode, ainda, possibilitar reflexões sobre o que estamos fazendo ao valorar algo, e sobre o que fazemos a partir e com os valores socioculturais, morais, religiosos e materiais/consumistas que aprendemos, muitas vezes, de forma automática e sem consciência. Tais meditações podem causar o caos e a crise necessária para a construção de novos aprendizados e novas possibilidades de existência. As turbulências das crises fustigam avaliações e percepções inéditas sobre nós mesmos. Nietzsche já afirmava em seus aforismos: “[...] é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante” (NIETZSCHE, 1950, p. 11). O caos, se conseguirmos aproveitar o seu poder destruidor/renovador/construtor, nos arremete para trilhar os caminhos para construção da eco-con-vivência. Ou seja, para viver as relações intrapessoais e interpessoais de forma consciente da nossa condição de inter-relação, interdependência, corresponsabilidade e coparticipação pela realidade construída.

Vimos que os valores que adotamos para nossa vida estão inter-relacionados com a nossa visão de mundo, de como vemos a vida e como percebemos e nos relacionamos como os outros. Então se considerarmos os outros como nossos objetos de prazer, de sucesso ou de servidão, estamos nos deixando orientar por valores negativos, inferiores na escala axiológica para conduzir as nossas relações. Como afirmam os atores dessa pesquisa, parte dos problemas sociais que enfrentamos hoje (violência gratuita, exclusão, descaso pelo humano entre outros) são consequências dessa inversão dos valores humanos primordiais. Ao viver pautado em valores negativos, o indivíduo se considera superior perante os demais seres humanos, e, portanto, dono da verdade. Essa postura frente aos outros e a vida inviabiliza o diálogo e cria um círculo vicioso e danoso de causas e consequências entrelaçadas por desmandos, agressões, discussões.

Como parte da condição humana, os valores estão submetidos aos movimentos e à dialética do existir. Assim, desencadeiam conflitos, negações, afirmações, aproximações e distanciamentos. Educar para a eco-con-vivência consiste, também, em formar os indivíduos conscientes dessa plástica, contraditória, fértil e, em muitos aspectos, ainda, misteriosa condição humana. Formar cidadãos dispostos a serem

exemplo, não de perfeição, mas de compromisso pessoal com a eco-con-vivência. A força criadora, pulsante e inspiradora dos valores humanos primordiais se manifesta através das condutas humanas. Entretanto, o fato de alguns indivíduos não serem justos, honestos, solidários, por exemplo, não faz com que o princípio do valor da justiça, da honestidade e da solidariedade deixe de existir.

5.3 Diálogo na formação do educador

A educação só pode ser transformada, educando o educador e não meramente criando um novo padrão, um novo sistema de ação. [...] mas se existe a possibilidade de mudar o pensamento, o sentimento e a atitude do professor, então, talvez possa haver uma nova cultura, uma nova civilização. O amor precisa ser o alimento do processo educativo, é ele que promove a comunhão.

Krishnamurti, 1994

O processo de educar consiste também em ajudar o indivíduo a encontrar caminhos, possibilidades com as quais ele possa desenvolver-se nos aspectos cognitivos, valorativos, afetivos, materiais e econômico-financeiros, visando à construção para si e para o outro de uma vida e de uma sociedade dignas. Educar é, ainda, formar indivíduos desejosos e engajados em projetos comuns. A complexidade dessa ação já justifica o fato de ela ser responsabilidade permanente e contínua do conjunto das instituições sociais e de cada indivíduo em particular. Essa ação tem como objetivo, pois, promover, possibilitar e mediar a construção do desenvolvimento espiritual e da humanização da raça humana.

As falas dos estudantes do curso de Pedagogia da FAGED-UFBA, que participaram dessa pesquisa, reforçam a pressuposição de que o diálogo representa um dos meios mais efetivos e eficazes para viabilizar a educação para a eco-con-vivência. O diálogo abre canais de interação entre as múltiplas dimensões do humano e permite que os seres humanos tenham teias interdependentes de sentidos. Sócrates já utiliza o diálogo como instrumento de construção do conhecimento. Construção essa, a princípio, do conhecimento do indivíduo sobre ele mesmo e sobre a sua condição humana e, em seguida, ou melhor, em paralelo o conhecimento do outro, do mundo e da realidade intercontextual.

O desejo de conceber cada ser humano como um ser planetário, implica acordos entre todos os povos. Nessa amplitude, esses acordos exigem muitos diálogos e, no momento da história humana, ainda parecem ser inviáveis, dada a pouca compreensão e respeito à pluralidade das tradições socioculturais, étnicas e religiosas. Entretanto, podemos exercitar pactos éticos entre pessoas mais próximas, em sala de aula, em nossos grupos, em nossas relações, 'basta' (como se fosse pouco?) nos comprometermos pessoalmente com o diálogo e com o comportamento ético.

Ao longo desse trabalho, refleti sobre alguns instrumentos de suporte para a ação dialógica. O cuidado com os nossos discursos, com a forma como expressamos conhecimentos, emoções, sentimentos, inquietações, desaprovações se constitui em um aprendizado necessário para o exercício de relações dialógicas. O uso dialógico e cuidadoso da palavra, a atenção de como a estamos usando, tanto no aspecto do discurso verbal quanto no aspecto emocional, valorativo, manifestado e da forma como expressamos a nossa linguagem corporal se constitui parte desse aprendizado.

No diálogo, utilizamos a linguagem em sua plasticidade. Não dialogamos apenas com discursos verbais, dialogamos com olhares, sorrisos, gestos. Dialogar é também estar presente, ainda que em silêncio. Dialogar consiste em deixar-se encontrar (fazer estar em união, juntar-se); permitir-se ser atravessado e atravessar (remexer através) e com esse atravessamento se permitir novas possibilidades, ainda que de questionamentos. Nos contratempos, nas polaridades do humano, o espaço da dialogicidade pode despertar posturas oportunistas e autojustificações evasivas daqueles que não estão dispostos ao aprendizado. Assim, considero que o educador dialógico precisa estar atento e, ao identificar possíveis comportamentos dessa natureza, tentar mediar uma reflexão sobre eles.

Estar no humano é estar aprendendo, se contradizendo, afirmando e negando considerações e crenças; é também, às vezes, sair do equilíbrio possibilitado pela prudência; perceber que o desequilíbrio pode ser potencialmente criativo. Exercitar a meditação sobre si mesmo, a autoavaliação não punitiva, mas reflexiva ou vivenciar o processo do autoconhecimento se constitui em um dos instrumentos possibilitadores de desenvolvimento das multidimensões da condição humana.

A necessidade de formar para o exercício do diálogo provém, também, do reconhecimento da força das conversações e das palavras que utilizamos para empreendê-las. Sobre essa conscientização, Pascal (1979, p. 39) afirma: “formam-se o espírito e o sentimento pelas conversas. Estragam-se o espírito e o sentimento pelas conversas. Assim, as boas ou más conversas formam-no ou estragam-no. O mais importante de tudo está em escolher bem, para formá-lo e não estragá-lo”. Poderia dizer que formar para o diálogo pressupõe que o agente formador tenha tanto o conhecimento do poder das palavras, dos discursos (ver capítulo três) quanto o comprometimento e a vigilância pessoal com a forma de empregá-los.

Nesse processo, pretende-se aprender a empregar a palavra e a sensibilidade, ou melhor, a usar a palavra com sabedoria e sensibilidade. Esse aprendizado faz parte dos saberes necessários para a eco-con-vivência. O uso dialógico da linguagem possibilita a eco-con-vivência, a união ou a relação entre opostos, entre divergentes que se convergem nas teias de relações. A linguagem une ou reúne as esferas intelectuais, (teorias, ideias e etc.) e a esfera sensível (emoções, sentimentos, desejos).

O diálogo tem uma espécie de força que possibilita a percepção de um contexto de forma abrangente, ou melhor, identifica as partes de um mosaico, sabendo das particularidades de cada uma, mas considerando a riqueza da integração em uma unidade policrônica formada pela agregação de contrários com a finalidade de uma ação comum. No diálogo, as palavras e os discursos assumem essa função de promover interações, compartilhamentos entre diferentes.

Segundo Cassirer (2001, 2005), para a reflexão epistemológica existe um caminho que vai da sensibilidade à intuição, desta para o pensamento conceitual e deste ao juízo lógico. Esse processo de reflexão ocorre de forma interdependente, cíclica, dinâmica. No ato dialógico, quando cada pessoa está presente, envolvida na relação dialógica, esse processo de reflexão pode acontecer e possibilitar um encontro entre seres integrais que passeiam pelas suas dimensões e se percebem como parte participativa, corresponsável por um todo. Essa experiência lastreada pelo compromisso com os valores primordiais, chamo de eco-con-vivência.

O encontro dialógico não é realizado pela simples justaposição de argumentos individuais, isolados e desconexos, mas por compartilhamentos entre seres humanos predispostos à interação, abertos para o outro, conscientes e sensíveis à condição humana de interdependência. Assim, seres aprendizes de ser Ser Humano e, como tais, incompletos e imperfeitos que estão na contínua busca pelo saber. Não é novidade o fato de que a nossa predisposição mental, sensível, intelectual tanto possibilita quanto bloqueia a inter-relação ou o encontro dialógico. Encontrar mecanismos para viabilizar o encontro dialógico se constitui uma labuta contínua; um contínuo exercício de autoeducação, de autoconhecimento e de autodomínio. Esse aprendizado é constantemente desafiado por nossas contradições.

Como já explicitiei, uma das formas que nos ajuda a exercitar o autodomínio pode ser encontrada na lei de ouro, entre outros ensinamentos de grandes sábios da humanidade. O imperativo categórico de Kant (1980) trata do aspecto mais geral das normas e leis morais. A associação desses dois princípios cria uma rede de representações que envolve tanto a dimensão pessoal quanto coletiva, validando a relevância de princípios éticos norteadores para o pensar, o comunicar, o sentir e o agir humano.

Sabemos que o respeito às diferenças representa um dos pressupostos para educação dialógica e ética. Entretanto, precisamos ter cuidado com os relativismos que muitas vezes são usados para autojustificação e/ou para justificar desmandos individuais. Scheler (2003) trata da diferença a partir dos conceitos de 'pessoa singular' – centro de intencionalidade e de atos possíveis e de 'pessoa comum' – que diz respeito à pessoa constituída por vários indivíduos que se identificam intencionalmente por perceberem o mundo através de uma mesma perspectiva. Pensar a diferença

significa, então, analisar o aspecto da singularidade, da subjetividade em interação, interligado, interdependente do contexto, do aspecto coletivo e sociocultural. Os processos educativos requerem essa constante equilibração, o exercício contínuo de viver a condição de ser parte e todo coparticipante e corresponsável.

O diálogo na educação representa um meio de compartilhar conhecimentos, sentidos e sentimentos, de transmitir ou resgatar saberes tradicionais que mantenham viva a história e as tradições das diversas culturas, mas também de criar tensões. Pois, o diálogo sobre as tradições (assim como sobre qualquer tema) tanto pode preservar como também repensar, recriar. O conforto dialógico entre a tradição e o contexto atual possibilita a criação de novos saberes que contribuam para a releitura a partir de uma nova visão de mundo sem que as contribuições tanto dos saberes tradicionais quanto dos contemporâneos sejam negadas.

Através do diálogo, pode existir a tensão entre o tradicional, o instituído e o novo, considerando e validando a importância de cada um e construindo com eles novas possibilidades para o desenvolvimento humano. Mesmo quando tratamos de saberes clássicos e arcaicos, a abordagem dialógica os presentificam, os tornam atuais e significativos. Essa compreensão dialógica e transdisciplinar do conhecimento e das tradições mitológicas, simbólicas, socioculturais, étnicas e religiosas fazem parte integrante da educação para a eco-con-vivência. Conhecendo, compreendendo, respeitando e dialogando com o outro, podemos con-viver.

A eco-con-vivência necessita do exercício do pensamento complexo, que como propõe Morin (2007), pressupõe a visão sistêmica, global e a ação local. Essa ação de ver globalmente e agir em seu contexto local faz parte, inclusive, da proposta de pensadores contemporâneos da área de estudos organizacionais. E na educação? Será que estamos buscando pensar sistemicamente, ver e analisar o indivíduo em sua realidade local, mais interligado e inter-relacionado com um todo social, cultural, econômico, e, principalmente, humano?

Será que o futuro educador está sendo sensibilizado e preparado para pensar no outro no contexto comunitário local e global? Ou apenas para pensar em si mesmo e no seu núcleo familiar? Será que o futuro educador compreende que somos uma mesma raça humana e que ações individuais e locais têm repercussão global e vice-versa? Será que estão preparados para utilizar os recursos no mundo virtual global para tecer teias reflexivas sobre a condição humana? Será que os futuros educadores estão conscientes da nossa condição de copertencimento, corresponsabilidade, inter-relação e interdependência? Será que ele está disposto a dialogar? Será que a amostra apresentada por essa pesquisa pode servir de alerta para que se reflita sobre a falta dessa abordagem nos processos de formação do educador?

A vivência do diálogo requer o exercício do pensar dialógico que compreende o pensar não só com a razão, mas também com a sensibilidade e com a intuição. Assim, o ato de pensar dialógico não precisa ser enfadonho, triste, moralizador, mas um ato que potencializa a alegria, (lembrando que segundo Espinosa (1979) a alegria é uma potência criadora) o desejo de aprender, de conhecer. O nosso desafio é instituir essa forma de pensar na educação ou nos seus atores. O pensar de forma dialógica e a ação do diálogo acontecem no ato do encontro.

Desse modo, poderia afirmar ou reafirmar que através da relação dialógica podemos experienciar a simplicidade criadora de um encontro no qual nos sentimos confiantes e livres para compartilhar ideais, dúvidas, saberes intelectuais e tácitos. O encontro dialógico possibilita relações, relações tanto entre o “eu” e o “tu” e entre os nossos “eus” com os nossos “mundos internos” quanto com as manifestações da natureza, com uma obra de arte, com um fazer cotidiano, com uma leitura. No acontecer de um desses encontros, podemos ser despertados para a nossa condição de interdependência, para a eco-con-vivência e vivenciarmos momentos de completude, de interação, de comunhão. A postura do ser aprendiz de si mesmo nos deixa a disposição para o encontro e/ou para a relação dialógica.

Lévinas (1997) considera como acontecimento ético a superação do *conatus essendi* de Espinosa (1979) em favor da existência para o outro. Esse desejo de Lévinas corresponde à pregação e a vivência de seres humanos que renunciaram aos próprios interesses em função do(s) outros(s). Ou seja, pessoas que tinham ou têm como objetivo de vida o bem-estar do outro. Para Lévinas, o mal ocorre porque ou quando um ser humano não desperta para o outro, sendo que a responsabilidade perante o outro é constitutiva do humano. Assim, o indivíduo só se humaniza quando desperta, percebe e se responsabiliza pelo outro. Nas palavras desse pensador: “É evidente que há no homem a possibilidade de não despertar para o outro; há a possibilidade do mal. O mal é a ordem de ser simplesmente – e, ao contrário, ir na direção do outro é a abertura do humano no ser, um ‘outramente que ser’” (LÉVINAS, 1997, p. 156).

Talvez essa proposta ainda esteja distante da existência humana como um todo. Entretanto, podemos experienciar uma aproximação ou encontrar um meio termo entre como estamos nos posicionando perante o outro e como deveríamos nos posicionar na perspectiva de Lévinas. Ou seja, sair do invólucro de si mesmo para ver, ouvir e dialogar com o outro na vivência da tensão entre o eu e o outro. Penso que o reconhecimento da nossa condição de interdependência e de que somos parte de uma mesma raça que habita um mesmo espaço geo-físico-energético pode contribuir para essa transmutação. O compromisso com a prática do diálogo e dos valores primordiais já pode ser considerado um bom avanço para a construção da eco-con-vivência.

Considero que a edificação de comunidades de eco-con-vivência passa pelo comprometimento com a formação e a autoformação para o diálogo e para os valores humanos, que despertem no indivíduo o desejo do bem-viver coletivo. O bem-viver coletivo é inversamente proporcional ao egocentrismo da racionalidade instrumental e unidimensional da sociedade contemporânea. O comprometimento com a eco-con-vivência inclui cuidar de todas as relações, ou seja, abarca a forma como o sujeito se relaciona com todos os seres humanos com os quais se está direta ou indiretamente inter-relacionado. Abarca ainda, a forma de estabelecer interação e relação com o entorno, o mundo e o com o *habitat* comum a todos. A essa forma de relação dialógica e ética que chamo eco-con-vivência. Será que não podemos aproveitar o anseio demonstrado pelos sujeitos dessa pesquisa para lançar os pilares para essa edificação?

Volto a afirmar que a eco-con-vivência não exclui as tensões e os conflitos das relações. Eco-con-viver pressupõe, inclusive, reconhecer e assumir as implicações das nossas ações. Mesmo que tenhamos a mais nobre das intenções, a ação realizada sem o devido cuidado ético e dialógico gera efeitos proporcionais. Sentimos, fazemos, dizemos muitas coisas que não queríamos e nem precisaríamos ter dito ou feito. Entretanto, pensar, sentir e fazer produz consequências sobre as quais precisamos assumir a responsabilidade, precisamos enfrentar os vestígios deixados. Assumir a responsabilidade implica compreender o percurso, avaliar, perceber os erros, os limites e não só os acertos e as intenções. Nos conflitos, nas tensões do caminhar, do relacionar-se, encontram-se aprendizados e oportunidades de transformação e crescimento.

Acredito que no diálogo o ato de olhar o outro nos olhos, inicia o processo de reconhecimento da presença da alteridade desse outro. Na relação dialógica, as pessoas não se limitam e não se negam mutuamente, elas se afirmam. Tal afirmação recíproca parte do respeito, não enquanto ato apenas de civismo, mas enquanto percepção da presença vital de outro ser humano, enquanto vivência da relação ética entre iguais. Nessa relação, entre presenças humanas, ambos evoluem enquanto humanidade.

Lévinas (1997) retoma falas de profetas descritos em livros sagrados das religiões judaica e cristã para ajudá-lo a dizer que a humanização do ser humano acontece quando este percebe que é responsável por outrem, sendo que este outrem não é apenas um companheiro, amigo ou familiar, mas sim qualquer outro ser humano. Pensar na nossa responsabilidade para com a humanidade, pensar em deixar de fazer algo por nós mesmos para fazer por outrem nos soa tão estranho que tendemos a não pensar ou a dizer que isso é bobagem ou coisa para Santo. Mas, isso não é justamente a complexidade de interdependência da corresponsabilidade e da participação? Pensar primeiro no outro nos parece a princípio, fantasioso,

discurso de político. Mas, não será esta a base da relação dialógica e ética? Será que podemos começar a pensar, pelo menos, em estabelecer o diálogo em nossa relação com o outro?

Nós conseguimos realizar a criação, a revelação, mas e a redenção? Ou nós construímos, criamos, mostramos, divulgamos nossas produções, mas estamos presos a elas? Não percebemos as contribuições que nos possibilitaram tal criação, contribuições estas que estão em diversos planos desde os nossos antecessores em pesquisas e produção de conhecimento científico, acadêmico aos nossos próximos, afetos, desafetos e até aos que dedicam suas vidas (ainda que por necessidade de sobrevivência) a cuidar de nossas casas, de nossa alimentação. Mas, a prisão do “si mesmo”, muitas vezes, não nos permite perceber e reconhecer que cada um desses seres contribuiu para tal realização pensada apenas como pessoal. Aprender a reconhecer que somos interdependentes, que mesmo sem reconhecer “dependemos”, “necessitamos” de outrem, parece ser um aprendizado urgente para a humanização da raça humana.

Pensar na formação do ser humano ou do futuro educador dialógico e ético significa possibilitar reflexões críticas sobre posicionamentos, ideias, valores, comportamentos. Dialogar implica disponibilidade para a autoinvestigação, para se perceber errado, incoerente, intransigente, ignorante, entre outras atitudes que, geralmente, apontamos no outro, mas não admitimos em nós. Ser educado ou autoeducar-se para o diálogo e para os valores humanos primordiais diz respeito, ainda a olhar para as posturas de indiferença. Já nos perguntamos por que muitas vezes fazemos de conta que não vemos e não ouvimos o outro?

Indiferença não condiz com diálogo. Assim como não se pode simplesmente fingir que está ouvindo o outro e, enquanto ele se manifesta, montar-se silenciosamente uma argumentação para negar, ou pior, para menosprezar ou desqualificar o outro. A disposição para o diálogo pressupõe uma reta intenção de aprender com, de compartilhar, de com-viver. Para tanto, necessita-se reconhecer o outro como ser humano que tem saberes, ignorâncias, assim como qualquer ser humano.

Estabelecer relações dialógicas implica, reafirmo, lastrear ações nos valores humanos primordiais. Perceber a si mesmo no outro, reconhecer a sua humanidade na relação ou eco-con-viver. Na perspectiva de Lévinas (1997), a justiça vai além da relação do eu com o outro de uma relação direta. A justiça inclui o terceiro, os outros que indiretamente estão implicados nas ações do eu. Para esse filósofo, a justiça acontece de fato quando se ouve os apelos da bondade. A interpelação da bondade na justiça não invalida a justiça normativa, legalizada e institucionalizada que rege ou, pelo menos, deveria reger os direitos humanos.

Acredito, pois, que dialogar desenvolve também e necessariamente a capacidade de pensar com rigor no sentido de questionar, analisar, contextualizar e meditar sobre a situação ou a temática proposta, fazendo inter-relações antes de emitir uma opinião. Nesse processo, se aprende a distinguir elementos para melhor integrá-los. Integrar significa, aqui, reconhecer duas ou mais pessoas e realidades de forma que elas conservem suas individualidades e colaborem para a compreensão fecunda da ação conjunta de dialogar. O pensar rigoroso utiliza a razão sensível (ARAÚJO, 2008) que facilita a reflexão abrangente, transdisciplinar e, portanto, mais condizente com o contexto do humano.



C A P Í T U L O 6

ENTRELAÇANDO PONTOS DE SEGUIMENTO

Os futuros educadores que participaram dessa pesquisa não só confirmaram as minhas hipóteses em relação à carência de uma formação para o diálogo e para os valores humanos primordiais nos currículos dos cursos de formação de professores quanto solicitaram unanimemente a criação de medidas reparadoras para essa carência. Fizeram, inclusive, sugestões relatadas no capítulo cinco dessa tese. Foi muito salutar perceber que eles reconhecem os desafios, a responsabilidade e a grandiosidade da profissão que escolheram e que estão conscientes do quanto a formação e a autoformação dialógica e ética são fundantes para o exercício da função de formar cidadãos.

O reconhecimento das lacunas em sua formação no que diz respeito às reflexões sobre a condição humana; sobre a importância do diálogo e dos valores para as escolhas e para a vida do ser humano e do planeta, fez com que minha esperança na construção da eco-con-vivência aflorasse. O desejo desses futuros professores de aprender; de assumir o papel de coparticipação e de corresponsabilidade pela formação de indivíduos e uma sociedade mais ética e equânime aumentou o meu compromisso com a formação de futuros educadores para a eco-con-vivência. Por isso, sinto que esse momento é de um ponto de seguimento, uma pausa para colher contribuições e para organizar uma práxis pedagógica para tecer a eco-con-vivência a ser proposta para o curso de Pedagogia da FAGED-UFBA em forma, talvez, de curso de extensão.

A eco-con-vivência visa regenerar a integralidade do ser humano consigo mesmo e com a natureza originária da vida. Essa regeneração passa pela compreensão de que somos bio-antropo-sociais, que somos inacabados, imperfeitos, compostos de itinerários ambíguos, antagônicos, mas complementares, interdependentes e que só existimos e sobrevivemos em conjunto, em relação. Acredito que as pessoas e instituições envolvidas com a educação necessitam dessa compreensão. A educação só pode realizar algo através dos sujeitos, dos agentes envolvidos direta e indiretamente nos processos educativos e formativos dos indivíduos.

As ações individuais e grupais pelo bem de uma comunidade são os genes originários da eco-con-vivência que consiste em buscar possibilitar através do diálogo; da compreensão da condição de interdependência, da corresponsabilidade, da coparticipação e da prática dos valores humanos primordiais (solidariedade, prudência, temperança, amor/amizade, generosidade, justiça, entre outros) o aprimoramento consciente das nossas relações com os seres da natureza, inclusive, o ser humano para que possamos viver bem juntos.

Assim, a experiência da eco-con-vivência começa a acontecer quando pessoas ficam indignadas e se questionam sobre a existência humana; quando indivíduos se comprometem com a realização de mudanças na forma de pensar, sentir, valorar e agir; quando se busca realizar ações individuais e grupais em prol do bem-estar coletivo. Essas experiências podem, aos poucos, instituir uma cultura que prime pelos valores primordiais, pela relação dialógica; pelo cuidado com o humano de si mesmo e do outro. A cultura de formar seres humanos para eco-con-vivência.

Educar para a eco-con-vivência implica, reafirmo, em possibilitar a formação reflexivo-crítica, baseada na atitude filosófica; nos pressupostos da Filosofia de duvidar, questionar, romper, encantar-se, surpreender-se, admirar e de dialogar, bem como promover o desenvolvimento da sensibilidade, da intuição e da criatividade, que associado à razão possibilitará o aprendizado, inclusive o da autoconsciência. A vivência do processo de autoconhecimento se faz presente na perspectiva de viver a eco-con-vivência na medida em que a eco-con-vivência passa necessariamente pela vivência fenomenológica da coexistência ou do ser-com-os-outros-seres-humanos e com-os-demais-seres-da-natureza. As relações possibilitam aos seres humanos se realizarem ontologicamente. Nas relações, os indivíduos se mostram e se ocultam, vivem o jogo da existência. Nelas, os indivíduos se autopercebem e percebem o outro, constatarem que a vida humana implica em: eu e tu. Essas percepções possibilitam a consciência da interdependência, e, espero, um repensar sobre valores, sentimentos, sentidos, comportamentos e ações.

Não precisamos ser perfeitos, até porque a perfeição não faz parte da condição humana. Precisamos, sim, buscar; escolher com base nos valores primordiais; ser dialógicos; ser coerentes; responsáveis; livres para aprender, para conhecer; humildes para reconhecer nossos limites, nossos erros, nossa falta de conhecimento sobre determinados temas, nossas incoerências; corajosos e sábios para solicitar e oferecer ajuda, para nos permitir experimentar a complexidade humana em sua teia interdependente de desafiante diversidade, para descobrir em nós mesmos a condição humana; abertos para aprender sempre com e em cada relação; tolerantes; compreensivos e solidários com o processo de autodesenvolvimento e de desenvolvimento do outro. Precisamos ser aprendizes de nós mesmos e consequentemente de ser Ser Humano.

Esse repensar pode mostrar que a radicalidade de ser com, de depender em alguma medida do outro, de ser ator e espectador, de ser ativo e passivo, de afetar e ser afetado faz parte de uma grande teia onde tudo está interligado. Pergunto: Como sensibilizar os educandos para essa realidade? Será que a conscientização dessa realidade não implica em mudança de valores e de comportamento de ser humano contemporâneo?

A eco-con-vivência representa *flashes* de luz no caminho misterioso de humanização do humano em cada indivíduo. Será impossível acreditar na efetivação de círculos dialógicos em nossas salas de aula? Será também ingênuo desejar que essas experiências associadas à educação para os valores humanos primordiais possam contribuir para a construção de uma comunidade humana sem fome, sem miséria, sem guerras, sem terrorismos? Será a eco-con-vivência uma esperança tola?

Sinto a necessidade de dizer mais uma vez que construir uma prática educativa lastreada nos valores humanos primordiais e no diálogo requer comprometimento e esforço para exercitar nos limites da humanidade de cada um a vivência do diálogo e dos valores humanos no cotidiano do existir, ou seja, no pensar, sentir, relacionar, fazer. Significa, ainda, assumir um compromisso com a autenticidade no ato de educar. Ou uma disposição para encontrar-se com o outro de forma que a sua presença possibilite uma mutualidade de interação entre professor e aluno. Essa presença autêntica provém do compromisso e da intencionalidade de educar.

Para eco-con-viver a pessoa, em especial o futuro educador, necessita ser preparado e orientado para fazer uma autoinvestigação reflexivo-crítica sobre a sua história e sua perspectiva de vida. Investigação essa que requer refletir sobre a sua própria prática; sobre o que realmente deseja ser; sobre as suas práticas de consumo; sobre como estar se relacionando; sobre os valores que afirma em seus discursos e quais valores que materializa objetivamente em seu comportamento e ações diárias. A prática da eco-con-vivência se realizará na medida em que os sujeitos sociais se dispuserem tanto a essas reflexões quanto a responder com honestidade para si mesmo, se desejam comprometer-se com a realização de um projeto de vida individual e coletivo.

A eco-con-vivência precisa ser tecida pelo diálogo, regada por jatos de valores primordiais (justiça, solidariedade, afeição, respeito, dignidade, coragem, amor, prudência) e fecundada pela consciência da interdependência, da inter-relação, da coparticipação e da corresponsabilidade constituintes da condição humana. Esses eixos funcionam como motor mobilizador para eco-con-vivência. Compreender essa condição de interligação e interdependência entre os seres humanos e entre estes e os demais seres da natureza poderá sensibilizar e mover cada indivíduo para integrar-se na construção da grande teia da eco-con-vivência.

A educação para a eco-con-vivência vai além do dever ser moral. Ela é permeada, enriquecida e fortalecida pelo desejo do bem comum; pela força da afetividade; pela pulsão da sensibilidade humana que nos conclama a percepção da nossa interdependência e da nossa complexidade. Complexidade essa constituída de polaridades antagônicas, porém complementares; de sombras e de luz; de mistérios inatingíveis pela racionalidade lógica, formal, mas alcançáveis pelo mito, pelo imaginário, pelo simbólico que carecem e aguardam pela possibilidade de reconhecimento e desenvolvimento. Assim, a educação para a eco-con-vivência visa o dever-ser-humano.

A eco-con-vivência pode nos conscientizar de que somos permeados por valores e emoções que existem como realidades coletivas que se constituem como prescrição de nossos comportamentos; que a experiência singular está permeada de significados coletivos, plurais; que o individual e o coletivo são ontológicos da condição humana; que a nossa individuação ocorre nas tramas das relações nas quais os indivíduos percebem a si mesmo e aos outros; que nossas ações têm repercussão nos contextos humanos e geofísico e que, assim, necessita-se refletir antes de agir.

Educar para a eco-con-vivência requer, ainda, refletir sobre como instituir de forma democrática e dialógica leis, normas com base nos valores humanos primordiais. A reflexão coletiva, a coparticipação dos cidadãos nas decisões possibilita que cada um se sinta individualmente vinculado a essas leis. Dessa forma, sem ter a sensação de que a sua liberdade está sendo violada, o cidadão se compromete com o cumprimento das leis. Talvez essas deliberações devam começar a serem realizadas em pequenos grupos como nas famílias, nas salas de aula. Assim, aos poucos, poderemos formar uma consciência ética nos seres humanos.

Nos primeiros dias de aula, proponho a construção coletiva de um 'acordo de convivência' em sala, no qual a prática do diálogo está sempre incluída. Nesse processo, encontramos (eu e os educandos) resistências e aprovações, mas sempre conseguimos criar juntos de forma dialógica e democrática alguns acordos. Alguns dos pressupostos acordados não são cumpridos por todos, por isso criamos uma equipe de 'vigilantes fortalecedores do acordo' que se propõe a lembrar-nos dos mesmos. Às vezes, na figura de educadora, acabo assumindo sozinha essa tarefa. Mas, sentimo-me fortalecida pela decisão coletiva, cujo texto impresso fica exposto no mural da sala, o que minimiza, em parte, os efeitos da realização da desagradável tarefa de "cobrar" o cumprimento do acordo de con-vivência.

Nas avaliações específicas sobre como está o relacionamento em sala, sempre escutamos alguns depoimentos sobre o quanto a prática do acordo está sendo válida e como alguns estão tentando levá-la para a sua vida pessoal e profissional. Ouvimos também relatos sobre os desconfortos e as dúvidas gerados quando se

compara a forma como as relações sociais estão acontecendo e a forma como estamos tentando nos relacionar. Refletimos sobre as causas, as consequências das duas formas e sobre os desafios encontrados quando se deseja mudar algo instituído. Na realização da práxis pedagógica para tecer a eco-con-vivência, podemos exercitar esse, entre outros acordos, e aos poucos ampliar e criar grupos comprometidos com a eco-con-vivência.

Assim, estaremos fazendo o exercício pessoal para uma ação global efetivamente humana ou humanizante. Esse desafio não fácil e nem rápido. Se encontrarmos resistência, inclusive, para compreender que a “minha disciplina” e a “minha opinião” não está isolada e, portanto, não têm força de universalização, como fazer para praticar a eco-con-vivência? Exercitar a tolerância, à solidariedade, à justiça o respeito às diferenças em nossas próprias ações e perante o nosso grupo de relação pode significar um bom começo. E quanto ao tempo? Talvez demore algum tempo para que realizemos essas ações pessoais e locais. Quanto às ações globais, não se sabe. Mas, ao que parece, precisamos começar o quanto antes, na forma e onde as nossas possibilidades e limites permitam.

Dando eco aos futuros educadores que participaram dessa pesquisa, afirmo que é justamente nas ações de exercício de diálogo e de vivência dos valores humanos primordiais ou prática da eco-con-vivência que nós, educadores, devemos investir. Penso que esse investimento consiste, entre outras coisas, em aprender a dialogar com os nossos educandos; tomar consciência dos nossos valores para ajudar os alunos a perceber e a reconhecer os valores deles; refletir juntos sobre a necessidade e a forma de substituir alguns valores por outros que possibilitem a realização do compromisso ético com o desenvolvimento humano; refletir sobre a condição humana e sobre o cuidado com o outro e com o meio ambiente. Essas ações podem agir como sementes que serão espalhadas e semeadas entre muitos e que podem criar ou resgatar no imaginário humano uma “consciência do nós”. E são teias a serem tecidas na práxis para a eco-con-vivência.

Poderia dizer que uma das tarefas do educador que pretende tecer os fios para a eco-con-vivência consiste em transmutar o seu coração endurecido pelos valores individualistas, pelo desejo de ser sempre dono da verdade, aquele que não pode ser contrariado ou mesmo questionado, em um coração humano passível de enganos, de erros, aberto para aprender com, para fazer com e para viver com. Um coração vivo, pulsante, dialógico que viceja pelos valores humanos primordiais, que se reconhece interdependente e que busca realizar os conflituosos e complementares desafios de viver a eco-con-vivência.

Assim, a eco-con-vivência implica em buscar assumir o Supremo bem como necessidade; em viver a relação dialógica e os valores humanos primordiais como caminho para a felicidade para o conhecimento da condição humana e para o

desenvolvimento humano. A eco-con-vivência busca compreender que a harmonia só ocorre nos momentos de junção das diferenças, nos momentos em que as diferenças são de alguma forma suspensas para que as partes se manifestem como um todo. Esses momentos mágicos podem nos alimentar a alma e nos fortalecer para os demais momentos de desencontros e conflitos.

Será que estamos realmente dispostos a enfrentar os desafios individuais e coletivos que a eco-con-vivência nos propõe? Será que desejamos e temos coragem para vivenciar as transformações pessoais que a eco-con-vivência nos convida a realizar? Será que estamos conscientes do compromisso que a educação para a eco-con-vivência exige de nós? Será que não é o momento da FAGED-UFBA ouvir as solicitações dos futuros educadores e possibilitar a realização nos seus cursos de práxis que viabilizem a formação para a eco-con-vivência?

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- ARAÚJO, Miguel Almir L. Desvãos. Feira de Santana, Ba.: Editora Cuca, 2000;
- _____. *Os sentidos da sensibilidade, sua fruição no fenômeno do educar*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- ARAÚJO, Alberto F e RIBEIRO, José A L. *Educação e formação do humano: Bildung e romance de formação*. In. SEVERINO, Antônio J. et al. (orgs). *Perspectivas da filosofia da educação*. São Paulo: Cortez, 2011.
- AUROBINDO, Sri. *A evolução futura do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- AYALA, Eduardo J.Z. *Temas sobre ciência e pesquisa*: seleção de algumas unidades textuais básicas. Revista do Centro de Educação. Edição: 2004 – Nº. 23. Disponível em: www.documentosandsettings/administrador/meusdocumentos/pesquisacientifica. Acesso em 27 maio 2008.
- ARENDT, Hannan. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996;
- AURÉLIO, B O. Ferreira. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARBIER, René. *A escuta sensível na educação*. Cadernos ANPED. Porto Alegre: N. 05, set. 1993.
- BARROS, Daiana L Pessoa. *Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso*. In. BAKHTIN, diálogo e construção do sentido. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.
- BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada: Uma nova percepção da realidade*. São Paulo: Cultix, 1992.
- _____. *Sobre el diálogo*. Barcelona, Espanha: Kairos, 1996.

_____. *Sobre o diálogo*. Copyright @ 1990. Todos os direitos reservados: David Bohm Seminars. Digitação: Mima Hanna. [199-?].

BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

BRANDÃO, Carlos R. *As flores de abril*. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 1974

_____. CONFÚCIO. *Os analectos*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem, introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A filosofia das formas simbólicas, I – A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA, S José. *Max Scheler, o personalismo ético*. São Paulo: Moderna, 1996.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Texto, textualidade e textualização*. IN: CECCANTINI, J.L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa. v. 1*. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

CRISTO. In. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Paulus, [1991+].

CRITELLI, Dulce Mara. *Analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CUNHA, A. Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DAMÁSIO, Antonio R. *Em busca de Espinosa, prazer e dor na consciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

DAHLET, Patrick. *Dialogização enunciativa e paisagem do sujeito*. In. BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

_____. Patrick. A entonação do dialogismo Bakhtiniano. In. BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

DELORS, Jacques. *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez. Brasília, D.F.; MEC: UNESCO, 2000.

DEMO, Pedro. *Leitores para sempre*. Porto Alegre: Meditação, 2006.

DESCARTES. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DUROZOI, G & ROUSSEL, A. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Papirus, 1993.

ESPINOSA. In. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril cultural, 1979.

EPICURO. In. *Os Pensadores: Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FREIRE. Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

_____. *A importância do ato de ler: três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREITAG, Bárbara. *O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação*. São Paulo: Cortez, 1994

FROMM, Eric. *Análise do homem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1974.

FRONDIZI, Risieri. e GRACIA, Jorge J E. *El hombre y los valores en la Filosofía Latinoamericana del siglo XX, antologia*. México D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1975.

GADAMER. H-G. *Verdade e Método, traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GATTI, Bernadete A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Líber Livro, 2007.

- HABERMAS, Jürgen. A inclusão do outro. São Paulo: Loyola, 2002.
- HERÁCLITO. *Pré-Socrático*. In. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- HOUAISS A. *Dicionário Eletrônico Houaiss, da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.
- JAKOBSON, Roman, Prefácio. In. BAKHTIN, Mikael. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- JUNG, C.G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós, ensaios sobre a alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LIMA, M. Lucileide M. Ser aprendiz de si mesmo: O autoconhecimento para o desenvolvimento humano nas organizações. Salvador-Ba: Quarteto, 2007.
- KANT I. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura – teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo Cortez, 2002.
- _____. *O texto e a Construção dos sentidos*. São Paulo: ABDR, 2005.
- KRISHNAMURTI, J. *Sobre Relacionamentos*. São Paulo: Cultrix 1992;
- _____. *A Educação e o Significado da Vida*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____. & BOHM, David. *A eliminação do tempo psicológico*. São Paulo: Cultix, 1995.
- KUHN. *Os valores*. In. GADAMER – VOGLER. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: EDUSP, 1977.
- MACEDO, Roberto S. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro, 2006.
- MACHADO. J. Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1967.
- MAFFESOLI. Michel. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINS, Maria H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARX. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MASLOW, Abraham H. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MELO NETO, João Cabral. Tecendo a manhã. Disponível em: http://www.portalsaofrancisco.com.br/arte/artigos/tecendo_a_manha.php. Acesso; 11 nov. 2009.

MONTAIGNE. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MORA, J Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2001.

MORAIS, Regis. *Palavras despedaçadas por um mundo insano*. Campinas-SP: Editora Alan Kardec, 2009.

MORIN, Edgar. *O método 5: humanidade da humanidade, a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. *O método 6: a ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOUNIER, Emmanuel. *O personalismo*. Lisboa – Portugal: Moraes editores, 1974.

MUNIZ, Dinéia M. Sobral. *Pedagogia do desejo de ler*. 1999. 371 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

MUNIZ, Dinéia M Sobral, LIMA, M. Lucileide M. *Leitura, Diálogo e Educação*. In: MUNIZ, Dinéia M Sobral, *et al.* (Orgs). *Entre Textos, Língua e Ensino*. Salvador-Ba: EDUFBA, 2007, v.1, p. 141-162.

MUNIZ, Dinéia M Sobral, LIMA, M Lucileide M. *O sentido dialógico do texto*. In. TENÓRIO, R e LORDÊLO J A. (Orgs). Educação Básica, contribuições do pós-graduação e da pesquisa. Salvador-Ba. : EDUFBA, 2009.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.

_____. *A prática da transdisciplinaridade*. In. SEVERINO, Antonio (Org). Educação e transdisciplinaridade. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

NIETZSCHE, Frederick Willhelm. *Assim falou Zaratrusta*. São Paulo: Brasil, 1950.

_____. *Para além do bem e do mal*. In Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

_____. *O Anticristo*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

_____. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. In. Coleção obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PESSANHA, Jose, Américo Motta. *Razão dialógica*. In. HUHNE, Leda M. (Org); Gerd Bornheim, [et al]. *Razões*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1994.

_____. *Sócrates – Vida e obra*. In: Os Pensadores. Sócrates. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PESSOA, Fernando. Textos Filosóficos. In. *Obras Completas*. São Paulo: Ática, 1997.

PLATÃO. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *A República*. In Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

RATHS, I. E. et. Al. *Ensinar a pensar*. São Paulo: EPU, 1997.

REZENDE, Lucinea Aparecida. *Leitura e visão de mundo*: peças de um quebra-cabeça. Londrina: Atrito Art Editorial, 2005.

RILIERI, Frondizi e JORGE J E Garcia. El hombre y los valores, em la Filosofia Latinoamericana del siglo XX. Mexico: Fondo de Cultura Econômica, 1981.

- ROUSSEAU. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SANTO AGOSTINHO. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- SOARES, Noemi Salgado, Fragmentos de uma abordagem sobre alguns fundamentos pedagógicos da ação educacional transdisciplinar. *AGERE: Revista de Educação e Cultura*, Salvador, n. 5, p. 119-140, 2002.
- SÓCRATES. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- TILLICH. Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- VÁZQUEZ, S Adolfo. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização, 2003.
- VOLKMER. A. J. Sérgio. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*. Dissertação de mestrado em Filosofia pela PUC do Rio Grande do Sul, 2006.
- XENOFONTE. *Livro IV*. In: *Os Pensadores*. Sócrates. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- YUS, Rafael. *Educação integral uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- WEIL. Pierre. *A nova ética*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- ZUBEN, Newton A. V. *Introdução*. In: BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 1974. V-LXXVIII.
- ZUKAV, Gary. *A dança dos mestres Wu Li – Uma visão geral da nova física*. São Paulo: Ece editora, 1989.

TECENDO A ECO-CON-VIVÊNCIA

DIÁLOGO E VALORES HUMANOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

TECENDO A ECO-CON-VIVÊNCIA

DIÁLOGO E VALORES HUMANOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br